



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
CAMPUS CÁCERES – PROF. OLEGÁRIO BALDO**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ENGENHARIA FLORESTAL**

**NÍVEL SUPERIOR
MODALIDADE: PRESENCIAL**

**CÁCERES-MT
2023**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
CAMPUS CÁCERES – PROF. OLEGÁRIO BALDO**

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Presidente da República

CAMILO SOBREIRA DE SANTANA
Ministro da Educação

GETÚLIO MARQUES FERREIRA
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

JULIO CÉSAR DOS SANTOS
Reitor

LUCIANA MARIA KLAMT
Pró-Reitora de Ensino

JOÃO GERMANO ROSINKE
Pró-Reitor de Administração

EPAMINONDAS DE MATOS MAGALHÃES
Pró-reitor de Pesquisa e Inovação

MARCUS VINICIUS TAQUES ARRUDA
Pró-Reitor de Extensão

ANA CLÁUDIA TASINAFFO ALVES
Diretora de Graduação

ANDERSON WESLEY ALVES BEZERRA
Diretor Geral do *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo

INEZ APARECIDA DELIBERAES MONTECCHI
Diretora do Departamento de Desenvolvimento Educacional - DDE

LUDIO EDSON DA SILVA CAMPOS

Coordenador Geral de Ensino - CGE

EDILENE SILVA RIBEIRO LOPES MOREIRA

Coordenadora do Curso de Engenharia Florestal

**EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE

EDILENE SILVA RIBEIRO LOPES MOREIRA(Presidente)

ALEXANDRE DOS SANTOS

ARTHUR GUILHERME SCHIRMBECK CHAVES

GLÁUCIA ALVES E SILVA

JOSÉ RENATO MAURÍCIO DA ROCHA

JUBERTO BABILÔNIA DE SOUSA

LUCIANO RECART ROMANO

REGINALDO ANTONIO MEDEIROS

SILVANO CARMO DE SOUZA

WILLIAN DOS SANTOS RODRIGUES

JOÃO EDSON COSTA FERREIRA DA SILVA

COLEGIADO DE CURSO

EDILENE SILVA RIBEIRO LOPES MOREIRA(Presidente)

ALEXANDRE DOS SANTOS

ARTHUR GUILHERME SCHIRMBECK CHAVES

CLAUDIA ROBERTA GONCALVES

FERNANDA MIGUEL FRANCO

GLÁUCIA ALVES E SILVA

ÍRIS GOMES VIANA

JONIEL DE MELO FARIA

JOSÉ RENATO MAURÍCIO DA ROCHA

NATALINO BARROS

REGINALDO ANTONIO MEDEIROS

ROBERVAL EMERSON PIZANO

SILVANO CARMO DE SOUZA JOSÉ

MARCELO PONTES

LUCIANO RECART ROMANO

COLABORAÇÃO

PROEN
CREAD
EQUIPE DIRETIVA DO *CAMPUS*
TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS: PRYSCYLLA PEREIRA SIMÃO, NATALINO DE
BARROS BORGES E FERNANDA SANTANA DE SOUZA

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 PERFIL INSTITUCIONAL	10
3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPUS	11
3.1 Identificação do Campus	12
3.2 Histórico do curso	13
4 JUSTIFICATIVA	13
5 OBJETIVO GERAL	18
6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
7 DIRETRIZES	19
7.1 Diretrizes inseridas no PPC 2023	25
8 REQUISITOS DE ACESSO AO CURSO	26
9 PÚBLICO ALVO	27
10 INSCRIÇÃO	28
11 MATRÍCULA	28
12 TRANSFERÊNCIAS	29
12.1 Do ingresso por reopção de curso (transferência interna)	29
12.2 Da transferência externa	30
12.3 Da transferência <i>ex-officio</i>	30
13 PERFIL PROFISSIONAL DOS EGRESSOS	30
13.1 Habilidades e Competências	32
14 PERÍODO PARA RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO	33
15 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	33
15.1 Aspectos gerais	33
15.2 Turno de funcionamento, horário e duração das aulas	34
15.3 Formação inclusiva e integral	35
15.4 Trabalho de Conclusão de curso - TCC	36
15.5 Atividades Complementares	37

16 MATRIZ CURRICULAR	37
16.1 Estrutura curricular	37
16.2 Matriz 2010	39
16.3 Matriz 2020	44
16.3.1 Disciplinas eletivas	47
16.4 Matriz 2023	50
16.4.1 Disciplinas obrigatórias	50
16.4.2 Disciplinas eletivas	56
16.5 Equivalência de matrizes	59
16.6 Cronograma e planos de estudos de estudantes em curso	64
16.6.1 Turma 2022/1	64
16.6.2 Turma 2023/1	65
17 FLUXOGRAMA E ITINERÁRIO FORMATIVO	68
18 EMENTÁRIO	70
18.1 Primeiro Semestre	70
18.2 Segundo Semestre	76
18.3 Terceiro Semestre	83
18.4 Quarto Semestre	91
18.5 Quinto Semestre	99
18.6 Sexto Semestre	105
18.7 Sétimo Semestre	113
18.8 Oitavo Semestre	120
18.9 Nono Semestre	126
18.10 Estágio obrigatório	131
18.11 Disciplinas Eletivas	132
19 PESQUISA, INOVAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA	171
20 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO	173
20.1 Política de extensão curricular do curso	173
20.2 Modalidades de atividades de Extensão	175
20.2.1 Componente curricular específico de Extensão (Modalidade 1.a);	175
20.2.2 Atividades de extensão previstas em disciplinas que já compõe a matriz	176
curricular. (Modalidade 2.a);	176
20.3 As atividades de curricularização da extensão previstas compreendem as seguintes ações:	176
20.4 Avaliação e registro	178
21 ESTÁGIO	179
21.1 Estágio obrigatório	180

21.2 Estágio não obrigatório	181
22 METODOLOGIA	182
22.1 Aspectos gerais	182
22.2 Tecnologia da informação e comunicação (TIC)	185
22.3 Atividades práticas	185
22.4 Metodologias ativas	186
23 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD	187
23.1 Centro de Referência em Educação a Distância (CREaD) e Núcleo de Educação a Distância (NEaD).....	188
23.2 Infraestrutura para o EaD	188
23.3 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA/Moodle)	189
23.4 Infraestrutura de execução e suporte	190
23.5 Produção de material didático	190
23.6 Formação de equipe multidisciplinar	191
23.7 Plano de expansão e atualização de equipamentos	191
24 AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM	192
24.1 Avaliação na Educação à Distância (EaD).....	195
25 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE CURSO	195
26 PLANO DE MELHORIA DO CURSO	198
26.1 Gestão pedagógica.....	198
26.2 Gestão administrativa	201
27 ATENDIMENTO AO DISCENTE.....	202
28 APROVEITAMENTO DE ESTUDOS	203
29 POLÍTICAS DE CONTROLE DE RETENÇÃO E EVASÃO	204
30 DO TRANCAMENTO E CANCELAMENTO DE MATRÍCULA	205
31 DESLIGAMENTO DEFINITIVO	205
32 CERTIFICADOS E DIPLOMAS	205
33 QUADRO DE DOCENTES	207
34 INSTALAÇÃO FÍSICAS	211
35 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE.....	212
36 COLEGIADO DE CURSO	212
37 COORDENAÇÃO DE CURSO	212
38 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
39 ANEXOS	216

ANEXO I - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO	216
CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL	216
ANEXO II - REGIMENTO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO	223
.....	223
DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL	223
ANEXO III - REGIMENTO DO COLEGIADO DE CURSO DO CURSO DE	227
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL	227

1 APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo (IFMT), elaborado pelo Núcleo Docente Estruturante e Colegiado do Curso, sob a supervisão da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), busca atender às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Nº 9.394/96 e dos documentos que compõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Engenharia Florestal (Resolução Nº 3, de 2 de fevereiro de 2006), e atendendo as normas que regem o IFMT (Resolução Nº 081 de 26 de novembro de 2020), cujas características principais estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Características do curso do curso de bacharelado em Engenharia Florestal, do IFMT Campus Cáceres-Prof. Olegário Baldo.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	
Nível	Superior
Modalidade	Presencial
Denominação do Curso	Engenharia Florestal
Habilitação	Bacharelado
Local de oferta	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, Avenida Europa, 3000, Vila Real, CEP.: 78201-382 – Cáceres – MT
Turno de funcionamento	Diurno
Periodicidade da oferta	Anual
Regime de matrícula	Semestral
Vagas anuais	40
Carga Horária Total	3.738 horas
Período Mínimo de Integralização Curricular	05 anos
Período Máximo de Integralização Curricular	10 anos
Ano de início do Curso	2010/1
Portaria de Reconhecimento em Vigor	Portaria SERES/MEC nº 918 de 27/12/2018

O Curso de Engenharia Florestal do IFMT Campus Cáceres, iniciou suas atividades em 2010, autorizado pela Resolução Nº 004 de 14/10/2009, que aprovou ad referendum, a criação e o Projeto Pedagógico do Curso, e autorizou seu funcionamento a partir do primeiro semestre de 2010. A Resolução Nº 037 de 24/11/2010 do Conselho Superior do IFMT (CONSUP), aprovou a Resolução ad referendum Nº 004 de 14/10/2009. Em 2018, o curso obteve renovação de reconhecimento por meio da Portaria SERES/MEC Nº 918 de 27/12/2018.

Com o objetivo de modernizar o curso, o PPC passou por uma reestruturação em 2020, sendo aprovado pela Resolução CONSEPE/IFMT nº 27, de 26 de outubro de 2020, que recomenda

a aprovação do PPC; e Resolução CONSUP/IFMT nº 080, de 26 de novembro de 2020, que homologa a recomendação de aprovação do PPC pelo CONSEPE, atendendo às diretrizes curriculares e às exigências do mercado de trabalho e da sociedade em relação a uma formação mais integralizada do profissional e cidadão, a fim de atuar profissionalmente de forma justa, ética, antenado com as demandas da sociedade e da tecnologia e inovação, além de buscar a sustentabilidade e qualidade de vida desta sociedade.

Este projeto pedagógico apresenta os pressupostos teóricos, metodológicos e didaticopedagógicos que estruturam a proposta do curso em consonância com a Instrução Normativa aprovada pela Resolução nº 24 de 06 de julho de 2011, que padroniza e define a estrutura dos Projetos Pedagógicos dos Cursos Superiores, oferecidos pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso, para aprovação do IFMT, além de incorporar os princípios expostos no “Regulamento Didático do IFMT”, aprovado pela Resolução – CONSUP/IFMT nº 081 de 26 de novembro de 2020. Neste documento estarão explicitados princípios, categorias e conceitos que materializarão o processo de ensino-aprendizagem destinado a todos os envolvidos nesta práxis pedagógica.

Considerando a matriz curricular, este Projeto, denominado PPC 2023, traz em seu bojo as principais alterações, em relação ao PPC 2020:

- a) Alteração do objetivo geral do curso;
- b) Redução da carga horária total do curso de 4.046 horas (PPC 2020) para 3.738 horas (PPC 2023);
- c) Curricularização (creditação) da extensão, com carga horária de 374 horas;
- d) Implementação do Ensino a Distância (EaD) e seus instrumentos, totalizando 833 horas (22,3% da carga horária total);
- e) Redução da carga horária do estágio obrigatório do curso de 360 horas (PPC 2020) para 160 horas (PPC 2023);
- f) Redução da carga horária das atividades complementares do curso de 150 horas (PPC 2020) para 25 horas (PPC 2023);
- g) Junção das disciplinas de TCC I e TCC II (PPC 2020) para TCC (PPC 2023), incluindo redução de carga horária de 68 horas, para 34 horas;
- h) As disciplinas de Sociologia Geral e Filosofia da Ciência deixaram de ser obrigatórias e passaram a ser eletivas.

2 PERFIL INSTITUCIONAL

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), criado nos termos da Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá e da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Vinculada ao Ministério da Educação, possui natureza jurídica de autarquia, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didáticopedagógica e disciplinar.

O IFMT tem no Estado de Mato Grosso a sua área de atuação geográfica, com 14 campi em funcionamento: Alta Floresta, Barra do Garças, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Confresa, Cuiabá – Cel. Octayde Jorge da Silva, Cuiabá – Bela Vista, Juína, Pontes e Lacerda, Primavera do Leste, Rondonópolis, São Vicente, Sorriso e Várzea Grande. Há também 5 campi avançados, nos municípios de Diamantino, Lucas do Rio Verde, Tangará da Serra, Sinop e Guarantã do Norte.

O Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT - PDI (2019-2023), aprovado pela Resolução nº 013 de 28 de março de 2019, define a missão “*Educar para a vida e para o trabalho*”, com valores definidos de modo a estreitar a relação da educação com os sujeitos envolvidos, a partir do estabelecimento de relações éticas, profissionais, inovadoras, dentro da legalidade, de forma transparente, sustentável e com comprometimento e respeito ao cidadão.

Atendendo à legislação e a uma demanda social e econômica, o IFMT tem focado sua atuação na promoção do desenvolvimento local, regional e nacional, conforme estabelecido no artigo 6º da Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, de criação dos IFs:

[...] ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

O IFMT possui atualmente, cerca de 25 mil alunos, distribuídos em mais de 100 cursos, nos diferentes níveis: Superior (bacharelado, licenciatura e tecnologias), Pós-graduação (especializações e mestrados), Técnico (com ensino médio integrado, subsequente, concomitante e proeja), Educação a Distância (UAB e Profucionário), além de cursos de curta duração, como FIC (Formação Inicial e Continuada). Por meio de suas unidades consegue atender 15 (quinze) microrregiões, com uma população de aproximadamente 2.706.921 habitantes (Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI: 2019-2023).

Em conformidade com várias perspectivas de atendimento da coletividade, os desafios e gargalos são mapeados, analisados e, por meio de metodologias consagradas, são apresentadas soluções diferenciadas, sempre com foco sustentável na inovação e na visão humanística e empreendedora. Isto contribui para a consolidação de uma cultura científica estimulando e induzindo a pesquisa aplicada, ao ensino experimental prático das ciências, facilitando o acesso dos estudantes a equipamentos e materiais auxiliares de ensino e pesquisa, promovendo o desenvolvimento do espírito científico e criando condições para a extensão e a dinamização de projetos e atividades científico-experimentais. As aulas nos laboratórios e demais ambientes de pesquisa são programadas obedecendo à infraestrutura e a logística necessária para a oferta do ensino, pesquisa e extensão de qualidade.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPUS

O IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, antiga Escola Agrotécnica Federal de Cáceres – MT, fundado em 17 de agosto de 1980. Sua criação foi resultado de um programa de expansão e melhoria do ensino Técnico Profissionalizante, com a participação do MEC – PREMEM, do Governo de Mato Grosso e Prefeitura Municipal de Cáceres – MT. Para sua edificação inicial foram utilizados recursos de contrato de empréstimo nº 379/SF – BR do Banco Interamericano de Desenvolvimento, firmado em junho de 1979. Atualmente o Campus Cáceres é uma unidade do IFMT - autarquia do Ministério da Educação, vinculada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC.

Em 2008, com a expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica, as escolas técnicas, agrotécnicas e centros federais de educação tecnológica de Mato Grosso passaram por nova institucionalização integrando a base de criação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT. A então Escola Agrotécnica Federal de Cáceres torna-se IFMT Campus Cáceres. Criado a partir da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 o Campus Cáceres é uma unidade do IFMT, instituição ligada ao Ministério da Educação e vinculada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC.

A partir da Resolução nº 80, publicada no Diário Oficial da União de 15 de dezembro de 2015, o IFMT Campus Cáceres passou a denominar-se IFMT Campus Cáceres - Professor Olegário Baldo, em homenagem ao ex-diretor, servidor Prof. Olegário Baldo que dedicou a vida à educação profissional e tecnológica e que veio a falecer em maio de 2015. O processo foi aprovado pelo CONSUP do IFMT e foi institucionalizado com alteração no estatuto do IFMT.

Localizado no extremo norte do pantanal, à margem esquerda do Rio Paraguai, com sede no município de Cáceres, na região sudoeste do estado de Mato Grosso, o IFMT Campus Cáceres

– Prof. Olegário Baldo possui uma área de 320 hectares, onde se encontra a edificação central, composta pela parte administrativa e pedagógica da escola. Desde sua fundação, o Campus tem ofertado cursos na área técnica (agropecuária, agricultura, zootecnia, agroindústrias, florestas e informática), tecnológica (Tecnologia em Biocombustíveis) e de graduação (Bacharelado em Engenharia Florestal e Licenciatura em Química).

O Campus tem desenvolvido a educação tecnológica e profissionalizante em todos os níveis de formação, desde a educação básica fundamental, com os cursos de Formação Inicial e Continuada - FIC - voltados para a formação de jovens e adultos das séries iniciais, a cursos técnicos com formação integrada ao ensino médio, pós-médio, graduação e pós-graduação.

No contexto socioeconômico regional, integra o Estado de Mato Grosso e se destaca pela diversidade de recursos naturais, envolvendo importantes biomas como a floresta amazônica, o pantanal matogrossense e o cerrado, sendo ainda berço de grandes bacias hidrográficas (ParaguaiParaná e Amazonas), com possibilidade de uso para diversos fins. É também uma grande fronteira agropecuária (com destaque para a pecuária de leite e corte, aquicultura e pesca, agricultura familiar e empresarial e silvicultura), industrial (nas adjacências do Campus deverá ser implantado um grande polo industrial – a Zona de Processamento e Exportação – ZPE) e turística (com ênfase para ecoturismo e turismo rural).

Somado a isso, o município de Cáceres e região limitam-se em extensa fronteira seca com a Bolívia, o que requer ações diplomáticas nas esferas municipal, estadual e federal. Além disso, há de considerar nessa região a existência de grandes passivos ambientais passíveis de restauração, como pastagens, áreas de preservação permanentes e recursos hídricos deteriorados.

3.1 Identificação do Campus

Quadro 2 – Dados de identificação do IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo.

Razão Social	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, <i>Campus</i> Cáceres - Prof. Olegário Baldo
CNPJ	10.784.782/0003-12
Data de criação do <i>Campus</i>	17 de agosto de 1980 (criado pela Lei nº 11.892/2008)
Esfera Administrativa:	Federal
Código SIAF da unidade gestora	158334
Vinculação	Ministério da Educação – MEC, no âmbito da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC
Legislação de criação do IFMT - <i>Campus</i> Cáceres – Prof. Olegário Baldo	LEI nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, Art. 5º, item XVIII e Art. 9º item V; que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

Endereço:	Avenida Europa, 3000, Vila Real - Caixa Postal nº 244
CEP/CIDADE/UF	78201-382/Cáceres/MT
Telefone/Fax:	(65) 3221-2600 / 3221-2626
E-mail de contato	gabinete.cas@ifmt.edu.br
Site do <i>Campus</i>	www.cas.ifmt.edu.br

3.2 Histórico do curso

A vocação florestal do Estado de Mato Grosso, a oferta do curso Técnico em Florestas desde 1996 no *Campus* Cáceres - Prof. Olegário Baldo e a criação dos Institutos Federais foram fatores relevantes para implantação do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal.

No início do ano de 2009 iniciaram-se as discussões para criação dos cursos superiores de Tecnologias em Biocombustíveis e Silvicultura. Finalizado o PPC do curso de Tecnologia em Silvicultura, o Prof. Reginaldo Antonio Medeiros, presidente da comissão encarregada de elaborar o documento e o então Diretor Geral do *Campus* Prof. Olegário Baldo, propuseram durante uma reunião entre a comissão de construção do PPC, a criação do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, ao invés de Tecnologia em Silvicultura.

As discussões avançaram e com aprovação da comunidade interna e externa, o PPC do curso superior de Bacharelado em Engenharia Florestal finalizado e em seguida submetido à apreciação da Pró-reitora de Ensino do IFMT, que no momento também estava se consolidando. Através da Resolução nº. 004 de 14 de outubro de 2009, o Reitor *Pró-Tempore* e Presidente do CONSUP, Prof. José Bispo Barbosa, aprova *ad referendum*, a criação e o PPC de Bacharelado em Engenharia Florestal do *Campus* Cáceres, e autoriza seu funcionamento a partir do primeiro semestre de 2010. Em 24 de novembro de 2010, o CONSUP, por meio da Resolução n. 037 de 24 de novembro de 2010, aprova a Resolução *ad referendum* 004 de 14/10/2009.

Efetivamente, o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal iniciou suas atividades em 22 de fevereiro de 2010 e atualmente, desenvolve suas ações objetivando à formação de profissionais capacitados para atender o setor de produção florestal e ambiental brasileiro de forma sustentável, seja em plantações florestais ou no uso de florestas nativas, e aos setores ligados ao meio ambiente, sejam setores de produção, fomento e controle ou elaboração de políticas públicas. Até dezembro de 2022, nove turmas de Engenheiros(as) Florestais foram formadas pelo IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo, totalizando 139 profissionais.

4 JUSTIFICATIVA

As rápidas transformações, a velocidade de implementação de inovações tecnológicas e os avanços científicos que incidem sobre a sociedade, o mercado de trabalho e as condições de

exercício profissional, impõem uma tendência à necessidade de formar profissionais com base sólida, para oferecer melhores condições de capacitação frente aos desafios e transformações que ocorrem no campo da ciência, da tecnologia, da extensão e da inovação. Isso se torna mais acentuado em se tratando de regiões interioranas e fronteiriças deste Brasil continental, como o sudoeste do estado de Mato Grosso, onde localiza-se o IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo (IFMT), na cidade de Cáceres.

O campus está situado em uma região privilegiada sob a ótica ambiental, turística e produtiva. O município de Cáceres-MT é caracterizado como uma região de tensão ecológica, por abrigar três grandes biomas, o Cerrado (30%), Floresta Estacional (20%) e Pantanal Matogrossense (50%), além de fazer parte da Bacia do Alto Paraguai, rio de grande importância nacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE CÁCERES, 2016). Isso demanda formação de profissionais com sólidos conhecimentos e habilidades para atuar nesses Biomas, com distintas peculiaridades. Além disso, o município possui extensa fronteira internacional com a Bolívia, e uma saída estratégica para o pacífico.

Para contextualizar e demonstrar a importância do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal no IFMT, em escala local, regional, nacional e mundial, serão apresentados dados atualizados do setor florestal, nestas mesmas escalas.

De acordo com dados da ONU (FAO, 2020) as florestas ocupam cerca de 4,06 bilhões de hectares no mundo, o que equivale a 31% da superfície do planeta. 45% deste total são florestas tropicais, 27% boreal, 16% temperada e 11% subtropical. O Brasil ocupa a segunda posição em área de florestas (497 milhões de hectares), ficando atrás apenas da Rússia (815 milhões de ha). Apesar dos números expressivos a ONU alerta que da década de 90 até a década de 20, cerca de 420 milhões de hectares foram perdidas, sendo que no período de 2015 a 2020 foram desmatados 10 milhões de hectares no mundo. Por outro lado, 726 milhões de hectares são áreas protegidas, com destaque para a América do Sul, que totaliza 31% da cobertura florestal protegida. No Brasil a área ocupada por florestas nativas totalizava em 2018, 488.066.946 há (97,6%), o que corresponde a 57,31 do seu território (BRASIL, 2019).

Segundo a ONU, apenas 3% da superfície florestal do mundo são de florestas plantadas (131 milhões de hectares). Deste total, 44% são de espécies exóticas, com destaque para a América do Sul e, em especial o Brasil, onde quase a totalidade das florestas plantadas são de espécies exóticas, conforme já citado.

De acordo com o IBGE (2021), área de florestas plantadas no Brasil até o ano de 2021 são de 9,5 milhões de hectares. Segundo o órgão o valor de produção da silvicultura (florestas

plantadas) cresceu 26,1% e atingiu R\$ 23,8 bilhões. Na extração vegetal, o valor de produção cresceu 31,5% em 2021, somando R\$ 6,2 bilhões. Em escala regional, 70,6% da área cultivada concentra nas Regiões Sul e Sudeste. Em 2021, 80% da produção primária do Brasil é originária da Silvicultura e 20% de extrativismo vegetal.

Em termos de produtividade das florestas e industrialização de produtos, sobretudo aqueles de origem madeireira o Brasil é referência mundial. Ainda segundo o IBGE, em 2021, houve aumento do valor da produção da silvicultura em todos os setores, que atingiu R\$ 23,8 bilhões, o que representa um crescimento de 26,1% em relação ao ano anterior, confirmando a tendência de crescimento no setor que, em 2020, teve um aumento de 21,3% em relação a 2019. Apenas a produção de papel e celulose foi responsável por 2,4% das exportações brasileiras. De toda a matéria prima florestal produzida no país, 30,3% são destinadas a produção de papel e celulose, 27,6% para carvão vegetal, 26,5% para outras finalidades, 11,2% para lenha e 4,4% para fins não madeireiros. Este último, também se encontra em expansão, com destaque para a produção de açaí (41,45%) e erva mate (41%), sendo os demais distribuídos entre a castanha do pará (7,6%), pequi (3,2%), pinhão (2,4%) e 4,3% outras.

Quanto ao estado de Mato Grosso, em 2021, foram extraídos legalmente 4,5 milhões de metros cúbicos de madeira de origem nativa, aumento de 16,3% na extração de madeira em tora (IBGE, 2021). De acordo com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA (MATO GROSSO, 2021) o estado possui mais de 3 milhões de ha de florestas nativas sob manejo sustentável, com estratégias para alcançar 6 milhões até 2030. Quanto a área cultivada com florestas plantadas no estado de Mato Grosso, em 2019 foram observadas 129.266 ha de eucaliptos e 68.144 ha com teca (MICHETTI e al., 2022), sendo que a maioria desses plantios se encontram na região centro-sul do estado. Os autores destacam que a produção de biomassa para suprimento da demanda de energia nas usinas de etanol de milho tem colaborado para o crescimento da silvicultura no Estado, porém, ainda que tardiamente, pois, de acordo com o CANAL RURAL (2022) o estado precisaria de cerca de 300 mil ha de floresta plantada para suprir essa demanda.

Além dos benefícios econômicos e sociais e sobretudo ambientais das florestas, elas possuem alta capacidade de absorção de carbono, bem como as contribuições do setor para a construção de uma economia de baixo carbono. Para a IBÁ (2016) em um cenário futuro desafiador, as florestas estão ganhando um novo status, que vai desde o suprimento de matériaprima para todos os usos dos produtos florestais (atuais e potenciais), a uma nova economia de baixo carbono, cuja solução passa pelas florestas plantadas. Isso demandará em medidas de controle e combate ao desmatamento e incêndios florestais, adoção de medidas de combate às

mudanças climáticas, cumprimento da legislação florestal e ambiental, mudanças de paradigmas, entre outras.

Destaca-se também que o Governo do Estado firmou termos de cooperação com o banco de desenvolvimento alemão KfW (Kreditanstalt für Wiederaufbau) visando a construção do Programa Global REDD Early Movers (REDD para Pioneiros – REM) em Mato Grosso, o que em 17 milhões de euros para o bom desempenho do estado na redução do desmatamento, da degradação ambiental e promover o desenvolvimento sustentável, com ações que beneficiam principalmente as populações tradicionais, povos indígenas e agricultores familiares (DOMINGUES, 2017).

Quanto à localização do IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo, este situa-se na região sudoeste do Estado de Mato Grosso, caracterizada pelo Governo do Estado (MATO GROSSO, 2017) como região de planejamento VII (Sudoeste – Cáceres), compreendida entre as coordenadas latitude sul 12°00' e 17°30' e longitude oeste 57°00' e 60°40', ocupando uma área territorial de 117.373,64 km² (13% da área territorial do Estado), constituído por 22 municípios (Araputanga, Cáceres, Campos de Júlio, Comodoro, Conquista D'Oeste, Curvelândia, Figueirópolis D'Oeste, Glória D'Oeste, Indiavaí, Jauru, Lambari D'Oeste, Mirassol D'Oeste, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal, Rio Branco, Salto do Céu, São José dos Quatro Marcos, Sapezal, Vale de São Domingos e Vila Bela da Santíssima Trindade).

O relevo é caracterizado pelas estruturas de sedimento da Bacia do Paraguai representada pela Planície Fluvial do rio Paraguai, áreas de acumulação inundáveis do Pantanal e Depressão do Paraguai; estrutura do cinturão orogênico do Paraguai-Araguaia, representada pela Província Serrana e Depressão do Alto Paraguai; estrutura dos sedimentos da Bacia do Guaporé representada pela Depressão do Guaporé e Planície e Pantanaís do Guaporé e estrutura das Coberturas Sedimentares da Plataforma Amazônica, representada pelos Planaltos Residuais do Alto Guaporé, Planalto do Alto Jauru-Rio Branco e Planalto dos Parecis (MATO GROSSO, 2017).

As classes de solo são: Neossolo Quartzarênico ao norte e a oeste, Latossolo no leste, Argissolo no centro e leste da região e com menor expressividade o Plintossolo e Planossolo.

Há domínio do Clima Mesotérmico e suas variações: Sub-Úmido da Depressões e Pantanaís; Úmido dos Baixos Planaltos e Depressões; Quente e Úmido da Fachada Meridional dos Planaltos. Clima Sub-Equatorial Continental Úmido do Planalto do Parecis. Clima Úmido de Altitude de Maciços Isolados. A temperatura média da região varia de 21,3° a 25,8°C. O período seco ocorre de maio a setembro e o período chuvoso de novembro a abril.

A vegetação predominante é a Savana Arborizada (Cerrado). Ocorre o contato da Floresta Estacional com a Savana na porção centro-leste e centro-oeste. Presença da Floresta Estacional na parte noroeste da região.

A hidrografia é caracterizada pelas bacias do Rio Amazonas e do Rio Paraná. Sub-Bacia principal: Rio Madeira, Rio Tapajós e Rio Paraguai. Sub-Bacia secundária: Rio Guaporé, Rio Juruena e Rio Paraguai.

Um dado importante é que 40,27% (47,264 mil km²) da área territorial da região sudoeste onde se insere o IFMT (117.373,64 km²) encontram-se desmatada. Os Municípios de Figueirópolis D'Oeste e Indivaí apresentaram as maiores proporções de desmatamento do território do município, com proporções de 91,60% e 88,78%, respectivamente.

A região possui 8 unidades de conservação, totalizando 4.224 km². Essa área representa 10,8% das áreas de conservação de Mato Grosso. O município de Cáceres contempla 3 unidades de conservação totalizando 1.499 km². Também existem 11 áreas indígenas, que juntas somam 21.796 km² (14,7% das áreas indígenas do Estado).

Quanto ao município de Cáceres, este possui uma área total de 24.398,399 km², com população de estimada pelo IBGE em 2021 de 95.339 habitantes (IBGE, 2021). O clima é do tipo tropical subsumido, A altitude média é de 176 m acima do nível do mar. Está localizado na região de transição entre os biomas cerrado, amazônico e pantanal. Ainda de acordo com o IBGE, o município de Cáceres possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,708. Dados da SEPLAG (MATO GROSSO, 2021) apontam que o PIB municipal em 2019 foi de 1.910.180.000, com participação efetiva no PIB estadual de 1,34% (15^a posição).

A pecuária é a principal atividade econômica do município, que possui um dos maiores rebanhos de gado bovino do Brasil. A criação de jacaré do pantanal em cativeiro tem levado Cáceres ao mundo. No município foi realizado os primeiros plantios comerciais de teca (*Tectona grandis* L.f.) no Brasil na década de 60.

Há de se considerar no estado de Mato Grosso, assim como no Brasil, há necessidade de regularização fundiária e ambiental, principalmente por passivos ambientais (pastagens, reserva legal e áreas de preservação permanentes – APP degradadas) que necessitarão ser restaurados para atender a legislação vigente. Além disso, tem potencial de uso de produtos florestais madeireiros e não madeireiros, bem como de cultivos integrados, como a lavoura, pecuária e floresta. Observase também a possibilidade de atuação profissionais na gestão de unidades de conservação, assim como em órgãos públicos, como secretarias municipais de meio ambiente e agricultura, entre outros. As práticas de cultivo integrado entre lavoura-pecuária-floresta, os chamados sistemas

agroflorestais, também tem se intensificado na região e no estado. Neste PPC estão previstas disciplinas que proporcionarão ao estudante conhecimentos básicos em agropecuária, que é uma das principais atividades da região, proporcionando maior inserção dos profissionais no mercado de trabalho.

Quanto ao Ensino a Distância (EaD) a ser adotado neste PPC, há de se considerar que a oferta de parte da carga horária nesta modalidade de ensino permitirá aos profissionais formados novas competências no desenvolvimento da relação entre teoria, prática e extensão, aliada à utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs), em consonância com as exigências de uma sociedade em transformação.

O conhecimento direcionado pelas TICs proporciona uma formação ampliada necessária na atualidade e alteração da sua postura frente ao mundo do trabalho, que é cada vez mais digital. Além disso, o IFMT campus Cáceres professor Olegário Baldo conta com infraestrutura de apoio a cursos à distância (NEaD), facilitando sua viabilização e garantindo o caráter de rigor e excelência que sempre caracterizaram os cursos oferecidos pelo IFMT.

Por esta e outras razões, a demanda profissional com sólidos conhecimentos na área florestal e ambiental na região, no estado e no país é real e crescente, justificando dessa forma o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal no IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo.

5 OBJETIVO GERAL

O curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFMT *Campus* Cáceres - Prof. Olegário Baldo tem como objetivo a formação de profissionais com sólidos conhecimentos teóricos e práticos nas áreas de silvicultura, tecnologia e utilização de produtos florestais, ecologia e conservação da natureza, manejo florestal e geotecnologias, bem como nas demais áreas de conhecimento necessárias para a formação de cidadãos responsáveis. Objetiva também qualificar profissionais com capacidade de atuar de forma ética, reflexiva, crítica, criativa, com responsabilidade técnica, ambiental e social, na administração dos recursos naturais e no uso de tecnologias de produção sustentável para atender às diversas demandas da sociedade.

6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O curso de Engenharia Florestal do IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo tem como objetivos específicos àqueles preconizados pelas Diretrizes Curriculares de Engenharia Florestal, pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, além de peculiaridades inerentes à profissão, como:

- I. Proporcionar formação científica, tecnológica e humanística em Ciência Florestal e áreas afins, envolvendo atividades de ensino, pesquisa, inovação e extensão de forma plural, inclusiva e democrática, pautada no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, preparando o educando para o exercício da profissão e da cidadania com responsabilidade ambiental;
- II. Formar profissionais com visão global, crítica e humanística para a inserção em setores profissionais, aptos a tomarem decisões em um mundo diversificado, interdependente, e que participem no desenvolvimento da sociedade brasileira;
- III. Contribuir para a construção de uma prática profissional comprometida com os avanços da ciência, com promoção da qualidade de vida da população e com o exercício da cidadania em geral, visando à sustentabilidade dos recursos naturais;
- IV. Capacidade crítica e criativa de analisar problemas e propor solução nas diferentes fases do processo de produção, industrialização e comercialização de produtos florestais;
- V. Incentivar a pesquisa e a investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como à difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- VI. Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento profissional continuado, integrando os conhecimentos adquiridos de forma crítica e criativa;
- VII. Conhecimento dos processos de transformação industrial dos recursos florestais, relacionando características e propriedades da matéria prima florestal com a qualidade do produto;
- VIII. Capacidade de adaptação às novas tecnologias (*4.0 ou similar*) da área florestal, sobretudo àquelas relacionadas à automação, inteligência artificial, aprendizado de máquinas (*Machine Learning*), sensoriamento remoto, uso de drones entre outras;
- IX. Utilizar-se de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como mecanismo de difusão de tecnologia e conhecimento aos diversos setores de atuação profissional, possibilitando realizar consultorias, reuniões, monitoramento entre outros, de forma online e, assim promover uma resposta rápida e eficiente às demandas de natureza diversa;
- X. Compreender e aplicar a ética e responsabilidades profissionais.

7 DIRETRIZES

O Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal fundamenta-se na legislação vigente da educação nacional, da educação profissional, e nas diretrizes nacional da educação de nível superior para desenvolver o processo pedagógico, e de estímulo a pesquisa e extensão ao longo do curso. Também comunga os mesmos objetivos, missão, metas, princípios e

estratégias da comunidade acadêmica da instituição em seu conjunto, verbalizados em seu Plano de Desenvolvimento Institucional e Regulamento Didático do IFMT.

Os temas transversais terão atenção e metodologia afinada com os conteúdos dos semestres, propiciando o trabalho interdisciplinar das temáticas sobre cultura afro-brasileira e indígena, questões étnico-raciais, ambientais, direitos humanos, economia solidária e saúde coletiva, pautados na legislação específica e nas discussões atualizadas.

Entre o rol da legislação que servirá como norte ao gerenciamento pedagógico e administrativo do Curso Superior de Bacharelado em Engenharia Florestal destaca-se: a

- a) Constituição Federal no seu art. 205, que coloca a educação como direito de todos e dever do estado e da família;
- b) Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia;
- c) Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental regulamentada pelo Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002;
- d) Lei Nº 13.005, de 25 de julho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação;
- e) Decreto Nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004: estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;
- f) Parecer CNE/CP nº 08 de 30 de maio de 2012 que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos;
- g) Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes como ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo; o aprendizado de competências profissionais e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho;
- h) Decreto Federal nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014, que regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;

- i) Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais—Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000;
- j) Portaria nº 3.284, Ministério da Educação (MEC), de 7 de novembro de 2003, que dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições;
- k) Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância (EaD) em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior (IES) pertencentes ao Sistema Federal de Ensino;
- l) Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, como instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas;
- m) Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES;
- n) Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014 - Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;
- o) Parecer CNE/CES nº 108, de 07 de maio de 2003. Duração de cursos presenciais de bacharelado;
- p) Lei nº 10.639/2003, que tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- q) Lei nº 10.741/2003, que institui o Estatuto do Idoso;
- r) Decreto nº 7.037 de 21 de dezembro de 2009, que aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos;
- s) Parecer do CONAES Nº 4, de 17 de junho de 2010 e a Resolução Nº 01, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências;
- t) Resolução nº 047, de 06 de dezembro de 2011. Aprova a Normativa que estabelece diretrizes para a regulamentação e estruturação do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso;

- u) Lei nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência);
- v) Portaria nº 315/2018, que dispõe sobre os procedimentos de supervisão e monitoramento de instituições de educação superior integrantes do sistema federal de ensino e de cursos superiores de graduação e de pós-graduação lato sensu, nas modalidades presencial e a distância;
- w) Resolução CNE/CES nº 3, de 14 de outubro de 2010, do Ministério da Educação - Regulamenta o Art. 52 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dispõe sobre normas e procedimentos para credenciamento e credenciamento de universidades do Sistema Federal de Ensino;
- x) Portaria nº 921, de 13 de outubro de 2022, que dispõe sobre as diretrizes para elaboração dos instrumentos de avaliação de instituições de educação superior e de cursos de graduação;
- y) Portaria MEC nº 2.051, de 09 de julho de 2004, que regulamenta os procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES);
- z) Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício de regulação, avaliação e supervisão de instituições de educação superior, e cursos de graduação;
- aa) Nota Técnica nº 24/2015 do MEC, que explica o conceito de gênero e de orientação sexual e aponta para a abordagem científica, para que se compreendam as desigualdades e a necessidade do fortalecimento das relações das escolas com as famílias; bb) Resolução nº 1, Conselho Nacional da Educação (CNE) / Conselho Pleno (CP), de 17 de junho de 2004, que institui diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; cc) Resolução nº 2, CNE/ Câmara de Educação superior (CES), de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial; dd) Resolução nº 3, CNE/CP, de 2 de julho de 2007, que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula; ee) Resolução nº 1, CNE/CP, de 30 de maio de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos; ff) Resolução nº 2, CNE/CP, de 15 de junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental; gg) Resolução nº 7, CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação —PNE

2014/2024— e dá outras providências; hh) Resolução nº 1, Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes), de 17

de junho de 2010, que normatiza o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e dá outras providências;

ii) Resolução CNE nº 03 de 02 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências; jj) Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20

de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; kk) Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino; ll) Despacho nº 249, de 7 de dezembro de 2017,

que torna públicos os procedimentos e prazos para renovação de reconhecimento de cursos de graduação, tomando como referência os resultados do ciclo avaliativo - ano de 2016; mm) Instrução Normativa n. 1, de 15 de dezembro de 2017, que regulamenta o fluxo dos processos que chegaram à fase de avaliação externa in loco pelo Inep, a partir da vigência das

Portarias nº 1.382 e nº 1.383, de 31 de outubro de 2017;

nn) Instrução Normativa n. 2, de 15 de dezembro de 2017, que regulamenta os artigos 5º, 6º, 8º, 11, 13, 16, 20, 22, 24, 27, 28, 32, 33, 34 e 40 da Portaria Normativa no 19, de 13 de dezembro de 2017, que dispõe sobre os procedimentos de competência do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP referentes à avaliação de instituições de educação superior, de cursos de graduação e de desempenho acadêmico de estudantes; oo) Nota técnica nº 16/2017/CGACGIES/DAES, que trata dos novos instrumentos de avaliação externa: Instrumento de avaliação institucional externa – presencial e a distância (IAIE); instrumento de avaliação de cursos de Graduação – presencial e a distância (IACG); pp) Nota técnica nº 32.2017.CGCQES.DAES, que trata do cálculo do conceito Enade; qq) Nota técnica nº 33.2017.CGCQES.DAES, que trata Cálculo do Indicador de Diferença

entre os Desempenhos Observado e Esperado – IDD; rr) Nota técnica nº 38.2017.CGCQES.DAES, que trata do Cálculo do Conceito Preliminar de

Curso – CPC; ss) Nota técnica nº 39.2017. CGCQES.DAES, que trata do Cálculo do Índice Geral de Cursos

Avaliação da Instituição (IGC); tt) Portaria INEP nº 697, de 31 de agosto de 2017, que publica os resultados do Conceito Enade e do Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD) referentes ao ano de 2016; uu) Portaria INEP nº 917, de 24 de novembro de 2017, que publica os resultados do Índice

Geral de Cursos Avaliados da Instituição referente ao ano de 2016 (IGC-2016) e os resultados do

Conceito Preliminar de Curso referente ao ano de 2016 (CPC-2016); vv) Portaria nº 20, de 21 de dezembro de 2017, que dispõe sobre os procedimentos e o padrão decisório dos processos de credenciamento, recredenciamento, autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos, nas modalidades presencial e a distância, das instituições de educação superior do sistema federal de ensino; ww) Portaria nº 21, de 21 de dezembro de 2017, que dispõe sobre o sistema e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC; xx) Portaria nº 22, de 21 de dezembro de 2017, que dispõe sobre os procedimentos de supervisão e monitoramento de instituições de educação superior e de cursos superiores de graduação e de pós-graduação lato sensu, nas modalidades presencial e a distância, integrantes do sistema federal de ensino;

yy) Portaria nº 23, de 21 de dezembro de 2017, que dispõe sobre o fluxo dos processos de credenciamento e recredenciamento de instituições de educação superior e de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos;

zz) Portaria nº 24, de 21 de dezembro de 2017, que estabelece o Calendário Anual de abertura do protocolo de ingresso de processos regulatórios no Sistema e-MEC em 2018; aaa) Portaria normativa nº 11, de 20 de junho de 2017, que estabelece normas para o credenciamento de instituições e a oferta de cursos superiores a distância, em conformidade com o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017; bbb) Portaria SETEC nº 1, de 3 de janeiro de 2018, que institui a Plataforma Nilo Peçanha -

PNP, a Rede de Coleta, Validação e Disseminação das Estatísticas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – REVALIDE; ccc) Portaria nº 1.134, de 10 de outubro de

2016, que revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10

de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema; ddd) Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de

20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; eee) Resolução CONSUP/IFMT n. 016 de 08/03/2018, que trata da política de ações

afirmativas de inclusão socioeconômica, étnico-racial e para pessoas com deficiência; fff)

Instrumentos de avaliação dos cursos de graduação; ggg) Resolução CONSUP nº 081, de 26 de novembro de 2020, que aprova o regulamento

didático do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso; hhh) Resolução CONSEPE nº 021, de 20 de abril de 2021, que aprova o regulamento para a curricularização da extensão no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso; iii) Resolução CONSUP nº 27, de 04 de abril de 2022, que aprova o estatuto Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso; jjj) Resolução CONSUP nº 70, de 08 de agosto de 2022, que aprova a reformulação do Regimento Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

7.1 Diretrizes inseridas no PPC 2023

A meta 12.7 do Plano Nacional da Educação 2014/2024, aprovado pela Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014 e regimentada pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, assegura, no mínimo, 10% (dez) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária. Nas instâncias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT foi aprovada a Resolução 22/2021- RTR – CONSUP/RTR/IFMT, de 25 de maio de 2021, que aprova o Regulamento para Curricularização da Extensão no âmbito do IFMT, conforme recomendado na Resolução CONSEPE Nº 021, de 20 de abril de 2021, que dispõe sobre a inserção da Extensão nos currículos dos cursos de graduação do IFMT.

Nesse sentido, houve a necessidade de reformulação do PPC aprovado em 2020 para adequação da matriz curricular do curso de Engenharia Florestal com vista ao atendimento da carga horária mínima em atividade de extensão exigida pelas normas jurídicas vigentes. Além disso, a carga horária do curso necessitava de adequação ao Regulamento Didático do IFMT que no seu Art. 36 item III, assegura que a carga horária máxima não seja superior a 5% da carga horária mínima.

No primeiro semestre do ano de 2021 deu-se início no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Engenharia Florestal as discussões referentes as estratégias para atendimento da curricularização da extensão. Além da inserção desse componente obrigatório, as discussões que se sucederam, levaram em consideração ainda a necessidade de revisão e adequação da matriz curricular existente com vistas a atender as especificidades do Regulamento Didático do IFMT e do curso em relação aos campos de atuação profissional, resultando na atual versão (2023/1).

O currículo anterior (PPC 2020) do curso de Engenharia Florestal do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo contemplava uma carga horária de 3.332 horas (correspondente a 3.998,4 horas-aula) em disciplinas obrigatórias; 204 horas (correspondente a 244,8 horas-aula)

em disciplinas eletivas; 150 horas (correspondente a 180 horas-aula) em atividades complementares e 360 horas (correspondente a 432 horas-aula) de estágio obrigatório, totalizando 4.046 horas (4.855,2 horas-aula), portando, considerando o percentual previsto necessitava computar uma carga horária mínima em atividades de extensão de 485,52 horas-aula (correspondente a 10% do total de 4.855,2 horas-aula).

Desta forma, para atendimento da referida carga horária mínima (PPC 2023), sem que isso implicasse em aumento da carga horária total do curso, conforme Resolução CONSEPE nº 021, de 20 de abril de 2021, foram definidas como estratégias a inclusão da curricularização da extensão e, adequações na matriz curricular, de modo que nesta versão do PPC, a carga horária final será de 3.738 horas, redução de 308 horas em relação ao PPC 2020.

8 REQUISITOS DE ACESSO AO CURSO

Para matricular-se no curso de Bacharelado em Engenharia Florestal oferecido pelo IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, o candidato deverá ter concluído o Ensino Médio e comprová-lo com documento de Histórico Escolar e diploma de instituições reconhecidas pelo MEC, para preenchimento das vagas destinadas a comunidade externa essencialmente aos candidatos que preencherem os requisitos para ingresso no curso.

A seleção para preenchimento das 40 (quarenta) vagas no Curso Superior de Bacharelado em Engenharia Florestal terá periodicidade de seleção anual e regime de matrícula semestral previsto em calendário acadêmico.

O ingresso nos cursos de Educação Superior do IFMT dar-se-á mediante processo seletivo, pautado na forma do Regulamento Didático do IFMT, vigente, e legislação específica; com formas e critérios estabelecidos em edital. O gerenciamento do quantitativo de vagas a serem ofertadas para cada período letivo será indicado pela Direção-Geral do Campus onde as vagas estarão dispostas, observando-se o Plano de Desenvolvimento Institucional.

Elaborada a relação dos classificados, o Departamento de Política de Ingresso procederá à chamada dos candidatos até o número de vagas definidas no edital.

No edital do processo seletivo, publicar-se-á o número de vagas, por curso e turno, e os requisitos de acesso atenderão às especificidades da educação inclusiva e das cotas étnico-raciais e sociais, obedecendo, rigorosamente, ao estabelecido no projeto pedagógico do curso para o qual o candidato se inscreverá.

No âmbito do IFMT será aplicado o disposto da Resolução CONSUP/IFMT n. 016 de 08/03/2018, que trata da política de ações afirmativas de inclusão socioeconômica, étnico-racial e

para pessoas com deficiência. Em todas as formas utilizadas para o ingresso no curso, será obrigatória a aplicação de questionário socioeconômico.

Não será realizado ingresso de estudante em datas diferentes daquelas definidas para matrícula no calendário acadêmico, exceto quando por força da Lei Nº 9.536/1997 e Art. 99 da Lei Nº 8.112/1990. O candidato classificado que não efetivar a matrícula junto ao setor de registros acadêmicos, no período designado no edital do processo seletivo, será considerado desistente, perdendo a vaga. As vagas não preenchidas serão oferecidas aos candidatos remanescentes, respeitando a ordem de classificação, em chamada pública em data e local especificada em edital.

9 PÚBLICO ALVO

O Curso Superior de Bacharelado em Engenharia Florestal destina-se a todos aqueles que tenham concluído o Ensino Médio e tenha interesse na área. O curso está estruturado para receber 40 alunos anualmente. Poderá a partir de editais específicos receber estudantes matriculados em cursos superiores desta e de outras instituições mediante transferência e portadores de diplomas de cursos superiores.

O curso é diurno com periodicidade semestral e duração de 05 (cinco) anos, com período máximo de 10 (dez) anos para integralização do curso, resguardando a seguinte estrutura:

I. Respeitando o prazo ideal de integralização do curso o acadêmico que interromper seus estudos no semestre, deverá matricular-se no semestre seguinte em pelo menos uma disciplina. No caso de retenção em disciplinas, por qualquer motivo, o acadêmico deverá solicitar o Plano de Estudos para a matrícula, elaborado em conjunto com o coordenador do curso, considerando as dependências e os pré-requisitos para a matrícula no semestre seguinte. O Plano de Estudos deverá ser aprovado pelo coordenador do curso e registrado na Secretaria de Registros Escolares.

II. A desvinculação compulsória do aluno, no caso de ensino superior, o jubramento, antes previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961, na Lei nº 5.540/1968 e no Decreto Lei 464/69, art. 6º com nova redação introduzida pela Lei 5.789/72, foram revogados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394//1996 vigente. Dessa maneira deixa de prever o jubramento e institui, ao contrário, uma política de igualdade, tolerância e empenho na recuperação de alunos de menor rendimento escolar”.

III. Os casos que excederem ao prazo máximo de 8 (oito) anos para a integralização do curso, e quando for solicitado pelo aluno o retorno ao curso, serão analisadas pelo Colegiado do Curso, com visão humanística e holística no sentido de reincluir o cidadão que busca concluir sua formação.

IV. Se o acadêmico cursar e for aprovado em todas as disciplinas do 1 a 9º semestre e, caso tenha realizado e sido aprovado no estágio obrigatório até o final do 9º semestre, incluindo defesa e aprovação no TCC, cumprido carga horária da extensão e atividades complementares, cumprido todas as exigências legais, poderá este solicitar junto à Reitoria do IFMT a colação de grau antecipada.

10 INSCRIÇÃO

Para inscrever-se no processo seletivo, o candidato deverá tomar ciência dos passos do processo, conforme rege no edital de seleção, e da legislação da educação respeitando os prazos e condições para realizar sua inscrição. Em seguida formalizar sua inscrição e disponibilizar os documentos exigidos para cada modalidade de ingresso em local e datas definidos no edital.

No ato de inscrição, quando previsto em edital, deverão ser disponibilizados documentos originais, com assinatura e carimbo do estabelecimento de ensino de origem, acompanhados de cópia. Após autenticação da cópia pelo servidor designado, os originais serão devolvidos ao candidato.

Em caso de o candidato apresentar cópias autenticadas em cartório dos documentos exigidos, não será necessário a apresentação dos documentos originais.

A falta de qualquer um dos documentos especificados no edital, ou a existência de informações conflitantes implicará indeferimento da inscrição do candidato.

Se o candidato não for selecionado, os documentos apresentados para inscrição ficarão à disposição para devolução durante 30 dias.

11 MATRÍCULA

Para efetuar a primeira matrícula o aluno deve apresentar os documentos exigidos no edital ao qual concorreu para seu ingresso na instituição. Os documentos poderão ser cópias autenticadas, ou originais acompanhados das respectivas cópias para serem autenticadas pelo servidor do IFMT responsável.

A matrícula será realizada pelo candidato ou por seu representante legal, no local, dia e horário a serem divulgados no edital do processo seletivo e na lista dos candidatos aprovados. Na condição de discente, uma mesma pessoa não poderá ocupar simultaneamente 02 (duas) vagas da Educação Superior em cursos ofertados por instituições públicas, conforme Lei nº 12.089, de 11/11/2009.

A matrícula será por componente curricular (disciplina), sendo que no primeiro semestre será efetivada, obrigatoriamente, em todos os componentes curriculares.

A matrícula em componente curricular considerará um conjunto de componentes curriculares estabelecidos no PPC para cada período letivo obedecendo aos pré-requisitos e o tempo mínimo de integralização do curso. As chamadas para matrícula deverão ocorrer até o preenchimento total das vagas ofertadas, desde que não tenha decorrido 25% do período letivo.

A matrícula dos candidatos selecionados pelo ENEM/SISU; por processo de reopção de curso, por ser portadores de diplomas de graduação; ser participante de convênios e intercâmbios, por processos de transferências interna e externa, das disciplinas eletivas e da matrícula especial serão regidas pelas normas contidas no Regulamento Didático do IFMT.

12 TRANSFERÊNCIAS

A transferência é um ato documentado tanto para o estudante que deseja ingressar na instituição, quanto àquele que necessita mudar de domicílio ou situação semelhante. No caso de ingresso por transferência, o candidato poderá apresentar e pleitear uma vaga por Transferência Externa, ou ingresso por reopção de curso, e *ex-officio*, conforme normatizados no Regulamento Didático do IFMT.

12.1 Do ingresso por reopção de curso (transferência interna)

A reopção de curso permitirá, condicionada à existência de vagas, aos estudantes regularmente matriculados no IFMT a mudança de turno ou de curso de origem para outro curso de mesmo nível e no mesmo campus, obedecendo à seguinte ordem:

- I - Mesma modalidade e área ou eixo afim;
- II - Mesma modalidade e outra área ou eixo; III - outra modalidade e área ou eixo afim.

Para participar do processo seletivo, o candidato deverá:

- I. estar regularmente matriculado no IFMT;
- II. ter cursado componentes curriculares que não ultrapassem 50% (cinquenta por cento) da carga horária total do curso;
- III. ter concluído o primeiro semestre, independentemente se curso anual ou semestral;
- IV. ter concluído com êxito 60% (sessenta por cento) da carga horária prevista para o primeiro semestre dos cursos cuja matrícula seja por disciplina; e
- V. estar regular perante o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), em casos de cursos de graduação.

É de competência dos colegiados de cursos, após consulta aos docentes dos componentes envolvidos, analisar e emitir pareceres sobre aproveitamentos e equivalências de estudos. Cada

estudante poderá fazer apenas uma reopção de curso. Os critérios e as formas de seleção serão estabelecidos em editais específicos.

No Regulamento Didático do IFMT encontram-se as normas para este procedimento.

12.2 Da transferência externa

A transferência externa é o ato formal de migração de estudantes regularmente matriculados para o mesmo curso ou cursos afins, do mesmo nível de ensino, de diferentes campi do IFMT ou de outras instituições públicas ou privadas nacionais credenciadas. Os critérios e as formas de seleção por transferência externa serão estabelecidos em editais específicos.

Para participar do processo seletivo, o candidato deverá:

- I - Ser oriundo do mesmo curso ou curso afim, autorizado e/ou reconhecido pelo MEC;
- II - Estar regularmente matriculado na Instituição de Ensino Superior de origem;
- III – Ter concluído o primeiro semestre, independentemente se curso anual ou semestral;
- IV- Ter concluído com êxito 60% (sessenta por cento) da carga horária prevista para o primeiro semestre dos cursos cuja matrícula seja por disciplina;

No Regulamento Didático do IFMT encontram-se as normas para este procedimento.

12.3 Da transferência *ex-officio*

Transferência *ex-officio* é a mudança de um servidor público federal, civil ou militar, de um município ou estado para outro, por determinação da instituição, para atender aos interesses da Administração Pública, na forma da Lei nº 9.536/1997.

A transferência *ex-officio* a que se refere o parágrafo único do art. 49 da LDB será efetivada entre instituições vinculadas a qualquer sistema de ensino, em qualquer época do ano e independentemente da existência de vaga, quando se tratar de servidor público federal, civil ou militar estudante, ou seu dependente estudante, se requerida em razão de comprovada remoção ou transferência de ofício que acarrete mudança de domicílio para o município onde se situe a instituição recebedora ou para localidade mais próxima desta.

No Regulamento Didático do IFMT encontram-se as normas para este procedimento.

13 PERFIL PROFISSIONAL DOS EGRESSOS

O profissional formado no curso de Bacharelado em Engenharia Florestal está em consonância com a definição dada pela Sociedade Brasileira de Engenheiros Florestais (SBEF, 2005):

“O Engenheiro Florestal é o profissional apto a avaliar o potencial biológico dos ecossistemas florestais, e assim, planejar e organizar o seu aproveitamento racional de forma sustentável,

garantindo sua perpetuação e a manutenção das formas de vida animal e vegetal. Essa aptidão deve-se a uma formação coerente com uma sequência de disciplinas teóricas, práticas, de campo e laboratórios, que possibilitam uma profissionalização nas áreas de silvicultura, de manejo florestal, de ecologia aplicada e de tecnologia de produtos florestais, propiciando uma formação que abrange os aspectos ambientais, sociais e econômicos da atividade florestal.

O perfil dos profissionais de Engenharia Florestal, conforme o Art. 5º das diretrizes curriculares de Engenharia Florestal (Resolução n. 3 do CNE/CES do MEC, de 02/02/2006) são:

I - sólida formação científica e profissional geral que possibilite absorver e desenvolver tecnologia;

II - capacidade crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e tecnológicos, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;

III - compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente;

IV - capacidade de adaptação, de modo flexível, crítico e criativo, às novas situações.

Soma-se a isso, o perfil que o egresso construirá ao longo de sua formação pelo uso das tecnologias digitais, como:

I – Capacidade de adaptar, propor e utilizar as novas tecnologias (*4.0 ou similar*) na área florestal, sobretudo àquelas relacionadas à automação, inteligência artificial, aprendizado de máquinas (Machine Learning), sensoriamento remoto, uso de drones entre outras;

II – Qualificação para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como mecanismo de difusão de tecnologia e conhecimento aos diversos setores de atuação profissional.

Ainda de acordo com o Art. 6º das diretrizes curriculares de Engenharia Florestal, o curso de Engenharia Florestal deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

- a) estudar a viabilidade técnica e econômica, planejar, projetar, especificar, supervisionar, coordenar e orientar tecnicamente;
- b) realizar assistência, assessoria e consultoria;
- c) dirigir empresas, executar e fiscalizar serviços técnicos correlatos;
- d) realizar vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e pareceres técnicos;
- e) desempenhar cargo e função técnica;
- f) promover a padronização, mensuração e controle de qualidade;

- g) atuar em atividades docentes no ensino técnico profissional, ensino superior, pesquisa, análise, experimentação, ensaios e divulgação técnica e extensão;
- h) conhecer e compreender os fatores de produção e combiná-los com eficiência técnica e econômica;
- i) aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos;
- j) conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos;
- k) identificar problemas e propor soluções;
- l) desenvolver, e utilizar novas tecnologias;
- m) gerenciar, operar e manter sistemas e processos;
- n) comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica;
- o) atuar em equipes multidisciplinares;
- p) avaliar o impacto das atividades profissionais nos contextos social, ambiental e econômico;
- q) conhecer e atuar em mercados do complexo agroindustrial e de agronegócio;
- r) compreender e atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário;
- s) atuar com espírito empreendedor;
- t) conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais.

13.1 Habilidades e Competências

A Resolução n. 1.073, de 16 de abril de 2016, que regulamenta a atribuição de títulos, atividades, competências e campos de atuação profissionais aos profissionais registrados no Sistema CONFEA/CREA para efeito de fiscalização do exercício profissional no âmbito da Engenharia e da Agronomia, designa no § 1º do artigo 5º as seguintes atividades profissionais:

Atividade 01 – Gestão, supervisão, coordenação, orientação técnica.

Atividade 02 – Coleta de dados, estudo, planejamento, anteprojeto, projeto, detalhamento, dimensionamento e especificação.

Atividade 03 – Estudo de viabilidade técnico-econômica e ambiental.

Atividade 04 – Assistência, assessoria, consultoria.

Atividade 05 – Direção de obra ou serviço técnico.

Atividade 06 – Vistoria, perícia, inspeção, avaliação, monitoramento, laudo, parecer técnico, auditoria, arbitragem.

Atividade 07 – Desempenho de cargo ou função técnica.

Atividade 08 – Treinamento, ensino, pesquisa, desenvolvimento, análise, experimentação, ensaio, divulgação técnica, extensão.

Atividade 09 – Elaboração de orçamento.

Atividade 10 – Padronização, mensuração, controle de qualidade.

Atividade 11 – Execução de obra ou serviço técnico.

Atividade 12 – Fiscalização de obra ou serviço técnico.

Atividade 13 – Produção técnica e especializada.

Atividade 14 – Condução de serviço técnico.

Atividade 15 – Condução de equipe de produção, fabricação, instalação, montagem, operação, reforma, restauração, reparo ou manutenção.

Atividade 16 – Execução de produção, fabricação, instalação, montagem, operação, reforma, restauração, reparo ou manutenção.

Atividade 17 – Operação, manutenção de equipamento ou instalação.

Atividade 18 – Execução de desenho técnico.

14 PERÍODO PARA RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO

Em 2015 o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal recebeu a visita da comissão de Avaliadores *ad hoc* do MEC para realizar Avaliação de Regulação, visando o reconhecimento do curso. Na ocasião o curso foi avaliado com conceito 3,0, sendo que nas três dimensões avaliadas, o curso obteve conceito 3,0 na organização didático-pedagógica, 4,0 na avaliação do corpo docente e tutorial e 3,3 na avaliação de infraestrutura. O conceito recebido foi considerado suficiente ou satisfatório, de acordo com o § 1º do art. 33-A da Portaria Normativa n. 40 de 12/12/2007.

Em 2018, houve renovação do reconhecimento do curso, nos termos da Portaria n. 918, de 27 de dezembro de 2018.

15 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

15.1 Aspectos gerais

A organização curricular do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal será pautada no princípio didático e pedagógico da flexibilização curricular definidos no Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância, reconhecimento e renovação de reconhecimento, publicado pelo Inep/MEC em 2017. Também favorecerão o delinear dos componentes curriculares e da carga horária pertinente, com consideração a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9394/96), o Decreto 5.154, de 23 de julho de 2004 e as diretrizes curriculares para o curso de Engenharia Florestal (Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de fevereiro de 2006).

Para a integralização curricular e obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Florestal, o acadêmico deverá cumprir os parâmetros curriculares, distribuídos nas diferentes atividades curriculares. As atividades curriculares terão uma carga horária equivalente a 3.738 horas (4.485,6

horas-aula), em atendimento a carga horária mínima estipulada pela Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007 (Quadro 3). A carga horária está distribuída em disciplinas obrigatórias, disciplinas eletivas, atividades complementares, atividades de extensão em disciplinas na matriz curricular e estágio obrigatório (Quadros 7 e 8).

Todas as disciplinas do curso, a partir do terceiro semestre e com carga horária igual ou superior a 51 horas, terão carga horária ofertada na modalidade de Ensino a Distância – EaD, correspondente a 17 horas. Uma exceção a essa regra, é a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC que tem 34 horas e será ofertada 100% na modalidade EaD. Do total da carga horária do curso, 22,3% correspondem ao EaD, dentro do limite de 40% da carga horária total do curso, de acordo com a Portaria MEC nº 2.117, de 06 de dezembro de 2019 e com o Art. 281 §4º do Regulamento Didático do IFMT, aprovado pela Resolução – CONSUP/IFMT nº 081 de 26 de novembro de 2020.

Quadro 3 - Carga horária e horas-aula das atividades acadêmicas em disciplinas obrigatórias, eletivas, atividades complementares, atividades de extensão em disciplinas na matriz curricular curso e estágio obrigatório do curso de Engenharia Florestal.

Exigência	Carga horária total (horas)
Disciplinas obrigatórias	2.941
Disciplinas eletivas	204
Trabalho de Conclusão de Curso	34
Atividades complementares	25
Extensão em disciplinas na matriz curricular	374
Estágio obrigatório	160
Total geral	3.738

15.2 Turno de funcionamento, horário e duração das aulas

O curso será ofertado no período diurno. No período matutino as atividades iniciam-se as 07 horas e terminam as 11 horas e 20 minutos. No período vespertino, iniciam-se as 13 horas e 30 minutos, finalizando as 17 horas e 50 minutos. Após a terceira aula, nos respectivos períodos, há um intervalo de 10 minutos. De acordo com o regulamento didático, as aulas terão duração de 50 (cinquenta) minutos, o que equivale a 0,833 horas, envolvendo atividades teóricas e/ou práticas, em ambientes de formação ou espaços alternativos. Para efeito de registro nas matrizes curriculares dos cursos, o valor equivalente a 0,833 horas deverá ser arredondado para 0,85 horas.

15.3 Formação inclusiva e integral

Em conformidade com a Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999, e ao Decreto n.º 4.281, de 25 de junho de 2002, as questões ambientais serão desenvolvidas de forma contínua e transversal, integrando a educação ambiental em todas as disciplinas. Dada à importância do tema, será ofertada a disciplina eletiva *Meio Ambiente e Sociedade*, que contempla aspectos ambientais, ontológicos e epistemológicos da educação ambiental, fundamentais para a formação de nossos estudantes. De forma direta, o tema será abordado nas disciplinas de *Recuperação de Áreas Degradadas*, *Manejo de Unidades de Conservação*, *Ecoturismo* e *Turismo Rural*. Além disso, a temática será discutida de forma complementar em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

As questões étnico-raciais, ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena serão desenvolvidas ao longo do curso (disciplinas eletivas de *Filosofia da Ciência* e *Sociologia Geral*) e em oportunidades de discussão coletiva e com realização de atividades complementares como seminários temáticos e debates, em complemento aos componentes curriculares, conforme preveem a Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008, e a Resolução CNE/CP n.º 01, de 17 de junho de 2004.

Considerando o Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, a disciplina de *LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais* – será ofertada como disciplina eletiva.

A educação em direitos humanos se dará de maneira disciplinar e interdisciplinar (palestras, debates, seminários), de acordo com a Resolução nº 01 de 30/05/2012, considerando que os componentes curriculares remetem a questões de fomento a melhoria da qualidade das relações interpessoais e sociais; da gestão consciente dos recursos naturais e residuais em detrimento da melhoria da qualidade de vida, enfim, visa à qualificação dos sujeitos para o exercício da ética e da democracia na profissão, de sua cidadania plena. Na disciplina de *Sociologia Geral* este tema será abordado.

A inclusão escolar constitui uma proposta que representa valores simbólicos importantes, condizentes com a política de igualdade, em ambiente educacional favorável, em atendimento aos Decretos nº 5296/05 e 5773/06.

A educação inclusiva implica a inserção de todos, sem distinção de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, éticas, socioeconômicas e requer sistemas educacionais planejados e organizados que deem conta da diversidade dos alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades. As diferenças são vistas não como obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, sim, como fatores de enriquecimento.

Em consonância com o Art. 59 da LDB, o IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo adotará e tem adotado medidas que visam o atendimento educacional especializado aos educandos com necessidades especiais, buscando incluí-los no processo de ensino-aprendizagem. São instrumentos de inclusão:

I. Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II. Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III. Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores de ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV. Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora;

V. Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Para fins de aprovação dos componentes curriculares, os alunos serão avaliados nas habilidades e competências, envolvendo conhecimento teórico e/ou prático, através de sistemas avaliativos e trabalhos de conclusão de curso (TCC) e Relatório de Estágio.

15.4 Trabalho de Conclusão de curso - TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é componente curricular obrigatório, a ser realizado no último ano do curso, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional como atividades de síntese e integração de conhecimento, e consolidação das técnicas de pesquisa. O aluno deve realizar um TCC correspondente a trinta e quatro horas (34 horas) e para a avaliação serão utilizados os seguintes instrumentos: avaliação da parte escrita e defesa oral do TCC, apresentado na disciplina, para uma banca examinadora, constituída de no mínimo 3 (três) membros, incluindo o orientador(a). As demais diretrizes serão estabelecidas em regulamentação interna específica do curso de Engenharia Florestal do IFMT *Campus* Cáceres – Prof. Olegário Baldo aprovado pelo Colegiado do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal (ANEXO I).

15.5 Atividades Complementares

O artigo 5º da Resolução n. 11, de março de 2002 estipula que deverão ser estimuladas atividades complementares, tais como trabalhos de iniciação científica, projetos multidisciplinares, atividades extensionistas, trabalhos em equipe, desenvolvimento de protótipos, monitorias, participação em empresas juniores e outras atividades empreendedoras. As atividades complementares são atividades extracurriculares obrigatórias no curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, com o mínimo de 25 horas, e têm por finalidade o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem, ampliando o conhecimento de forma diferenciada e prática. Estas atividades correspondem à participação do estudante em atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.

As atividades acadêmicas complementares correspondem àquelas que o estudante realiza de forma independente, fora do horário regular de aula e validadas pela Comissão de Avaliação e Validação de Atividades Complementares, visando promover a autonomia intelectual do estudante, proporcionando-lhe oportunidades de realizar atividades de seu interesse, trabalhar suas vocações, desenvolver suas aptidões, enfim, decidir sobre os rumos de sua carreira profissional.

As atividades serão consideradas válidas se forem exercidas em data posterior à data da primeira matrícula no curso e podem ser iniciadas pelo aluno a partir do 1º semestre de matrícula no curso e podem ser realizadas ao longo do semestre letivo e durante as férias.

A validação das atividades complementares, com a consequente contabilização de horas, ocorrerá com o recebimento e avaliação dos documentos comprobatórios de participação (certificados, declarações, boletins e outros) que deverão ser emitidos por pessoas físicas ou jurídicas idôneas, constando informações que denotam com clareza a veracidade das atividades desenvolvidas, concernentes ao local, período, duração em horas e aproveitamento do discente.

Caberá à Comissão de Avaliação e Validação de Atividades Complementares, designada pelo Colegiado de Curso, a organização e registro das atividades complementares.

16 MATRIZ CURRICULAR

16.1 Estrutura curricular

De acordo com a Resolução CNE/CES nº 3 de 02 de fevereiro de 2006, em seu Art. 2º, as Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Engenharia Florestal indicarão claramente os componentes curriculares, abrangendo a organização do curso, o projeto pedagógico, o perfil desejado do formando, as competências e habilidades, os conteúdos curriculares, o estágio obrigatório, a curricularização da extensão, as atividades complementares, o acompanhamento e a

avaliação bem como o trabalho de curso como componente obrigatório ao longo do último ano do curso, sem prejuízo de outros aspectos que tornem consistente o projeto pedagógico.

No seu Artigo 2º, são definidas as seguintes Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de graduação em Engenharia Florestal:

§ 1º O projeto pedagógico do curso, observando tanto o aspecto do progresso social quanto da competência científica e tecnológica, permitirá ao profissional a atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

§ 2º O projeto pedagógico do curso de graduação em Engenharia Florestal deverá assegurar a formação de profissionais aptos a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de conservar o equilíbrio do ambiente.

§ 3º O curso deverá estabelecer ações pedagógicas com base no desenvolvimento de condutas e de atitudes com responsabilidade técnica e social, tendo como princípios:

- a) o respeito à fauna e à flora;
- b) a conservação e recuperação da qualidade do solo, do ar e da água;
- c) o uso tecnológico racional, integrado e sustentável do ambiente;
- d) o emprego de raciocínio reflexivo, crítico e criativo; e
- e) o atendimento às expectativas humanas e sociais no exercício das atividades profissionais.

Conforme ainda o Art. 7º da Resolução CNE/CES nº 3, de 02 de fevereiro de 2006, os conteúdos curriculares do curso de Engenharia Florestal serão distribuídos em três núcleos de conteúdos, recomendando-se a interconexão entre eles:

I. O núcleo de conteúdos básicos será composto por campos de saber que forneçam o embasamento teórico necessário para que o futuro profissional possa desenvolver seu aprendizado. Esse núcleo será integrado por: Biologia, Estatística, Expressão Gráfica, Física, Informática, Matemática, Metodologia Científica e Tecnológica, e Química.

II. O núcleo de conteúdos profissionais essenciais será composto por campos de saber destinados à caracterização da identidade do profissional. O agrupamento desses campos gera grandes áreas que definem o campo profissional e o agronegócio, integrando as subáreas de conhecimento que identificam o Engenheiro Florestal. Esse núcleo será constituído por: Avaliação e Perícias Rurais; Cartografia e Geoprocessamento; Construções Rurais; Comunicação e Extensão Rural; Dendrometria e Inventário; Economia e Mercado do Setor Florestal; Ecossistemas Florestais; Estrutura de Madeira; Fitossanidade; Gestão Empresarial e Marketing; Gestão dos Recursos

Naturais Renováveis; Industrialização de Produtos Florestais; Manejo de Bacias Hidrográficas; Manejo Florestal; Melhoramento Florestal; Meteorologia e Climatologia; Política e Legislação Florestal; Proteção Florestal; Recuperação de Ecossistemas Florestais Degradados; Recursos Energéticos Florestais; Silvicultura; Sistemas Agrossilviculturais; Solos e Nutrição de Plantas; Técnicas e Análises Experimentais; e Tecnologia e Utilização dos Produtos Florestais. III. O núcleo de conteúdos profissionais específicos deverá ser inserido no contexto do projeto pedagógico do curso, visando contribuir para o aperfeiçoamento da qualificação profissional do formando. Sua inserção no currículo permitirá atender às peculiaridades locais e regionais e, quando couber, caracterizar o projeto institucional com identidade própria.

Para o exercício profissional, os Engenheiros e as Engenheiras Florestais diplomados estão amparados pela Lei 5.194 de 1966 que regula o exercício de profissões de Engenheiro, Arquiteto e Agrônomo. Em complementação, o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA) baixa resoluções para regulamentar a aplicação dos dispositivos previstos nessa Lei.

Os profissionais de Engenharia Florestal poderão e deverão requerer seu registro profissional junto ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), de qualquer Unidade da Federal, onde vão gozar das atribuições regulamentadas pelo Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA), de acordo com as Resoluções 218 de 29 de junho de 1973 e 1.073 de 19 de abril de 2016.

16.2 Matriz 2010

Quadro 4 - Matriz curricular do Curso de Engenharia Florestal – PPC 2010 e suas características.

1º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-101	Introdução às Ciências Florestais	2	15	15	30	-
EFL-102	Morfologia Vegetal	4	30	30	60	-
EFL-103	Informática Básica	4	30	30	60	-
EFL-104	Química Geral	4	30	30	60	-
EFL-105	Métodos Científicos e Solução de Problemas Florestais	2	15	15	30	-
EFL-106	Desenho Técnico Aplicado a Engenharia Florestal	3	15	30	45	-
EFL-107	Matemática Aplicada a Engenharia Florestal	5	60	15	75	-
EFL-108	Física aplicada a Engenharia Florestal	4	45	15	60	-
EFL-109	Produção de Texto e Leitura	2	15	15	30	-
EFL-100	Educação Física I	2	15	15	30	-
Subtotal		32	270	210	480	-

2º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-201	Histologia e Anatomia Vegetal	4	30	30	60	EFL-102
EFL-202	Zoologia geral	3	30	15	45	-
EFL-203	Cálculo Aplicado a Engenharia Florestal	4	45	15	60	EFL-107
EFL-204	Química Analítica	4	45	15	60	EFL-104
EFL-205	Química Orgânica	3	30	15	45	EFL-104
EFL-206	Gênese e Morfologia dos Solos	4	45	15	60	-
EFL-207	Genética na Agropecuária	4	45	15	60	-
EFL-208	Ecologia Geral	4	45	15	60	-
EFL-209	Educação Física II	2	15	15	30	-
Subtotal		32	330	150	480	-
3º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-311	Cartografia e Geodésia Básica	2	15	15	30	EFL-106
EFL-312	Máquinas e Mecanização Florestal	4	30	30	60	-
EFL-313	Taxonomia Vegetal	4	30	30	60	EFL-102
EFL-314	Meteorologia e Climatologia Florestal	4	45	15	60	-
EFL-315	Bioquímica	2	30	15	30	EFL-205
EFL-316	Hidráulica Aplicada Engenharia Florestal	4	45	15	60	-
EFL-317	Fisiologia Vegetal	4	45	15	60	EFL-201
EFL-308	Estatística Aplicada a Engenharia Florestal	4	45	15	60	-
EFL-309	Sociologia Rural	3	30	15	45	-
Subtotal		31	300	165	465	-
4º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-411	Dendrologia	4	30	30	60	EFL-313
EFL-412	Fertilidade dos Solos e Nutrição de Plantas	5	45	30	75	EFL-204
EFL-413	Microbiologia Agrícola	2	15	15	30	-
EFL-414	Experimentação Florestal	4	45	15	60	EFL-308
EFL-415	Política e Legislação Florestal	2	15	15	30	-
EFL-416	Topografia Agrícola e Florestal	6	45	45	90	-
EFL-417	Dendrometria	4	30	30	60	EFL-107

EFL-418	Ecologia Florestal	4	45	15	60	EFL-208
Subtotal		31	270	195	465	-
5º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-511	Anatomia da Madeira	4	45	15	60	EFL-201
EFL-512	Sementes e Viveiros Florestais	5	45	30	75	-
EFL-513	Tecnologia da Madeira	4	45	15	60	-
EFL-514	Classificação e Conservação do Solo	4	30	30	60	EFL-412
EFL-515	Patologia Florestal	4	45	15	60	EFL-413
EFL-516	Melhoramento Florestal	4	45	15	60	EFL-207
EFL-517	Entomologia Florestal	4	45	15	60	EFL-202
EFL-518	Geoposicionamento	2	15	15	30	EFL-311
Subtotal		31	315	150	465	-
6º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-611	Industrialização de Produtos Florestais	4	45	15	60	EFL-513
EFL-612	Inventário Florestal	4	30	30	60	EFL-417
EFL-613	Estruturas de Madeira	5	60	15	75	EFL-513
EFL-614	Práticas Silviculturais	4	45	15	60	-
EFL-615	Proteção Florestal	4	45	15	60	-
EFL-616	Sensoriamento Remoto e Sistema de Informação Geográfica para fins Florestais	6	45	45	90	EFL-518
EFL-617	Extensão Rural e Florestal	4	45	15	60	EFL-309
Subtotal		31	315	150	465	-
7º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-721	Conservação e Manejo de Fauna Silvestre	4	45	15	60	-
EFL-712	Economia Florestal	4	45	15	60	-
EFL-713	Manejo de Bacias Hidrográficas	4	45	15	60	EFL-514
EFL-714	Colheita e Transporte Florestal	4	30	30	60	EFL-312

EFL-725	Manejo de Florestas Plantadas	4	30	30	60	EFL-614
EFL-726	Arborização e Paisagismo	3	30	15	45	-
	Optativa I	4	45	15	60	-
	Optativa II	4	45	15	60	-
Subtotal		31	315	150	465	-
8º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-821	Trabalho de Conclusão de Curso I	2	15	15	30	EFL-109
EFL-812	Sistemas Agroflorestais	4	45	15	60	EFL-725
EFL-813	Silvicultura Tropical	4	45	15	60	EFL-614
EFL-814	Administração e Planejamento Florestal	4	45	15	60	-
EFL-815	Impactos Ambientais e Recuperação de Áreas Degradadas	4	30	30	60	EFL-713
EFL-816	Manejo de Florestas Nativas	5	45	30	75	EFL-612
EFL-827	Segurança no Trabalho Florestal	3	30	15	45	-
EFL-828	Produtos Florestais não Madeireiros	3	30	15	45	-
Subtotal		29	285	150	435	-
9º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-921	Georreferenciamento de Imóveis	5	30	45	75	EFL-616
EFL-912	Legislação e Ética Profissional	3	30	15	45	-
EFL-913	Gestão Ambiental e Florestal	2	15	15	30	-
EFL-924	Manejo de Unidades de Conservação e Áreas Silvestres	3	30	15	45	EFL-415
EFL-925	Culturas Florestais	4	30	30	60	EFL-725
EFL-916	Perícia Ambiental	3	30	15	45	-
	Optativa III	4	45	15	60	-
	Optativa IV	4	45	15	60	-
Subtotal		28	255	165	420	-
10º SEMESTRE						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
TCC-II	Trabalho de Conclusão de Curso II	4	30	30	60	EFL-821
EST-SUP	Estágio Supervisionado	20	40	260	300	-

Subtotal		24	70	290	360	-
Optativas						
Código	Disciplina	Crédito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Pré-Requisito
EFL-O21	Silvicultura Clonal	4	45	15	60	EFL-516
EFL-O22	Silvicultura de Precisão	4	45	15	60	EFL-616
EFL-O13	Nutrição Mineral de Espécies Florestais	4	45	15	60	EFL-412
EFL-O24	Projetos Florestais	4	45	15	60	EFL-814
EFL-O15	Processamento e Interpretação de Imagens Orbitais	4	45	15	60	EFL-616
EFL-O16	Serraria e Secagem da Madeira	4	45	15	60	EFL-513
EFL-O27	Ecoturismo e Turismo Rural	4	45	15	60	-
EFL-O18	Produtos Energéticos da Madeira	4	45	15	60	EFL-513
Subtotal		32	360	120	480	-

CARGA HORÁRIA TOTAL	
Disciplinas Obrigatórias	3.870
Disciplinas Optativas	240
Trabalho de Conclusão de Curso	90
Estágio Supervisionado	300
Total	4.500

Legenda: Significado do código das Disciplinas

Código	
EFL	Engenharia Florestal
1º Número	Semestre em que a disciplina é oferecida
2º Número	Núcleo de conteúdos em que a disciplina pertence
3º Número	Número da disciplina no semestre
O	Optativa
Núcleo de Conteúdos	
0	Núcleos de conteúdos básicos
1	Núcleos de conteúdos profissionais essenciais
2	Núcleos de conteúdos profissionais específicos

Exemplo: **EFL-925** (Eng. Florestal; 9º semestre; núcleos de conteúdos profissionais específicos; 5ª disciplina).

16.3 Matriz 2020

Quadro 5 - Matriz curricular do Curso de Engenharia Florestal – PPC 2020 e suas características.

1 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG101	Introdução às Ciências Florestais	-	17	17	34	2
ENG102	Desenho Técnico	-	17	34	51	3
ENG103	Morfologia Vegetal	-	34	17	51	3
ENG104	Zoologia Geral	-	17	17	34	2
ENG105	Química Geral	-	51	17	68	4
ENG106	Física Aplicada	-	51	17	68	4
ENG107	Matemática Aplicada	-	51	17	68	4
ENG108	Filosofia da Ciência	-	17	17	34	2
Carga horária total semestre			255	153	408	24
Carga horária acumulada			255	153	408	-
2 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG211	Meteorologia e Climatologia Florestal	-	34	17	51	3
ENG202	Cálculo Diferencial Integral	-	51	17	68	4
ENG203	Histologia e Anatomia Vegetal	-	51	17	68	4
ENG204	Genética Básica	-	34	17	51	3
ENG205	Ecologia Geral	-	34	17	51	3
ENG206	Química Analítica	ENG105	34	17	51	3
ENG217	Gênese e Morfologia de Solos	-	17	17	34	2
ENG208	Química Orgânica	ENG105	17	17	34	2
Carga horária total semestre			272	136	408	24
Carga horária acumulada			527	289	816	-
3 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG301	Estatística Básica	-	34	17	51	3
ENG302	Fisiologia Vegetal	-	34	17	51	3
ENG303	Bioquímica	ENG208	17	17	34	2
ENG314	Física do Solo	-	17	17	34	2

ENG305	Máquinas e Mecanização Florestal	-	51	17	68	4
ENG306	Topografia Aplicada	-	51	17	68	4
ENG307	Taxonomia Vegetal	-	34	17	51	3
ENG308	Metodologia Científica	-	17	17	34	2
Carga horária total semestre			255	136	391	23
Carga horária acumulada			782	425	1207	-
4 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana

ENG411	Anatomia da Madeira	-	34	17	51	3
ENG412	Estatística Experimental	ENG301	34	17	51	3
ENG413	Dendrologia	-	34	17	51	3
ENG414	Microbiologia Agrícola	-	34	17	51	3
ENG415	Viveiros Florestais	-	34	17	51	3
ENG416	Sementes Florestais	-	34	17	51	3
ENG417	Hidráulica e Irrigação	-	34	17	51	3
ENG418	Sociologia Geral	-	17	17	34	2
Carga horária total semestre			255	136	391	23
Carga horária acumulada			1037	561	1598	-

5 SEMESTRE

Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG511	Ecologia Florestal	-	34	17	51	3
ENG512	Dendrometria	-	51	17	68	4
ENG513	Tecnologia da Madeira	-	34	17	51	3
ENG514	Fertilidade dos Solos e Nutrição de Plantas	ENG206	51	17	68	4
ENG515	Entomologia Florestal	-	51	17	68	4
ENG516	Sensoriamento Remoto	-	34	17	51	3
ENG517	Algoritmos e Linguagem de Programação	-	34	17	51	3
Carga horária total semestre			289	119	408	24
Carga horária acumulada			1326	680	2006	-

6 SEMESTRE

Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG611	Sistemas de Informações Geográficas	-	17	34	51	3
ENG612	Melhoramento Florestal	-	34	17	51	3
ENG613	Incêndios Florestais	-	34	17	51	3

ENG614	Classificação de Solos	ENG514	34	17	51	3
ENG615	Extensão Rural	-	34	17	51	3
ENG616	Inventário Florestal	ENG512	34	17	51	3
ENG617	Práticas Silviculturais	-	51	17	68	4
Carga horária total semestre			238	136	374	22
Carga horária acumulada			1564	816	2380	-
7 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG711	Patologia Florestal	-	34	17	51	3
ENG712	Industrialização de Produtos Florestais	-	34	17	51	3
ENG713	Economia Florestal	-	34	17	51	3
ENG714	Manejo de Bacias Hidrográficas	-	34	17	51	3
ENG715	Sistemas Agroflorestais	-	34	17	51	3
ENG716	Política e Legislação Florestal	-	34	-	34	2
ENG717	Manejo de Florestas Plantadas	ENG512	34	17	51	3
-	Optativa I		34	17	51	3
Carga horária total semestre			272	119	391	23
Carga horária acumulada			1836	935	2771	-
8 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG811	Estruturas de Madeira	-	51	17	68	4
ENG812	Produtos Florestais Não Madeireiros	-	51	17	68	4
ENG813	Recuperação de Áreas Degradadas	ENG511	34	17	51	3
ENG814	Colheita e Transporte Florestal	-	34	17	51	3
ENG815	Arborização e Paisagismo	-	34	17	51	3
TCC-I	Trabalho de Conclusão de Curso I	-	17	17	34	2
-	Optativa II		34	17	51	3
Carga horária total semestre			255	119	374	22
Carga horária acumulada			2091	1054	3145	-
9 SEMESTRE						
Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/semana
ENG911	Administração e Planejamento Florestal	-	34	17	51	3
ENG912	Manejo de Florestas Nativas	ENG616	51	17	68	4
ENG913	Manejo de Unidades de Conservação	-	34	17	51	3

ENG914	Manejo e Conservação da Fauna Silvestre	-	34	17	51	3
ENG915	Legislação e Ética Profissional	-	17	17	34	2
TCC - II	Trabalho de Conclusão de Curso II	TCC - I	17	17	34	2
-	Optativa III		34	17	51	3
-	Optativa IV		34	17	51	3
Carga horária total semestre			255	136	391	23
Carga horária acumulada			2346	1190	3536	-
10 SEMESTRE						
Estágio Obrigatório					CH Total	
Pré-Requisito: Cursado e Aprovado 2.300 horas em disciplinas obrigatórias, excluindo optativas, TCC, atividades complementares e o próprio estágio, independente se é ou não obrigatório.					360	
Carga horária acumulada					3896	

Atividades Complementares					CH Total	
Pré-Requisito: A partir da primeira Matrícula					150	
Carga horária acumulada					4046	

Integralização do Curso	Carga Horária
Disciplinas Obrigatórias e Optativas	3468
Trabalho de Conclusão de Curso	68
Estágio Obrigatório	360
Atividades Complementares	150
Carga Horária Total	4046

16.3.1 Disciplinas eletivas

Quadro 6 – Disciplinas eletivas da MATRIZ curricular do Curso de Engenharia Florestal – PPC 2020 e suas características.

Código	Disciplina	Pré-Requisito	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Aulas/Semana
ENGO01	Cartografia e Geodésia Básica	-	34	17	51	3
ENGO02	Geoposicionamento	-	34	17	51	3
ENGO03	Georreferenciamento de Imóveis Rurais	-	34	17	51	3
ENGO04	Silvicultura de Precisão	ENG611	34	17	51	3
ENGO05	Otimização e Pesquisa Operacional	-	34	17	51	3
ENGO06	Computação em R	ENG517	34	17	51	3
ENGO07	Serraria e Secagem da Madeira	ENG513	34	17	51	3

ENGO08	Bioenergia	-	34	17	51	3
ENGO09	Marcenaria	ENG712	34	17	51	3
ENGO10	Biodegradação e Preservação da Madeira	ENG414	34	17	51	3
ENGO11	Segurança no Trabalho Florestal	-	34	17	51	3
ENGO12	Avaliação de Impactos Ambientais	-	34	17	51	3
ENGO13	Uso dos Solos Tropicais	ENG514	34	17	51	3
ENGO14	Forrageicultura Geral	-	34	17	51	3
ENGO15	Zootecnia Geral	-	34	17	51	3
ENGO16	Conservação do Solo e da Água	ENG314	34	17	51	3
ENGO17	Aquicultura	-	34	17	51	3
ENGO18	Apicultura	-	34	17	51	3
ENGO19	Ferramentas e Controle de Qualidade nas Atividades Florestais	ENG713	34	17	51	3
ENGO20	Projetos Florestais	-	34	17	51	3
ENGO21	Culturas Florestais	-	34	17	51	3
ENGO22	Fitotecnia Geral	-	34	17	51	3
ENGO23	Silvicultura Clonal	-	34	17	51	3
ENGO24	Agroecologia	-	34	17	51	3
ENGO25	Fruticultura Geral	-	34	17	51	3
ENGO26	Silvicultura Tropical	-	34	17	51	3
ENGO27	Ecoturismo e Turismo Rural	-	34	17	51	3
ENGO28	Manejo de Plantas Daninhas	-	34	17	51	3
ENGO29	Inglês Instrumental	-	34	17	51	3
ENGO30	Meio Ambiente e Sociedade	-	34	17	51	3
ENGO31	Empreendedorismo	-	34	17	51	3
ENGO32	Gestão de Recursos Humanos		34	17	51	3
ENGO33	Certificação Florestal	-	34	17	51	3
ENGO34	Direito Ambiental	-	34	17	51	3
ENGO35	Fauna, Flora e a Engenharia Florestal	-	34	17	51	3
ENGO36	Agroindustrialização de Produtos Agroflorestais	-	34	17	51	3
ENGO37	Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares	-	34	17	51	3
ENGO38	Introdução a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	-	34	17	51	3

Legenda: Significado do código das Disciplinas

Código	
ENG	Engenharia Florestal
1° Número	Semestre em que a disciplina é oferecida
2° Número	Núcleo de conteúdos em que a disciplina pertence
3° Número	Número da disciplina no semestre
O	Optativa

Núcleo de Conteúdos	
0	Núcleos de conteúdos básicos
1	Núcleos de conteúdos profissionais essenciais
2	Núcleos de conteúdos profissionais específicos

Exemplo: ENG-617 (Eng. Florestal; 6º semestre; núcleos de conteúdos profissionais essenciais; 7ª disciplina).

16.4 Matriz 2023

16.4.1 Disciplinas obrigatórias

Quadro 7 – Matriz curricular do Curso de Engenharia Florestal – PPC 2023. Disciplinas obrigatórias na sequência do 1º ao 9º semestre. T = número de horas em aulas teóricas; P = número de horas em aulas práticas; Ext = número de horas em atividades de extensão na matriz curricular; EaD = carga horária em Ensino a Distância; Total = Carga horária total do componente curricular.

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS								
1º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG121	Introdução às Ciências Florestais	-	-	-	51	-	51	3
ENG102	Desenho Técnico	-	17	34	-	-	51	3
ENG103	Morfologia Vegetal	-	34	17	-	-	51	3
ENG104	Zoologia Geral	-	17	17	-	-	34	2
ENG105	Química Geral	-	34	17	-	-	51	3
ENG106	Física Aplicada	-	34	17	-	-	51	3
ENG107	Matemática Aplicada	-	51	17	-	-	68	4
ENG108	Metodologia Científica	-	17	17	-	-	34	2
Carga horária total do semestre			204	136	51	-	391	23
Carga horária acumulada			204	136	51	-	391	-
2º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG201	Meteorologia e Climatologia Florestal	-	34	17	-	-	51	3
ENG202	Cálculo Diferencial e Integral	-	34	17	-	-	51	3

ENG203	Histologia e Anatomia Vegetal	-	34	17	-	-	51	3
ENG204	Genética Básica	-	34	17	-	-	51	3
ENG205	Ecologia Geral	-	34	17	-	-	51	3
ENG206	Química Analítica	ENG105	34	17	-	-	51	3
ENG207	Gênese e Morfologia do Solo	-	17	17	-	-	34	2
ENG208	Química Orgânica	ENG105	17	17	-	-	34	2

ENG209	Extensão Rural	-	-	-	51	-	51	3
Carga horária total do semestre			238	136	51	-	425	25
Carga horária acumulada			442	272	102	-	816	-

3º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG301	Estatística Básica	-	34	17	-	17	51	3
ENG302	Fisiologia Vegetal	-	34	17	-	17	51	3
ENG303	Bioquímica	ENG208	17	17	-	-	34	2
ENG304	Física do Solo	-	17	17	-	-	34	2
ENG305	Máquinas e Mecanização Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG306	Topografia Aplicada	-	51	17	-	17	68	4
ENG307	Taxonomia Vegetal	-	34	17	-	17	51	3
ENG308	Microbiologia Agrícola	-	34	17	-	17	51	3
ENG309	Práticas de Extensão I	-	-	-	34	-	34	2
Carga horária total do semestre			255	136	34	102	425	25
Carga horária acumulada			697	408	136	102	1241	-

4º SEMESTRE

Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG411	Anatomia da Madeira	-	34	17	-	17	51	3
ENG412	Estatística Experimental	ENG301	34	17	-	17	51	3
ENG413	Dendrologia	ENG307	34	17	-	17	51	3
ENG414	Viveiros Florestais	-	17	17	-	-	34	2
ENG415	Sementes Florestais	-	34	17	-	17	51	3
ENG416	Hidráulica e Irrigação	-	34	17	-	17	51	3
ENG417	Dendrometria	-	51	17	-	17	68	4
ENG428	Práticas de Extensão II	-	-	-	51	17	51	3
Carga horária total semestre			238	119	51	119	408	24
Carga horária acumulada			935	527	187	221	1649	-
5º SEMESTRE								

Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG511	Ecologia Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG512	Tecnologia da Madeira	ENG411	34	17	-	17	51	3
ENG513	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	ENG206	34	17	-	17	51	3
ENG514	Entomologia Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG515	Sensoriamento Remoto	-	34	17	-	17	51	3
ENG526	Algoritmos e Linguagem de Programação	-	34	17	-	17	51	3
ENG527	Práticas de Extensão III	-	-	-	51	17	51	3
Carga horária total semestre			204	102	51	119	357	21
Carga horária acumulada			1139	629	238	340	2006	-

6º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG611	Sistemas de Informações Geográficas	-	17	34	-	17	51	3
ENG612	Melhoramento Florestal	ENG204	34	17	-	17	51	3
ENG613	Incêndios Florestais	-	34	17	-	17	51	3
ENG614	Classificação de Solos	ENG513	34	17	-	17	51	3
ENG615	Inventário Florestal	ENG417	34	17	-	17	51	3
ENG616	Práticas Silviculturais	-	34	17	-	17	51	3
ENG617	Política e Legislação Florestal	-	34	-	-	-	34	2
ENG628	Práticas de Extensão IV	-	-	-	51	17	51	3
Carga horária total semestre			221	119	51	119	391	23
Carga horária acumulada			1360	748	289	459	2397	-
7º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG711	Patologia Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG712	Industrialização de Produtos Florestais	-	34	17	-	17	51	3
ENG713	Economia Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG714	Manejo de Bacias Hidrográficas	ENG207	34	17	-	17	51	3
ENG715	Sistemas Agroflorestais	-	34	17	-	17	51	3
ENG716	Manejo de Florestas Plantadas	ENG615	34	17	-	17	51	3
ENG727	Práticas de Extensão V	-	-	-	51	17	51	3
-	Eletiva I	-	34	17	-	17	51	3

Carga horária total semestre		238	119	51	136	408	24	
Carga horária acumulada		1598	867	340	595	2805	-	
8º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG811	Estruturas de Madeira	-	51	17	-	17	68	4
ENG812	Produtos Florestais Não Madeireiros	-	34	17	-	17	51	3
ENG813	Colheita e Transporte Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG814	Arborização e Paisagismo	-	34	17	-	17	51	3
ENG815	Recuperação de Áreas Degradadas	ENG511	34	17	-	17	51	3
-	Eletiva II	-	34	17	-	17	51	3
-	Eletiva III	-	34	17	-	17	51	3
ENG828	Práticas de Extensão VI	-	-	-	34	-	34	2
Carga horária total semestre		255	119	34	119	408	24	
Carga horária acumulada		1853	986	374	714	3213	-	
9º SEMESTRE								
Código	Disciplinas	Pré-requisitos	Carga horária (horas)					Aulas/seman a
			T	P	Ext	EaD	Total	
ENG911	Administração e Planejamento Florestal	-	34	17	-	17	51	3
ENG912	Manejo de Florestas Nativas	ENG616	51	17	-	17	68	4
ENG913	Manejo de Unidades de Conservação	-	34	17	-	17	51	3
ENG914	Manejo e Conservação da Fauna Silvestre	-	34	17	-	17	51	3
ENG925	Legislação e Ética Profissional	-	17	17	-	-	34	2
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	-	17	17	-	34	34	2
-	Eletiva IV	-	34	17	-	17	51	3

Carga horária total semestre	221	119	-	119	340	20
Carga horária acumulada	2074	1105	374	833	3553	-
10º SEMESTRE						
Componente para integralização curricular	Carga horária total (horas)			Pré-requisitos		
Estágio Obrigatório	160			2.000 horas em disciplinas cursadas, com aprovação.		
Carga horária acumulada, exceto extensão	3339			-		
Atividades complementares	25			A partir da primeira matrícula		
Carga horária acumulada, exceto extensão	3364			-		
Carga horária acumulada de extensão	374			-		
Carga horária total do curso	3738			-		

Integralização do Curso	Carga horária
Disciplinas Obrigatórias (exceto TCC, eletivas e extensão)	2.941
Disciplinas Eletivas	204
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	34
Estágio Obrigatório	160
Atividades Complementares	25
Atividades de Extensão	374
Carga horária total	3.738

16.4.2 Disciplinas eletivas

Quadro 8 - Disciplinas eletivas da matriz curricular do Curso de Engenharia Florestal - PPC 2023. T = número de horas em aulas teóricas; P = número de horas em aulas práticas; EaD = carga horária em Ensino a Distância; Total = Carga horária total do componente curricular.

DISCIPLINAS ELETIVAS							
Código	Disciplina	Pré-requisitos	Carga horária (horas)				Aulas/semana
			T	P	EaD	Total	
ENGE01	Cartografia e Geodésia Básica	-	34	17	17	51	3
ENGE02	Geoposicionamento	-	34	17	17	51	3
ENGE03	Georreferenciamento de Imóveis Rurais	-	34	17	17	51	3
ENGE04	Silvicultura de Precisão	ENG611	34	17	17	51	3
ENGE05	Otimização e Pesquisa Operacional	-	34	17	17	51	3
ENGE06	Computação em R	ENG517	34	17	17	51	3
ENGE07	Serraria e Secagem da Madeira	ENG513	34	17	17	51	3
ENGE08	Bioenergia	-	34	17	17	51	3
ENGE09	Marcenaria	ENG712	34	17	17	51	3
ENGE10	Biodegradação e Preservação da Madeira	ENG414	34	17	17	51	3
ENGE11	Segurança no Trabalho Florestal	-	34	17	17	51	3
ENGE12	Avaliação de Impactos Ambientais	-	34	17	17	51	3
ENGE13	Uso dos Solos Tropicais	ENG514	34	17	17	51	3
ENGE14	Forragicultura Geral	-	34	17	17	51	3
ENGE15	Zootecnia Geral	-	34	17	17	51	3

ENGE16	Conservação do Solo e da Água	ENG314	34	17	17	51	3
ENGE17	Aquicultura	-	34	17	17	51	3
ENGE18	Apicultura	-	34	17	17	51	3
ENGE19	Ferramentas e Controle de Qualidade nas Atividades Florestais	ENG713	34	17	17	51	3
ENGE20	Projetos Florestais	-	34	17	17	51	3
ENGE21	Culturas Florestais	-	34	17	17	51	3
ENGE22	Fitotecnia Geral	-	34	17	17	51	3
ENGE23	Silvicultura Clonal	-	34	17	17	51	3
ENGE24	Agroecologia	-	34	17	17	51	3
ENGE25	Fruticultura Geral	-	34	17	17	51	3
ENGE26	Silvicultura Tropical	-	34	17	17	51	3
ENGE27	Ecoturismo e Turismo Rural	-	34	17	17	51	3
ENGE28	Manejo de Plantas Daninhas	-	34	17	17	51	3
ENGE29	Inglês Instrumental	-	34	17	17	51	3
ENGE30	Meio Ambiente e Sociedade	-	34	17	17	51	3
ENGE31	Empreendedorismo	-	34	17	17	51	3
ENGE32	Gestão de Recursos Humanos	-	34	17	17	51	3
ENGE33	Certificação Florestal	-	34	17	17	51	3
ENGE34	Direito Ambiental	-	34	17	17	51	3
ENGE35	Fauna, Flora e a Engenharia Florestal	-	34	17	17	51	3
ENGE36	Agroindustrialização de Produtos Agroflorestais	-	34	17	17	51	3
ENGE37	Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares	-	34	17	17	51	3
ENGE38	Introdução a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	-	34	17	17	51	3
ENGE39	Filosofia da Ciência	-	34	17	17	51	3
ENGE40	Sociologia Geral	-	34	17	17	51	3

Código	Significado do código da disciplina
--------	-------------------------------------

ENG	Engenharia Florestal
1º Número	Semestre em que a disciplina é oferecida
2º Número	Núcleo de conteúdos em que a disciplina pertence
3º Número	Número da disciplina no semestre
E	Eletiva
Código	Núcleo de Conteúdos
0	Núcleos de conteúdos básicos
1	Núcleos de conteúdos profissionais essenciais
2	Núcleos de conteúdos profissionais específicos

Exemplo: ENG617 (Engenharia Florestal; 6º semestre; núcleos de conteúdos profissionais essenciais; 7ª disciplina).

16.5 Equivalência de matrizes

As disciplinas listadas nos Quadros 4 e 5, podem ser aproveitadas em função da equivalência de ementa e não necessariamente de carga horária entre uma matriz curricular e outra. Caso o aluno tenha sido reprovado em alguma componente curricular do PPC 2010 e 2020 cujo componente não é ofertado no PPC 2023 ficará sujeito a repetir a disciplina em regime especial, podendo ser ofertada de acordo com a disponibilidade da Instituição, respeitando o prazo de conclusão do curso.

O PPC 2023 inclui a curricularização da extensão em disciplinas na matriz, com um componente curricular em cada semestre, do primeiro ao oitavo. Considerando que os alunos que ingressarem em 2023 (PPC 2020) terão que obrigatoriamente migrarem para o PPC 2023 e que esses têm em sua matriz no primeiro semestre a disciplina de Introdução às Ciências Florestais e no segundo semestre a Extensão Rural, ambas transformadas em disciplinas da curricularização da extensão na matriz de 2023. Essas disciplinas serão aproveitadas pelos discentes como curricularização da extensão, uma vez que elas vêm sendo ofertadas com projeto integrador, dando ao aluno a oportunidade de protagonismo, o que é objetivo principal da curricularização da extensão.

Quadro 9 - Equivalências de disciplinas entre as matrizes de 2010, 2020 e 2023 e respectivas cargas

MATRIZ 2010	CH	MATRIZ 2020	CH	MATRIZ 2023	CH
Desenho Técnico Aplicado a Engenharia Florestal	45	Desenho Técnico	51	Desenho Técnico	51
Física aplicada a Engenharia Florestal	60	Física Aplicada	68	Física Aplicada	51
Introdução às Ciências Florestais	30	Introdução às Ciência Florestais	34	Introdução às Ciências Florestais	51
Matemática Aplicada a Engenharia Florestal	75	Matemática Aplicada	68	Matemática Aplicada	68
Morfologia Vegetal	60	Morfologia Vegetal	51	Morfologia Vegetal	51
Química Geral	60	Química Geral	68	Química Geral	51
Zoologia geral	45	Zoologia Geral	34	Zoologia geral	34
Cálculo Aplicado a Engenharia Florestal	60	Cálculo Diferencial Integral	68	Cálculo Diferencial e Integral	51
Ecologia Geral	60	Ecologia Geral	51	Ecologia Geral	51
Genética na Agropecuária	60	Genética Básica	51	Genética Básica	51
Histologia e Anatomia Vegetal	60	Histologia e Anatomia Vegetal	68	Histologia e Anatomia Vegetal	51
Métodos Científicos e Solução de Problemas Florestais	30	Metodologia Científica	34	Metodologia Científica	34
Química Analítica	60	Química Analítica	51	Química Analítica	51
Química Orgânica	45	Química Orgânica	34	Química Orgânica	34
Bioquímica	30	Bioquímica	34	Bioquímica	34
Estatística Aplicada a Engenharia Florestal	60	Estatística Básica	51	Estatística Básica	51
Fisiologia Vegetal	60	Fisiologia Vegetal	51	Fisiologia Vegetal	51
Hidráulica Aplicada Engenharia Florestal	60	Hidráulica e Irrigação	68	Hidráulica e Irrigação	51
Máquinas e Mecanização Florestal	60	Máquinas e Mecanização Florestal	68	Máquinas e Mecanização Florestal	51
Meteorologia e Climatologia Florestal	60	Meteorologia e Climatologia Florestal	51	Meteorologia e Climatologia Florestal	51
Ecologia Florestal	60	Ecologia Florestal	51	Ecologia Florestal	51
Experimentação Florestal	60	Estatística Experimental	51	Estatística Experimental	51
Gênese e Morfologia dos Solos	60	Gênese e Morfologia de Solos	34	Gênese e Morfologia do Solo	34
Microbiologia Agrícola	30	Microbiologia Agrícola	51	Microbiologia Agrícola	51

Sementes e Viveiros Florestais	75	Sementes Florestais	51	Sementes Florestais	51
Sementes e Viveiros Florestais	75	Viveiros Florestais	51	Viveiros Florestais	34
Anatomia da Madeira	60	Anatomia da Madeira	51	Anatomia da Madeira	51
Taxonomia Vegetal	60	Taxonomia Vegetal	51	Taxonomia Vegetal	51
Tecnologia da Madeira	60	Tecnologia da Madeira	51	Tecnologia da Madeira	51
Dendrologia	60	Dendrologia	51	Dendrologia	51
Dendrometria	60	Dendrometria	68	Dendrometria	68
Entomologia Florestal	60	Entomologia Florestal	68	Entomologia Florestal	51
Topografia Agrícola e Florestal	90	Topografia Aplicada	68	Topografia Aplicada	68
Fertilidade dos Solos e Nutrição de Plantas	75	Fertilidade dos Solos e Nutrição de Plantas	68	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	51
Classificação e Conservação do Solo	60	Classificação de Solos	51	Classificação de Solos	51
Manejo de Bacias Hidrográficas	51	Manejo de Bacias Hidrográficas	51	Manejo de Bacias Hidrográficas	51
Extensão Rural e Florestal	60	Extensão Rural	51	Extensão Rural	51
Inventário Florestal	60	Inventário Florestal	51	Inventário Florestal	51
Melhoramento Florestal	60	Melhoramento Florestal	51	Melhoramento Florestal	51
Patologia Florestal	60	Patologia Florestal	51	Patologia Florestal	51
Sensoriamento Remoto e Sistema de Informação Geográfica para fins Florestais	90	Sensoriamento Remoto	51	Sensoriamento Remoto	51
Geoposicionamento	30	Sensoriamento Remoto	51	Sensoriamento Remoto	51
Cartografia e Geodésia Básica	30	Cartografia e Geodésia Básica	51	Cartografia e Geodésia Básica	51
Sensoriamento Remoto		Sistemas de Informações Geográficas	51	Sistemas de Informações Geográficas	51
Estruturas de Madeira	75	Estruturas de Madeira	68	Estruturas de Madeira	68
Sociologia Rural	45	Sociologia Geral	34	Sociologia Geral	51
Economia Florestal	60	Economia Florestal	51	Economia Florestal	51
<i>Não há equivalência</i>	-	Física do Solo	34	Física do Solo	34
<i>Não há equivalência</i>	-	Filosofia da Ciência	34	Filosofia da Ciência	51

<i>Não há equivalência</i>	-	Algoritmos e Linguagem de Programação	51	Algoritmos e Linguagem de Programação	51
Industrialização de Produtos Florestais	60	Industrialização de Produtos Florestais	51	Industrialização de Produtos Florestais	51
Política e Legislação Florestal	30	Política e Legislação Florestal	34	Política e Legislação Florestal	34
Práticas Silviculturais	60	Práticas Silviculturais	68	Práticas Silviculturais	51
Sistemas Agroflorestais	60	Sistemas Agroflorestais	51	Sistemas Agroflorestais	51
Administração e Planejamento Florestal	60	Administração e Planejamento Florestal	51	Administração e Planejamento Florestal	51
Colheita e Transporte Florestal	60	Colheita e Transporte Florestal	51	Colheita e Transporte Florestal	51
Conservação e Manejo de Fauna Silvestre	60	Manejo e Conservação da Fauna Silvestre	51	Manejo e Conservação da Fauna Silvestre	51
Proteção Florestal	60	Incêndios Florestais	51	Incêndios Florestais	51
Manejo de Florestas Nativas	75	Manejo de Florestas Nativas	68	Manejo de Florestas Nativas	68
Impactos Ambientais e Recuperação de Áreas Degradadas	60	Recuperação de Áreas Degradadas	51	Recuperação de Áreas Degradadas	51
Manejo de Florestas Plantadas	60	Manejo de Florestas Plantadas	51	Manejo de Florestas Plantadas	51
Produtos Florestais Não Madeireiros	60	Produtos Florestais Não Madeireiros	68	Produtos Florestais Não Madeireiros	51
Manejo de Unidades de Conservação e Áreas Silvestres	45	Manejo de Unidades de Conservação	51	Manejo de Unidades de Conservação	51
Arborização e Paisagismo	45	Arborização e Paisagismo	51	Arborização e Paisagismo	51
Legislação e Ética Profissional	45	Legislação e Ética Profissional	34	Legislação e Ética Profissional	34
Trabalho de Conclusão de Curso II	60	Trabalho de Conclusão de Curso II	34	Trabalho de Conclusão de Curso	34
Estágio Supervisionado	300	Estágio Supervisionado	360	Estágio Obrigatório	160
Optativas	60	Optativas	51	Eletivas	51

16.6 Cronograma e planos de estudos de estudantes em curso

Os estudantes ingressantes no curso em 2022/1 e 2023/1, devem obrigatoriamente migrar para o PPC 2023, assim como alunos com matrícula trancada e que retornem ao curso, ou ainda, aqueles que tenha realizado novo processo seletivo e reingresso no curso. Todos podem solicitar o aproveitamento de disciplinas conforme o Quadro 9 (equivalência de disciplinas).

16.6.1 Turma 2022/1

Os estudantes desta turma efetivaram matrícula no curso de Engenharia Florestal, no semestre letivo 2022/1, portanto, matriz curricular do PPC 2020, os quais farão a migração para o PPC 2023, a partir do semestre letivo 2023/2, conforme o Quadro 10.

Quadro 10 – Equivalência ente disciplinas cursadas no PPC 2020 por estudantes da turma 2022/1 e que serão aproveitadas, na migração para o PPC 2023.

MATRIZ 2020	CH	MATRIZ 2023	CH
1º Semestre			
Introdução às Ciências Florestais	34	Introdução às Ciências Florestais*	51
Desenho Técnico	51	Desenho Técnico	51
Morfologia Vegetal	51	Morfologia Vegetal	51
Zoologia Geral	34	Zoologia geral	34
Química Geral	68	Química Geral	51
Física Aplicada	68	Física Aplicada	51
Matemática Aplicada	68	Matemática Aplicada	68
Filosofia da Ciência**	34	Filosofia da Ciência	51
2º Semestre			
Meteorologia e Climatologia Florestal	51	Meteorologia e Climatologia Florestal	51
Cálculo Diferencial Integral	68	Cálculo Diferencial e Integral	51
Histologia e Anatomia Vegetal	68	Histologia e Anatomia Vegetal	51
Genética Básica	51	Genética Básica	51
Ecologia Geral	51	Ecologia Geral	51
Química Analítica	51	Química Analítica	51
Gênese e Morfologia de Solos	34	Gênese e Morfologia do Solo	34
Química Orgânica	34	Química Orgânica	34

3º Semestre			
Estatística Básica	51	Estatística Básica	51
Fisiologia Vegetal	51	Fisiologia Vegetal	51
Bioquímica	34	Bioquímica	34
Física do Solo	34	Física do Solo	34
Máquinas e Mecanização Florestal	68	Máquinas e Mecanização Florestal	51
Topografia Aplicada	68	Topografia Aplicada	68
Taxonomia Vegetal	51	Taxonomia Vegetal	51
Metodologia Científica	34	Metodologia Científica	34

*A disciplina de *Introdução às Ciências Florestais* terá seus créditos computados para a curricularização da extensão, visto que a metodologia adotada ao longo do semestre letivo atende a Resolução CONSUP/IFMT n. 22, de 25 de maio de 2021, que aprovou a Resolução CONSEPE nº 021/2021, de 20 de abril de 2021. Naquela ocasião foi elaborado e executado o Projeto de Extensão de Fluxo Contínuo *Edital n. 07/2022 - Ações de Extensão de Livre Iniciativa Diálogo com os Egressos* disponível no SUAP/IFMT.

**A disciplina de *Filosofia da Ciência*, que foi cursada de forma obrigatória no PPC 2020, será aproveitada como uma das quatro disciplinas eletivas que terão que cursar no PPC 2023.

A disciplina de *Extensão Rural* ofertada no segundo semestre do PPC 2023, e não cursada pelos estudantes matriculados no PPC 2020, turma 2022/1, será ofertada no semestre letivo 2023/2.

A disciplina de *Práticas de Extensão I* ofertada no terceiro semestre do PPC 2023, e não cursada pelos estudantes matriculados no PPC 2020, turma 2022/1, será ofertada no semestre letivo 2024/1.

A disciplina de *Microbiologia Agrícola* ofertada no quarto semestre do PPC 2020, e não cursada pelos estudantes matriculados no PPC 2020, turma 2022/1, por conta da migração de matrizes, será ofertada no semestre letivo 2024/1, já que esta disciplina é ofertada no terceiro semestre do PPC 2023.

16.6.2 Turma 2023/1

Os estudantes desta turma efetivaram matrícula no curso de Engenharia Florestal, no semestre letivo 2023/1, portanto, matriz curricular do PPC 2020, os quais farão a migração para o PPC 2023, a partir do semestre letivo 2023/2, conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Equivalência ente disciplinas cursadas no PPC 2020 por estudantes da turma 2023/1 e que serão aproveitadas, na migração para o PPC 2023.

MATRIZ 2020	CH	MATRIZ 2023	CH
1º Semestre			
Introdução às Ciências Florestais	34	Introdução às Ciências Florestais*	51
Desenho Técnico	51	Desenho Técnico	51
Morfologia Vegetal	51	Morfologia Vegetal	51
Zoologia Geral	34	Zoologia geral	34
Química Geral	68	Química Geral	51
Física Aplicada	68	Física Aplicada	51
Matemática Aplicada	68	Matemática Aplicada	68
Filosofia da Ciência**	34	Filosofia da Ciência	51

*A disciplina de *Introdução às Ciências Florestais* terá seus créditos computados para a curricularização da extensão, visto que a metodologia que está sendo adotada ao longo do semestre letivo atende a Resolução CONSUP/IFMT n. 22, de 25 de maio de 2021, que aprovou a Resolução CONSEPE n. 021/2021, de 20 de abril de 2021. Nesta ocasião, está sendo elaborado o Projeto de

59

Extensão de Fluxo Contínuo *Edital n. 13/2023 - Ações de Extensão de Livre Iniciativa Diálogo com os Egressos* disponível no SUAP/IFMT.

**A disciplina de *Filosofia da Ciência*, que está sendo cursada de forma obrigatória no PPC 2020, será aproveitada como uma das quatro disciplinas eletivas a serem cursadas no PPC 2023.

16.10 Justificativa quanto à disciplina excluída

A atualização da matriz do Curso de Engenharia Florestal do IFMT *Campus Cáceres* – Prof. Olegário Baldo, a compor o PPC do Curso em 2023, exigiu do NDE e colegiado do Curso, reflexão e discussões sobre as produções acadêmicas; sobre o perfil e os conhecimentos apresentados pelos estudantes egressos; além de pesquisas sobre cursos de engenharia florestal pelo Brasil, buscando fazer a leitura dos conhecimentos essenciais ao profissional da área, com o propósito de atualizar o curso do *Campus Cáceres* – Prof. Olegário Baldo, com foco na eficiência da proposta, do estudo e na qualidade do profissional a ser formado. Para a produção da proposta

de matriz curricular do curso, foi realizado também consulta ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA, com a finalidade de proporcionar ao estudante a preparação segura para conquistar seu registro junto ao órgão e poder desenvolver o trabalho com habilidade e segurança.

Foi excluída da matriz 2020 em relação a matriz 2023 a disciplina de ***Trabalho de Conclusão de Curso I – TCC I***, sua exclusão foi feita considerando a necessidade de redução de carga horária total do curso, a fim de atender ao Regulamento Didático do IFMT. O conteúdo desta disciplina passa a ser contemplado nas disciplinas de Metodologia Científica e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. As disciplinas de ***Sociologia Geral e Filosofia da Ciência*** deixaram de ser obrigatórias e passaram a ser eletivas.

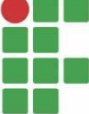
17 FLUXOGRAMA E ITINERÁRIO FORMATIVO

1 Semestre	2 Semestre	3 Semestre	4 Semestre	5 Semestre	6 Semestre	7 Semestre	8 Semestre	9 Semestre	10 Semestre
Introdução às Ciências Florestais	Meteorologia e Climatologia Florestal	Estatística Básica	Anatomia da Madeira	Ecologia Florestal	Sistemas de Informações Geográficas	Patologia Florestal	Estruturas da Madeira	Administração e Planejamento Florestal	Estágio Obrigatório
Desenho Técnico	Cálculo Diferencial e Integral	Fisiologia Vegetal	Estatística Experimental	Tecnologia da Madeira	Melhoramento Florestal	Industrialização de Produtos Florestais	Produtos Florestais Não Madeiros	Manejo de Florestas Nativas	
Morfologia Vegetal	Histologia e Anatomia Vegetal	Bioquímica	Dendrologia	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	Incêndios Florestais	Economia Florestal	Colheita e Transporte Florestal	Manejo de Unidades de Conservação	
Zoologia Geral	Genética Básica	Física do Solo	Viveiros Florestais	Entomologia Florestal	Classificação de Solos	Manejo de Bacias Hidrográficas	Arborização e Paisagismo	Manejo e Conservação da Fauna Silvestre	
Química Geral	Ecologia Geral	Máquinas e Mecanização Florestal	Sementes Florestais	Sensoriamento Remoto	Inventário Florestal	Sistemas Agroflorestais	Recuperação de Áreas Degradadas	Legislação e Ética Profissional	
Física Aplicada	Química Analítica	Topografia Aplicada	Hidráulica e Irrigação	Algoritmos e Linguagem de Programação	Práticas Silviculturais	Manejo de Florestas Plantadas	Eletiva II	Trabalho de Conclusão de Curso	
Matemática Aplicada	Gênese e Morfologia do Solo	Taxonomia Vegetal	Dendrometria	Práticas de Extensão III	Política e Legislação Florestal	Eletiva I	Eletiva III	Eletiva IV	
Metodologia Científica	Química Orgânica	Microbiologia Agrícola	Práticas de Extensão II		Práticas de Extensão IV	Práticas de Extensão V	Práticas de Extensão VI		
	Extensão Rural	Práticas de Extensão I							

18 EMENTÁRIO

18.1 Primeiro Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal				
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Introdução às Ciências Florestais			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	51	-	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Histórico do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo. Estrutura do curso de engenharia florestal. Evolução da engenharia florestal no mundo e no Brasil. As grandes áreas de atuação da engenharia florestal. A engenharia florestal no contexto dos biomas brasileiros. A questão florestal e os aspectos sociais, ambientais, econômicos e políticos. Oportunidade em iniciação científica e pós-graduação. Mercado de trabalho. Visita às dependências do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares para o curso de graduação em Engenharia Florestal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces03_06.pdf> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA. Lei Federal 5194/66. Disponível em: <www.confed.org.br> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>IFMT. Projeto pedagógico do curso de engenharia florestal. 2010.</p> <p>IFMT. Projeto pedagógico do curso de engenharia florestal. 2020.</p> <p>LIMA, S. M. Evolução da criação dos cursos de engenharia florestal no Brasil. UFRRJ – Seropédica. Monografia. 2008. Disponível em: http://novorima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2727?locale=pt_BR Acesso: 20/03/2023.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>BANTEL, C.A. O ensino da silvicultura, a distribuição espacial dos cursos de graduação em Engenharia Florestal e as atribuições do exercício profissional no Brasil. 2002. Disponível em:<www.sbef.org.br> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL. Engenharia Florestal no Brasil: 50 anos de sucesso. Viçosa, ARCA. 2010. 30 p.</p> <p>FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf> Acesso: 23/03/2023.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO
--	-----------------------------------

				Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal	
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Desenho Técnico			1º Semestre		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	34	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Classificação dos desenhos. Normas técnicas brasileiras para o desenho técnico. Apresentação e manejo dos instrumentos. Noções de desenho projetivo. Visitas ortográficas. Escalas. Perspectivas paralelas. Leitura de vistas. Dimensionamento. Vistas auxiliares. Vistas seccionais. Cortes simplificados. Desenho de arquitetura.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FERLINI, P. de B. Normas para desenho técnico: volume 5. 5 ed. Porto Alegre - RS: Globo, 1979. 332 p.					
FRENCH, T. E. Desenho Técnico e Tecnologia Gráfica. 8º Edição – São Paulo, editora Globo, 2005, 5 reimpressão 2011.					
OBERG, L. Desenho Arquitetônico. 31 Edição – Rio de Janeiro, 1997.					
PEREIRA, M. F. Construções Rurais. São Paulo: Nobel, 1986. Reimpresso 2013, 334p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CATAPAN, M. F. Apostila de desenho técnico. UFPR, Curitiba, 2017. Disponível em: < http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_marcio/wpcontent/uploads/sites/13/2014/09/Apostila-DT-Prof-Marcio-Catapan-1.pdf > Acesso: 23/03/2023.					
ROCHA, A. J. F.; GONÇALVES, R. S. Desenho Técnico. v. 1, 4.ed. Plêiade, 2008.					
SANTIAGO, A. C. Guia do Técnico Agropecuário: Desenho e Topografia. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1982.					
SILVA, A.; RIBEIRO, C. T.; DIAS, J.; SOUSA, L. Desenho Técnico Moderno. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.					
SPECK, H.J.; PEIXOTO, V.V. Manual de Desenho Técnico. (2 Ed.) Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. 180p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Morfologia Vegetal			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Evolução e importância dos grupos de plantas avasculares (Hepatófitas, Antocerófitas e Briófitas); plantas vasculares (Licófitas, Pteridófitas) e plantas vasculares com sementes – gimnospermas (Cicadófitas; Ginkgófitas; Gnétófitas e Coniferófitas) e angiospermas. Formas de vida. Estudo da morfologia externa (organografia) dos órgãos vegetativos e reprodutivos de gimnospermas e angiospermas. Sistemas de polinização em gimnospermas e angiospermas. Análise de material botânico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGAREZ, F. V.; RIZZINI, C. M.; PEREIRA, C. Botânica angiospermae: taxonomia, morfologia, reprodução, chave para determinação das famílias. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1994. 256p.

FERRI, M. G. Botânica: morfologia externa das plantas (organografia). 15 ed. São Paulo: Nobel, 1983. 149p.

RAVEN, P. H. Biologia vegetal. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 830 p.

VIDAL, W. N. E VIDAL, M. R. R. Botânica Organografia: quadros sinópticos ilustrados de fanerógamos. 4. ed. rev. ampl. Viçosa: UFV, 2003.

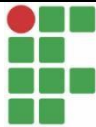
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Acta Botânica Brasilica. Disponível em: www.scielo.com.br.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas, plantas vasculares. 2ª ed. São Paulo: Instituto Plantarum de estudos da flora, 2011.

MUNHOZ, C. B. R. EUGÊNIO, C. U. O.; OLIVEIRA, R. C. de. Vereda: guia de campo. Editora: Rede de Sementes do Cerrado 1ª Edição - 2011. 224p.

RAMALHO, C. L.; PROENÇA, C. E. B. Trepadeiras ornamentais do cerrado. Planaltina: Embrapa Cerrados; Brasília; Universidade de Brasília, 2004. 59 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Zoologia Geral			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à Zoologia. Noções sobre evolução dos Filos. Estudo dos Filos: Platyhelminthes, Gastrotricha; Rotifera; Nematoda; Nematomorpha; Acantocephala; Chordata (Osteichthyes, Chondrycthes, Amphibia, Reptilia, Aves, Mammalia); Annelida; Molusca e Arthropoda (Crustacea, Arachnida, Chilopoda, Diplopoda, Insecta).					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
HICKMAN JR., C.P.; ROBERTS, L.S.; LARSON, A.; EISENHOUR, D.J.; KEEN, S.L.; I'ANSON, H. Princípios integrados de zoologia. Guanabara Koogan. 2004. 976p. RODRIGUES, S. de A. Zoologia. 8 ed. São Paulo - SP: Cultrix, 1978. 302					

RUPERT, E. E. BARNES, ROBERT, D. A., FOX, R. S. Zoologia dos invertebrados: uma abordagem funcional-evolutiva. São Paulo: Roca, 2005. 1148p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PAPAVERO, N. (org.) Fundamentos práticos de taxonomia zoológica. 2ªed. São Paulo: UNESP, 1994. 285p.

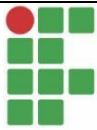
POUGH, H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. A Vida dos Vertebrados. 4 ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2008.

ROMER, A. S.; PARSONS, T. S. Anatomia comparada dos vertebrados. São Paulo: Atheneu Editora, 1985.

SANTOS, E. Zoologia Basílica: o mundo dos artrópodes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. 197p.

SILVA JÚNIOR, C., SASSON, S. Biologia, volume 2: seres vivos: estrutura e funções. São Paulo: Atual, 1981. 291 p.

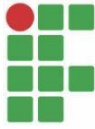
STORER, T. I. Zoologia geral. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. 816p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Química Geral			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Evolução da Teoria da Estrutura Atômica. Propriedades Periódicas. Ligações químicas. Polaridade e interações intermoleculares. Soluções. Principais funções inorgânicas. Equações Químicas. Estequiometria. Reações Químicas. Operações fundamentais no laboratório de Química.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ATKINS, P.; JONES, L.; LAVERMAN, L. Princípios de Química: questionando a vida moderna e o meio ambiente. 3o ed. Porto Alegre-RS: Bookman Companhia Editora, 2007.					
BROWN, T. L. et al. Química, a Ciência Central. 9ª Edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.					
LEE, J. D. Química inorgânica não tão concisa. 5o ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.					
SKOOG, D. M. Fundamentos de Química Analítica. 9ª edição São Paulo: Cengage Learning, 2015.					
KOTZ, J.C.; TREICHEL, P. M. Química Geral e Reações Químicas. Vol. 1. Tradução da 5ª Edição Norte-americana. São Paulo: Thomson, 2009.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

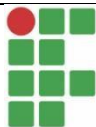
BARP, E.; SILVA, E. L. E. Química Geral e Inorgânica: Princípios básicos, estudo da matéria e estequiometria. São Paulo: Érica, 2014.

PAULING, L. Química Geral, Vol 1. e Vol 2. Tradução da 1ª Edição. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1972.

RUSSELL, J. B. Química Geral. Vol. 1. 2ª edição. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1994.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Física Aplicada			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Medidas Físicas; Vetores; Mecânica: Momento, Resultantes, Força e Tensão; Flúidos: Viscosidade, Capilaridade, Difusão, Adsorção e Dessorção; Calor: Condução e Propagação; Ótica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
HALLIDAY, David; RESNICK, Robert; WALKER, Jearl. Fundamentos de física - v. 01: mecânica. 8 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC, 2009. 349 p. HALLIDAY, David; RESNICK, Robert; HALLIDAY, David. Fundamentos de física v. 2: Gravitação, Ondas e Termodinâmica. 8 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC, 2009. 295 p. HALLIDAY, David; RESNICK, Robert; WALKER, Jearl. Fundamentos de física - v. 03: eletromagnetismo. 8 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC, 2009. 395 p. RAMALHO-JÚNIOR, F, FERRARO, N. G., SOARES, P.A.T. Os Fundamentos da física I. São Paulo: Moderna. 1999. 497p., v. 1. RAMALHO-JÚNIOR, F, FERRARO, N.G., SOARES, P.A.T. Os Fundamentos da física III. São Paulo: Moderna. 1999. 482p., v. 3.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CHAVES, A.; SAMPAIO, J.L. Física básica: mecânica. São Paulo: LTC, 2007. 308p. EISBERG, R.M.; LERNER, L.S. Física: fundamentos e aplicações. São Paulo: McGraw-Hill, 1982. GARCIA, E.A.C. Biofísica. São Paulo: Sarvier, 2002. 387p. OKUNO, E.; CALDAS, I.L.; CHOW, C. Física para ciências biológicas e biomédicas. São Paulo: Harbra, 1986. 490p. RAMALHO-JÚNIOR, F, FERRARO, N.G., SOARES, P.A.T. Os Fundamentos da física II. São Paulo: Moderna. 1999. 528p., v. 2. TIPLER, P.A. Física para cientistas e engenheiros. v 2. mecânica. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995. 556p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Matemática Aplicada			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
51	17	68	-	-	68
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Unidades de medidas. Trigonometria. Geometria Plana. Geometria Espacial. Matrizes. Determinantes. Sistemas lineares.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ÁVILA, G. Introdução ao Cálculo. Rio de Janeiro: LTC, 2010. DOLCE, O. e POMPEO, J. N. Fundamentos de Matemática Elementar: Geometria Plana. Volume 09. São Paulo: Atual, 2005. DOLCE, O. e POMPEO, J. N. Fundamentos de Matemática Elementar: Geometria Espacial. Volume 10. São Paulo: Atual, 2005. IEZZI, G. Fundamentos de Matemática Elementar: Trigonometria. Volume 3. São Paulo: Atual, 2004. SAFIER, F. Pré-Cálculo. 2. ed. (Coleção Schaum). Porto Alegre: Bookman, 2011.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BATSCHLET, E. Introdução à Matemática para Biocientistas. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. HARIKI, S. e ABDOUNUR, J. O. Matemática Aplicada. São Paulo: Saraiva, 1999. IEZZI, G. e HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar: Sequências, matrizes, determinantes e sistemas. Volume 4. São Paulo: Atual, 2004.					

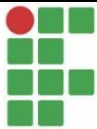
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Metodologia Científica			1º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Tipos de pesquisa. O método científico. Verdade e certeza. Natureza da ciência e do espírito científico. Métodos quantitativos utilizados em pesquisa. Relatório técnico científico e redação de resumo e artigo científico. Cadastro do Currículo na Plataforma Lattes do CNPq. Projeto de Pesquisa. Normas da ABNT.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 174p.
 CARVALHO, M. C. M. Construindo o saber - metodologia científica: fundamentos e técnicas. 14ed. Campinas: Papirus Editora, 1989. 180p.
 CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. 159p.
 DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. 1ed. São Paulo: Atlas, 2011. 216p.
 SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997, 180p.
 PRESTES, M. L. M. A pesquisa e a construção do conhecimento científico - do planejamento aos textos, da escola à academia. 2 ed. São Paulo: Respel, 2003. 256p.
 THOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1988.

18.2 Segundo Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Meteorologia e Climatologia Florestal			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Aplicações da climatologia/meteorologia na área florestal e ambiental. A atmosfera terrestre. Terra: movimentos e estações do ano. Fotoperíodo. Balanço de radiação e energia. Variáveis atmosféricas. Balanço hídrico. Coleta de dados ambientais. Classificação climática: generalidades e tipos. Mudanças climáticas. Estresses abióticos relacionados com o clima. Distribuição das espécies com base no clima. Zoneamento florestal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CONTI, J. B. Clima e meio ambiente. São Paulo: Atual, 1998.
 FERREIRA, A. G. Meteorologia prática. São Paulo - SP: Oficina de Textos, 2006. 188 p.
 MENDONÇA, F; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia: Noções básicas e climas do Brasil. São Paulo - SP: Oficina de Textos, 2007. 208 p.
 OMETTO, J. C. Bioclimatologia Vegetal. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1981.
 TARIFA, J.R. Mato Grosso: Clima - análise e representação cartográfica. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERREIRA, A. G. Meteorologia prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 415 p.
 LIMA, M. A.; CABRAL, O. M. R.; MIGUEZ, J. D. G. Mudanças climáticas globais e a agropecuária brasileira. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2001. 397 p.
 PEREIRA, A.R., SENTELHAS, P.C., ANGELOCCI, L.R. Agrometeorologia: fundamentos e aplicações práticas. Guaíba: Agropecuária, 2002. 478p. SANT'ANNA NETO, J.L., ZAVATINI, J.A. (Org). Variabilidade e Mudanças Climáticas. Maringá: Eduem, 2000.
 SOARES, R.V.; BATISTA, A.C. Meteorologia e climatologia florestal. Curitiba: Produção Independente. 2015. 215 p.
 TUBELIS, A.; NASCIMENTO, F. J. L. Meteorologia Descritiva: fundamentos e aplicações brasileiras. São Paulo, Nobel, 1984. 374 p. OLIVEIRA, G.S. SILVA, N.F.; HENRIQUES, R. Mudanças climáticas: ensino fundamental e médio. Brasília: MEC, SEB; MCT; AEB. 2009. 348 p.
 VAREJÃO-SILVA, M.A. Meteorologia e climatologia. Recife: versão digital 2. 2006.
 Disponível em:
 <http://www.icat.ufal.br/laboratorio/clima/data/uploads/pdf/METEOROLOGIA_E_CLIMATOLOGIA_VD2_Mar_2006.pdf> Acesso: 23/03/2023.
 VIANELLO, R.L.; ALVES, A.R. Meteorologia básica e aplicações. 2 ed. Viçosa: UFV, 2012. 460p.

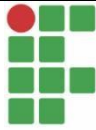
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Cálculo Diferencial e Integral			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Funções de uma variável real. Limites. Continuidade. Derivadas. Máximos e mínimos de uma função. Integrais definidas e indefinidas. Técnicas de Integração. Aplicações.					

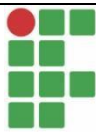
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

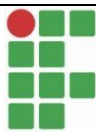
ANTON, H. B. I; DAVIS, S. Cálculo. Vol. 1. 7ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2007.
 ÁVILA, G. Introdução ao Cálculo. Rio de Janeiro: LTC, 2010.
 FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. Cálculo A: Funções, Limite, derivação e integração. 6ª edição. São Paulo: Pearson, 2006.
 HOFFMANN, L. D.; BRADLEY, G. L. Cálculo: Um Curso Moderno e suas Aplicações. 10ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GUIDORIZZI, H. L. Um Curso de Cálculo. Vol.1 – 5ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
 LEITHOLD, L. O Cálculo com Geometria Analítica. Vol.1. 3ª edição. São Paulo: Harbra, 1994.
 STEWART, J. Cálculo. Vol. 1. 6ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2009
 STEWART, J. Cálculo. Vol. 1. 6ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Histologia e Anatomia Vegetal			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Organização interna do corpo vegetal (atividade de meristemas). Citologia vegetal: características da célula vegetal; Técnicas de microscopia vegetal. Epiderme. Parênquima, colênquima e esclerênquima. Xilema. Floema. Câmbio. Periderme. Anatomia dos órgãos vegetativos (raiz, caule e folha).					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B; CARMELLO-GUERREIRO, S. M. Anatomia vegetal. 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2006. 440 ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: Edgard Blücher, 1974. 293 p. FERRI, M.G. Botânica: morfologia interna das plantas (anatomia). (9ª ed.). São Paulo: Nobel, 1984.113p. NULTSCH, W. Botânica geral. Trad. Paulo Luiz de Oliveira – 10. Ed. Revisada e atualizada – Porto Alegre: Artmed, 2000. RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia vegetal. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 830p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CUTTER, E.G. Anatomia vegetal parte I: células e tecidos. (2ª ed.). São Paulo: Roca, 1986. 304p. VANNUCCI, A. L.; REZENDE, M. H. Anatomia Vegetal: noções básicas. Goiânia: Edição do Autor, 2003. 190p. GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. Nova Odessa: Instituto Plantarum de estudos da flora, 2007. 446 p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Genética Básica			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Importância da Genética na Agropecuária. Genética molecular. Bases Citológicas da Herança e Gametogênese. Mendelismo. Ligação, Permuta, Mapas genéticos e Pleiotropia. Efeito do ambiente na Expressão Gênica. Genética Quantitativa. Genética de Populações e Evolução. Biotecnologia.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BROWN, T. A. Genética: um enfoque molecular. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 336p. GRIFFITHS, A.J.F.; WESSLER, S.R.; CAROLL, S.B.; DOEBLEY, J. Introdução à genética. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. A. B. P. Genética na agropecuária. 5 ed. São Paulo: Editora Globo, 1996, 359 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, H. C. Fundamentos de genética e evolução. Rio de Janeiro: LTC/UFMG, 1987. 556p. GARDNER, E. J.; SNUSTAD, D. P. 1987 Genética. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 497 p. RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. A. B. P. Genética na agropecuária. 3. ed. rev. Lavras: UFLA, 2004. 472p. SUZUKI, D. T. Introdução à Genética. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992. 633 p. WATSON, J. D. DNA: o segredo da vida. São Paulo: Companhia da Letras, 2008. 470p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Ecologia Geral			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Escopo da ecologia. O ecossistema. Energia nos sistemas ecológicos. Ciclos biogeoquímicos. Fatores limitantes e regulatórios. Ecologia de populações. Ecologia de comunidades. Tipos de ecossistemas e biomas. Diversidade e conservação biológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEGON, M., TOWNSEND, C. R., HARPER, JOHN L. Fundamentos em Ecologia. 3ª ed., Artmed: 2010, 576p.

BEGON, M; et al. Ecologia: de Indivíduos a Ecossistemas. 4 ed. Artmed. 2007.

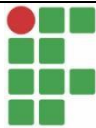
ODUM, E.P.; BARRETT, G.W. Fundamentos de Ecologia. Tradução Pégasus. Sistemas e Soluções. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia vegetal. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 830p.

RICKLEFS, R. E. A Economia da Natureza. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GUREVITCH, J, S, S.M, F, G.A. 2009. Ecologia Vegetal. Cap. 5 - Ed. Artmed, São Paulo.
ROCHA, C. F. D.; BERGALHO, H. G.; SLUYS, M. V.; ALVES, M. A. S. Biologia da Conservação: essências. São Carlos: Rima, 2006. 582 p.

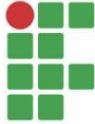
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Química Analítica			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	51	-	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à análise química Qualitativa e Quantitativa. Erros e Tratamento dos dados analíticos. Preparo e Padronizações de soluções para análise. Equilíbrio químico, pH e soluções tampão. Métodos Titulométricos: volumetria de neutralização, precipitação, complexação e oxirredução. Métodos Gravimétricos. Introdução a métodos instrumentais de análise. Operações Fundamentais em Laboratório de Química Analítica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BACCAN, N. et al. Química Analítica Quantitativa Elementar. 3 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2008. 308p.					
HARRIS, D. C. Análise química quantitativa. 7 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.					
LEITE, F. Práticas de Química Analítica. 3. ed. Campinas: Editora Átomo e Alínea, 2008.					
SKOOG, Douglas A. et al. Fundamentos de química analítica. 1. ed. São Paulo - SP: Cengage Learning, 2006. 1137 p.					
SKOOG, Douglas M. et al. Fundamentos de química analítica. 9 ed. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2015. 1086 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

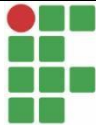
BARBOSA, G. P. Química analítica: Uma Abordagem Qualitativa e Quantitativa. São Paulo: Érica, 2014.

MUELLER, H.; SOUZA, D. Química Analítica Qualitativa Clássica. São Paulo: FURB, 2012.

VOGEL, A.I. Análise Química Quantitativa. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

VOGEL, A.I. Química Analítica Qualitativa. 5 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. 665p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Gênese e Morfologia do Solo			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Aspectos gerais do globo terrestre. Conceito de solo. Fundamentos de petrologia. Minerais primários e secundários. Intemperismo das rochas e sedimentos. Fatores e processos de formação dos solos. Composição do solo. Perfil do solo e horizontes. Morfologia do solo.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>KER, J. C.; CURTI, N.; SCHEFER, C. E. G. R. e VIDAL-TORRADO, P., Eds. Pedologia: fundamentos. 1ª ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciências do solo – SBCS, p.207-302. 2012.</p> <p>LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos. São Paulo: oficina de Textos, 2002. 178p.</p> <p>RESENDE, M., CURTI, N., REZENDE, S.B., CORREA, G.F. Pedologia: base para distinção de ambientes. 6. ed. Lavras: Editora da UFLA, 2014. 378 p.</p> <p>SANTOS, R. D.; LEMOS, R. C.; SANTOS, H.G.; KER, J.C e ANJOS, L.H.C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 5ª ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciências do Solo - SBCS, 100p. 2005.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Procedimentos Normativos de Levantamentos Pedológicos. SPI, Brasília, 1995.</p> <p>LEINZ, V. e AMARAL, S. E. Geologia geral. 12ª ed. São Paulo: Nacional. Ed Nacional, 1995.</p> <p>LEPSCH, I. Dezenove lições de pedologia. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. 440 p.</p> <p>MOREIRA, M. L. C. e VASCONCELOS, T. N. N. Mato Grosso: solos e paisagens. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral, SEPLAN-MT. Ed. Cuiabá: entrelinhas. 2007. 272p.</p> <p>OLIVEIRA, J.B. Pedologia aplicada. 5. ed. Piracicaba: FEALQ, 2011. 592 p.</p> <p>RESENDE, M.; CURTI, N.; KER, J. C.; REZENDE, S. B. Mineralogia de solos brasileiros: interpretação e aplicação. Lavras: ed. UFLA, 2005. 192p.</p> <p>SILVA, M.L.N; MARQUES, J.J.G.S.M; LIMA, J.M.; CURTI, N. Aspectos de Gênese, Classificação, Conservação e Manejo de Solos Tropicais. Lavras: INEPAD/UFLA, 2007. 75 p.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. Decifrando a terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2001. 568p.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Química Orgânica			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à química orgânica. Classificação do carbono e cadeias carbônicas. Estudo das Funções orgânicas: nomenclatura, identificação e propriedades físico-químicas. Acidez e basicidade dos compostos orgânicos. Reações Orgânicas. Principais processos de extrações de compostos vegetais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALLINGER, N. L. et al. Química orgânica. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1976. McMURRY, J. Química Orgânica – Combo. 6 ed. São Paulo: Thomson, 2005. PAIVA, D. L. et al. Química Orgânica Experimental. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. SOLOMONS, T. W. Graham; FRYHLE, Craing B. Química orgânica, volume 1. 9. ed. Rio de Janeiro - RJ: Ltc, 2011. 728 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
COSTA, P. R. R. Ácidos e Bases em Química Orgânica. Porto Alegre: Bookman, 2005. MANO, E. B.; SEABRA, A. P. Práticas de Química Orgânica. 3 ed. Sao Paulo: Edgard Blicher, 1987. 245 p. MORRISON, R.; BOYD, R.T. Química Orgânica. Tradução da 13 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. ISBN: 9723107422. SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, C. Química Orgânica. vol. 2. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Extensão Rural			2º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	51	-	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Elementos históricos e conceituais da prática extensionista (origem, filosofia, princípios, fundamentos). Fases da Extensão Rural no Brasil e em Mato Grosso. Pedagogia da Extensão Rural. Cultura campestre. Educação e mudanças sociais. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER. Comunicação e metodologia da Extensão Rural: teorias, classificação, tipologia, processos e meios. Modernização e globalização do rural. O contexto da comunidade rural. A comunidade rural no contexto da globalização. Convivência com o ambiente rural. A cidadania no campo. Territorialidade e inclusão social no campo. Desenvolvimento regional e local sustentável. Mobilização e organização comunitária rural. Desenvolvimento Rural: modelos de desenvolvimento rural, planejamento participativo do espaço rural. Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Projeto de desenvolvimento sustentável da comunidade rural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, J. A. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília - DF: Ministério da Educação e Cultura, 1989. 182 p.
 FIGUEIREDO, R. P. Política agrícola, reforma agrária e extensão rural. Brasília: Embrater, 1987.
 RIBEIRO, J. P. A saga da extensão rural em Minas Gerais. Minas Gerais: Editora Emater/MG, 2000. 270 p.
 SILVA, R. A. G. da. Administração Rural. 3ª ed. Curitiba: Juriá, 2012.

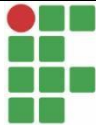
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, J. A construção social de uma nova agricultura. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS. 1999. 149p.
 BROSE, M. Participação na extensão rural: experiências inovadoras de desenvolvimento. 1 ed. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004. 256p.
 CAPORAL, F.R. Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. 1 ed. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 166p.
 FROEHLICH, M.J.; DIESEL, V. Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2009. 198p.
 MEDEIROS, L.S. de; LEITE, S. A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas. 1 ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: UFRGS/CPDA. 1999. 282p.
 NOGUEIRA, O. Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem. In: Tanto Preto quanto Branco. São Paulo: Quero, 1985. RAMOS, L.; TAVARES, J. Assistência técnica e extensão rural: construindo o conhecimento agroecológico. 1 ed. Manaus: Bagaço, 2006. 118p.
 UNTAR, A. Metodologia de Extensão Rural: planejamento e aplicação prática. Cuiabá-MT, 2013.
 UNTAR, A. Comunicação Rural: a teoria da comunicação aplicada em Extensão Rural. Cuiabá-MT, 2013.

18.3 Terceiro Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Estatística Básica			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total

34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Definição e importância da estatística. Variáveis. Organização de dados. População e amostra. Distribuições de variáveis aleatórias. Técnica de amostragem. Apresentação de dados em tabelas de frequências. Apresentação de dados em gráficos. Testes de rejeição de dados, Medidas de tendência central (média aritmética, geométrica, harmônica, mediana e moda). Medidas de dispersão (amplitude, variância, desvio padrão, coeficiente de variação e erro padrão). Intervalo de confiança. Testes de hipóteses. Teste qui-quadrado. Análise de variância.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LEVINE, D.M.; STEPHAN, D.F.; KRETIBIEL, C.T.; BERENSON, M.L. Estatística: Teoria e Aplicações. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. ISBN: 9788521616344. MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. de O. Estatística básica. 5 ed. rev. e atualizada São Paulo - SP: Editora Saraiva, 2005. 321 p. 521 p. TRIOLA, M. F.; FARIAS, A. M. L. Introdução à estatística. 9 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 2005. 680 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BANZATTO, D. A.; KRONKA, S. N. Experimentação Agrícola. 4 ed. Jaboticabal: Funep, 2006. 237p. CECON, P. R.; SILVA, A. R.; NASCIMENTO, M.; FERREIRA, A. Métodos Estatísticos. Viçosa: Editora UFV, 2012. 229p. LARSON, F.; FARBER, B. Estatística Aplicada. São Paulo: Editora Pearson, 2010. 637p. MORETTIN, L.G. Estatística Básica: Probabilidade. 7 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1999. ISBN: 8534610622. OLIVEIRA, M. S.; BEARZOTI, E.; VILAS BOAS, F. L.; NOGUEIRA, D. A.; NICOLAU, L. A. Introdução à Estatística. Lavras: Editora UFLA, 2009. 329p. SPIEGEL, M.R. Estatística. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1993. SPIEGEL, M.R.; SCHILLER, J.J.; SRINIVASAN, R.A. Probabilidade e Estatística. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. ISBN: 8536302976. VIEIRA, S. Estatística Experimental. São Paulo: Atlas, 1999.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Fisiologia Vegetal			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

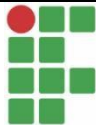
Água no metabolismo na planta (Célula vegetal, funções da água nas plantas, água no solo, movimento da água no sistema solo-água-planta). Transpiração (anatomia dos estômatos, funcionamento dos estômatos, fatores que influenciam a respiração, gutação). Fotossíntese (introdução, pigmentos fotossintéticos, estrutura do cloroplasto, reação fotossintética, fatores que influenciam o processo de fotossíntese, relações ecofisiológicas). Respiração (respiração aeróbica, fotorrespiração, cadeia respiratória, respiração anaeróbica, fatores que afetam a respiração). Absorção, transporte e redistribuição (introdução, translocação no xilema, translocação no floema). Crescimento e desenvolvimento da planta (introdução, hormônios vegetais, auxinas, giberilinas, citocininas, etileno, ácido abscísico, reprodução vegetativa). Germinação e dormência (fatores ambientais que influenciam a atividade reprodutiva, dormência e germinação).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERREIRA, A.G.; BORGHETTI, F. Germinação: do básico ao aplicado. Porto Alegre: Artmed, 2004. 324 p.
 FERRI, Mário Guimarães. Fisiologia vegetal 1. 2 ed. São Paulo - SP: EPU, 1985. 362 p.
 KERBAUY, G. B. Fisiologia vegetal. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 452p.
 MARENCO, R.A.; LOPES, N.F. Fisiologia vegetal: fotossíntese, respiração, relações hídricas e nutrição mineral. 3 ed. Viçosa: UFV, 2009. 486p.
 TAIZ, L.; ZEIGER, E. Fisiologia Vegetal. Porto Alegre: Artmed, 2010. 848 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

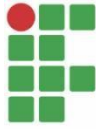
BENINCASA, M.M.P.; LEITE, I.C. Fisiologia Vegetal. Jaboticabal: Funep, 2002. 168p.
 FLOZZ, E.L. Fisiologia de plantas cultivadas: o estudo que está por trás do que se vê. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004. 536p.
 LARCHER, W. Ecofisiologia vegetal. 1 ed. São Carlos: Rima, 2004. 550p.
 PAIVA, R. Fisiologia e Produção Vegetal. Lavras: UFLA, 2006. 104p.
 PAULILO, M. T. S.; VIANA, A. M., RANDI, A. M. Fisiologia vegetal. Universidade Federal de Santa Catarina. 2015. Disponível em: <<https://uab.ufsc.br/biologia/files/2020/08/FisiologiaVegetal.pdf>> Acesso:23/03/2023.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Bioquímica			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A importância da água no metabolismo celular. Principais biomacromoléculas (Proteínas, Carboidratos e Lipídios) e seu metabolismo no vegetal. Bioquímica da fotossíntese. Aspectos gerais sobre a lignina na madeira.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

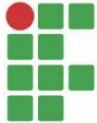
CONN, E.E. STUMPF, P. K. Introdução à bioquímica. São Paulo: Edgard Blucher, 1996. 360p.
 KOOLMAN, J.; RÖHM, K.H. Bioquímica: texto e atlas. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 478p.
 NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de bioquímica de Lehninger. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 1304 p.

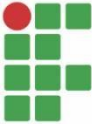
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

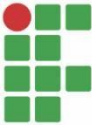
CAMPBELL, M. K. Bioquímica. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
 LEHNINGER, A.L. Princípios de bioquímica. 5o ed. São Paulo: Sarvier, 2011.
 REMIÃO, J.O.R.; SIQUEIRA, A.J.S.; AZEVEDO, A.M.P. Bioquímica: guia de aulas práticas. Porto Alegre: PUC-RS, 2003. 214p.
 STRYER, L. Bioquímica. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 1000p.
 VIEIRA, E.C.; GAZZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica celular e biologia molecular. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 1996. 360p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Física do Solo			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Caracterização física do solo. Estrutura do solo e a sua relação com aeração e ao comportamento da água no solo. Práticas relacionadas à determinação de agregados, granulometria, aeração, resistência à penetração e armazenamento de água no solo. Tendo como principais tópicos: - Caracterização da Estrutura do solo. Agregação do solo. - Frações volumétricas do solo. - Densidade do solo e das partículas - Porosidade do solo. - Aeração do solo. - Água no solo. Quantificação da umidade do solo. - Água no solo. Retenção e armazenamento de água no solo. - Água no solo. Movimento da água. - Temperatura do solo. Disponibilidade de água às plantas: intervalo hídrico ótimo. Manejo do solo em função de suas características físicas. Fatores físicos que definem a qualidade do solo. Qualidade do solo e práticas sustentáveis.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema brasileiro de classificação de solos. 3ª ed., Rio de Janeiro: EMBRAPA, 2013. 306p. BRANDÃO, V. S.; CECÍLIO, R. A.; PRUSKI, F. F.; SILVA, D. D. Infiltração da Água no Solo. 3º ed. Viçosa, 2006. REICHARDT, K. 1987. A água em sistemas agrícolas. Editora Manole, Piracicaba, São Paulo / SP. 188p. RESENDE, M., CURI, N., REZENDE, S.B., CORREA, G.F. Pedologia: base para distinção de ambientes. 6. ed. Lavras: Editora da UFLA, 2014. 378 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

HILLEL, D. Environmental soil physics. San Diego, Academic Press. 1998. 771 p.
 JONG VAN LIER, Q. (Org.). Física do Solo. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2010. v. 1. 298 p.
 REICHARDT, K.; TIMM, L.C. Solo, planta e atmosfera: conceitos, processos e aplicações. 1.ed. reimpressa. Barueri: Manole, 2008. 478p.
 SANTOS, R.D.; LEMOS, R.C.; SANTOS, H.G.; KER, J. & ANJOS, L.H.C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 5.ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005. 92p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Máquinas e Mecanização Florestal			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Segurança no trabalho de máquinas agrícola e florestal; Abrigo de máquinas; Motores de combustão interna; Mecanismos auxiliares dos motores de combustão interna; Lubrificantes e lubrificação; Tratores agrícolas e florestais; Preparo do solo; Plantio, Capacidade operacional dos conjuntos mecanizados e Manutenção de máquinas agrícola e florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BALASTREIRE, L. A. Máquinas Agrícolas. Editora Manole. São Paulo, SP. 1987. 307p. MACHADO, C.C.: Colheita Florestal, Viçosa UFV, 2002. MIALHE, L.G. Manual de Mecanização Agrícola. São Paulo. Editora Agronômica Ceres Ltda. 1972. 301p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, R. F.; SARUGA, F. J. B. Manual de mecanização agrícola: Volume 1: motores e tratores. Ministério da agricultura 2006. Disponível em: < https://www.bibliotecaagp.tea.org.br/agricultura/mecanizacao/livros/MECANIZACAO%20AGRICOLA%20VOLUME%20MOTORES%20E%20TRACTORES.pdf > Acesso: 23/03/2023. MARCO RACHE A.M. Mecânica Diesel (caminhões. pick-ups. Barcos). Editora hermus. MIALHE, L. G. Máquinas agrícolas: Ensaio & Certificações. Piracicaba, SP: Fundação de estudos agrários Luiz de Queiroz, 1996. SILVEIRA, G. M. Preparo de Solo: Técnicas e Implementos. Editora Aprenda Fácil. Viçosa, MG. 2001. 299p. SILVEIRA, G.M. Máquinas para plantio e condução das culturas. Editora Aprenda Fácil. 2001, 322p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo			IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal		
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Topografia Aplicada			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
51	17	51	17	-	68
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Introdução a Topografia. Conceituação: Planimetria e Altimetria. Sistemas de coordenadas. Sistemas de referências: Plano Topográfico Local. Abordagem a NBR 13.133. Goniometria. Taqueometria. Medições de ângulos e distâncias. Levantamentos topográficos: etapas e métodos. Operações topográficas de escritório. Desenho planimétrico. Altimetria. Instrumentos de nivelamento. Processos de Nivelamento: Nivelamento Geométrico Simples (NGS) e Nivelamento Geométrico Composto (NGC). Determinação da altura de objetos. Representação do relevo. Traçado das curvas de nível. Levantamento topográfico planialtimétrico com Estação Total.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CASACA, J.M.; MATOS, J.L.; DIAS, J.M.B. Topografia Geral. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. BORGES, A.C. Exercícios de Topografia. 3 ed. São Paulo: Editora Blucher, 1975. ESPARTEL, L.; LUDERITZ, J. Caderneta de campo. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983. FRENCH, T.E.; VIERCK, C.J. Desenho Técnico e Tecnologia Gráfica. 9 ed. São Paulo: Editora Globo, 2005.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AQUINO, A.F. de et al. Manual técnico de Posicionamento: Georreferenciamento de Imóveis Rurais. 1 ed. Brasília: INCRA, 2013, 34 p. Disponível em: < https://sigef.incra.gov.br/static/documentos/manual_tecnico_posicionamento_1ed.pdf > Acesso em: 23/03/2023. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13133: Execução de levantamento topográfico. Rio de Janeiro, 2021.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo			IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal		
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Taxonomia Vegetal			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Introdução à botânica sistemática. Sistemas de classificação. Métodos e princípios de sistemática biológica. Sistemática de Gimnospermas e Angiospermas: caracterização morfológica, distribuição geográfica, ecologia, interesse econômico e filogenia das famílias mais representativas e importantes da flora do Brasil. Identificação de espécies nativas de destaque ecológico e econômico na flora do Brasil. Técnicas e manejo (coleta e herborização) de coleções botânicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGAREZ, F. V.; PEREIRA, C.; RIZZINI, C. M. Botânica: taxonomia, morfologia e reprodução dos angiospermae: chaves para determinação das famílias. 2.ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1994. 256p.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia Vegetal. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 830p.

SOUZA, V. C. FLORES, T. B. LORENZI, H. Introdução à botânica. São Paulo: Instituto Plantarum de estudos da flora, 2013.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. Botânica sistemática: um guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2012. 768p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

APG II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. Botanical Journal of the Linnean Society 141: 399–436.

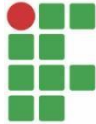
APG III 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. Botanical Journal of the Linnean Society 161, 105–121.

APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Botanical Journal of the Linnean Society 181: 1-20

JUDD, Walter S.; Campbell, Christopher S., Kellogg, Elizabeth A.; Stevens, Peter F.; Donoghue, M. J. Sistemática Vegetal: um enfoque filogenético. Trad. André Olmos Simões, et al. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2009. 632p.

MOTA, N. F. de O.; PAULA, L. F.; VIANA, P. L. Guia Prático de Métodos de Campo para Estudos de Flora. Bocaina Biologia da Conservação. – 2ª. Edição – Belo Horizonte, MG. 2014. 81p. (Disponível em meio eletrônico).

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. Botânica sistemática: um guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Microbiologia Agrícola			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Introdução ao estudo da microbiologia e classificação dos micro-organismos. Organização das células procarióticas e eucarióticas. Cultivo e crescimento dos micro-organismos. Metabolismo microbiano. Controle de microorganismos. Características gerais de bactérias, fungos e vírus aplicados à agricultura. Noções sobre microbiologia do solo e da água. Transformações dos nutrientes (C, N, S e P) nos ecossistemas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. 10 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. 608 p.

MOREIRA, F. M. S.; SIQUEIRA, J. O. Microbiologia e bioquímica do solo. 2 ed. Lavras: UFLA, 2006, 626 p. Disponível em: <<https://www.bibliotecaagppta.org.br/agricultura/biologia/livros/MICROBIOLOGIA%20E%20BIOQUIMICA%20DO%20SOLO.pdf>> Acesso:24/03/2023.

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 935 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARDOSO, E. J. B. N.; ANDREOTE, F. D. Microbiologia do solo. Piracicaba: ESALQ, 2016. 221p. Disponível em: <<https://www.esalq.usp.br/biblioteca/portais-de-pesquisa/livros-abertosda-esalq>. Acesso em: 20 mar. 2023> Acesso:24/03/2023.

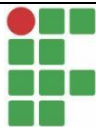
HUNGRIA, M; ARAUJO, R. S. Manual de métodos empregados em estudos de microbiologia agrícola. Brasília, DF: EMBRAPA, 1994. 542 p.

PELCZAR, J. R.; M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: conceitos e aplicações. v.1, Makron Books,1997, 524p.

PELCZAR, J. R.; M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: conceitos e aplicações. v.2, Makron Books,1997, 518p.

RIBEIRO, M. C.; STELATO, M. M. Microbiologia prática: aplicações de aprendizagem em microbiologia básica - bactérias e fungos. São Paulo: Atheneu, 2011. 224 p.

VARGAS, M. A . T.; HUNGRIA, M. (eds.) Biologia dos solos dos cerrados. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1997. 524 p.

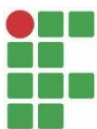
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão I			3º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	-	34	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Planejamento, execução e avaliação de atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i> , no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p.
 MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p.
 SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extensao--fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf> Acesso:24/03/2023.
 FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso:24/03/2023.
FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf> Acesso:24/03/2023.
 Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso:24/03/2023.
 Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em: <https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extensao_com_anexo.pdf> Acesso:24/03/2023.

18.4 Quarto Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Anatomia da Madeira			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Constituição anatômica do meristema apical e câmbio. Estruturas anatômicas macroscópicas e microscópicas do lenho de coníferas e folhosas. Estruturas anatômicas microscópicas de monocotiledôneas (bambus e palmeiras). Características organolépticas da madeira. Técnicas anatômicas de identificação de madeiras.					

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

APPEZZATO-DA-GLÓRIA, Beatriz; CARMELLO-GUERREIRO, Sandra Maria. Anatomia vegetal. 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2006. 440 p.

SANTINI JÚNIOR., L. Anatomia e identificação da madeira de 90 espécies tropicais comercializadas em São Paulo / Luiz Santini Junior; Sandra Monteiro Borges Florsheim, Mario Tommasiello Filho. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. ISBN 978-65-5706-697-3 - DOI 10.22533/at.ed.973210801 (Online). Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/anatomia-e-identificacao-da-madeira-de90-especies-tropicais-comercializadas-em-sao-paulo>> Acesso: 23/03/2023.

SÃO PAULO - Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, Instituto Florestal. Identificação macroscópica de madeiras Comerciais do Estado de São Paulo / Sandra Monteiro Borges Florsheim ...[et al] – São Paulo: Instituto Florestal, 2020. Disponível também em: <http://www.iflorestal.sp.gov.br> - ISBN: 978-85-64808-20-1. (Online). Disponível em: <<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutoflorestal/2020/09/identificacaomacrosopica-de-madeiras-comerciais-do-estado-de-sao-paulo/>> Acesso:23/03/2023.

RIZZINI, C. T. Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira. São Paulo: Edgard Blücher, 2008. 302 p.

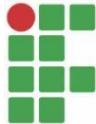
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURGER, L. M.; RICHTER, H. G. Anatomia da Madeira. São Paulo: Nobel, 1991. 156p.
CORADIN, V. T. R., MUÑIZ, G. I. B. Normas de procedimentos em estudos de anatomia de madeira: 1- Angiosperma. Brasília: IBAMA/DIRPED/LPF. Série Técnica, 15p. Disponível em: <<https://lpf.florestal.gov.br/pt-br/component/phocadownload/category/2-apostilas-cursobasico-madeiras-e-produtos?download=114:estrutura-anatomica-da-madeira-principios-paraa-sua-identificacao>> Acesso:20/03/2023.

FEDALTO, L. C.; MENDES, I. C. A.; CORADIN, V. T. R. Madeiras da Amazônia: descrição do lenho de 40 espécies ocorrentes na floresta nacional do Tapajós. Brasília: IBAMA, 1989. 156p.

MAINIERI, C., J.P. CHIMELO & ANGYALOSSY- ALFONSO, V. Manual de identificação das principais madeiras comerciais brasileiras. São Paulo: PROMOCET, 1983. 418 p.

MAINIERI, C.; CHIMELO, J. P. Fichas de características das madeiras brasileiras. 2.ed. São Paulo: IPT, 1989. 418p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Estatística Experimental			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Princípios básicos de experimentação. Planejamento e implantação de experimentos. Testes de normalidade e de homocedasticidade. Testes de comparação múltipla de médias. Delineamentos experimentais: inteiramente casualizado, em blocos casualizados, em quadrado latino. Experimentos em esquema fatorial. Experimentos em esquema de parcelas subdivididas. Uso de softwares para fins estatísticos experimentais.					

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSTA, J. R. Técnicas experimentais aplicadas às ciências agrárias. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2003. 102 p. (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 163). Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/625666/1/DOC163.pdf>>.

Acesso em:06/04/2023.

MEDEIROS, R.A.; PAIVA, H.N.; NOGUEIRA, G.S.; LEITE, H.G. Planejamento de experimentos com espécies florestais. Viçosa: Editora UFV, 2022. 184p.

BANZATTO, D. A.; KRONKA, S. N. Experimentação Agrícola. 4 ed. Jaboticabal: Funep, 2013. 237p.

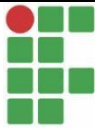
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VIEIRA, S. Estatística Experimental. São Paulo: Atlas, 1999. LEVINE, D.M.; STEPHAN, D.F.; KRETIBIEL, C.T.; BERENSON, M.L. Estatística: Teoria e Aplicações. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MORETTIN, L.G. Estatística Básica: Probabilidade. 7 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1999. ISBN: 8534610622.

SPIEGEL, M.R. Estatística. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1993.

SPIEGEL, M.R.; SCHILLER, J.J.; SRINIVASAN, R.A. Probabilidade e Estatística. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. ISBN: 8536302976.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Dendrologia			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à dendrologia. Conceito, origem, classificação e nomenclatura da árvore. Principais grupos taxonômicos de espécies de interesse florestal. Características dendrológicas de reconhecimento de árvores da floresta amazônica, pantanal e cerrado. Métodos de identificação de árvores. Técnicas de coleta, herborização, manejo e utilização de herbário florestal. Fenologia florestal. Sistemas interativos de identificação de espécies florestais (Chave Dendrológica).					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
PINHEIRO, A. L. Fundamentos em Taxonomia aplicados no desenvolvimento da Dendrologia Tropical. Viçosa - MG: Editora UFV, 2014. 278 p. LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 1. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. 352p. LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 2. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. 368p. MARTINS, S. V. Ecologia de florestas tropicais do Brasil. 2ed. rev. e ampliada Viçosa- MG: Editora UFV, 2012. 371 p. RIZZINI, C. T. Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira. São Paulo - SP: Edgard Blücher, 2008. 302 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CAMARGOS, J.A.A. Catálogo de árvores do Brasil. 2. ed. rev. e atual. Brasília, D.F: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2001. 896p. il.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 1. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003. 1040p.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 2. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006. 628p.

GONÇALVES, E.G.; LORENZI, H. Morfologia vegetal. São Paulo: Instituto Plantarum, 2007. 441p.

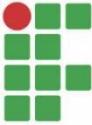
MARCHIORI, J. N. C. Elementos de Dendrologia. 2ª Ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004. 176p.

MARCHIORI, J. N. C. Dendrologia das angiospermas: das Magnoliáceas às Flacourtiáceas. Santa Maria: UFSM, 1997.

MARCHIORI, J. N. C. Dendrologia das gimnospermas. Santa Maria: UFSM, 2005. 160p.

MARTINS, S. V. Ecologia de florestas tropicais do Brasil. Viçosa: UFV. 2009, 261 p.

SAUERESSIG, DANIEL. Manual de dendrologia [recurso eletrônico]. Irati (PR): Editora Plantas do Brasil, 2017. 150 p. 70.000 kbytes

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Viveiros Florestais			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Definições, escolha do local e dimensionamento; Métodos de produção de mudas (semeaduras direta, indireta e propagação vegetativa). Recipientes e substratos. Manejo em viveiros florestais (envasamento, semeadura, desbaste, repicagem, raleio, monda, rustificação, sombreamento, micorrização, fertilização, irrigação e fertirrigação). Avaliação da qualidade da muda. Expedição e transporte de mudas. Legislação aplicada a viveiros florestais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALFENAS, A. C., ZAUZA, A. A. V., MAFIA, R., G., ASSIS, T.F. Clonagem e Doenças do Eucalipto. Viçosa MG. Imprensa Universitária/UFV. 2004. FERREIRA, A.G. & BORGUETTI, F. Germinação: do básico ao aplicado. Porto Alegre: Artmed, 2004, 323p. GOMES, J. M.; PAIVA, H. N. de. Viveiros Florestais: (Propagação Sexuada). 1 ed. Viçosa - MG: Editora UFV, 2013. 116 p. XAVIER, A. SILVA, R. L. WENDLING, I. Silvicultura clonal. 2ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2013.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

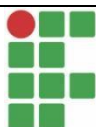
BARROSO, G.M. et al. Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas. Viçosa: UFV, 1999. 443p.

MAURO, J. G., PAIVA, H. N. Viveiros Florestais: propagação sexuada. Viçosa: UFV, 2004, 107 p.

MEDEIROS, A. C. DE S. Aspectos de dormência em sementes de espécies arbóreas. Colombo: Embrapa Florestas, 2001. 12 p. (Embrapa Florestas. Circular Técnica 55).

PIÑA-RODRIGUES, F. C. M., FREIRE, J. M., LELES, P. S. S., BREIER, T. B. (ORG.). Parâmetros técnicos para produção de sementes florestais. Seropédica: EDUR, 2007. 188 p.

WENDLING, I., FERRARI, M. P., GROSSI, F. Curso intensivo de viveiros e produção de mudas. Colombo: Embrapa Florestas, 2002. 79 p. (Embrapa Florestas. Documentos 79).

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Sementes Florestais			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Formação e estrutura da semente. Fatores que afetam a produção de sementes. Maturação, dispersão, colheita, secagem, extração, beneficiamento e armazenamento de sementes. Seleção a marcação de matrizes. Germinação: conceitos, fatores ambientais e das sementes que afetam a germinação; Dormência: papel ecológico, tipos de dormência e processo de superação. Vigor de sementes, conceitos e métodos; Armazenamento de sementes: fatores ambientais condicionantes, classificação fisiológica e métodos de armazenamento. Análise de sementes. Legislação aplicada a sementes florestais.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>ALBUQUERQUE, J. M. Identificação e Germinação de sementes Amazônicas. Belém-PA: FCAP, 1993. 132 p.</p> <p>ALFENAS, A. C., ZAUZA, A. A. V., MAFIA, R., G., ASSIS, T.F. Clonagem e Doenças do Eucalipto. Viçosa MG. Imprensa Universitária/UFV. 2004.</p> <p>BARROSO, G. M. Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas. Viçosa- MG: Editora UFV, 1999. 443 p.</p> <p>FERREIRA, A.G. & BORGUETTI, F. Germinação: do básico ao aplicado. Porto Alegre: Artmed, 2004, 323p.</p> <p>XAVIER, A.; WENDLING I.; SILVA, R.L. Silvicultura clonal: princípios e técnicas. Viçosa: UFV, 2009.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

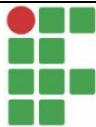
BARROSO, G.M. et al. Frutos e sementes: morfologia aplicada a sistemática de dicotiledôneas. Viçosa: UFV, 1999. 443p.

MAURO, J. G., PAIVA, H. N. Viveiros Florestais: propagação sexuada. Viçosa: UFV, 2004, 107 p.

MEDEIROS, A. C. DE S. Aspectos de dormência em sementes de espécies arbóreas. Colombo: Embrapa Florestas, 2001. 12 p. (Embrapa Florestas. Circular Técnica 55).

PIÑA-RODRIGUES, F. C. M., FREIRE, J. M., LELES, P. S. S., BREIER, T. B. (ORG.). Parâmetros técnicos para produção de sementes florestais. Seropédica: EDUR, 2007. 188 p.

WENDLING, I., FERRARI, M. P., GROSSI, F. Curso intensivo de viveiros e produção de mudas. Colombo: Embrapa Florestas, 2002. 79 p. (Embrapa Florestas. Documentos 79).

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Hidráulica e Irrigação			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conhecimentos básicos de hidráulica; escoamentos sob pressão; tubulações e orifícios; relação solo, água, planta e clima; dimensionamento agrônômico, sistemas de irrigação por aspersão e localizado. Dimensionamento de sistemas de irrigação.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
AZEVEDO NETTO, JOSE MARIANO. Manual de Hidráulica. 8 ed. São Paulo – SP: Editora Blucher, 1998. 669p. BERNARDO, S. MANTOVANI, E. C. SOARES, A. A. Manual de Irrigação. 8 ed. Viçosa: Editora UFV, 2011. MANTOVANI, E. C; BERNARDO, S; PALARETTI, L. F. Irrigação: princípios e métodos. 3. ed. Viçosa- MG: UFV, 2009. 356 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ALBUQUERQUE, P.E.P.; DURÃES, F.O.M. Uso e manejo de irrigação. Embrapa informação tecnológica, 2008.

Aureo Silva de Oliveira; Dalmir Kuhn; Gilson Pereira Silva. A irrigação e a relação solo-planta-atmosfera. 1.ed. LK Editora – 2006. 88p.

BERNARDO, S.; SOARES, A.A.; MANTOVANI, E.C. Manual de Irrigação. Ed. Viçosa, MG: UFV, 2005.

Carvalho, Jacinto de Assunção; Oliveira, Luiz Fernando Coutinho. Instalações de bombeamento para irrigação. – 2 ed.rev.e amp. – Lavras: Ufla, 2014. 429p.:il.

DOOREMBOS, J.; KASSAM,A.H. Efeito da água no rendimento das culturas. (tradução de H.R. Gheyi, A.A. de Sousa, F.A.V. Damasceno, J.F de Medeiros). Campina grande, UFPB, 1994. (estudos FAO: irrigação e drenagem,33)

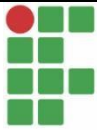
DOOREMBOS. J.; PRUITT, W.O. Necessidades hídricas das culturas. (tradução de H.R. GHEYI, J.E.C. METRI, F.A.V. Campina Grande, UFPB, 1997. (estudos FAO: irrigação e drenagem, 24).

FRANCO B. Mecânica dos Fluidos. 2 ed. Pearson Education – BR. 2008. 448p.

IVAR W. e ALCIDES GATTO. Substratos, Adubação e Irrigação na Produção de Mudas. 1. Ed. Aprenda Fácil – 2002. 165p.

HOUGHTALEN R. J. Engenharia Hidráulica. 4 ed. Pearson Education – BR. 2013. 333p.

REICHARDT, K; TIMM, L.C. Solo, planta e atmosfera conceitos, processos e aplicações. Barueri, SP: Ed. Manole. 2004.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Dendrometria			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
51	17	51	17	-	68
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Mensuração e unidades de medidas. Medição de diâmetro e altura. Forma do tronco (fator de forma artificial) e cubagem das árvores (Smalian, Huber, Newton e Hohenadl). Análise de tronco e crescimento das árvores. Análise de regressão linear (simples e múltipla). Modelos matemáticos para estimativas biométricas. Relação hipsométrica. Métodos de estimação dos volumes. Estimativas de área basal, número de árvores e volume por hectare. Uso de aplicativos para coleta e processamento de dados dendrométricos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. Mensuração Florestal: perguntas e respostas. Viçosa: Editora UFV, 2009. 542 p.

IMANÃ-ENCINAS, José et al. Contribuição dendrométrica nos levantamentos fitossociológicos. 1 ed. Brasília - DF: UNB, 2009. 46 p.

SCOLFORO, J. R. S.; THIERSCH, C. R. Biometria Florestal: volumetria e gravimetria. LavrasMG: UFLA/FAEPE, 2004. 285 p.

SCOLFORO, J. R. S. Biometria Florestal: modelos de crescimento e produção florestal. LavrasMG: UFLA/FAEPE, 2006. 393 p.

SOARES, C.P.B.; PAULA NETO, F.P.; SOUZA, A.L. Dendrometria e Inventário Florestal. 2. ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011. 272p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

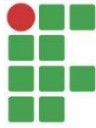
BATISTA, J.L.F. Mensuração de árvores: uma introdução à dendrometria. Piracicaba: USP/ESALQ. 2001. 85p.

CUNHA, U. S. Dendrometria e Inventário Florestal. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/284/o/dendroinv.pdf>>. Acesso: 20/03/2023.

FINGER, C. A. G. Biometria florestal. Santa Maria: CEPEF/FATEC/UFSM, 2006. 296 p.

FINGER, C.A.G. Fundamentos de biometria florestal. Santa Maria: UFSM / CEPEF – FATEC, 1992. 269p.

MACHADO, S. A.; FIGUEIREDO FILHO, A. Dendrometria. 2ª Edição. Guarapuava: UNICENTRO, 2009. 316p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão II			4º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	17	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Planejamento, execução e avaliação de atividade ou atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i> , no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p. MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p. SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extendao-fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf> Acesso:24/03/2023.


FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso:24/03/2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extendao.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em: <https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extendao_com_anexo.pdf> Acesso:24/03/2023.

18.5 Quinto Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Ecologia Florestal			5º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à ecologia florestal: conceitos básicos e aplicação. A vegetação e os fatores edáficos, climáticos, fisiográficos e bióticos. Sucessão ecológica. Sistemas de classificação da vegetação brasileira. Biomas. Ciclagem de nutrientes em florestas nativas e plantadas. Fragmentação florestal: causas e consequências. Índices ecológicos. Conservação das florestas tropicais. Métodos de Levantamentos fitossociológicos e análise estrutural da floresta.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FELFILI, J.M.; EISENLOHR, P.V.; MELO, M.M.R.F. de; ANDRADE, L.A. de; MEIRA NETO, J.A.A. (Eds.). Fitossociologia no Brasil: Métodos e Estudos de Caso. V. 1. Viçosa: Editora UFV, 2011. 556 p. ODUM, E.P.; BARRETT, G.W. Fundamentos de ecologia. 5 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 612 p. TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; Harper, J.L. Fundamentos em Ecologia. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 576 p.					

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERNANDES, I.M.; SIGNOR, C.A.; PENHA, J. Biodiversidade no Pantanal de Poconé. Cuiabá: Centro de Pesquisa do Pantanal, 2010. 196p.

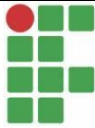
GUREVITCH, J, Scheiner, S.M, Fox, G.A. 2009. Ecologia Vegetal. Cap. 5 - Ed. Artmed, São Paulo.

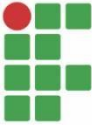
MARTINS, S.V. (Ed.) Ecologia de florestas tropicais do Brasil. Viçosa: Editora UFV, 2012.

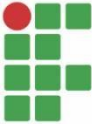
RICKLEFS, R.E. A Economia da Natureza, 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 546 p.

SILVEIRA, E A.; BORGES, H.B. Guia de campo: caracterização de tipologias vegetais de Mato Grosso. Cuiabá: Carlini & Caniato. 2009. 77p.

VELOSO, H.P., RANGEL FILHO, A.L.R.; LIMA, J.C.A. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE, Rio de Janeiro: IBGE, 1991. 123p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Tecnologia da Madeira			5º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Formação do tronco, a célula lenhosa, crescimento da árvore. Propriedades anatômicas, físicas, mecânicas e especiais da madeira (térmica, elétrica e acústica). Tecnologia de amostragem de corpo de prova. Preparo para o teste. Peso específico, teor de umidade, retratibilidade. Limite de resistência. Flexão estática, compressão, tração, dureza, cisalhamento, fendilhamento. Noções sobre química da madeira.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LOBÃO, M. S.; PEREIRA, K. M. R. Tecnologia da madeira: propriedades físicas e mecânicas da madeira. Rio Branco: UFAC, 2005. 35p. MOLITERNO, A. Caderno de Projetos de telhados em estruturas de madeira. 4 ed. São Paulo - SP: Blucher, 2010. 269 p. NENNEWITZ, I. Manual de tecnologia da madeira. São Paulo: Edgard Blücher, 2008. 354 p. PFEIL, W; PFEIL, M. Estruturas de madeira. 6 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC, 2013. 224 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
HASELEIN, C. R.; PAULESKI, D. T. Caderno didático da disciplina de tecnologia da madeira II: parte I. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2003. 82p. JÚNIOR, C. C.; LAHR, F. A. R.; DIAS, A. A. Dimensionamento de elementos estruturais da madeira. São Paulo: Editora Manole, 2003. 152p. MORESCHI, J. C. Propriedades da madeira. Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: < http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasmoreschi/PROPRIEDADES%20DA%20MADEIRA.pdf > Acesso: 23/03/2023. VITAL, B. R. Tecnologia da Madeira: Métodos de Determinação do Teor de Umidade da Madeira. Viçosa: SIF/UFV, 1997. 33p.					

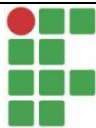
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas			5º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Conceitos básicos em fertilidade do solo. Reação do solo e poder tampão. Macro e micronutrientes no solo. Critérios de essencialidade. Elementos essenciais, não essenciais, tóxicos e benéficos. Absorção e translocação de nutrientes pelas plantas. Funções dos macros e micronutrientes nas plantas. Avaliação do estado nutricional das plantas. Análise química do solo e interpretação dos resultados para fins de recomendação de corretivos e fertilizantes. Práticas corretivas: calagem, gessagem e potassagem. Metodologias de recomendações de corretivos e fertilizantes.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>FAQUIN, V. Nutrição Mineral de Plantas. Lavras: UFLA/FAEPE, 2005. 182 p. Disponível em: <https://dcs.ufla.br/images/imagens_dcs/pdf/Prof_Faquin/Nutricao%20mineral%20de%20plantas.pdf> Acesso:24/03/2023.</p> <p>MALAVOLTA, E.; GOMES, F. P.; ALCARDE, J. C. Adubos e adubações. São Paulo: Nobel, 2002. 200 p.</p> <p>NOVAIS, R.F.; ALVAREZ V., V.H.; BARROS, N.F.; FONTES, R.L.F.; CANTARUTTI, R.B.; NEVES, J.C.L. (Eds.). Fertilidade do solo. Viçosa: SBCS, 2007. 1017 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>LOPES, A. S. Manual internacional de fertilidade do solo. 2 ed. Piracicaba: Potafos, 1998. 177p.</p> <p>LOPES, A. S.; SILVA, M. C.; GUILHERME, L. R. G. Acidez do solo e calagem. 3 ed. São Paulo: ANDA, 1990. 22p. (Boletim Técnico 1).</p> <p>MALAVOLTA, E. Manual de nutrição mineral de plantas. São Paulo: Agronômica Ceres, 2006. 638 p.</p> <p>SOUSA, D. M. G; LOBATO, E. Cerrado: correção do solo e adubação. 2 ed. Planaltina: EMBRAPA, 2002, 416p.</p> <p>VITTI, G.C.; LUZ, P.H.C. Utilização agrônômica de corretivos agrícolas. 2 ed. Piracicaba: FEALQ, 2004, 120p.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Entomologia Florestal			5º		

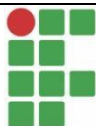
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Morfologia, fisiologia e ecologia de insetos. Principais ordens e famílias de importância florestal. Métodos de controle de insetos. Pragas de viveiro. Pragas de raízes. Pragas de troncos. Pragas de ponteiros. Pragas de folhas. Pragas de sementes. Pragas de produtos da madeira. Manejo de pragas florestais das principais espécies florestais cultivadas no país. Receituário agrônomo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>CARRANO-MOREIRA, A. F. Manejo Integrado de Pragas Florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle. 1 ed. Rio de Janeiro - RJ: Technical Books Editora, 2014. 349 p.</p> <p>CANTARELLI, E. B. COSTA, E. C. Entomologia florestal aplicada. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciência-Editora UFSM, 2014. 256p. COSTA, E. C; D'AVILA, M; CANTARELLI, E. B. Entomologia Florestal. 3ed. rev. e ampliada Santa Maria/RS: UFSM, 2014. 256 p.</p> <p>LEMES, P.G.; ZANUNCIO, J.C. Novo manual de pragas florestais brasileiras [online]. 1 ed. Montes Claros: UFMG, 2021. Disponível em: <https://www.ipef.br/publicacoes/novo-manualde-pragas-florestais-brasileiras/Novo_Manual_de_Pragas_Florestais_Brasileiras.pdf>. Acesso em: 17/03/ 2023.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R. P. L.; BATISTA, G. C.; BERTI FILHO, E.; PARRA, J. R. P.; ZUCCHI, R. A.; ALVES, S. B.; VENDRAMIN, J. D.; MARCHINI, L. C.; LOPES, J. R. S.; OMOTO, C. Entomologia Agrícola. Piracicaba: FEALQ, 2002, 920p.</p> <p>LARA, F.M. Princípios de Resistência de Plantas a Insetos. 2 ed., São Paulo: Editora Ícone, São Paulo, 1991. 336p.</p> <p>VENZON, M.; PAULA JÚNIOR, T. J.; PALLINI, A. 3 ed. Avanços no controle alternativo de pragas e doenças. Viçosa: Editora UFV, 2008. 283p.</p> <p>ZAMBOLIM, L.; PICANÇO, M. C. Controle Biológico - Pragas e Doenças. Viçosa: Editora UFV, 2009. 310p.</p> <p>ZANETTI, R.; CARVALHO, G. A.; SANTOS, A.; SOUZA-SILVA, A.; GODOY, M. S. Manejo integrado de formigas cortadeiras. Lavras: Editora UFLA, 2002. 16p. (Texto Acadêmico).</p> <p>ZANETTI, R.; SANTOS, A.; DIAS, N.; SOUZA-SILVA, A.; CARVALHO, G. A. Manejo integrado de pragas florestais. Lavras: Editora UFLA, 2004. 119p. (Texto Acadêmico).</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Sensoriamento Remoto			5º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total

34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>História e Conceito do Sensoriamento Remoto. Princípios Físicos do Sensoriamento Remoto: A energia eletromagnética e suas interações com a atmosfera e os alvos terrestres. Espectro eletromagnético. Principais plataformas e sensores remotos orbitais. Níveis de Aquisição de dados. Estrutura das Imagens. Resoluções: Radiométrica, Espectral, Espacial e Temporal. Comportamento Espectral dos Alvos. Combinação de Bandas Espectrais. Classificação Supervisionada e não supervisionada de Imagens Orbitais. Estimativa da acurácia da classificação.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>FITZ, Paulo Roberto. Cartografia básica: nova edição. São Paulo/SP: Oficina de Textos, 2008. 143 p.</p> <p>FLORENZANO, T. G. Iniciação em sensoriamento remoto. 2 ed. São Paulo - SP: Oficina de Textos, 2007. 101 p.</p> <p>NOVO, E.M.L.M. Sensoriamento Remoto: Princípio e Aplicações. 4 ed. São Paulo: Blucher, 2010.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>BLASCHKE, Thomas; KUX, Hermann (Org.). Sensoriamento remoto e SIG avançados: novos sistemas sensores e métodos inovadores. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2007. 303 p. ISBN 978-85-86238-57-4 (broch.).</p> <p>FLORENZANO, T.G. Imagens de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97 p.</p> <p>JENSEN, J.R. Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma Perspectiva em Recursos Terrestres - Tradução: Pesquisadores do INPE. 1. ed. Parêntese, 2009.</p> <p>LILLESAND T. M.; KIEFER R. W. Remote sensing and image interpretation. 6. ed. John Wiley & Sons, 2007.</p> <p>LIU, William Tse Horng. Aplicações de Sensoriamento Remoto. Campo Grande: Uniderp, 2006.</p> <p>MILMAN, Andrew S. Mathematical Principles of Remote Sensing. 1. ed. Crc Press, 2000.</p> <p>MOREIRA, Maurício Alves. Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação. 4. ed. UFV, 2011.</p> <p>SCHOWENGERDT, Robert A. Remote Sensing: models and methods for image processing. 3. ed. Tucson: Elsevier, 2007.</p> <p>SANTOS, A.R.; PELUZIO, T.M.O.; SAITO, N.S. SPRING 5.1.2 Passo a Passo: Aplicações Práticas. Alegre, ES: CAUFES, 2012. ISBN: 9788561890063.</p> <p>Disponível em: <http://www.mundogeomatica.com.br/spring5x.htm>. Acesso em: 20/03/2023</p> <p>SILVA, R.M. da. Introdução ao Geoprocessamento: Conceitos, técnicas e aplicações. Editora Feevale. 1 ed. 2007, 176p.</p>					

 <p>INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo</p>	<p>IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal</p>
	IDENTIFICAÇÃO
DISCIPLINA	SEMESTRE
Algoritmos e Linguagem de Programação	5º
CARGA HORÁRIA (Horas)	

Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Conceituação de algoritmo, tipos de dados, operadores e comandos básicos, comandos de controle de fluxo, procedimentos e funções. Introdução à programação, uso de Ambiente de Desenvolvimento, declaração de variáveis, operadores aritméticos e lógicos, comandos de condição e de repetição, estruturas de dados Array e Registro, funções e procedimentos, manipulação de arquivo e banco de dados.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>FORBELLONE, A. L. V; EBERSPACHER, H. F. Lógica de programação: a construção de algoritmos e estrutura de dados. 3. ed. São Paulo - SP: Prentice Hall, 2005. 222 p. MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 24 ed. São Paulo: Érica, 2010. 320 p. MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 28 ed. São Paulo: Érica, 2016. 336 p. SOUZA, D.; OLIVEIRA, T. W. G.; PIVA, R. L. O.; SANTOS, J. X. SANQUETTA, C. R.; CORTE, A. P. D. Introdução ao R aplicações florestais. Curitiba-PR. 2018. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/342052263> Acesso:24/03/2023.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>FARRER, H.; Algoritmos Estruturados. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999. MEDINA, M.; FERTIG, C. Algoritmos e Programação – teoria e prática – 1ª edição. São Paulo: Editora Novatec, 2005, 384 pgs. SALIBA, W. L. C.; Técnicas de Programação: Uma Abordagem Estruturada. São Paulo: Makron Books do Brasil, McGraw-Hill Ltda., 1993. 141p. TREMBLAY. Ciência dos Computadores: Uma Abordagem Algorítmica. São Paulo: McGrawHill, 1983. TROELSEN, A. Profissional C# e a Plataforma .NET 3.5 - Curso Completo. 1ª edição. Editora Alta Books, 2009.</p>					

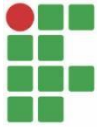
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão III			5º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	17	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Planejamento, execução e avaliação de atividade ou atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i>, no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p.
 MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p.
 SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extensao--fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf> Acesso:24/03/2023.
 FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso:24/03/2023.
FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf> Acesso:24/03/2023.
 Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso:24/03/2023.
 Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em: <https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extensao_com_anexo.pdf> Acesso:24/03/2023.

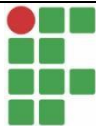
18.6 Sexto Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Sistemas de Informações Geográficas			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	34	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução ao Sistema de Informações Geográficas (SIG). Componentes básicos de um SIG. Modelo de dados de um SIG. Operações Matriciais e Vetoriais. Modelagem numérica. Análise e Consulta Espacial. Geração de carta e impressão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

FITZ, P.R. Cartografia Básica. 4 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2008, 143p.
 MARTINELLI, M. Cartografia Temática: Caderno de Mapas. 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.
 NOVO, E.M.L.M. Sensoriamento Remoto: Princípio e Aplicações. 4 ed. São Paulo: Blucher, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSAD, E. D.; SANO, E. E. Sistemas de informações geográficas – aplicações na agricultura. 2 ed. EMBRAPA, 1998. ISBN: 85-7383-045-X.
 LAMPARELLI, R.A.C.; ROCHA, J.V.; BORGHI, E. Geoprocessamento e agricultura de precisão: fundamentos e aplicações. Guaíba: Agropecuária, 2001. ISBN: 8585347775.
 MEIRELLES, M.S.P.; CAMARA, G.; ALMEIDA, C.M. de. Geomática: modelos e aplicações ambientais. 1 ed. Brasília: EMBRAPA, 2007. ISBN: 978-85-7383386-7. 593p.
 SANTOS, A.R.; PELUZIO, T.M.O.; SAITO, N.S. SPRING 5.1.2 Passo a Passo: Aplicações Práticas. Alegre, ES: CAUFES, 2012. ISBN: 9788561890063. Disponível em: <<http://www.mundogeomatica.com.br/spring5x.htm>> Acesso: 23/03/2023
 SILVA, R.M. da. Introdução ao Geoprocessamento: Conceitos, técnicas e aplicações. Editora Feevale. 1 ed. 2007, 176p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Melhoramento Florestal			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Histórico de melhoramento florestal no Brasil e no Mundo. Conservação de recursos genéticos. Conceitos básicos em melhoramento florestal. Introdução de espécies e procedências. Interação genótipo-ambiente. Métodos de reprodução de espécies florestais. Produção de sementes melhoradas. Métodos e estratégias de melhoramento florestal. Testes genéticos. Endogamia, heterose e hibridação. Biotecnologia aplicada ao melhoramento florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BORÉM, A; MIRANDA, G. V. Melhoramento de plantas. 6 ed. Viçosa-MG: UFV- 2013. 529p FALEIRO, F.G. Marcadores genético-moleculares aplicados a programas de conservação e uso de recursos genéticos. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2007. 102 p. Disponível em: https://www.embrapa.br/cerrados/busca-de-publicacoes/-/publicacao/570287/marcadoresgenetico-moleculares-aplicados-a-programas-de-conservacao-e-uso-de-recursos-geneticos . Acesso: 20/03/2023. PIRES, I. E.; RESENDE, M. D. V.; SILVA, R. L.; RESENDE JÚNIOR, M. F. R. Genética florestal. Viçosa: Arka, 2011. 318 p. XAVIER, A; WENDLING, I; SILVA, R. L. Silvicultura clonal: princípios e técnicas. 2. ed. Viçosa- MG: Editora UFV, 2013. 279 p.					

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.V.; MAFIA, R.G.; ASSIS, T.F. Clonagem e doenças do eucalipto. 2 ed. Viçosa: UFV, 2009. 500 p.

BOREM, A. Biotecnologia Florestal. Viçosa: Suprema, 2007. 387p.

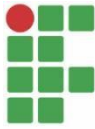
BOREM, A. Melhoramento de espécies cultivadas. Viçosa: Ed. UFV, 2005. 969p.

BUENO, L.C.S.; MENDES, A.N.G.M.; CARVALHO, S.P. Melhoramento genético de plantas. Lavras: Editora UFLA, 2001. 282 p.

GRIFFITHS, A.J, WESSLER, S.R., LEWONTIN, R.C., CARROL, S.B. Introdução à Genética. (MOTA, P.A., Trad.). 9 ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2008. 712 p.

RESENDE, M. D. V. Genética biométrica e estatística no melhoramento de plantas perenes. Curitiba: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2002. 975 p.

RESENDE, M. D. V. Matemática e estatística na análise de experimentos e no melhoramento genético. Colombo-PR: Embrapa Florestas, 2007. 362 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Incêndios Florestais			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Estatística de incêndios florestais. Princípios da combustão. Classificação de incêndios, Propagação de incêndios. Comportamento do fogo. Efeitos dos incêndios. Caracterização do material combustível florestal. Queimas controladas. Índices de risco de incêndios. Plano de proteção contra incêndios florestais. Técnicas de planejamento de combate de incêndios florestais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
NEPSTAD, D. C.; MOREIRA, A. G.; ALENCAR, A. A. Floresta em chamas: Origens, impactos e prevenção do fogo na Amazônia (ed. rev.). Belém: Instituto de Pesquisas Amazônicas (IPAM), 1999. 202p.					
SESC. Estudo sobre o impacto do fogo na disponibilidade de nutrientes, no banco de sementes e na biota de solos. 2006. 556p.					
SCHUMACHER, M. V. DICK, G. Incêndios florestais. 3ª edição, revisada. Universidade Federal de Santa Maria. 2018. Disponível em:< https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/832/2020/12/CADERNODIDATICO_INCENDIOS-FLORESTAIS.pdf > Acesso: 23/03/2023.					
SILVA, R. G. Manual técnico: queimada controlada. Brasília: IBAMA, 2001. 96p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

COUTO, E. A.; CANDIDO, J. F. Incêndios florestais. Viçosa: UFV, 1995. 101p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL. Manual de combate a incêndios florestais. Brasília: IBDF. 38p.

NOGUEIRA, G. S.; RIBEIRO, G. A.; RIBEIRO, C. A. A. S. e SILVA, E. P. Escolha de locais para instalação de torres de detecção de incêndio com o auxílio do SIG. Revista Árvore. Viçosa, v.26, n. 3, p.363-369. 2002.

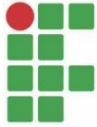
SANT'ANNA, C. M.; PEREIRA, J. A. A.; BORÉM, R. A. T. Prevenção e combate a incêndios florestais. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 88p.

SILVA, R. G. Manual de prevenção e combate aos incêndios florestais. Brasília, DF: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, 1998. 106 p.

SOARES, R. V., BATISTA, A. C. Incêndios florestais: controle, efeitos e uso do fogo. Curitiba: FUPEF, 2007. 264p.

SOARES, R. V.; BATISTA, A. C.; SOARES, J. R. Incêndios florestais no Brasil: o estado da arte. Curitiba: FUPEF, 2009. 246p.

WHELAN, R. J. The ecology of fire. In: BIRKS, H. J. B.; WIENS, J. A. (org.). The ecology of fire. Reino Unido: Cambridge University Press, 1995, 346p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Classificação de Solos			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Relação solo-paisagem. Sistema Brasileiro de Classificação do Solo. Levantamento e mapeamento de solos. Princípios básicos de classificação. Principais domínios pedológicos brasileiros. Interpretação de perfis de solos para uso florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SANTOS, H. G. et al. Sistema brasileiro de classificação de solos. 3ed. rev. e ampliada Rio de Janeiro - RJ: Embrapa, 2013. 353 p.					
KÄMPF, N.; CURTI, N. Formação e evolução do solo (pedogênese). In: KER, J.C.; CURTI, N.; SCHAEFER, C.E.G.R.; VIDAL-TORRADO, P. (Eds.). Pedologia: fundamentos. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2012. p. 207-302.					
RESENDE, M. et al. Pedologia: base para distinção de ambientes. 3. ed. rev. e atualizada Lavras - MG: UFLA, 2007. 322 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Procedimentos Normativos de Levantamentos Pedológicos. SPI, Brasília, 1995.

LEINZ, V. e AMARAL, S. E. Geologia geral. 12ª ed. São Paulo: Nacional. Ed Nacional, 1995.

LEPSCH, I. Dezenove lições de pedologia. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. 440 p.

LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 178p.

MOREIRA, M. L. C. e VASCONCELOS, T. N. N. Mato Grosso: solos e paisagens. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral, SEPLAN-MT. Ed. Cuiabá: entrelinhas. 2007. 272p.

OLIVEIRA, J.B. Pedologia aplicada. 5. ed. Piracicaba: FEALQ, 2011. 592 p.

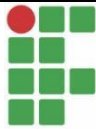
RESENDE, M., CURI, N., REZENDE, S.B., CORREA, G.F. Pedologia: base para distinção de ambientes. 6. ed. Lavras: Editora da UFLA, 2014. 378 p.

RESENDE, M.; CURI, N.; KER, J. C.; REZENDE, S. B. Mineralogia de solos brasileiros: interpretação e aplicação. Lavras: ed. UFLA, 2005. 192p.

SANTOS, R.D.; LEMOS, R.C.; SANTOS, H.G.; KER, J. & ANJOS, L.H.C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 5.ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005. 92p.

SILVA, M.L.N; MARQUES, J.J.G.S.M; LIMA, J.M.; CURI, N. Aspectos de Gênese, Classificação, Conservação e Manejo de Solos Tropicais. Lavras: INEPAD/UFLA, 2007. 75 p.

TEIXEIRA, W.; TOLEDO. M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. Decifrando a terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2001. 568p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Inventário Florestal			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução aos Inventários Florestais: importância, definição e tipos; Teoria de Amostragem; Métodos de Amostragem: Área Fixa, Bitterlich, Strand, Prodan e 3-P. Processos de Amostragem: Amostragem Aleatória Simples, Amostragem Estratificada, Amostragem Sistemática, Amostragem em dois estágios, Amostragem em Conglomerados, Amostragem Sistemática com múltiplos estágios aleatórios, Amostragem em Múltiplas Ocasões. Planejamento de um inventário florestal. Aplicativos computacionais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. Mensuração Florestal: perguntas e respostas. 5 ed. Viçosa: Editora UFV, 2013. 605 p. SANQUETTA, C. R.; WATZLAWICK, L. F.; DALLA CÔRTE, A.; FERNANDES, L. A. V. Inventários florestais: planejamento e execução. 3 ed. Curitiba: Multi-Graphi Gráfica e Editora, 2014. 406 p. SOARES, C. P. B.; PAULA NETO, F. de; SOUZA, A. L. de. Dendrometria e inventário florestal. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2012. 272 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

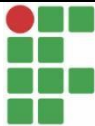
CUNHA, U. S. Dendrometria e Inventário Florestal. Disponível em: <http://engenhariaflorestal.jatai.ufg.br/uploads/284/original_dendroinv.pdf>. Acesso: 23/03/2023.

PÉLLICO NETTO, S.; BRENA, D. Inventário florestal. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997. 316 p.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M.; OLIVEIRA, A. D. Inventário Florestal de Minas Gerais: Cerrado- Florística, Estrutura, Diversidade, Similaridade, Distribuição Diamétrica e de Altura, Volumetria, Tendências de Crescimento e Áreas aptas para Manejo Florestal. Editora UFLA, Lavras, 2008, 816 p.

SCOLFORO, J.R.S.; MELLO, J.M.de; Inventário Florestal. Lavras: UFLA/FAEPE, 1997. 341 p.

SOARES, C.P.B.; PAULA NETO, F.P.; SOUZA, A.L. Dendrometria e Inventário Florestal. 2. ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011. 272p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas Silviculturais			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Fundamentos de silvicultura. O setor florestal no mundo, no Brasil e em Mato Grosso. Seleção de genótipos e locais. Implantação de povoamentos florestais (definição de objetivos e escolha de genótipos, planejamento de talhões e rede viária, preparo do terreno do solo, espaçamento, coveamento, semeadura, plantio e replantio). Tratos culturais (irrigação, fertilização, controle da matocompetição). Desrama artificial. Desbastes (tipos, objetivos, época, intensidade e efeitos sobre povoamento). Regeneração e reforma de povoamentos florestais.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>LORENZI, H. Árvores Brasileiras Vol 1. 4ª Ed. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. São Paulo: Ed. Plantarum, 2002. 368p. LORENZI, H. Árvores Brasileiras Vol 2. 2ª Ed. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. São Paulo: Ed. Plantarum, 2002. 368p. TAKIZAWA, F.H.; MEDEIROS, R.A.; LEITE, H.G.; BORÉM, A. (Eds). Teca: do plantio à colheita. Viçosa: Ed. UFV., 2022. 344p. VALE, A. B.; MACHADO, C. C.; PIRES, J. M. M.; VILAR, M. B.; COSTA, C. B.; NACIF, A. P. Eucaliptocultura no brasil: silvicultura, manejo e ambiência. Viçosa: SIF, 2014. 551 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

FERREIRA, C. A.; SILVA, H. D. (Org.). Formação de povoamentos florestais. Colombo: Embrapa Florestas, 2008. p. 55-65.

GALVÃO, A.P.M. (org.) Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais: um guia para ações municipais e regionais. Brasília: Embrapa – CNPF, 2000.

SCHUMACHER, M. V.; VIEIRA, M. Silvicultura do eucalipto no Brasil. Santa Maria: Editora UFSM, 2015. 308 p.

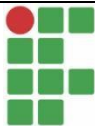
CARNEIRO, J. G. A. (Ed.). Princípios de desramas e desbastes. Campos dos Goytacazes: Produção Independente, 2012. p. 96.

HIGA, R.C.V. Plantio de eucalipto na pequena propriedade rural. Curitiba: EMBRAPA – Florestas, 2000. 32p.

LORENZI, H. Árvores Brasileiras Vol 3. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. São Paulo: Ed. Plantarum, 2009. 384p.

PAIVA, H. N. et al. Cultivo de eucalipto em propriedades rurais. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2001. 138p

VALE, A. B.; MACHADO, C. C.; PIRES, J. M. M.; VILAR, M. B.; COSTA, C. B.; NACIF, A. P. Eucaliptocultura no Brasil: silvicultura, manejo e ambiência. Viçosa: SIF, 2014. 551 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Política e Legislação Florestal			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	-	34	-	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A Política e a Legislação Florestal no Brasil: origem, objetivos e evolução. Análise dos Objetivos da Legislação Florestal. O Processo Legislativo no Brasil. Princípios Gerais do Direito Ambiental e Florestal. O Novo Código Florestal brasileiro. Distribuição das Florestas no Brasil. Florestas como Base de Desenvolvimento Econômico. Principais Políticas Florestais a Nível Nacional e Regional. A Propriedade florestal: cadastro e tributação. Infrações Florestais. Crédito Rural para fins florestais e outro mecanismo de fomento florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ANTUNES, P. B. Direito Ambiental. 18º ed. rev. e atualizada São Paulo - SP: Atlas, 2016. 1438 p. ANTUNES, P. B. Federalismo e competências ambientais no Brasil. 2ª ed. São Paulo - SP: Atlas, 2015. 234 p. FIORILLO, C. A. P. Curso de direito ambiental brasileiro. 16 ed. rev. e atualizada São Paulo - SP: Editora Saraiva, 2015. 1035 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ANTUNES, P. B. Política Nacional do Meio Ambiente – PNMA: comentários à Lei nº. 6,938, de 31 de agosto de 1981. Rio de Janeiro: Editora Lumen Júris. 2005. 229 p.

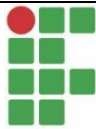
AVZARADEL, PEDRO CURVELLO SAAVEDRA. Novo Código Florestal: enchentes e crise hídrica no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. v. 1. 325p.

BENSUSAN, N. Conservação da Biodiversidade em Áreas Protegidas. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. 176p.

BURSZTYN, M. A. A. Gestão ambiental: instrumentos e práticas. Brasília: IBAMA. 175p. 1994.

LIMA, A. Zoneamento ecológico-econômico: à luz dos direitos socioambientais. Curitiba: Juruá. 2006. 288 p.

RIBEIRO, W. C. A ordem ambiental internacional. São Paulo: Contexto Editora. 2006. 176 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão IV			6º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	17	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Planejamento, execução e avaliação de atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i> , no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p. MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p. SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extensao-fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf> Acesso:24/03/2023.

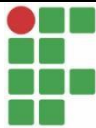
FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso:24/03/2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em: <https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extensao_com_anexo.pdf> Acesso:24/03/2023.

18.7 Sétimo Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Patologia Florestal			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Doenças florestais de causas não-parasitárias. Agentes causais de doenças florestais parasitárias. Princípios de micologia para reconhecimento dos principais gêneros de fungos patógenos florestais. Sintomatologia das doenças florestais. Etiologia. Epifitologia. Princípios de controle de doenças. Controle de doenças com fungicidas e nematicidas. Resistência de plantas no controle de enfermidades. Doenças nas fases de viveiro e campo de espécies de interesse para a região amazônica brasileira.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALFENAS, A. C. et al. Clonagem e doenças do eucalipto. 2. ed. Viçosa - MG: Editora UFV, 2009. 500 p.					
BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. Manual de Fitopatologia. v 1. São Paulo: Agronômica Ceres, 4 ed. 2011. 704p.					
BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. Manual de Fitopatologia. v 2. São Paulo: Agronômica Ceres, 4 ed. 2005. 663p.					

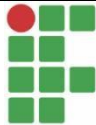
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BLUM, L. E. B.; CARES, J. E; UESUGI, C. H. Fitopatologia e estudo das doenças de Plantas. 1 ed. Brasília: Editora Otimismo, 2006. 265p.

DIANESE, J.C. Patologia Vegetal: Agressão e defesa em sistemas planta/patógeno. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.139p.

FURTADO, E. L.; DIAS, D. C.; OHTO, C. T.; ROSA, D. D. Doenças do Eucalipto no Brasil. 1 ed. Botucatu: FCA/UNESP, 2009. 74p.

LORDELLO, L. G. E. Nematoides das plantas cultivadas. São Paulo: Editora Nobel. 1980. 314 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Industrialização de Produtos Florestais			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Generalidades sobre industrialização. Lenha e carvão. Moirões. Dormentes. Postes. Laminados. Vigas laminadas, Chapas sarrafeadas. Compensados. Painéis. Aglomerados. Chapas de composição. Painéis de madeira. Adesivos para madeira. Controle de qualidade dos produtos industrializados. Aproveitamento de resíduos de origem florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALVIM, R. C. Projeto de estruturas de madeira: peças compostas comprimidas. São Paulo - SP: Blucher Acadêmico, 2009. 223 p. JANKOWSKY, I. P; GALVÃO, A. P. M. Secagem racional da madeira, São Paulo: Nobel, 1985. 111p. MORAES, A. B.; SOUZA, A. A. Desdobramento de toras. Brasília: Editora SENAR, 2004. 64 p. VITAL, B. R. Planejamento e Operação de Serrarias. Viçosa: UFV, 2008. 211 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

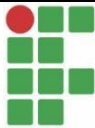
DELEPINASSE, B.M.; BONSE, R. Diagnóstico da comercialização de produtos florestais. Brasília: MMA, 2002. 205p.

FONTES, P. J. P.; QUIRINO, W. F.; OKINO, E. Y. A. Aspectos técnicos da briquetagem do carvão vegetal no Brasil. Brasília: IBAMA-LPF, 1989. 14p.

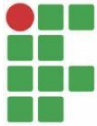
GALVÃO, A. P. M.; MAGALHÃES, W. L. E.; MATTOS, P. P. Processos práticos para preservar madeira. Colombo. Embrapa-florestas, 2004. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/310319/1/doc96.pdf>> Acesso: 23/03/2023.

MORESCHI, J.C. APOSTILA DE BIODEGRADAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MADEIRA 4ª edição: abril / 2.013 Departamento de Engenharia e Tecnologia Florestal da UFPR. Disponível em: <<http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasmoreschi/METODOS%20DE%20TRATAMENTO.pdf>> Acesso: 23/03/2023.

SILVA, J. T. Tecnologia aplicadas ao setor madeireiro. Jerônimo Monteiro: UFES, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Economia Florestal			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Cadeias produtivas do setor florestal. Preço e valor. Fluxo de caixa de uma empresa. Custos na empresa florestal. Regime de juros simples e composto. Taxa equivalente de juros. Séries de pagamento/investimento. Métodos de avaliação econômica de projetos florestais. Rotação econômica de povoamentos florestais. Sistemas de amortização. Métodos de valoração econômica de bens florestais e ambientais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CARVALHO, L. C. S.; ELIA, B. S.; DECOTELLI, C. A. Matemática Financeira Aplicada. Ed. FGV, 2009, 160p.					
REZENDE, J. L. P.; OLIVEIRA, A. D. Análise Econômica e Social de Projetos Florestais. 3					
SILVA, M. L.; JACOVINE, L. A. G.; VALVERDE, S. R. Economia florestal. 2 ed. Viçosa - MG: UFV, 2012. 176 p. ed. UFV, 2013, 385p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BELLIA, V. Introdução à economia do meio ambiente. Brasília: MMA/IBAMA, 1996. 262p.
 DAMODAR, N. G. Econometria Básica. Ed. Pearson, 2000, 846p.
 GRAÇA, L. R.; RODIGHERI, H. R.; CONTO, A. J. Custos florestais de produção: conceituação e aplicação. (Documentos, 50). Embrapa Florestas, 2000. 32p.
 MATTOS, K. M. C. Valoração Econômica do Meio Ambiente: Uma Abordagem Teórica e Prática. Ed. Rima, 2004, 148p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo de Bacias Hidrográficas			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Conceitos básicos de bacias hidrográficas. Delimitação de bacias hidrográficas. A bacia hidrográfica como unidade de planejamento e gestão ambiental. Análise morfométrica em bacias hidrográficas. Dinâmica fluvial. A floresta e o ciclo hidrológico. Dinâmica da água em solos florestados. Proteção de nascentes. Importância e função das matas ciliares. Efeito do reflorestamento, desflorestamento e da exploração florestal sobre os recursos hídricos. Controle e produção de água em bacias hidrográficas florestadas. Floresta e qualidade da água. Uso racional dos recursos da bacia hidrográfica. Fases do manejo da bacia hidrográfica. Política e legislação para manejo dos recursos da bacia hidrográfica.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BRASIL. São Francisco sustentável: perguntas e respostas sobre os projetos do governo federal para revitalização da bacia do rio São Francisco e sua integração com as bacias dos rios intermitentes do semi-árido do nordeste setentrional, Ministério da Integração Nacional, 2008. 50p.</p> <p>GUERRA, A. T.; DA SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações. 10 ed. Bertrand Brasil, 2015. 315p.</p> <p>VALENTE, O. F; GOMES, M. A. Conservação de nascentes: produção de água em pequenas bacias hidrográficas. Aprenda Fácil, Minas Gerais, 2011.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BOTELHO, R. G. M. e SILVA, A. S. da. Bacia hidrográfica e qualidade ambiental. In: VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. (org). Reflexões sobre a geografia física no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.p. 153 – 192.

BRASIL. LEI Nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos.

FELICIDADE, N.; MARTINS, R.C.; LEME, A.A. Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil. São Carlos: RIMA, 2001. 238p.

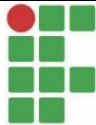
GARCEZ, L.N.; ALVAREZ, G.A. Hidrologia. (2ª ed.). São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1988. 291p. 46

LANNA, A.E.L. Gerenciamento de bacia hidrográfica: aspectos conceituais e metodológicos. Brasília: IBAMA, 1995. 171p.

LIMA, W.P.; ZAKIA, M.J.B. As florestas plantadas e a água: Implementando o conceito da microbacia hidrográfica como unidade de planejamento. São Carlos: Rima. 2006. 226p.

PAIVA, J. B. D., PAIVA, E. M. C. D. (Org.). Hidrologia Aplicada a Gestão de Pequenas Bacias Hidrográficas. Porto Alegre: ABRH, 2001.

ROSS, J. e PRETTE, M. Recursos hídricos e bacias hidrográficas: âncoras do planejamento e gestão ambiental. Revista do Departamento de Geografia da FFLCH – USP, nº 12, 1998. p. 89 – 121.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Sistemas Agroflorestais			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Os sistemas agroflorestais (SAFs) e a conjuntura econômica, social, ambiental e política. Classificação e terminologia aplicada aos SAFs. Vantagens e desvantagens dos SAFs: fatores econômicos, sociais e ambientais. Modelos de SAFs. Arranjo espacial. Escolha de espécies para os sistemas agroflorestais. Implantação e manejo do componente arbóreo. Culturas agrícolas, pastagem e componente animal. Avaliação técnica e econômica de SAFs. Integração LavouraPecuária-Floresta (iLPF): aspectos gerais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ANDRADE, C.M.S. de, SALMAN, A.K.D., OLIVEIRA, T.K. Guia arbopasto: manual de identificação e seleção de espécies arbóreas para sistemas silvipastoris. Brasília: Embrapa, 2012. BUNGENSTAB, J. D. (org.). Sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta: a produção sustentável, 2 ed. Brasília: Embrapa, 2012. OLIVEIRA NETO, S.N. de; VALE, A. B. do; NACIF, A. de P; VILAR, M. B; ASSIS, J. B. Sistema agrossilvipastoril – integração lavoura, pecuária e floresta. Viçosa: SIF, 2010.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ABDO, M.T.V.N., VALERI, S.V., MARTINS, A.L.M. Sistemas Agroflorestais e Agricultura Familiar: uma parceria interessante. Tecnologia & Inovação Agropecuária (Online), v. 1, p. 5059, 2008.

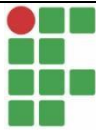
GALVÃO, A.P.M. (org.). Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais: um guia para ações municipais e regionais. Brasília: Embrapa – CNPF, 2000.

DUBOIS, J.C.L., VIANA, V.M. e ANDERSON, A.B. Manual agroflorestal para a Amazônia.

REBRAF. 2 ed. vol. 1. Rio de Janeiro. 1996. 228p.

Lei nº 12.805 de 29 de abril de 2013. Institui a política nacional de integração lavoura-pecuária-floresta e altera a lei nº 8.171 de janeiro de 1991. Presidência da república.

SILVA, V.P. da S. Arborização de pastagens: procedimentos para introdução de árvores em pastagens convencionais. Comunicado Técnico nº 155. Colombo: Embrapa. 2006.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo de Florestas Plantadas			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Elementos do manejo florestal; Classificação da capacidade produtiva; Modelagem do crescimento e da produção; Idade técnica e econômica de desbastes e colheita florestal; Sortimento dos multiprodutos florestais; Regulação florestal.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CAMPOS, J. C. C; LEITE, H. G. Mensuração florestal: perguntas e respostas. 4. ed. Viçosa-MG: Editora UFV, 2013. 605 p.					
HIGMAN, S. et al. Manual do manejo florestal sustentável. 2 ed. Viçosa: Ed. UFV, 2015.					
SILVA, J. N. M. Manejo Florestal. Brasília, EMBRAPA, 1996. 46p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BARUSSO, A. P. A. determinação de funções de crescimento mediante análise de tronco. 1977. 122 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR.

BEZERRA, A.F. Modelagem do crescimento e da produção de povoamentos de *Tectona grandis* submetidos a desbaste. 2009. 73p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

IMANÃ ENCINAS, J.; SILVA, G. F; PINTO, J. R. R. Idade e crescimento das árvores. Comunicações técnicas florestais, Brasília, UNB, Departamento de Engenharia Florestal, v.7, n.1, 2005. ISSN 1517-1922. 43p.

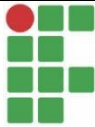
SCHNEIDER, P. R.; SCHNEIDER, P. S. P. Introdução ao Manejo Florestal. 2. Ed. – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2008. 566p.

SCHNEIDER, P. R.; SCHNEIDER, P. S. P.; SOUZA, C. A. M. Análise de regressão aplicada à engenharia florestal. 2 ed. rev. e ampl. - Santa Maria: FACOS, 2009. 294p.

SCOLFORO, J.R.S. Biometria florestal: modelagem do crescimento e da produção de florestas plantadas e nativas. Lavras. UFLA/FAEPE. 1998. 441p.

SCOLFORO, J.R.S. Manejo Florestal. Lavras. UFLA/FAEPE. 1998. 438 p.

TAKIZAWA, F.H.; MEDEIROS, R.A.; LEITE, H.G.; BORÉM, A. (Eds). Teca: do plantio à colheita. Viçosa: Ed. UFV., 2022. 344p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão V			7º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	17	51	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Planejamento, execução e avaliação de atividade ou atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i> , no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p.					
MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p.					
SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extendao-fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf> Acesso:24/03/2023.

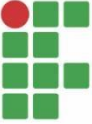
FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso:24/03/2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: <https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extendao.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso:24/03/2023.

Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em: <https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extendao_com_anexo.pdf> Acesso:24/03/2023.

18.8 Oitavo Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Estruturas de Madeira			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
51	17	51	17	-	68
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Características mecânicas da madeira. Princípios da Estática. Equilíbrio de um corpo rígido. Apoios. Reações de apoio. Esforços solicitantes em vigas simples. Diagramas de esforços solicitantes. Teoria de treliças planas. Esforços solicitantes em treliças planas. Normas brasileiras sobre construções com madeira. Padrão comercial de materiais construtivos de madeira. Carregamento em estruturas de madeira. Características geométricas de seções planas simples. Dimensionamento de peças estruturais de madeira. Ligações estruturais entre peças de madeira. Detalhamento estrutural de coberturas, pontes e torres de madeira.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

BORGES, A. C. Prática das pequenas construções, volume I. 9.ed. rev. e ampliada São Paulo - SP: Edgard Blucher, 2010. 397 p.

BORGES, A. C.; SIMÃO NETO, J; COSTA FILHO, W. Prática das pequenas construções, volume II. 6ed. rev. e ampliada São Paulo - SP: Edgard Blucher, 2010. 140 p.

BOTELHO, M. H. C. Resistência dos materiais: para entender e gostar. 4.ed. rev. e ampliada São Paulo - SP: Blucher, 2017. 264 p.

HIBBELER, R. C. Resistência dos Materiais. 7 ed. Editora Pearson, 2010, 656p.

PFEIL, W.; PFEIL, M. Estruturas de madeira, 6 Ed. Rio de Janeiro: LTG, 2003. 224p

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABNT NBR 7190:1997 Projeto de estruturas de madeira. ABNT, 1997, 107p.

AMARAL, O. C. Curso Básico de Resistência dos Materiais. 2012, 519p.

BAUD, G. Manual de Pequenas Construções. Ed. Hemus, 2002, 477p.

BEER, F. P.; JOHNSTON JUNIOR, E. R. Resistência dos Materiais. Ed. Pearson, 1996, 1280p.

CALIL JÚNIOR, C.; LAHR, F. A. R.; DIAS, A. A. Dimensionamento de elementos estruturais da madeira. Barueri: Manole, 2003. 152p.

DI BLASI, C. G. Resistência dos Materiais. Ed. Freitas Bastos. 1990.

HIBBELER, R. C. Estática. Mecânica para Engenharia. Ed. Pearson, 2011, 512p

PEREIRA, M. F. Construções rurais. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1986. 330p.

SORIANO, H. L. Estática das Estruturas. Ed. Ciência Moderna, 2013, 440p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Produtos Florestais Não Madeireiros			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
O potencial de produção de produtos não madeireiros da Amazônia, Cerrado e Pantanal. Produtos não madeireiros: folhas, cascas, raízes, frutos e sementes. Resina e óleos essenciais. Artesanato. Produtos não madeireiros de organismos associados com as florestas. Serviços Ambientais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
HERTWIG, I. F. V. Plantas aromáticas e medicinais. São Paulo - SP: Coni, 1986. 450 p. LORENZI, H. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v 1. 2 ed. Nova Odessa: Plantarum, 1998. 368 p. LORENZI, H. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v 2. 3 ed. Nova Odessa: Plantarum, 2009. 364 p. SILVA JÚNIOR, M. C. 100 árvores do cerrado—sentido restrito: guia de campo. Brasília, Rede de Sementes do Cerrado, 2012. 312p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BALZON, D. R.; SILVA, J. C. G. L.; SANTOS, A. J. Aspectos mercadológicos de produtos florestais não madeireiros: análise retrospectiva. *Floresta*, Curitiba, v.34, n.3, p.363-371, 2004.

BRAZ, E. M.; ORFANÓ, E.; MIRANDA, E. M.; OLIVEIRA, L. C.; SOUZA, J. M.; ARAÚJO, L. Manejo dos produtos florestais não madeireiros da Floresta Estadual do Antimary: a busca de um modelo. In: Congresso Ibero-Americano de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos Florestais, II, Anais... Curitiba: FUPEF/UFPR, 2002.

CARVALHO, P. R. F. Espécies Arbóreas Brasileiras. v 1. Colombo: EMBRAPA Florestas, 2003. 1039 p.

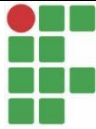
CARVALHO, P. R. F. Espécies Arbóreas Brasileiras. v 2. Colombo: EMBRAPA Florestas, 2006. 627 p.

CARVALHO, P. R. F. Espécies Arbóreas Brasileiras. v 3. Colombo: EMBRAPA Florestas, 2008. 593 p.

FIGUEIREDO, E. O.; BRAZ, E. M.; OLIVEIRA, M. V. N. Manejo de precisão em florestas tropicais: modelo digital de exploração florestal. Rio Branco: Embrapa. 2007.183p.

HOMES, T. P.; BLATE, G. M.; ZWEEDE, J. C.; PEREIRA JUNIOR, R.; BARRETO, P.; BOLTZ, F. Custos e benefícios financeiros da exploração florestal de impacto reduzido em comparação à exploração florestal convencional na Amazônia Oriental. Belém: Fundação Floresta Tropical, 2002. 69p.

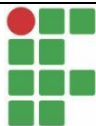
IBAMA. Roteiros metodológicos: plano de manejo de uso múltiplo das reservas extrativistas federais. Brasília: IBAMA, 2004. 157p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Colheita e Transporte Florestal			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conceitos fundamentais de colheita, exploração e transporte florestal. Sistemas de colheita utilizados em florestas nativas e plantadas. Técnicas de corte com motosserras. Equipamentos Florestais. Mecanização Florestal. Planejamento da colheita florestal. Exploração de impacto reduzido. Controle de produção e custos de colheita. Controle de qualidade na colheita. Transporte florestal: principais métodos. Transportes com caminhões. Comparação entre os diversos tipos de caminhões. Desempenho e planejamento do transporte florestal. Carregamento e descarregamento florestal. Noções de ergonomia e segurança no trabalho. Estradas Florestais: Classificação, finalidades e modelos. Planejamento, instalação e conservação de estradas florestais: principais conceitos. Impactos ambientais das estradas florestais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

MACHADO, C. C. Colheita florestal. 2 ed. Viçosa: Editora UFV, 2008. 501p.
 MACHADO, C. C. Colheita florestal. 3 ed. atual. e amp. Viçosa: Editora UFV, 2014.
 MACHADO, C.C. et. al. Transporte rodoviário florestal. 2 ed. Viçosa - MG: UFV, 2011. 217 p.
 ROBERT, R. C. G. Guia prático de operações florestais na colheita de madeira. Curitiba/PR. Ed. do Autor, 2012. 112p.

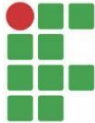
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURLA, E.R. Mecanização de atividades silviculturais em relevo ondulado. Belo Oriente/MG. Ed. CENIBRA, 2001. 144p.
 LAMPARELLI, R.A.C.; ROCHA, J.V.; BORGHI, E. Geoprocessamento e agricultura de precisão: fundamentos e aplicações. Guaíba: Agropecuária, 2001. ISBN: 8585347775.
 MACHADO, C. C. Construção e conservação de estradas rurais e florestais. Viçosa/MG. Ed. SIF, 2013. 441p.
 MORAES, A. B.; SOUZA, A. A. Operação de motosserras. 2º ed. Brasília/DF. SENAR, 2009. 114p.
 REZENDE, J. L. P.; FIEDLER, N. C.; MELLO, O. M. T.; SOUZA, A. P. Análise técnica e de custos de métodos de colheita e transporte florestal. Lavras: UFLA, 1997. 50 p.
 SEIXAS, F. Mecanização e exploração florestal. Notas de aula. Piracicaba, LCF-ESALQ, 1998.


 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Arborização e Paisagismo			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
História e evolução dos estilos de jardins. Introdução ao estudo do paisagismo. Critérios para escolha das espécies vegetais de finalidade ornamental. Propagação e produção de plantas ornamentais. Espécies ornamentais de valor econômico e principais espécies ornamentais utilizadas no Brasil. Arborização e paisagismo na escala urbana. Manutenção de áreas verdes. Ocupação de espaços livres. Projetos paisagísticos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ABUUD, B. Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 208 p. BARBOSA, A. C. S. Paisagismo, jardinagem e plantas ornamentais. São Paulo: Iglu, 2000. 231p. GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. Implantação da Arborização Urbana. Ed. UFV, 2013. 53p. PALAZZO JÚNIOR, J. T; BOTH, M. C. A natureza no jardim: um guia prático de jardinagem ecológica e recuperação de áreas degradadas. 1 ed. Porto Alegre - RS: Sagra, 1989. 141 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					


FILHO, J. A. L.; PAIVA H. N.; GONÇALVES, W. Paisagismo Princípios Básicos. Ed. Aprenda Fácil. 2000.
 FILHO, J. A. L.; Paisagismo Elaboração de Projetos de Jardins. Ed. Aprenda Fácil. 2003.
 PAIVA, P. D. O. Implantação e Manutenção de Jardins. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 88p.
 PAIVA, P. D. O. Plantas Ornamentais: Classificação e Usos em Paisagismo. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 121p.
 PRADO, N.J.S.; PAIVA, P.D.O. Arborização Urbana. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 43p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Recuperação de Áreas Degradadas			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Introdução à recuperação de áreas degradadas (RAD). Histórico. Definições: área degradada, área perturbada, recuperação, reabilitação e restauração ecológica. Fatores regionais de degradação e efeitos da degradação. A função da vegetação na proteção do solo. Características do solo de áreas degradadas. Sucessão ecológica no processo de recuperação. A ação da vegetação no processo de recuperação da qualidade do solo. Atuação da fauna na restauração. Técnicas e modelos de restauração. Fitorremediação. SAFs na recuperação de áreas degradadas. Restauração ecológica de remanescentes florestais. Revegetação de taludes. Controle de processos erosivos. Indicadores e monitoramento da recuperação. Custos. Educação ambiental. PRAD. Cadastro ambiental rural. Legislação aplicada.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>CORRÊA, R. S. Recuperação de áreas degradadas pela mineração no cerrado: manual para revegetação. 2 ed. Brasília - DF: Universa, 2009. 174 p. MARTINS, S. V. Recuperação de áreas degradadas: ações em áreas de preservação permanente, voçorocas, taludes rodoviários e de mineração. 3. ed. Viçosa - MG: Aprenda Fácil, 2013. 281 p. MARTINS, S. V. Ecologia de Florestas Tropicais do Brasil. Viçosa- MG: Editora UFV, 2009. 261 p. RODRIGUES, R. R.; BRANCALION, P. H. S. Pacto pela restauração da mata atlântica: referencial dos conceitos e ações de restauração florestal. São Paulo: LARF. ESALQ, 2009. 264p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>KAGEYAMA, P. Y.; OLIVEIRA, R. E.; MORAES, L. F. D. de; ENGEL, V. L.; GANDARA, F. B. Restauração ecológica de ecossistemas naturais. Botucatu: FEPAF, 2003. 340p. MARTINS, S. V. Restauração ecológica de ecossistemas degradados. Viçosa: Ed. UFV, 2012. 293p. RIBEIRO, J. F. Cerrado: matas de galeria. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 164p. RODRIGUES, E. Ecologia da Restauração. Londrina: Ed. Planta, 2013. 300p.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Práticas de Extensão VI			8º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
-	-	34	-	34	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Planejamento, execução e avaliação de atividade ou atividades de extensão previstas em Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Prestação de Serviço de Extensão registrados no <i>campus</i> , no âmbito da disciplina de Práticas de Extensão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALMEIDA, J. E. Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989. 182p. MELLO, C. M. Curricularização da extensão universitária. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 2021. 103p. SERVA, F. M. A extensão universitária e sua curricularização. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 200p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CONIF. Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: < https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extensao--fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf > Acesso:24/03/2023. FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012. Disponível em: < https://proex.ufsc.br/files/2016/04/PoI%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3oUniversit%C3%A1ria-e-book.pdf > Acesso:24/03/2023. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Disponível em: < https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf > Acesso:24/03/2023. Resolução CNE/MEC n. 07 de 18/12/2018. Disponível em: < https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf > Acesso:24/03/2023. Resolução CONSEPE/IFMT n. 021 DE 20/04/2021. Disponível em:< https://ifmt.edu.br/media/filer_public/f2/e9/f2e9f18d-c106-48e0-92d5224f90d6a30d/resolucao_21-2021_-_recomendar_a_aprovacao_do_regulamento_para_a_curricularizacao_da_extensao_com_anexo.pdf > Acesso:24/03/2023.					

18.9 Nono Semestre

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal				
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Administração e Planejamento Florestal			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A definição da Empresa Florestal, seus objetivos e sua constituição. Introdução às filosofias administrativas: Fordismo, Taylorismo, o Método Deming, o Método 5S, o Ciclo PDCA e outras. Noções sobre a legislação trabalhista. Segurança no trabalho. Planejamento da empresa florestal. Estrutura e organização nas empresas. Gestão de aquisição, produção e comercialização de produtos florestais. Controle de qualidade. Administração pública do setor florestal e ambiental.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ANTUNES, L.M.; ENGEL, A. Manual de Administração Rural. Ed. Agropecuária, 1999, 196p. CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração. 7. ed. Rio de Janeiro - RJ: Elsevier, 2004. 662. FERREIRA, A. A.; REIS, A. C. F.; PEREIRA, M. I. Gestão Empresarial: de Taylor aos Nossos Dias. Ed. Pioneira, 1997, 256p. TRINDADE, C.; REZENDE, J. L. P.; JACOVINE, L. A. G.; SARTÓRIO, M. L. Ferramentas de Qualidade. Aplicação na Atividade Florestal. Ed. UFV, 2007, 158p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. Administração do Capital de Giro. Ed. Atlas, 1997, 200p. CHAMPY, J. Reengenharia da Gerência. O Mandato da Nova Liderança. Ed. Campus, 1995, 219p. GALBRAITH, J. R.; LAWLER III, E. E. Organizando para Competir no Futuro. Estratégia para Gerenciar o Futuro das Organizações. Ed. Makron Books, 1995, 287p. KUME, H. Métodos Estatísticos para Melhoria da Qualidade. Ed. Gente, 1993, 245p. SECURATO, J. R. Decisões Financeiras em Condições de Risco. Ed. Atlas, 1996, 244p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal				
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo de Florestas Nativas			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
51	17	51	17	-	68
DESCRIÇÃO/EMENTA					

Introdução ao manejo florestal sustentável: histórico, objetivos, benefícios e limitações. Usos múltiplos de produtos madeireiros e não madeireiro dos ecossistemas florestais. Estrutura, dinâmica e florística de florestas nativas. Crescimento, produção e prognose em florestas nativas. Ciclo de corte e regulação florestal. Manejo florestal de impacto reduzido. Plano de Manejo Florestal Sustentável; Plano de Operação Anual. Sistemas de manejo florestal. Certificação de Florestas Nativas. Legislação aplicada ao manejo florestal

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. Mensuração Florestal: perguntas e respostas. Viçosa: Editora UFV 5ª edição, 2013. 605 p.

NARDELLI, A. M. B. (Tradutora). Manual do Manejo Florestal Sustentável. Viçosa: Editora UFV, 2015. 398 p.

SOUZA, A. L. de; SOARES, C. P. B. Florestas Nativas: estrutura, dinâmica e manejo. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2013. 322p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

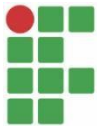
AMARAL, P. et al. Floresta para sempre: manual para produção de madeira na Amazônia. Belém: IMAZON, 1998. 137p.

POKORNY, B. et al. Diretrizes técnicas de manejo para produção madeireira mecanizada em florestas de terra firme. Brasília-DF, Embrapa Informação Tecnológica, 2009. 217 p.

SCHNEIDER, P. R.; SCHNEIDER, P. S. P. Introdução ao Manejo Florestal. 2. Ed. – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2008. 566p.

SCOLFORO, J.R.S. Biometria florestal: modelagem do crescimento e da produção de florestas plantadas e nativas. Lavras. UFLA/FAEPE. 1998. 441p.

SCOLFORO, J.R.S. Manejo Florestal. Lavras. UFLA/FAEPE. 1998. 438 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo de Unidades de Conservação			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Definições de Termos e Siglas relacionadas a Unidades de Conservação. Objetivos e importância das unidades de conservação. Tipos de Unidades de Conservação no Brasil. Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Planejamento e gestão das Unidades de Conservação. Planos de manejo em Unidades de Conservação. Programas de proteção e interpretação ambiental nas Unidades de Conservação.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; Decreto nº 5.746, de 5 de abril de 2006. Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas: Decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006 / Ministério do Meio Ambiente. – Brasília:

MMA/SBF, 2011. 76 p. Disponível em:

<<https://sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/511/Documentos/SNUC.pdf>>

Acesso:24/03/2023.

BRASIL. Ana Rafaela D'Amico. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio (org.). Roteiro metodológico para elaboração e revisão de planos de manejo das unidades de conservação federais. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade: ICMBio, 2018. 208 p. Disponível em:

<[https://www.gov.br/icmbio/ptbr/centrais-](https://www.gov.br/icmbio/ptbr/centrais-deconteudo/publicacoes/roteiros/roteiro_metodologico_elaboracao_revisao_plano_manejo_ucs.p df)

[deconteudo/publicacoes/roteiros/roteiro_metodologico_elaboracao_revisao_plano_manejo_ucs.p df](https://www.gov.br/icmbio/ptbr/centrais-deconteudo/publicacoes/roteiros/roteiro_metodologico_elaboracao_revisao_plano_manejo_ucs.p df)> Acesso:24/03/2023.

IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA/MINISTÉRIO DO MEIO

AMBIENTE. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p. Disponível em:

<http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3507/Livro_Identidadesda-educac%c3%a7%c3%a3o-ambiental-brasileira_MMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Acesso:24/03/2023.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Rodrigo Medeiros. Ministério do Meio Ambiente - Mma (org.). Dez anos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: lições do passado, realizações presentes e perspectivas para o futuro. Brasília: MMA - Ministério do Meio Ambiente, 2011. 220 p.

Disponível

em:

<<https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&mode=single&page=1048>>

Acesso:24/03/2023.

COSTA, P. C. Unidades de conservação: matéria-prima do ecoturismo. São Paulo: ALEPH, 2002. 163 p.

GRANDES REGIÕES NATURAIS: AS ÚLTIMAS ÁREAS SILVESTRES DA TERRA.

Conservation International. 31 p. Disponível em:

<https://www.conservation.org/docs/defaultsource/brasil/capa_grandes_regioes.pdf?sfvrsn=3bd6030f_2> Acesso:24/03/2023.

MORSELLO, C. Áreas protegidas públicas e privadas: seleção e manejo. São Paulo: Anna

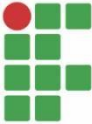
Blume/FAPESP –SP, 2001. 344p.

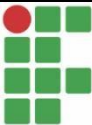
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI N. 9.985 DE 18 DE JULHO DE 2000. SNUC.

SEUC – LEI ESTADUAL Nº 9.502, DE 14 DE JANEIRO DE 2011.

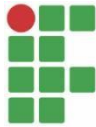
SILVA, L. L. Ecologia: manejo de áreas silvestres. Santa Maria: MMA/ FNMA/FATEC, 1996.

301 p. www.ibama.gov.br/unidades/ [IBAMA: Base, princípios] e diretrizes. Diretoria de Unidades de Conservação e Vida Silvestre. 1997. 27 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo e Conservação da Fauna Silvestre			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Importância e conceitos em manejo de fauna silvestre. População e ambiente. Classificação de vertebrados silvestres. Espécies brasileiras ameaçadas de extinção. Levantamentos faunísticos. Estudo de populações de animais silvestres. Marcação de animais silvestres. Técnicas de conservação e exposição de animais silvestres. Técnicas de manejo de fauna silvestre do pantanal, cerrado e amazônica.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DEUTSCH, L. A.; PUGLIA, L. R. R. Os animais silvestres: proteção, doenças e manejo. Rio de Janeiro - RJ: Globo, 1988. 192 p. FIORILLO, C. A. P. Curso de direito ambiental brasileiro. 16 ed. São Paulo: Saraiva, 2015. 1035 p. PAGLIA, A. P.; DRUMMOND, G. M.; MACHADO, A. B. M. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção: volume I e volume II. Brasília: MMA, 2010. 509 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AURICCHIO, P. Primatas do Brasil. São Paulo: Terra Brasília, 1995. 168 p. CARDOSO, J. L. C. Animais peçonhentos no Brasil: biologia clínica e terapêutica dos acidentes. São Paulo: SARVIER, 2003. 468 p. OLIVEIRA, T. G. Neotropical cats: ecology and conservation. São Luís: EDUFMA, 1994. 220 p. PAIVA, M. P. Conservação da fauna brasileira. Rio de Janeiro: Interciência, 1999. 260 p. VALLADARES-PADUA, C.; RUDRAN, R.; CULLEN JR., L. Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre. Curitiba: UFPR, 2006. 651 p. VIEIRA, J. L. Código florestal: Lei nº 4771/65; Proteção à fauna: Lei nº 5197/67; Pesca: Decreto-Lei nº 221/67; Meio ambiente: Lei nº 9605/98 e Legislação complementar. 4 ed. Bauru: EDIPRO, 1999.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Legislação e Ética Profissional			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	34	-	-	34

DESCRIÇÃO/EMENTA
Ética geral e ética profissional. Conceitos e sua inserção na Engenharia Florestal. Sociedade e ética. Ética profissional. Código de ética profissional do engenheiro florestal. Legislação profissional. Regulamentação da atividade profissional. Prerrogativas profissionais. Sistema CREA/CONFEA. Registro Profissional.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
Código de Ética do Profissional da Engenharia Florestal. SBEF. Disponível em: < https://engenhariaflorestal.jatai.ufg.br/up/284/o/CodigoEtica.pdf > Acesso:23/03/2023. CONFEA. Resolução 1073 de 19 de abril de 2016. Regulamenta a atribuição de títulos, atividades, competências e campos de atuação profissionais aos profissionais registrados no Sistema CONFEA/CREA para efeito de fiscalização do exercício profissional no âmbito da Engenharia e da Agronomia e CONFEA. Resolução 218 de 29 de junho de 1973. Discrimina atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia. SÁ, A. L. Ética Profissional. 9.ed. rev. e ampliada São Paulo - SP: Atlas, 2012. 324 p. NALINI, J.R. Ética geral e profissional. 9 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012. NALINI, J. R. Ética Ambiental. 3 ed. Campinas - SP: Millennium, 2010. 470 p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
CONFEA. Resolução nº 473 de 26 de novembro de 2002. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal. Resolução CNE/CES nº 3, de 02 de fevereiro de 2006.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Trabalho de Conclusão de Curso			9º		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
17	17	-	34	-	34
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Orientação metodológica para a elaboração e redação do trabalho de conclusão de curso (TCC). Normas da ABNT. Apresentação do TCC.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 174 p. EMEDIATO, W. A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura - Técnicas inéditas de redação para alunos de Graduação e Ensino médio. 4 ed. São Paulo - SP: Geração Editorial, 2008. 295 p. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. rev. e atualizada São Paulo: Cortez, 2016. 320 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT – NBR 14724: 2011. 11 p. Acesso a coleção da ABNT de forma virtual, fornecido pelo IFMT.

FURASTÉ, P. A. Normas técnicas para o trabalho científico: Normas da ABNT e normas Vancouver. 18 ed. atual. e ampl. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2016.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RUIZ, J. Á. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 180 p.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução de Pesquisa - Amostragens e Técnicas de Pesquisa - Elaboração, Análise e Interpretação de Dados. 8 Edição. São Paulo: Atlas, 2017.

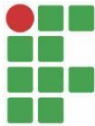
OLIVEIRA, J. L. Texto acadêmico: Técnicas de redação e de pesquisa científica. São Paulo: Vozes, 2014.

18.10 Estágio obrigatório

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal	
IDENTIFICAÇÃO			
Estágio Obrigatório		SEMESTRE*	CARGA HORÁRIA
		10º	160 h
DESCRIÇÃO			
<p>Realização de uma pesquisa ou estudo de caso, acompanhamento, participação e execução de atividades planejadas em uma propriedade, empresa, cooperativa, sindicato, organização não governamental, entre outras, e que tenham relação com os conteúdos abordados em disciplinas do curso de engenharia florestal, que possibilite individualmente ao aluno: i) a sistematização, aprofundamento e a aplicação de conceitos e de relações interdisciplinares adquiridos ao longo do curso; ii) a familiarização com procedimentos e técnicas da produção, iii) a aquisição da experiência profissional para o exercício da profissão de Engenharia Florestal e iii) o estabelecimento do diálogo entre a Ciência e a realidade socioeconômica, cultural e ambiental da região. O estágio, quando envolver entidade externa ao IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, será realizado num sistema de parceria institucional, mediante convênios e credenciamentos legais. Ao concluir o estágio obrigatório o discente deverá elaborar relatório final, e submetê-lo a uma banca examinadora de pelo menos, dois docentes do IFMT - Cáceres, presidida pelo professor orientador. Durante a condução da disciplina serão seguidas as normas estabelecidas pela Coordenação do Curso de Engenharia Florestal, previstas neste PPC.</p> <p>*O aluno poderá matricular-se no Estágio Obrigatório depois de Cursado e Aprovado 2.000 horas em disciplinas do curso.</p>			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
BASTOS, L. da R. et al. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 222p. BIANCHI, A. C. de M.; ALVARENGA, M.; BIANCHINI, R. Manual de orientação: estágio supervisionado. 3 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. 98p. LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos — apresentação. Rio de Janeiro, 2005. 9p.
 BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2009. 184p.
 GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas – São Paulo: Alínea, 2003.
 LIMA, M. C.; OLIVO, S. Estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso. 1 ed. São Paulo: Thomson, 2006. 334p.
 MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; TARDELLI, L. S. A. Resumo - leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos – 1. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2004. V. 1. 69p.
 MARTINS, G. A. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000. 134p.

18.11 Disciplinas Eletivas

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Cartografia e Geodésia Básica			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conceituação de Cartografia e Geodésia. Forma da Terra. Sistemas de coordenadas e de referência. Sistema Geodésico Brasileiro. Representação cartográfica. Projeções cartográficas (planas, cônicas e cilíndricas). Carta do mundo ao milionésimo. Reprodução de cartas. Sistema de projeção cartográfica Universal Transversa de Mercator. Operações principais com coordenadas UTM. Coordenadas geodésicas. Seções principais do elipsóide. Distâncias e ângulos elipsóidicos. Cálculo de posições geodésicas. Transporte das coordenadas no plano.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FITZ, P.R. Cartografia básica. 1 Edição. 2008. 141p. FITZ, P.R. Geoprocessamento sem complicação. 1 Edição. 2008. 160p BRASIL, Decreto nº 89.817 de 20 de junho de 1984. Normas Técnicas da Cartografia Nacional. Brasília, Diário Oficial da União, 1984. IBGE (1983): PR nº 22. Especificações e Normas Gerais para Levantamentos Geodésicos em Território brasileiro. Rio de Janeiro. MARTINELLI, Marcelo. Cartografia temática: caderno de mapas. São Paulo: EDUSP.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13133: Execução de Levantamento Topográfico. Rio de Janeiro, 2021.

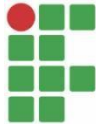
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 14.166: Rede de referência cadastral municipal - procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1998. 23p.

FLORENZANO, T. G. Imagem de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97p.

GOMES, E.; PESSOA, L. M. da C.; SILVA JÚNIOR, L. B. da. Medindo Imóveis Rurais com GPS. Editora LK, 1 ed., 2001. 136p. ISBN: 85-87890-02-5.

INCRA. Normas técnicas para georreferenciamento de imóveis rurais - NTGIR Brasília, DF: INCRA, 2013.

INCRA. Manual técnico de posicionamento: Georreferenciamento de Imóveis Rurais. 1. ed. Brasília: INCRA, 2013. Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, Coordenação Geral de Cartografia. 37p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Geoposicionamento			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução ao sistema GNSS. Erros inerente aos sistemas. Constelações GNSS. Tipos de Receptores GNSS. Referenciais Cartesianos. Métodos e medidas de posicionamento geodésico: Posicionamento Absoluto, Posicionamento relativo, RTK convencional, RTK em rede, Diferencial GPS (DGPS), Posicionamento por ponto preciso (PPP). Precisão nas medições com GNSS. Ajustamento de observações. Softwares utilizados no pós processamento. Planejamento e execução de operação GNSS.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FITZ, P.R. Cartografia básica. 1 Edição. 2008. 141p. FITZ, P.R. Geoprocessamento sem complicação. 1 Edição. 2008. 160p GOMES, E.; PESSOA, L. M. da C.; SILVA JÚNIOR, L. B. da. Medindo Imóveis Rurais com GPS. Editora LK, 1 ed., 2001. 136p. ISBN: 85-87890-02-5. CASACA, J.M.; MATOS, J.L.; DIAS, J.M.B. Topografia Geral. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13133: Execução de Levantamento Topográfico. Rio de Janeiro, 2021.

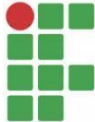
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 14.166: Rede de referência cadastral municipal - procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1998. 23p.

FLORENZANO, T. G. Imagem de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97p.

IBGE (1983): PR nº 22. Especificações e Normas Gerais para Levantamentos Geodésicos em Território Brasileiro. Rio de Janeiro.

INCRA. Normas técnicas para georreferenciamento de imóveis rurais - NTGIR Brasília, DF: INCRA, 2013.

INCRA. Manual técnico de posicionamento: Georreferenciamento de Imóveis Rurais. 1. ed. Brasília: INCRA, 2013. Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, Coordenação Geral de Cartografia. 37p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Georreferenciamento de Imóveis Rurais			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Legislação aplicada ao Georreferenciamento de Imóveis Rurais. Norma Técnica para georreferenciamento de imóveis rurais – INCRA. Manuais Técnicos de Posicionamento e de Limites e Confrontações – INCRA. Utilização do sistema GNSS no georreferenciamento. Topografia aplicada ao georreferenciamento. Marcos Homologados pelo IBGE. Sistema Geodésico Brasileiro. Estações de referência.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GOMES, E.; PESSOA, L. M. da C.; SILVA JÚNIOR, L. B. da. Medindo Imóveis Rurais com GPS. Editora LK, 1 ed., 2001. 136p. ISBN: 85-87890-02-5. INCRA. Manual técnico de limites e confrontações: Georreferenciamento de Imóveis Rurais. 1. ed. Brasília: INCRA, 2013. Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, Coordenação Geral de Cartografia. 27p. INCRA. Manual técnico de posicionamento: Georreferenciamento de Imóveis Rurais. 1. ed. Brasília: INCRA, 2013. Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, Coordenação Geral de Cartografia. 37p. INCRA. Norma técnica para georreferenciamento de imóveis rurais. 3. ed. Brasília: INCRA, 2013. Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, Coordenação Geral de Cartografia. 4p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13133: Execução de Levantamento Topográfico. Rio de Janeiro, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 14.166: Rede de referência cadastral municipal - procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1998. 23p.

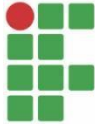
CASACA, J.M.; MATOS, J.L.; DIAS, J.M.B. Topografia Geral. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

FITZ, P.R. Cartografia básica. 1 Edição. 2008. 141p.

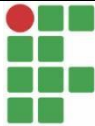
IBGE (1983): PR nº 22. Especificações e Normas Gerais para Levantamentos Geodésicos em Território Brasileiro. Rio de Janeiro.

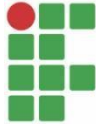
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Silvicultura de Precisão			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conceitos básicos em agricultura de precisão e silvicultura de precisão. Sistemas de posicionamento por satélites. Geoestatística aplicada. Sensoriamento remoto aplicado à silvicultura de precisão. Mapeamento de atributos do solo. Mapeamento de atributos das plantas. Mapeamento de produtividade. Sistemas de aplicação à taxa variável.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LAMPARELLI, R.A.C.; ROCHA, J.V.; BORGHI, E. Geoprocessamento e agricultura de precisão: fundamentos e aplicações. Guaíba: Agropecuária, 2001. ISBN: 8585347775. NOVO, E.M.L.M. Sensoriamento Remoto: Princípio e Aplicações. 4 ed. São Paulo: Blucher, 2010. YAMAMOTO, J. K.; LANDIM, P. M. B. Geoestatística: conceitos e aplicações. Editora Oficina de Textos. 1 ed. 2013, 215p. ISBN: 9788579750779.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
FITZ, P.R. Cartografia básica. 1 Edição. 2008. 141p. FLORENZANO, T. G. Imagem de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97p. IBGE (1983): PR nº 22. Especificações e Normas Gerais para Levantamentos Geodésicos em Território Brasileiro. Rio de Janeiro. SANTOS, A.R.; PELUZIO, T.M.O.; SAITO, N.S. SPRING 5.1.2 Passo a Passo: Aplicações Práticas. Alegre, ES: CAUFES, 2012. ISBN: 9788561890063. Disponível em: < http://www.mundogeomatica.com.br/spring5x.htm >. Acesso em: 21/03/2023. SILVA, R.M. da. Introdução ao Geoprocessamento: Conceitos, técnicas e aplicações. Editora Feevale. 1 ed. 2007, 176p.					

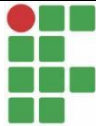
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Otimização e Pesquisa Operacional			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução, importância e conceitos básicos em pesquisa operacional. Tipos de modelos de pesquisa operacional. Programação linear para soluções de problemas florestais. Regulação florestal com emprego de modelos de planejamento florestal tipo 1 e tipo 2. Otimização em Redes para Modelos de Transporte.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>JESUS, J. C. S. Pesquisa operacional aplicada à agropecuária. Lavras: Editora UFLA, 1998.</p> <p>MANZANO, José Augusto N. G.; OLIVEIRA, Jair Figueiredo. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação. 10 ed. São Paulo - SP: Érica, 2000. 259 p.</p> <p>FORBELLONE, A. L. V; EBERSPACHER, H. F. Lógica de programação: a construção de algoritmos e estrutura de dados. 3. ed. São Paulo - SP: Prentice Hall, 2005. 222 p.</p> <p>RODRIGUES, L. C. E.; Gerenciamento da produção florestal. Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' Universidade de São Paulo. 1991. Disponível em: <https://www.ipef.br/publicacoes/acervohistoricoexterno/DocumentosFlorestaisNumero13.pdf> Acesso:24/03/2023.</p> <p>RODRIGUES, L. C. E. Técnicas de otimização matemática para a gestão de florestas plantadas. Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' Universidade de São Paulo. 2010. 84p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2404417/course/section/548777/LCF5734_Apostila.pdf> Acesso:24/03/2023.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>AHA, H. A. Pesquisa Operacional. 8ª Edição. São Paulo: Pearson, 2008. 563 p.</p> <p>LACHTERMACHER, G. Pesquisa Operacional Na Tomada de Decisões. 4a ed. Rio de Janeiro: Pearson/Prentice Hall, 2014. 223p.</p> <p>Pinto, K. C. R. Aprendendo a Decidir com a Pesquisa Operacional. Campus Santa Mônica: EDUFU, 2005. 114p.</p> <p>BREGALDA, P.F. Introdução a programação linear. Rio de Janeiro: Campus, 1988.</p> <p>CAIXETA-FILHO, J.V. Pesquisa Operacional: técnicas de otimização. 2a ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2004. 176p.</p> <p>HILLIER, F.S. e LIEBERMAN, G.J. Introdução a Pesquisa Operacional. 8a ed. Rio de Janeiro: Mcgraw Hill, 2006. 1040p.</p> <p>ARENALES, M.; ARMENTANO, V.; MORABITO, R.; YANASSE, H. Pesquisa Operacional para cursos de Engenharia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. 744 p.</p>					

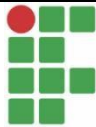
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Computação em R			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>O ambiente R. Conceitos Básicos (Tipos de objetos, operadores matemáticos e lógicos, pacotes, ajuda, Rstudio). Importando e explorando dados (Data frame, Pacotes Gráficos). Estatística Básica (Correlação, estatística descritiva, testando pressuposições). Testes de hipóteses (Quiquadrado, Kolmogorov-Smirnov, Teste F, Teste t). Análise de Regressão (Linear e Não Linear). Loopings e Funções. Lógica de Programação Completa (Entrada, processamento e saída de dados e relatórios).</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>EVINE, D. M. et al. Estatística: Teoria e aplicações: Usando microsoft excel em português. 7 ed. Rio de Janeiro - RJ: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 2016. 760 p.</p> <p>FORBELLONE, A. L. V; EBERSPACHER, H. F. Lógica de programação: a construção de algoritmos e estrutura de dados. 3. ed. São Paulo - SP: Prentice Hall, 2005. 222 p.</p> <p>MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 24 ed. São Paulo: Érica, 2010. 320 p.</p> <p>SOUZA, D.; OLIVEIRA, T. W. G.; PIVA, R. L. O.; SANTOS, J. X. SANQUETTA, C. R.; CORTE, A. P. D. Introdução ao R aplicações florestais. Curitiba-PR. 2018. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/342052263> Acesso:24/03/2023.</p> <p>SPIEGEL, M. R.; SCHILLER, J. J.; SRINIVASAN, R. A. Teoria e problemas de probabilidade e estatística. 2 ed. São Paulo - SP: Bookman, 2004. 398 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>DE VRIES, A.; MEYS, J. R for Dummies. For Dummies, 2015.</p> <p>BRAUN, W. J. MURDOCH, D. J. 2007. A first course in statistical programming with R. — Cambridge University Press.</p> <p>CHAMBER, J. M. 2008. Software for data analysis: Programming with R.</p> <p>GORGENS, E. Computação Em R: Introdução. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.</p> <p>MELLO, M. P.; PETERNELLI, L. A. Conhecendo o R. Uma Visão Mais que Estatística. Viçosa-MG: UFV, 2013. 222 p.</p> <p>PETERNELLI, L.A.; MELLO, M.P. de. Conhecendo o R: Uma visão Estatística. Editora UFV: Universidade Federal de Viçosa, 2007.</p> <p>TORGO, L. Linguagem R – Programação para análise de dados. LIVRARIA ESCOLAR EDI, 2009.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Serraria e Secagem de Madeira			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução ao processamento mecânico da madeira. Tipos básicos de engenhos de serra. Planejamento de uma serraria. Classificação das técnicas de desdobro. Secagem de madeira serrada. Secagem ao ar livre. Secagem em estufa. Durabilidade natural da madeira. Agentes deterioradores de madeira.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GALVÃO, A. P. M. Secagem racional da madeira. São Paulo - SP: Nobel, 1985. 111 p. MORAES, A. B.; SOUZA, A. A. Desdobramento de toras. Brasília: Editora SENAR, 2004. 64 p. VITAL, B. R. Planejamento e Operação de Serrarias. Viçosa: UFV, 2008. 211 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ALBUQUERQUE, C.E.C. Processamento mecânico da madeira. Rio de Janeiro: UFRRJ/IF/DPF, 1996. 84p. EMBRAPA. Secagem industrial acelerada de madeira. DVD com 60 min. Dia de Campo na TV, EMBRAPA. 2005. GONÇALVES, M.T.T. Processamento da madeira. Bauru SP Brasil – 2000, 242 p. GONZAGA, A.L. Madeira: uso e conservação. Brasília: IPHAN, 2006. 243p. JANKOWSKY, I. P; GALVÃO, A. P. M. Secagem racional da madeira, São Paulo: Nobel, 1985. 111p. KLITZKE, R.J. Secagem da madeira. Curitiba: Fundação Hugo Simas/UFPR, 2000. 90p. LEPAGE, E.S. (Coord.) Manual de preservação de madeiras. São Paulo: IPT/SICCT, 1986. 708p. NENNEWITZ, I. Manual de tecnologia da madeira. São Paulo - SP: Blucher, 2008. 354 p.					

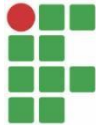
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Bioenergia			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A energia da madeira no contexto energético brasileiro. Propriedades da madeira para energia. Combustão direta. Processos de pirólise e carbonização. Impacto ambiental do carvoejamento. Gaseificação de lenha. Briquetagem de biomassa para energia. Biogás. Biocombustíveis: fontes potenciais, tecnologia e produção.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CORTEZ, L. A. B; LORA, E. E. S; GÓMEZ, E. O. Biomassa para energia. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2008. 734 p. SANTOS, F; COLODETTE, J; QUEIROZ, J. H. Bioenergia & Biorrefinaria: cana-de-açúcar e espécies florestais. Viçosa - MG: Os Editores, 2013. 551 p. VASCONCELLOS, G. F. Biomassa: a eterna energia do futuro. São Paulo - SP: SENAC, 2002. 142 p. VITAL, B. R.[et al.]. Manual de identificação de carvão vegetal. Viçosa - MG: UFV, 2014. 163 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, A.M.M.L.; PEREIRA, B.L.C. & Souza, M.M. (2013) – Produção de pellets de madeira. In: Santos, F.; Colodette, J. & Queiroz, J. H. (Eds.) – Bioenergia & Biorrefinaria: cana de açúcar e espécies florestais. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, p. 380 -400 CORTEZ, L. A. B. E; LORA, E. S, GÓMEZ E. O. Biomassa para energia. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.VASCONCELLOS, G. F. Biomassa - a Eterna Energia do Futuro, SENAC, 2002. BARREIRA, P. Biodigestores. 3.d. Ícone Editora – 2011. 115p. MELLO, M. G. Biomassa: energia dos trópicos em Minas Gerais, Belo Horizonte: Labmedia/UFMG, 2001. NEIVA, J. Fontes alternativas de energia: conservação de energia, gás natural, biomassa - carvão vegetal, álcool etílico - e xisto. 2 ed. Rio de Janeiro - RJ: Maity, 1987. 155 p. VIDAL, B. R. CARNEIRO A. C. CRUZ, F. M. et al. Manual de Identificação do Carvão Vegetal. 1.ed. Editora UFV. 2014. 163p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Marcenaria			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Tipos de produtos de madeira. Ferramentas manuais (Bancada de marceneiro, Metro, Esquadro, Suta, Graminho, Compasso, Soveia, Grosa, Formão, Serrote, Martelo, Repuxo, Plaina, Raspadeira). Afição de ferramentas. Ferramentas elétricas portáteis (Furadeira, Serra Circular, Serra Tico-tico, Lixadeiras, Tupias). Ferramentas Estacionárias (Serra circular esquadrejadeira, Desempenadeira, Desengrossadeira, Furadeira, Lixadeira, Tupia, Serra de fita, Torno). Elementos de fixação (Pregos, Parafusos, Cola PVA, Cola de Contato, Cola Ureia-Formol). Juntas e encaixes. Segurança, higiene e saúde no trabalho.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CALIL JUNIOR, C; LAHR, F. A. R; DIAS, A. A. Dimensionamento de elementos estruturais de madeira. Barueri-SP: Manole, 2003. 152 p. MORAES, A. B.; SOUZA, A. A. Desdobramento de toras. Brasília: Editora SENAR, 2004. 60 p. VITAL, B. R. Planejamento e Operação de Serrarias. Viçosa - MG: UFV, 2008. 211 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
MARCELLINI, D. Manual prático de marcenaria. Ediuoro. 1999. 277 p. MASSARDI, O.; MARANGON, E. M. Curso Fabricação de Móveis em Série. Viçosa-MG: CPT. 2009 OLIVEIRA, M. O.; MOREIRA, J. R. Curso Como Montar e Operar uma Pequena Fábrica de Móveis. Viçosa-MG: CPT. 2009 OLIVEIRA, M. O.; BAILONI, M. C. Curso Projetos e Fabricação de Móveis. Viçosa-MG: CPT. 2009 PEIXOTO, V. M. F.; DEUTSCH, H. Curso de Marcenaria - Nível Profissional II. Viçosa-MG: CPT. 2008 PEIXOTO, V. M. F.; DEUTSCH, H. Curso de Marcenaria - Nível Básico. Viçosa-MG: CPT. 2008 PEIXOTO, V. M. F.; DEUTSCH, H. Curso de Marcenaria - Nível Intermediário. Viçosa-MG: CPT. 2008 PEIXOTO, V. M. F.; DEUTSCH, H. Curso de Marcenaria - Nível Profissional. Viçosa-MG: CPT. 2008					

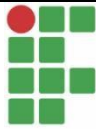
 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Biodegradação e Preservação da Madeira			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Agentes e causas da deterioração da madeira. Requisitos para o desenvolvimento de fungos e os tipos de degradação na madeira. Meios de controle. Ataque de insetos na madeira e meios de controle. Tipos e formulações de preservativos para a madeira. Seleção do preservativo a ser empregado e aplicação no material. Métodos de preservação da madeira. Testes de toxicidade. Fatores que influenciam na efetividade dos tratamentos. Tratamentos de painéis, chapas e compensados. Tratamento para o retardamento do fogo em madeira. Anatomia, ultraestruturas, química, propriedades físicas e mecânicas da madeira deteriorada por microorganismos.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>CARRANO-MOREIRA, A. F. Manejo Integrado de Pragas Florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle. 1 ed. Rio de Janeiro - RJ: Technical Books Editora, 2014. 349 p.</p> <p>GALVÃO, A. P. M.; MAGALHÃES, W. L. E.; MATTOS, P. P. Processos práticos para preservar madeira. Colombo. Embrapa-florestas, 2004. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/310319/1/doc96.pdf> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>MENDES, M. A. S. Fungos em plantas no Brasil. Brasília-DF: Editora Embrapa/SPI, 1998. 566 p.</p> <p>MORESCHI, J.C. APOSTILA DE BIODEGRADAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MADEIRA 4ª edição: abril / 2.013 Departamento de Engenharia e Tecnologia Florestal da UFPR. Disponível em: <http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasmoreschi/METODOS%20DE%20TRATAMENTO.pdf> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>NENNEWITZ, I; et al. Manual da Tecnologia da Madeira. São Paulo. Editora Blucher, 2008.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>LEPAGE, E. S. Manual de Preservação de Madeiras Vol. I e II. São Paulo: IPT, 1986</p> <p>KLOCK, U. Química da Madeira. Curitiba: Fupef, 2005.</p> <p>TSOUMIS, G.T. Science and Technology of wood: Structure, Properties, Utilization. New York: Chapman&Hall, 1991.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
--	--	---	--	--	--

IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Segurança no Trabalho Florestal			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Introdução à segurança no trabalho. Higiene e medicina do trabalho. Riscos e acidentes do trabalho. Movimentação de materiais. Proteção e prevenção de incêndios. Ruído e vibração. Ventilação. Riscos biológicos. Emergências. Segurança do trabalho em atividades culturais e silviculturais (aplicação de agrotóxicos, plantio, poda) e colheita florestal. Acidentes no trabalho. Ergonomia humana. Ergonomia de máquinas florestais.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BARBOSA FILHO, A. N. Segurança do trabalho e gestão ambiental. 4 ed. São Paulo - SP: Atlas, 2011. 378 p.</p> <p>YAMASHITA, R. Y. Segurança e saúde no trabalho florestal: código de práticas da OIT. São Paulo: Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, 2005. Organização e tradução:, Peter Poschen e André Giacini de Freitas. Título original: <i>Safety an health in forestry work: An ILO code of practices</i>, 1998. 172 p. ISBN: 85-98117-07-2 - Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilobrasilia/documents/publication/wcms_233732.pdf> Acesso: 23/03/2023.</p> <p>YEE, Z. C. Perícias de engenharia de segurança do trabalho: aspectos processuais e casos práticos. 3 ed. Curitiba/PR: Juruá Editora, 2012. 229 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>BRASIL. Segurança e medicina do trabalho. (Manuais de legislação atlas) 59. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 672 p.</p> <p>FLORENZANO, T. G. Imagem de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97p.</p> <p>GARCIA, G. F. B. (Org.). Legislação de segurança e medicina do trabalho. 2. ed. São Paulo: Método, 2008.</p> <p>ROUSSELET, E. da S. A segurança na obra: manual de procedimentos para implantação e funcionamento de canteiro de obras. Rio de Janeiro: Seconci, 1997. 183 p.</p> <p>SAMPAIO, J. C. de A. PCMAT: programa de condições e meio ambiente do trabalho na indústria da construção. São Paulo: Sinduscon, 1998. 193 p</p> <p>YASUKO, Y. R. Segurança e Saúde no Trabalho Florestal. Fundacentro, 2005. Curso de Engenharia de Segurança do Trabalho, 6 volumes. São Paulo: Fundacentro, 1982</p>					

 <p>INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo</p>	<p>IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal</p>
IDENTIFICAÇÃO	
DISCIPLINA	SEMESTRE
Avaliação de Impactos Ambientais	Eletiva

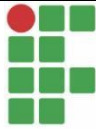
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Evolução da consciência ambiental no Mundo e no Brasil. A Legislação e a AIA Aspectos sociais e Econômicos e os Impactos Ambientais Avaliação de Impacto Ambiental: planejamento a previsão de impactos; indicadores de impactos ambientais; métodos de previsão de impactos; incertezas e erros de previsão e áreas de influência. Fundamentos da Metodologia de Avaliação de Impactos Ambientais Método ad Hoc; Listagem de Controle; Sobreposição de Cartas; Redes de Interação; Matrizes de Interação; Modelos de Simulação e Seleção da Metodologia. Análise Técnica dos Estudos Ambientais. EIA-RIMA.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Sistema de Licenciamento Ambiental em propriedades rurais do estado de Mato Grosso: análise de sua implementação. Brasília - DF: MMA, 2006. 177 p. ISBN 8573001992					
NOWACKI, C. C. B. RANGEL, M. B. A. Química Ambiental: conceitos, processos e estudo dos impactos ao meio ambiente. 1ª ed. São Paulo - SP: Érica, 2014. 136 p.					
PEREIRA, J. A. Alves et al. Fundamentos da Avaliação de Impactos Ambientais com estudos de caso. Lavras-MG: UFLA, 2014. 188 p.					
RODRIGUES, G. S. Avaliação de impactos ambientais em projetos de pesquisas: fundamentos, princípios e introdução à metodologia. Jaguariúna - SP: Editora EMBRAPA/CNPMA, 1998. 66 p.					
RUEGG, E. F. et al. O impacto dos agrotóxicos sobre o ambiente, a saúde e a sociedade. 2 ed. São Paulo - SP: Ícone, 1991. 96 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CONAMA. Resoluções CONAMA, 1986 a 1991. Brasília: IBAMA, 1992.					
CUNHA, Sandra Baptista; GUERRA, Antônio José Teixeira. Avaliação e perícia ambiental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.					
SÀNCHEZ, L.E. Avaliação de Impacto Ambiental. Conceitos e Métodos. Oficina de Textos. São Paulo.2006.					
SILVA, E. Métodos de avaliação de impactos ambientais. In: Técnicas de avaliação de impactos ambientais. Série Saneamento e Meio Ambiente, Manual n. 199. Viçosa: CPT, 1999.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Uso dos Solos Tropicais			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51

DESCRIÇÃO/EMENTA
Os solos e as atividades agrícolas nos trópicos, com ênfase no Brasil. Uso dos solos nos trópicos relacionados aos aspectos climáticos. Conhecimento das potencialidades e limitações de terras para uso agrícola. Uso dos solos em agricultura. Uso dos solos em relação à quantidade e qualidade da água. Agricultura em solos arenosos. Indicadores da qualidade do solo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
LEPSCH, I. F. et al. Manual para levantamento utilitário e classificação de terras no sistema de capacidade de uso. 1 ed. Viçosa - MG: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. 2015. 170 p. MALAVOLTA, E. et al. Manual de química agrícola: nutrição de plantas e fertilidade do solo. São Paulo - SP: Agronômica Ceres, 1976. 528 p. SCHNEIDER, P; GIASSON, E; KLAMT, E. Classificação da aptidão agrícola das terras: um sistema alternativo. Guaíba - RS: Agrolivros, 2007. 72 p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
ALVAREZ, V; FONTES, L.E.F. & FONTES, M.P.F. 1996. Solos nos grandes domínios morfoclimáticos do Brasil e o desenvolvimento sustentado. Viçosa. 930p. GLEISSMAN, S.R., 2001. Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Ed. Universidade/UFRGS, 2ª Ed. Porto Alegre. MERTEN, G.H. (coord.) Manejo de solos de baixa aptidão agrícola no Centro-Sul do Paraná. Circular nº 84, Instituto Agronômico do Paraná – Londrina, novembro/94. SILVA, L.S.; CANELLA, L.P.; CAMARGO. F.A.O., eds. 2008. Fundamentos da matéria orgânica do solo: Ecossistemas tropicais e subtropicais. 2. ed. Porto Alegre, Metrópole, p. 561 – 569. TAN, K. H., 1994. Environmental Soil Science. Marcel Dekker, Inc., New York. 4.RESENDE, M.; CURI, N. : SANTANA, D.P. 1988. Pedologia e Fertilidade do solo – Interações e aplicações. MEC/ESAL/POTATOS. 81 P. RESENDE, M.; CURI, N.; RESENDE, S.R. & CORRÊA, G.F. 2007. Pedologia: Base para distinção de ambientes. 5ª. Ed. Lavras, Universidade Federal de Lavras. 322p. Periódicos: Revista Brasileira de Ciência do Solo, Pesquisa Agropecuária Brasileira e Soil Science Journal.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Forragicultura Geral			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total

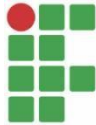
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à Forragicultura. Botânica de gramíneas e leguminosas. Características gerais das plantas forrageiras (gramíneas e leguminosas). Formação e manejo de pastagens. Processos, causas e estratégias de recuperação de pastos degradados. Calagem e adubação de forrageiras. Crescimento vegetativo e recuperação após desfolha. A planta forrageira sob pastejo. Sistemas de pastejo. Recuperação de pastagens degradadas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRANDÃO, V. S. et al. Infiltração da água no solo. 3 ed. Viçosa- MG: UFV, 2010. 120 p.					
CORRÊA, R. S. Recuperação de áreas degradadas pela mineração no cerrado. Editora Universa, 2005. 1 ed. ISBN: 8586591874. 186p.					
MARTINS, S. V. Recuperação de áreas degradadas: ações em áreas de preservação permanente, voçorocas, taludes rodoviários e de mineração. 1. ed. Viçosa, MG: Aprenda Fácil Editora, 2009. v.1. ISBN: 9788562032028. 270p.					
PAULA, A; AGUIAR, A. Manejo da fertilidade solo sob pastagem: calagem e adubação. Cuiabá/MT: Agropecuária, 1998. 120 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BERTONE, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do Solo. Editora: Ícone, 2010. 7 ed. ISBN: 9788527409803. 360p.					
CORRÊA, R. S; MELLO; G. M. Mineração e áreas degradadas no cerrado. Editora Universa, 2004. 1 ed. ISBN: 858659170X. 174 p.					
RAIJ, B. V. Fertilidade do Solo e Manejo de Nutrientes. Editora IPNI, 2011. 1ª ed. ISBN: 9788598519074. 420p.					
PIRES, W. Manual de Pastagem – Formação, Manejo e Recuperação. Editora Aprenda Fácil, 2006. 1 ed. ISBN: 8576300281. 302p.					
SCHNEIDER, P; GIASSON, E; KLAMT, E. Classificação da Aptidão Agrícola das Terras. Editora: Agrolivros, 2007. 1ª ed. ISBN: 9788598934105. 72p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Zootecnia Geral			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51

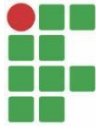
DESCRIÇÃO/EMENTA
Mecanismos e fatores que afetam a importância econômica dos animais domésticos; principais tipos e raças de animais domésticos; noções de melhoramento genético animal; sistemas de criação; instalações, equipamentos e profilaxia ligados a espécies de interesse zootécnico; bioclimatologia na produção animal.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
MANUAL de orientação: zootecnia I. Rio de Janeiro - RJ: FAE, 1986. 77 p. MANUAL de orientação: zootecnia II. Rio de Janeiro - RJ: FAE, 1987. 99 p. TORRES, Alcides Di Paravicini; JARDIM, Walter Ramos. Manual de Zootecnia: Raças que interessam ao Brasil (Bovinos, Zebuínas, Bubalinas, Cavalares, Asininas, Suínas, Ovinas, Caprinas, Cunícolas, Avícolas). São Paulo - SP: Agronômica Ceres, 1975. 299 p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
DIAS, D. S. O.; DIAS, M. J.; FERREIRA, M. R. Noções de Reprodução e Eficiência Reprodutiva e suas relações com o Melhoramento Animal, 2007. 42p. (Manual Didático nº 8). DOMINGUES, O. Elementos de zootecnia tropical. 6.ed. São Paulo: Nobel, 1984. 143p. DOMINGUES, O. Introdução à zootecnia. S. T. A. MA-RJ, 1986. FARIA, E. V. Zootecnia geral. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. JARDIM, V. R. Manual de zootecnia. São Paulo: ICEA, 1980. MULLER, P. B. Bioclimatologia aplicada aos animais domésticos. Santa Maria: 1978.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Conservação do Solo e da Água			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total

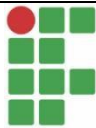
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Princípios e conceitos relativos à conservação do solo e da água. Mecanismos e fatores que afetam a erosão do solo. Impactos ambientais e econômicos da erosão do solo. Práticas de controle da erosão do solo. Manejo conservacionista do solo e da água; indicadores da qualidade do solo e da água. Manejo do solo e a sustentabilidade da atividade florestal. Práticas conservacionistas do solo e da água. Sistemas de uso e manejo dos solos tropicais. Métodos e diagnósticos do uso sustentável dos solos tropicais: capacidade de uso, aptidão agrícola. Plantas de cobertura e /ou adubação verde.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo. 10ª.ed. São Paulo, Ícone, 2017. BRASIL - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. MANEJO e conservação do solo e da água: informações técnicas. Brasília - DF: Coordenadoria de Conservação do Solo e Água, 1983. 65 p. GUERRA, A. J. T; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações. 6. ed. Rio de Janeiro - RJ: Bertrand Brasil, 2010. 339 p. LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos. 2 ed. São Paulo - SP: Oficina de Textos, 2010. 216 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
LEPSCH, I.F. Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no sistema de capacidade de uso. I.F. Lepsch, R Bellinazzi Jr., D. Bertolini, C.R. Espíndola. 4 aproximação, Campinas, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1991, 175 p. PIRES, F. R.; SOUZA, C. M. de. Práticas mecânicas de conservação do solo e da água. Viçosa: UFV, 2003. 176p. RESENDE, M., CURI, N., REZENDE, S.B., CORREA, G.F. Pedologia: base para distinção de ambientes. 6. ed. Lavras: Editora da UFLA, 2014. 378 p. SANTOS, R.D.; LEMOS, R.C.; SANTOS, H.G.; KER, J. & ANJOS, L.H.C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 5.ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005. 92p. USDA. Department of Agriculture. Natural Resources Conservation Service. Soil Survey Staff. Keys to soil taxonomy. 8a ed. Washington, 1998, 326 p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal
IDENTIFICAÇÃO	
DISCIPLINA	SEMESTRE
Aquicultura	Eletiva
CARGA HORÁRIA (Horas)	

Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Importância da piscicultura. Instalação de uma piscigranja. Propriedades físico-químicas da água. Espécies indicadas para a piscicultura. Alimentação de peixes de água doce. Formulação de ração. Manejo alimentar. Policultivo. Piscicultura integrada (P.I.). Transporte, comercialização, conservação e defumação de pescado. Noções sobre carcinocultura. Noções sobre ranicultura.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BORGES, A. C. Prática das pequenas construções, volume I. 9.ed. rev. e ampliada São Paulo - SP: Edgard Blucher, 2010. 397 p.</p> <p>INSTITUTO CENTRO DE ENSINO TECNOLÓGICO - CENTEC. PROCESSAMENTO de pescado. Fortaleza - CE: Edições Demócrito Rocha, 2004. 32 p.</p> <p>SOCIEDADE BRASILEIRA DE AQUICULTURA E BIOLOGIA AQUÁTICA. FRACALOSSI, D. M; CYRINO, J. E. P. Nutriaqua: nutrição e alimentação de espécies de interesse para a aquicultura brasileira. Florianópolis - SC: Sociedade Brasileira de Aquicultura e Biologia Aquática, 2012. 375 p.</p> <p>SOUSA, E. Ceci P. M. de; TEIXEIRA FILHO, A R. Piscicultura Fundamental. São Paulo - SP: Nobel, 1985. 1ª edição e 3ª edição. 88 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>BRITSKI, H. A.; DE SILIMON, K. Z. S.; LOPES, B. S. Peixes do Pantanal: manual de identificação. Editora EMBRAPA, 2007. 2 ed. ISBN: 9788573833881. 227p.</p> <p>DA SILVA, N.; JUNQUEIRA, V. C. A.; SILVEIRA, N. F. A.; TANIWAKI, M. H.; DOS SANTOS, R. F. S.; GOMES, R. A. R.; OKAZAKI, M. M. Manual de técnicas de análise microbiológica de alimentos e água. Editora Varela, 2010. 4 ed. ISBN: 9788577590131. 624p.</p> <p>PEREIRA, M. F. Construções rurais. Editora Nobel, 1986. 1 ed. ISBN: 9788521315384. 330p.</p> <p>MORAIS, A. S; MARQUES, D. K. S. Coleção 500 Perguntas 500 Respostas: Pesca e Piscicultura no Pantanal. Editora EMBRAPA, 2010. 1 ed. ISBN: 9788573834864. 191p.</p> <p>NASCIMENTO, F. L. Noções básicas sobre piscicultura e cultivo em tanques-rede no Pantanal. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2010. ISBN 9788598893198. 28 p.</p> <p>VIEIRA, P; LOGATO, R. Nutrição e Alimentação de Peixes de Água Doce. Editora Aprenda fácil, 2000. 1 ed. ISBN: 8588216582. 128p.</p> <p>VIEIRA, R. H. S. F. Microbiologia, higiene e qualidade do pescado: teoria e prática. Editora Varela, 2003. 1 ed. ISBN: 858551972X. 380p.</p>					

 <p>INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo</p>	<p>IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal</p>
IDENTIFICAÇÃO	
DISCIPLINA	SEMESTRE
Apicultura	Eletiva
CARGA HORÁRIA (Horas)	

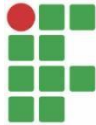
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à Apicultura: evolução, histórico e partes do corpo (órgãos e funções, fases da evolução biológica). Importância do inseto como polinizador; Potencialidades e limitações a exploração no Brasil, expansão; Requisitos para iniciar-se na atividade; Diferenças básicas entre ápis e melíponas; Partes da colmeia e funções; Formas de apicultura, características e diferenças; Equipamentos básicos de manejo e colheita de mel; Composição química dos produtos das abelhas; Manejo de colmeias: revisão, união, transporte; Preparação de caixas iscas; Processo de obtenção de cera bruta e alveolada. Abelhas sem ferrão: importância, criação e manejo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BORGES, A. C. Prática das Pequenas Construções. Editora Edgard Blucher, 2009. 9ed. ISBN: 9788521204817. 400p.					
INSTITUTO CENTRO DE ENSINO TECNOLÓGICO - CENTEC. APICULTURA. Fortaleza - CE: Edições Demócrito Rocha, 2004. 56 p.					
Projeto abelhas nativas: manejando as abelhas, vol 2. São Luís/MA: Projeto Abelhas Nativas, 2007. 32 p.					
SCHIRMER, L. R. Abelhas ecológicas. São Paulo - SP: Nobel, 1986. 218 p.					
TENÓRIO, E G...[et al.]. 25 anos de Pesquisas sobre a Abelha Tiúba (Melipona fasciculata) no Maranhão. São Luís - MA: , 2012. 164 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
COSTA, P. S. C. Planejamento e implantação do apiário (livro e CD-Rom). Editora CPT, Viçosa, MG. 2003. 118p.					
COSTA, P. S. C. Apicultura migratória – produção intensiva de mel (livro e CD-Rom). Editora CPT, Viçosa, MG. 2003. 142p.					
COSTA, P. S. C. Manejo do apiário – mais mel com qualidade (livro e CD-Rom). Editora CPT, Viçosa, MG. 2003. 118p.					
PINHEIRO, A. L; CÂNDIDO, J. F. As Árvores e a Apicultura. Editora: Produção Independente, 2009. ISBN: 9788562961069. 71p.					
COUTO, R. H. N. Apicultura: manejo e produtos. Editora Funep, 2006. 3ª ed. 193p.					
PEREIRA, M. F. Construções rurais. Editora Nobel, 1986. 1 ed. ISBN: 9788521315384. 330p.					
WIESE, HELMUTH. Apicultura - Novos Tempos. Editora Agrolivros, 2005. 2ª ed. ISBN: 8598934011. 378p.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal
	IDENTIFICAÇÃO
DISCIPLINA	SEMESTRE
Ferramentas e Controle de Qualidade nas Atividades Florestais	Eletiva
CARGA HORÁRIA (Horas)	

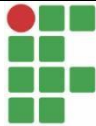
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Histórico. Importância da utilização das ferramentas da qualidade. Ferramentas da qualidade. Métodos de controle. Execução, verificação, padronização e conclusão. Controle estatístico de processo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BUENO, V. H. P. Controle biológico de pragas: produção massal e controle de qualidade. 2 ed. Lavras: UFLA, 2003. 180 p.					
CARNEIRO, J. G. A. Produção e controle de qualidade de mudas florestais. Viçosa - MG: UFPR, 1995. 451 p.					
OLIVARES, I. R. B. Gestão de qualidade em laboratórios. 3.ed. rev. e ampliada Campinas, SP: Átomo, 2015. 160 p.					
TRINDADE, C.; J. REZENDE, L. P.; JACOVINE, L. A. G. SARTORIO, M. L. 2 ed. Ferramentas da Qualidade - Aplicação na atividade florestal. Viçosa: Editora UFV, 2007. 158p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
KIRCHNER, A.; KAUFMANN, H.; SCHIMID, D.; FISHER, G. Gestão da Qualidade - Segurança do Trabalho e Gestão Ambiental. São Paulo: Edgard Blucher, 2009. 240p.					
LOUZADA, F.; DINIZ, C. A. R.; SILVA, P. H. F.; FERREIRA, E. L. Controle Estatístico de Processos. 2013. 282p.					
RIBEIRO JUNIOR, J. I. Métodos Estatísticos Aplicados ao Controle da Qualidade. Viçosa: Editora UFV, 2013. 274p.					
TRINDADE, C.; J. REZENDE, L. P.; JACOVINE, L. A. G. SARTORIO, M. L. Gestão e Controle da Qualidade na Atividade Florestal. Viçosa: Editora UFV, 2012. 253p					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo			IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal		
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Projetos Florestais			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total

34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Estrutura básica de um projeto técnico e científico. Estudos de resoluções, portarias e Instruções normativas que regulamentam os planos de manejo florestal na Amazônia e cerrado. Elaboração de Projetos Florestais. Legislação pertinente: leis, instruções normativas, resoluções etc. Projetos florestais: PRADA, levantamento circunstanciado, topográfico, licenciamento ambiental, inventário, Laudos técnicos, Relatórios, entre outros. Roteiros técnicos. Anotação de responsabilidade técnica (CREA). Órgãos ambientais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Sistema de Licenciamento Ambiental em propriedades rurais do estado de Mato Grosso: análise de sua implementação. Brasília - DF: MMA, 2006. 177 p.					
CARADORI, R. C. O Código Florestal e a legislação extravagante: a teoria e a prática da proteção florestal. São Paulo - SP: Atlas, 2009. 238 p.					
OLIVEIRA, A.D. E REZENDE, J.L.P. Análise Econômica e Social de Projetos Florestais. Viçosa: UFV.2001.					
REZENDE, J. L. P; OLIVEIRA, A. D. Análise econômica e social de projetos florestais. 3. ed. Viçosa - MG: UFV, 2013. 385 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
Legislação Ambiental e Florestal do Brasil e de Mato Grosso.					
O Código Florestal e a ciência: contribuições para o diálogo. São Paulo - SP: SBPC, 2011. 122 p.					
Secretaria de meio ambiente - SEMA. Projetos de EIA-RIMA, PRADA, Tipologias, Licenças. Disponível em:< http://www.sema.mt.gov.br > Acesso: 23/03/2023.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal
IDENTIFICAÇÃO	
DISCIPLINA	SEMESTRE
Culturas Florestais	Eletiva

CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Principais culturas florestais de importância econômica madeireira e não madeireira. Seringueira. Teca. Eucalipto. Pau de Balsa. Pinus. Palmáceas (açai, pupunha). Algaroba. Cumbaru. Pequi. Pinho Cuiabano. Mogno Africano. Cedro Australiano. Erva Mate.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALFENAS, A. C; ZAUZA, E. A. V. Doenças cultura do Eucalipto. Viçosa - MG: SIF, 2007. 164 p.					
ALFENAS, A. C. et al. Clonagem e doenças do eucalipto. 2. ed. Viçosa - MG: Editora UFV, 2009. 500 p.					
TAKIZAWA, F.H.; MEDEIROS, R.A.; LEITE, H.G.; BORÉM, A. (Eds). Teca: do plantio à colheita. Viçosa: Ed. UFV., 2022. 344p.					
VALE, A. B. [et al.]. Eucaliptocultura no Brasil: silvicultura, manejo e ambiência. Viçosa - MG: SIF, 2014. 552 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, P.E.R. Espécies arbóreas brasileiras. Curitiba: EMBRAPA – Florestas, 2003. 1039p.					
DUBOIS, J.C.L., VIANA, V.M. e ANDERSON, A.B. Manual agroflorestal para a Amazônia. REBRAF. 2 ed. vol. 1. Rio de Janeiro. 1996. 228p.					
GALVÃO, A.P.M. (org.) Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais: um guia para ações municipais e regionais. Brasília: Embrapa – CNPF, 2000.					
LORENZI, H. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. (7ª ed.). Nova Odessa: Instituto Plantarum., 2016. 392p. v.1.					
LORENZI, H. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. (4ª ed.). Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2016. 368p. v.2.					
LORENZI, H. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. (2ª ed.). Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2016. v.3.					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Fitotecnia Geral			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conceito, importância e complexidade da agricultura. Disponibilidade, aptidão, adequação e incorporação de terras para agricultura. Aspectos gerais da botânica, variedades, clima, solo, propagação, sistemas de cultivo, plantio, manejo, adubação, fitossanidade, colheita, póscolheita, armazenamento, classificação, certificação, comercialização, industriabilidade e mercados de culturas anuais e perenes. Rotação de culturas. Plantio direto.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

CASTRO, P. R. C.; KLUGE, R. A. Ecofisiologia de cultivos anuais: trigo, milho, soja, arroz e mandioca. São Paulo - SP: Nobel, 1999. 126 p.

CRUZ, J. C. Recomendações técnicas para o cultivo do milho. 2 ed. Brasília - DF: Embrapa - SPI, 1997. 204 p.

EHLERS, E. Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996. 175p.

MORESCO, E. Algodão: pesquisa e resultados para o campo. Cuiabá - MT: FACUAL, 2006. 390 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AZEVEDO, D. M. P; LIMA, E. F. O Agronegócio da mamona no Brasil. 1. ed. Brasília-DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2001. 350 p.

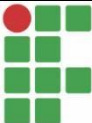
ARANTES, N. E.; SOUZA, P. I. M. A cultura da soja nos cerrados. Piracicaba, SP: Associação Brasileira para pesquisa da potassa e fosfato, 1993, 535 p.

BELTRÃO, N. E. M. (Org). O Agronegócio do Algodão no Brasil. Brasília, DF: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 1999, 491 p. (Vol. I e II).

BORÉM, A. Melhoramento de espécies cultivadas. Editora UFV- MG, 1999.

FACHINELLO, J.C.; NACHTIGAL, J.C.; KERSTEN, E. Fruticultura - fundamentos e práticas. Pelotas: Editora Universitária - Ufpel, 1996. 311 p.

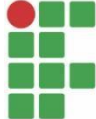
MANICA, I. Frutas Anonáceas. Tecnologia de produção, pós colheita, mercado. Porto Alegre, RS: Cinco Continentes, 2003, 596p. VIEIRA, N. R. A.; SANTOS, A. B.; SANT' ANA, E. P. (Eds). A Cultura do Arroz no Brasil. Santo Antônio de Goiás, GO: Embrapa Arroz e Feijão, 1999, 633 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Silvicultura Clonal			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Aspectos gerais da silvicultura clonal. Seleção e multiplicação de clones. Testes clonais. Organização e estratégias de plantios clonais. Biotecnologia no melhoramento florestal. Produção e comercialização de sementes e mudas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

ALFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.V.; MAFIA, R.G.; ASSIS, T.F. Clonagem e doenças do eucalipto. Viçosa: UFV, 2004. 442p.
 GRIFFITHS, A. J. F. et al. Introdução à genética. 9. ed. Rio de Janeiro - RJ: Guanabara Koogan, 2009. 712 p.
 PIRES, I. E. ... [et al.]. Genética Florestal. Viçosa - MG: Editora Arka, 2011. 319 p.
 TORRES, A. C; CALDAS, L. S; BUSO, J. A. Cultura de tecidos e transformação genética de plantas, volume 1. 1 ed. Brasília - DF: Embrapa - SPI, 1998. 509 p.
 XAVIER, A; WENDLING, I; SILVA, R. L. Silvicultura clonal: princípios e técnicas. 2. ed. Viçosa- MG: Editora UFV, 2013. 279 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORÉM, A. Melhoramento de espécies cultivadas. Editora UFV- MG, 1999. BUENO, L.C.S.; MENDES, A.N.G.M.; CARVALHO, S.P. Melhoramento genético de plantas. Lavras: Editora UFLA, 2001. 282p.
 RESENDE, M.D.V. Genética biométrica e estatística no melhoramento de plantas perenes. Brasília: EMBRAPA – Informação Tecnológica, 2002. 975p.
 ROCHA, M.G.B. Melhoramento de espécies arbóreas nativas. Belo Horizonte: IEF. 2002.
 TAKIZAWA, F.H.; MEDEIROS, R.A.; LEITE, H.G.; BORÉM, A. (Eds). Teca: do plantio à colheita. Viçosa: Ed. UFV., 2022. 344p.
 XAVIER, A. Silvicultura Clonal I: princípios e técnicas de propagação vegetativa. Caderno Didático. Viçosa: UFV. 2002.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Agroecologia			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					

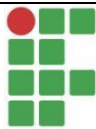
História da Agricultura. Bases teóricas da ecologia agrícola. Princípios da Agroecologia. Manejo ecológico de pragas. Manejo do ambiente. Ciclagem e manejo da matéria orgânica. Planejamento de agroecossistemas. Perspectivas do mercado de produtos agroecológicos. Sustentabilidade social-ambiental-econômica de agroecossistemas. Segurança alimentar e tendências de mercado. Processo de conversão de modelo de produção. Perspectivas legais e de mercado. Marketing de Produtos Orgânicos. Monitoramento de indicadores de eficiência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

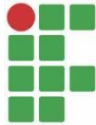
EMPAER-MT. FRUTICULTURA: uma alternativa para a agricultura familiar. Cuiabá/MT: Empaer, 2011.
 FILGUEIRA, F. A. R. Novo manual de olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. 3. ed. Viçosa- MG: UFV, 2008. 421 p.
 FORNARI, E. Manual prático de Agroecologia. São Paulo - SP: Aquariana, 2002. 238 p.
 MOREIRA, R. J. Agricultura familiar: processos sociais e competitividade. Rio de Janeiro - RJ: Editora UFRRJ, 1999. 204 p.
 PRIMAVERSI, A. Agricultura sustentável. São Paulo: Nobel, 1992. 142 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

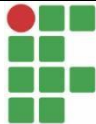
ALTIERE, M.A. Agroecologia: Bases Científicas da Agricultura Alternativa. FASE, Rio de Janeiro, RJ. 235 p. 1989.
 ALTIERI, M. A. Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000. 110p.
 CHABOUSSOU, F. Plantas Doentes pelo Uso de Agrotóxicos: A teoria da Trofobiose. Porto Alegre: L&PM, 1999. 272p.
 GLIESSMAN, S. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2a ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 653 p.
 KHATOUNIAN, C.A. A reconstrução ecológica da Agricultura. Botucatu: Agroecológica, 2001. 348p.
 PRIMAVERSI, A. Agroecologia: Ecosfera, tecnosfera e agricultura. São Paulo - SP: Nobel, 1997. 199 p.
 SOUZA, J.L & RESENDE, P. Manual de Horticultura Orgânica. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003. 560p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Fruticultura Geral			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51

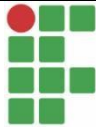
DESCRIÇÃO/EMENTA	
<p>Importância da Fruticultura. Conceitos. Espécies-Variedades. Características botânicas. Propagação. Modelos de produção, adubação, plantio, práticas culturais, manejo, colheita e pós-colheita de fruteiras tropicais nativas e exóticas. Planejamento, instalação e manejo de pomares.</p> <p>Mercados atuais e potenciais de produtos e subprodutos. Sistemas de classificação e embalagem.</p> <p>Associativismo, certificação e escala de exploração.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>EMPAER-MT. FRUTICULTURA: uma alternativa para a agricultura familiar. Cuiabá/MT: Empaer, 2011.</p> <p>LUENGO, R. F. A; CALBO, A. G. Embalagens para comercialização de hortaliças e frutas no Brasil. Brasília-DF: Editora Embrapa, 2009. 256 p.</p> <p>MARANCA, G. Fruticultura comercial: mamão, goiaba, abacaxi. 6 ed. São Paulo - SP: Nobel, 1977. 120 p.</p> <p>SILVA JÚNIOR, A; VASCONCELOS, P. M. MESQUITA FILHO, J. A. Processamento de frutos. Fortaleza - CE: Edições Demócrito Rocha, 2004. 56 p.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ALVES, E. J. (Org). A Cultura da Banana: aspectos técnicos, sócio econômicos e agroindustriais. Brasília, DF: EMBRAPA – SPI, 1997, 585P.</p> <p>BRUCKNER, C. H.; PICANÇO, M. C. (Ed). Maracujá: tecnologia de produção, pós-colheita, agroindústria e mercado. Porto Alegre: Cinco Continentes, 2001, 472p.</p> <p>CUNHA, A. P. et al. (Org). O abacaxizeiro. Cultivo, agroindústria e economia. Brasília, DF: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia. 1999, 480p.</p> <p>FACHINELLO, J.C.; NACHTIGAL, J.C.; KERSTEN, E. Fruticultura - fundamentos e práticas. Pelotas: Editora Universitária - Ufpel, 1996. 311 p.</p> <p>FERREIRA, J. M. S.; WARWICK, P. R. N., SIQUEIRA, L. A. (Ed.). A cultura do coqueiro no Brasil. Brasília-DF: EMBRAPA – SPI, 1998, 292P.</p> <p>MANICA, I. Fruticultura tropical. Porto Alegre, RS: Cinco Continentes, 2000,374p</p> <p>MANICA, I. Frutas Anonáceas. Tecnologia de produção, pós-colheita, mercado. Porto Alegre, RS: Cinco Continentes, 2003, 596p.</p>	

 <p>INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo</p>	<p>IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal</p>
	IDENTIFICAÇÃO
DISCIPLINA	SEMESTRE
Silvicultura Tropical	Eletiva

CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Aspectos gerais das florestas tropicais. Sucessão de florestas tropicais. Regeneração natural de florestas tropicais. Tratamentos silviculturais aplicados à regeneração natural. Sistemas silviculturais aplicados às florestas tropicais. Método de transformação do povoamento ou conversão. Método de transformação por via da sucessão dirigida. Sistemas de transformação por meio de regeneração combinada com exploração. Método de substituição.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>IMANÃ-ENCINAS, José et al. Contribuição dendrométrica nos levantamentos fitossociológicos. 1 ed. Brasília - DF: UNB, 2009. 46 p.</p> <p>FELFILI, Jeanine Maria. Fitossociologia no Brasil: métodos e estudos de casos: volume I. Viçosa - MG: Editora UFV, 2013. 558 p.</p> <p>HIGMAN, S. [et al.]. Manual do Manejo Florestal Sustentável. 2 ed. Viçosa - MG: UFV, 2015. 398 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
<p>AMARAL, P. et al. Floresta para sempre: manual para produção de madeira na Amazônia. Belém: IMAZON, 1998. 137p.</p> <p>LAMPRECHT, H. Silvicultura nos trópicos: ecossistemas florestais e respectivas espécies arbóreas. Alemanha. Universidade Gottingen. Eschborn.1990.</p> <p>SOUZA, A.L.; JARDIM, F.C.S. Sistemas silviculturais aplicados às florestas tropicais. Viçosa: SIF.1993 (Documento 8)</p> <p>SCOLFORO, J.R.S. Manejo Florestal. Lavras. UFLA/FAEPE. 1998. 438 p.</p> <p>ZARIN, D.J. et al. As florestas produtivas no neotrópico. Conservação por meio do manejo sustentável? São Paulo: Ed. Petrópolis. Brasília: IEB – Instituto Internacional de Educação no Brasil, 2005. 511p.</p>					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal
	IDENTIFICAÇÃO
DISCIPLINA	SEMESTRE

Ecoturismo e Turismo Rural			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Definição, evolução e importância do setor de turismo/ecoturismo. Classificação e origem do ecoturismo. Levantamento e análise dos recursos naturais com potencialidades para o ecoturismo. Determinação de capacidade de carga. Planejamento e gestão de empreendimentos ecoturísticos. Pesquisa e análise de mercado. Educação ambiental. Impactos ambientais, socioculturais e econômicos do ecoturismo. Empreendimentos ecoturísticos. Exploração do potencial turístico de propriedades rurais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DIAS, R. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo - SP: Atlas, 2003. 208 p. MORAES, W. V. Ecoturismo: planejamento, implantação e Administração do Empreendimento. Viçosa - MG: Aprenda Fácil editora, 2000. 170 p. NEIMAN, Z. Meio Ambiente, educação e ecoturismo. Barueri-SP: Manole, 2002. 181 p. SWARBROOKE, J. Turismo sustentável: meio ambiente e economia, vol. 2. 2 ed. São Paulo - SP: Aleph, 2000. 128 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
EMABRATUR/IBAMA. Diretrizes para uma política nacional de Ecoturismo. Grupo de Trabalho Interministerial. In: KINKER, S. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas, SP: Papirus, 2002, (Coleção Turismo). KINKER, S. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas, SP: Papirus, 2002, (Coleção Turismo). SWARBROOKE, J. Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental. (tradução Margarete Dias Paulido) São Paulo: Aleph, 2000, (Coleção Turismo).					

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Manejo de Plantas Daninhas			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Classificação das plantas daninhas. Mecanismos de reprodução e dispersão. Dinâmica de populacional das plantas daninhas em áreas agrícolas e não agrícolas. Banco de sementes de plantas daninhas em áreas agrícolas. Métodos de análise da vegetação daninha Interferência entre plantas daninhas e cultivadas. Métodos de controle das plantas daninhas. Resistência de plantas daninhas aos herbicidas. Classificação dos herbicidas. Interações entre herbicida-soloplantas. Culturas geneticamente modificadas resistentes aos herbicidas.					

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALTIERE, M.A. Agroecologia: Bases Científicas da Agricultura Alternativa. FASE, Rio de Janeiro, RJ. 235 p. 1989.

FERREIRA, M. B. Catálogo ilustrado de sementes e fruto/semente, de plantas daninhas ocorrentes em pastagens, no Estado de Minas Gerais e, herbicidas utilizados para seu controle. Belo Horizonte - MG: Editora EPAMIG, 1981. 131 p.

KISSMANN, K.G.; GROTH, D. Plantas infestantes e nocivas: Vol. I, II, III. BASF, 2000

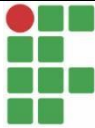
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DEUBER, R. Ciência das plantas daninhas: Fundamentos. Funep, 1992. 431 p.

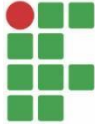
LORENZI, H. Manual de Identificação e Controle de Plantas Daninhas: plantio direto e convencional. 4a edição, Editora Plantarum, Nova Odessa. 1994. 299 p.

OLIVEIRA Jr, R.S.; CONSTANTIN, J. Planta daninha e seu manejo. Ed. Guaíba: Agropecuária, 2001. 362 p

RODRIGUES, B.N. & F.S. ALMEIDA. Guia de herbicidas. 3a Edição, IAPAR, Edição dos autores. Londrina, 1995. 675 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Inglês Instrumental			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conscientização do processo de leitura. Utilização dos elementos iconográficos do texto. Noção do texto como um todo linear, coeso e coerente. Estratégias de leitura. Gramática da língua inglesa. Aquisição de vocabulário. Reconhecimento de gêneros textuais. Análise textual de um gênero.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MARQUES, A. Dicionário inglês-português, português-inglês. 3ª ed. rev. e atualizada São Paulo - SP: Ática, 2016. 871 p. ISBN 9788508126835					
MUNHOZ, R. Inglês Instrumental. Módulos I e II. São Paulo: Texto novo, 2002.					
SOCORRO E. et al. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Teresina: Halley S. A. Gráfica e Editora, 1996.					
TORRES, N. Gramática prática da língua inglesa: o inglês descomplicado. 11. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2014. 464 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
DICIONÁRIO Oxford escolar: para estudantes brasileiros de inglês: português-inglês, inglêsportuguês. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2007. 757 p. + CD-ROM					
GAMA, A.N.M. et al. Introdução à Leitura em inglês. 2ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2001.					
SOUZA, A. G. F. et al. Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental. São Paulo, SP:					
DISAL, 2005. 151 p.					

SWAN, M. P. E. U. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo	IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal				
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Meio Ambiente e Sociedade			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A temática socioambiental no contexto da teoria Crítica e da teoria da Ação Dialógica. Ética e Educação Ambiental. Racionalidade ambiental. Epistemologia da Educação Ambiental e sua contextualização histórico-crítica. Identidades da Educação Ambiental no Brasil. Educação Ambiental e Trabalho. Educação Ambiental e Participação. Política Nacional de Educação Ambiental. Organização e orientação para a elaboração e apresentação de projetos em Educação Ambiental.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm >. Acesso em 21/03/2023. CASTELLS, M. Sociedade em rede. v. 1, 8 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2005 CHAUI, M. Convite à Filosofia. 13 ed. 7 imp. São Paulo: Ática, 2008. LAYRARGUES, P.P.; LOUREIRO, C.F.B.; CASTRO, R.S. (Org.) Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

DEMO, P. Participação é conquista: noções de política social participativa. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FERRARO JUNIOR, L. A. (Org.). Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. v.1. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 38 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, E. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, 2004. p. 65-84.

LOUREIRO, C. F. B. TORRES, J. R. (Org.). Educação Ambiental. Dialogando com Paulo Freire. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PORTO-GONÇALVES, C.W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ZART, L. L. Educação ambiental crítica: o encontro dialético da realidade vivida e da utopia imaginada. Cáceres-MT: Unemat. Editora, 2004.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Empreendedorismo			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Conceitos. Sistemas e processos organizacionais. Mudanças nas relações de trabalho. Características empreendedoras. A motivação na busca de oportunidades. O funcionamento de um negócio. Estudo de viabilidade. Plano de negócios.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BEZERRA, B. Caminhos do desenvolvimento: uma história de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe. São Paulo - SP: EI - Edições Inteligentes, 2004. 154 p. CHÉR, R. Empreendedorismo na veia: um aprendizado constante. Rio de Janeiro - RJ: Elsevier, 2008. 232 p. EMMANUEL, A. Formação empreendedora na educação profissional: capacitação a distância de educadores para o empreendedorismo. Florianópolis - SC: Ministério da Educação, 2000. 253 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

ARAÚJO FILHO, G. F. Empreendedorismo criativo. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.

BUSINESSWEEK. Empreendedorismo: as regras do jogo. São Paulo: Nobel, 2008

DOLABELA, F. O Segredo de Luisa. 14ª Edição. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, J. C. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

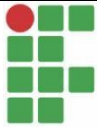
DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

KOTLER, P; KELLER, K. L. Administração de marketing. 12. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2006.

MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à administração: edição compacta. São Paulo: Atlas, 2006.

SALIM, C. S. HOCHMAN, N. RAMAL, A. C. RAMAL, S. A. Construindo Planos de Negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SLACK, N; CHAMBERS, S; JOHNSTON, R. Administração da produção. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 747 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Gestão de Recursos Humanos			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Estudo da relação entre a empresa e seus recursos humanos. Integração e a produtividade do trabalhador. Análise da gestão estratégica e da gestão de recursos humanos para os resultados organizacionais. Estudo da coordenação sistêmica da administração de gestão de pessoas e sua influência no clima organizacional. Desafios de tendências da gestão de Recursos Humanos. A Sustentabilidade nas Organizações. Remuneração, programa de incentivos, sindicalismo e negociações coletivas. Treinamento e Desenvolvimento. Higiene, qualidade de vida e segurança no trabalho.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BRITO, M. J; BRITO, V. G. P. Gestão estratégica de recursos humanos: administração rural. Lavras: Editora UFLA, 1999. 45 p.</p> <p>FERREIRA, A. A; REIS, A. C. F.; PEREIRA, M. I. Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias: evolução e tendências da moderna administração de empresas. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 256 p.</p> <p>REINC, Modelo de gestão para incubadoras de empresas: uma estrutura de indicadores de desempenho. Rio de Janeiro/RJ: ReInc, 2001. 96 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CARBONE, P. P; BRANDÃO, H. P. Gestão por Competência e Gestão do Conhecimento. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHIAVENATO, I. Recursos Humanos: O Capital Humano nas Organizações. São Paulo: Atlas. 2008.

FERNANDES, B. H. R; BERTON, L. H. Administração Estratégica: Da Competência Empreendedora à Avaliação de Desempenho. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2012. (livro eletrônico)

HITT, M. Administração Estratégica. 7 ed. Editora Geagage learning 2008.

MARRAS, J. P. Administração de Recursos Humanos: do Operacional ao Estratégico. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

PINTO, S. R. R; PEREIRA, C. S. Dimensões Funcionais da Gestão de Pessoas. 9 ed. Rio de Janeiro: FGV. 2008.

ALLEN, Justin; ULRICH, Dave. A Transformação do RH: Construindo os Recursos Humanos de Fora para Dentro. São Paulo: Bookman, 2011. (livro eletrônico)

PINTO, S. R. R; PEREIRA, C. S. Dimensões Funcionais da Gestão de Pessoas. 9 ed. Rio de Janeiro: FGV. 2008.

TANURE, B. EVANS, P. PUCIK, V. Gestão de Pessoas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Campus. 2007.

WAGNER, J. A. HOLLENBECK, J. R. Comportamento Organizacional: Criando Vantagem Competitiva. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.


 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Certificação Florestal			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Introdução à certificação florestal. Sistemas de certificação florestal no mundo e no Brasil. A certificação do manejo florestal pelo sistema FSC – Forest Stewardship Council. A certificação de cadeia de custódia pelo sistema FSC. A certificação do manejo florestal e da cadeia de custódia pelo sistema ABNT – CERFLOR, PEFC. Instituições envolvidas. Estudos de caso em florestas naturais e plantadas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FOREST STEWARDSHIP COUNCIL - FSC. Disponível em: < https://br.fsc.org > Acesso em: 22/03/2023. IMAFLOA. Disponível em https://www.imaflora.org/ Acesso em: 22/03/2023. REZENDE, M.T.R.; MONTEIRO, L. C. HENRIQUES, A.S. Desafios da sustentabilidade: CERFLOR – 10 anos trabalhando em favor das florestas brasileiras. São Paulo: Essencial Idea Editora, 2012.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

REZENDE, M.T.R. Certificação Florestal: estudo da equivalência dos sistemas. Universidade Federal Fluminense. Centro Tecnológico. Mestrado profissional em Sistema de Gestão. 2006. 175p.

SANQUETTA, C.R.; DALLA CORTE. A.P. Certificação Florestal. Curitiba: apostila de aula, 2012. 70p.

ZANETTI, E. Certificação de Florestas Nativas no Brasil. Curitiba: Juruá, 2007. 376p.

INMETRO. Disponível em <<http://www.inmetro.gov.br/qualidade/cerflor.asp>> Acesso em: 22/03/2023.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Direito ambiental			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Considerações gerais sobre a questão ambiental nacional e internacional. A crise ambiental e a Lei. Legislação Ambiental no Brasil. Direito do Ambiente: princípios fundamentais do direito do ambiente. Multidisciplinaridade do Direito do Ambiente. Patrimônio Ambiental Nacional: natural e cultural. Proteção ambiental na Constituição Federal. Política Nacional do Meio Ambiente: Sistema Nacional do Meio Ambiente e Instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente: padrões de qualidade ambiental; zoneamento ambiental; avaliação de impacto ambiental; licenciamento e meio ambiente. Política florestal: espaços territoriais especialmente protegidos. Política Estadual do Meio Ambiente. Tutela civil, administrativa e penal do ambiente.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BESSA, P.A. Direito Ambiental. 14ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>FIORILLO, C. A. P. Curso de Direito Ambiental Brasileiro, 11ª ed., São Paulo: Saraiva, 2010.</p> <p>MILARÉ, E. Direito do Ambiente: A Gestão Ambiental Em Foco - 8ª ed. São Paulo: RT, 2013.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

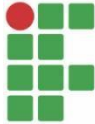
AGOSTINHO, L. O. V. Retrocessos no Novo Código Florestal. Análise das mudanças relativas às áreas de preservação permanente e reserva legal. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.
BRASIL. Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6938.htm>. Acesso em 22/03/2023.

MACHADO, P. A. L. Direito Ambiental Brasileiro. 20ª ed. São Paulo, Malheiros, 2008.

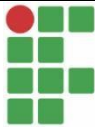
MATO GROSSO. Lei Complementar nº 38 de 21 de novembro de 1995. Institui a Política Estadual de Meio Ambiente. Disponível em: <<http://app1.sefaz.mt.gov.br/sistema/legislacao/LeiComplEstadual.nsf/9e97251be30935ed03256727003d2d92/589a53ac84391cc4042567c100689c20?OpenDocument>>. Acesso em 22/03/2023.

MILARÉ, É. Direito do Ambiente. 10ª ed. São Paulo: RT, 2015.

SILVA, J. A. Direito Ambiental Constitucional. 10ª ed. São Paulo: Malheiros: São Paulo, 2013

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Fauna, Flora e a Engenharia Florestal			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Conceito de diversidade biológica incluindo os fatores ambientais moduladores dessa diversidade. Integração de conceitos fundamentais para o estudo da diversidade, tais como evolução, adaptação e seleção natural, e a sua relação com fatores bióticos e abióticos. Diversidade da fauna e flora dos biomas Pantanal, Cerrado e Amazônia. Discussão de temas ligados à conservação da diversidade e ao impacto do ser humano sobre ela. Valoração da fauna e da flora. Espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção. O papel do engenheiro florestal na conservação da biodiversidade.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BEGON, M., TOWNSEND, C.R.; J. L. HARPER. Ecologia de Indivíduos a Ecosistemas. Art Med Editora. Porto Alegre. 4. ed., 2007. 740p. ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. Fundamentos de ecologia. 5 ed. São Paulo - SP: Cengage Learning, 2008. 627 p. RICKLEFS, R. E. A Economia da Natureza. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010 TOWNSEND, C.R; BEGON, M; HARPER, J.L. Fundamentos de ecologia. 2ed, Artmed, Porto Alegre. 592p. 2006.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

MARTINS, M., & P. T. SANO. Biodiversidade Tropical. Coleção Paradidáticos, Série Evolução. São Paulo: Editora UNESP. 128 pp. 2009.
 MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Espécies exóticas invasoras: situação brasileira. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. – Brasília: 2006. 24 p.
 REZENDE, A. V.[et al.]. Cerrado: Ecologia e Flora. 1 ed. Brasília - DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. 1280 p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Agroindustrialização de Produtos Agroflorestais			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Processamento de sementes comestíveis: desidratação, secagem, processo de torrefação, produção de barras de cereais. Processamento de frutos comestíveis produzidos por espécies florestais: produção de polpas, doces cremosos, geleias, frutas em calda, frutas desidratadas. Produção de óleos essenciais. Embalagens. Comercialização e marketing. Aspectos sanitários da agroindustrialização.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>BOBBIO, F. O; BOBBIO, P. A. Química do processamento de alimentos. 3. ed. São Paulo: Varela, 2001. 478p. FELLOWS, P. J. Tecnologia do Processamento de Alimentos: Princípios e Práticas. Porto Alegre: Artmed, 2006. GAVA, A. J.; SILVA, C. A. B.; FRIAS, J. R. G. Tecnologia de alimentos: princípios e aplicações. São Paulo: Nobel, 2008. ORDÓÑEZ, J. A.; PEREDA, J. A. O. Tecnologia de alimentos: alimentos de origem animal - v.2. Porto Alegre - RS: Artmed, 2007. 280 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BARROS, C. Agroindústria e pequena produção: integração, modernização e dependência. Editora Universidade Federal da Paraíba, 1997.

BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial. 2 ed., Editora Atlas, vol. I e vol. II, 2001

CAMARGO, R. Tecnologia dos Produtos Agropecuários. Alimentos. São Paulo: Nobel, 1984.

CHITARRA, M. I.; CHITARRA, A. B. Pós-colheita de Frutas e Hortaliças: fisiologia e manuseio. 2ª ed. Lavras: UFLA, 2006

PREZOTTO, L. L. Agroindústria de pequeno porte, instrumento para o desenvolvimento local e para a agricultura familiar. Editora MA/SDR/PNFC, 1998.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
<p>Importância econômica e social das plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Principais espécies exóticas e nativas de uso popular no Brasil. Conservação de recursos genéticos. Principais grupos e características químicas dos metabólitos secundários. Cultivo de plantas medicinais herbáceas e arbustivas. Coleta e extrativismo: manejo sustentável. Colheita e manejo pós-colheita, processamento e comercialização. Controle de qualidade.</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>CORRÊA JÚNIOR, CIRINO; SCHEFFER, MARIANNE CHRISTINA. Boas práticas agrícolas (BPA) de plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Curitiba: Emater, 2013. 52 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_plantas_medicinais.pdf Acesso:22/03/2023</p> <p>HERTWING, I. F. V. Plantas aromáticas e medicinais. São Paulo - SP: Coni, 1986. 450 p.</p> <p>SANTOS, C. A. M; TORRES, K. R; LEONART, R. Plantas medicinais: herbarium flora et scientia. São Paulo - SP: Ícone, 1988. 160 p.</p> <p>MAURY, E. A.; RUDDER, C. Guia das plantas medicinais. São Paulo - SP: Rideel, 2002. 609 p.</p>					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. Plantas medicinais, condimentares e aromáticas: descrição e cultivo. Guaíba, Agropecuária, 1995. 196 p.

CARVALHO, A.F. Ervas e temperos: cultivo, processamento e receitas. Viçosa: Aprenda Fácil, 2002, 296 p.

CORRÊA JÚNIOR, C.; MING, L.C.; SCHEFFER, M.C. Cultivo de Plantas Medicinais, Condimentares e Aromáticas. Jaboticabal: Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia, 1994. 162 p.

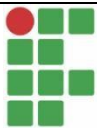
CORRÊA, A. D., SIQUEIRA-BATISTA, R., QUINTAS, L. E. Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica. Editora Vozes. 2005. 248 p.

HERTWING, I.F.V. Plantas medicinais e aromáticas: plantio, colheita, secagem e comercialização. 2 ed. São Paulo: Editora Ícone, 1991. 449p.

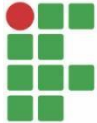
MARTINS, E. R., CASTRO, D. M., CASTELLANI, D. C., DIAS, J. E. Plantas medicinais. Editora: UFV - Universidade Federal de Viçosa. 2003. 220 p

SILVA, F., LOPES, R. C., ARMOND, C., ALMASSY JÚNIOR, A. A., CASALI, V. W. D. Folhas de chá, remédios caseiros e comercialização de plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Editora: UFV, 2005. 233 p.

TORRES, P.G.V.; TORRES, M.A.P. Plantas Medicinais, Aromáticas & Condimentares. 2 ed. Rigel, 2014. 144p.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Introdução a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
Noções básicas de LIBRAS com vistas a uma comunicação funcional entre ouvintes e surdos no âmbito do trabalho.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FELIPE, T. A. Libras em contexto: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília - DF: Editora MEC/SEESP, 2001. 384 p.					
QUADROS, R. M. Educação de Surdos – A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.					
SEGALA, S. R; KOJIMA, C. K; SEGALA, S. R. A Imagem do pensamento: Libras - língua brasileira de sinais. São Paulo - SP: Lafonte, 2020. 399 p.					
RAMOS, R. Inclusão na prática: estratégias eficazes para a educação inclusiva. 3ª ed. São Paulo - SP: Summus, 2016. 126 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. LIBRAS em Contexto. Brasília: SEESP, 1998.
 BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Língua Brasileira de Sinais. Brasília: SEESP, 1997.
 CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. São Paulo, SP: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2004 a. v.1.
 CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, V. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe – Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. (vol. I e II). São Paulo: EDUSP, 2001.
 CUNHA, Eugênio. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade. 7ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Wak Editora, 2018. 159 p.
 FALANDO COM AS MÃOS: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
 PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação especial. Cadernos publicados, 2009 a 2012.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Filosofia da Ciência			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
A filosofia da ciência – o que é? (O senso comum e a ciência; Ciência na história – a razão científica através do tempo; Epistemologia – a investigação filosófica da ciência; Ciência e sociedade – As relações entre as duas esferas; O método científico: Diversidade dos métodos e unidade de visão). A práxis científica (A ciência com consciência, o “contrato natural”, a <i>vita activa</i> no campo da ciência. Aspectos históricos da Ciência. A revolução científica moderna: o conceito de paradigma. A teoria do falseamento e a escola de Viena. Filosofia da Ciência Contemporânea. Ciência, tecnologia e meio ambiente: análise crítica).					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

ADAS, S. Proposta de trabalho e ensino de filosofia: especificidade das habilidades; eixos temático-históricos e transversalidade. São Paulo, SP: Moderna, 2012. 192 p.

PORTOCARRERO, V., org. Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 272 p. ISBN: 85-85676-027
Disponível em: SciELO Books <<https://static.scielo.org/scielobooks/rnn6q/pdf/portocarrero9788575414095.pdf>>. Acesso 22/03/2023

REALE, G; ANTISERI, D. História da Filosofia, v. 2: Patrística e Escolástica. 5ª reimpressão São Paulo - SP: Paulus, 2008. 335 p.

SEVERINO, J. A. S. Metodologia do Trabalho Científico. 23ª Edição (revista e ampliada). São Paulo: Cortez Editora. 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHALMERS, A. F. O que é Ciência, Afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.

FITAS, A. J. História e filosofia da ciência: coletânea de textos [online]. Universidade de Évora: 2011. Disponível em: < <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/4200/1/Notas-HFCajsFITAS.pdf>>. Acesso: 22/03/2023.

KOYRÉ, A. Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. (Coleção Campo Teórico).

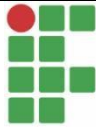
KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. 3ª Ed., São Paulo: Perspectiva, 1994.

MORIN, E. Ciência com consciência. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória, 2ª Ed. (Revista e Modificada pelo autor). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5504158/mod_resource/content/1/MORIN%2C%20Edgar.%20C%3AAncia%20com%20Consci%3AAncia.pdf> Acesso: 22/03/2023.

POPPER, K. A Lógica da Investigação Científica. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Introdução e Cap 1) (Col. Pensadores).

SERRES, Michel. O contrato Natural. Trad. Beatriz Sedoux. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1991.

Hominescências: O começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

 INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo		IFMT/CÁCERES/PROF. OLEGÁRIO BALDO Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal			
IDENTIFICAÇÃO					
DISCIPLINA			SEMESTRE		
Sociologia Geral			Eletiva		
CARGA HORÁRIA (Horas)					
Teórica	Prática	Presencial	EAD	Extensão	Total
34	17	34	17	-	51
DESCRIÇÃO/EMENTA					
O mundo das Ciências Sociais: objeto de estudo e compreensão sociológica. A construção da identidade social: relação indivíduo e sociedade, a construção de identidades étnico-raciais, de classe e de gênero. Como a sociedade se mantém: divisão social do trabalho, solidariedade e coerção, desvio e punição. Como a sociedade se transforma: movimentos sociais, políticas de direitos humanos, alteridades e diferenças. O método na pesquisa social: pesquisas e trabalhos científicos					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					

BECKER, HOWARD S. Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, PETER L.; LUCKMANN, THOMAS. A construção social da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BECK, U. Sociedade de risco. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DAVIES, A. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, F. Peles negras, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

GIDDENS, A. A constituição da sociedade. São Paulo: editora WMF Martin Fontes, 2009.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: editora UNESP, 1991.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto comunista. Várias edições.

MILLS, C. WRIGHT. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RODRIGUES, J. A. (org.) Durkheim. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 2006.

SIMMEL, GEORG. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Várias edições.

19 PESQUISA, INOVAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (os Institutos Federais) prevê que as Instituições deverão realizar pesquisas e desenvolver atividades de extensão, além de oferecer cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, conforme consta nos Incisos III, IV, V e VI (alíneas “d” e “e”) do Art. 7º, como segue:

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e VI - ministrar em nível de educação superior:

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica.

O IFMT possui diversos programas de pós-graduação lato sensu e stricto sensu. Nesta última modalidade há programas de pós-graduação a nível de mestrado ofertados pelo próprio IFMT, além daqueles oferecidos de forma interinstitucional (mestrado e doutorado).

Anualmente as Pró-Reitorias de Ensino e de Pesquisa e Inovação e o Campus publicam editais para incentivo a pesquisa aplicada, inovação tecnológica, extensão tecnológica, entre outros.

Nos editais de fomento à pesquisa são previstas concessões de bolsa produtividade em pesquisa, auxílio financeiros ao pesquisador (taxa de bancada), bolsa de iniciação científica aos discentes e auxílio financeiro às publicações em periódicos científicos e objetivam despertar nos estudantes a vocação científica e envolvimento nas atividades de pesquisa, proporcionando-lhes a aprendizagem de métodos e técnicas de pesquisa e estimulando-os ao desenvolvimento da criatividade e do pensar científico.

Os editais de inovação e extensão tecnológica, assistidos pela Agência de Inovação Tecnológica (AIT) do IFMT, em conformidade com a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004 (alterada pela Lei nº 13.243/16), são previstas concessões de bolsa produtividade em pesquisa, auxílio financeiros ao pesquisador (taxa de bancada) e bolsa de iniciação tecnológica aos discentes. Esses editais têm importância estratégica para o IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, de forma a incrementar a estruturação de linhas de pesquisa que, no futuro, terão grande relevância tecnológica e na formação de pessoal qualificado para as áreas de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PDI). Particularmente no estado de Mato Grosso, onde se constata falta de profissionais qualificados na área, constituindo enorme assimetria comparada às regiões do Sul e Sudeste brasileiro.

As ações de extensão, como por exemplo, atividades lúdicas, visita da comunidade ao campus, jogos estudantis, festas culturais, desfiles cívicos e comemorativos, oficinas, palestras, participação e organização de eventos na região, entre outras, caracterizam-se por serem ações

processuais e contínuas, de caráter educativo, social, cultural, desportivo, científico ou tecnológico. Anualmente são publicados editais de fomento à extensão, bem como incentivo e apoio à realização dessas ações.

O IFMT, Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo realiza anualmente eventos científicos e atividades de extensão, a exemplo da Mostra Científica do Pantanal, Semana Tecnológica, Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, Dias de Campo, Semana Acadêmica, seminários, palestras, cursos, entre outras atividades. Os acadêmicos do Curso de Engenharia Florestal serão estimulados a participar dessas atividades e eventos, além promover outros.

Intenciona-se nessa proposta, que todos os resultados de pesquisas e até mesmo de atividades de ensino sejam divulgados a toda a sociedade interessada, por meio de meios de comunicação de massa (informativos, boletins, sites, e-mails, palestras, entre outros).

As atividades de pesquisa serão fomentadas nos moldes da produção técnica-científica, com estudos e análises de produtos, realização de experiências, registro da pesquisa, produção de dados estatísticos e relativos ao objeto de estudo, descrição do objeto e das etapas da pesquisa, bem como dos resultados alcançados.

A produção textual se dará nas formas permitidas a evidenciar os resultados, seja no âmbito informativo, descritivo ou crítico. Para divulgação dos resultados e elevação da produção acadêmica, as produções poderão ser na forma de relatório de pesquisa, artigos científicos, pôster, entre outros mecanismos de divulgação, que respeitem as normas da ABNT correlatas, apresentação em congresso e seminários, e com propositura de publicação.

20 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

20.1 Política de extensão curricular do curso

De acordo com PDI (2019 – 2023) do IFMT, a Extensão visa aprofundar os vínculos existentes entre o IFMT e a sociedade, com o propósito de alcançar novas alternativas de transformação da realidade mediante ações que fortaleçam a cidadania. A intervenção das atividades de Extensão deve ocorrer de forma participativa e dialógica, tendo como ponto de partida o conhecimento da realidade local, contemplando a essência da missão do IFMT.

Considerando a extensão como um processo educativo, cultural e científico, articulando-se ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, ampliando a relação transformadora entre a instituição e os segmentos sociais, promovendo o desenvolvimento local e regional, a partir da socialização da cultura e do conhecimento técnico-científico, é fundamental a participação do discente em programas e projetos que possibilitem a ampliação de seus conhecimentos e experiências.

Diante disto, objetiva-se definir os procedimentos pedagógicos para a curricularização da extensão no Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso campus Cáceres professor Olegário Baldo, considerando:

I - A meta 12.7 do Plano Nacional da Educação 2014/2024, aprovado pela Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014 e regimentada pela Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, assegura, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária.

II – A Resolução CONSUP nº. 013, de 28 de março de 2019, que aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional 2019-2023 do IFMT;

III – A Resolução CONSUP/IFMT nº 22, 25 de maio de 2021, que aprova o regulamento para Curricularização da Extensão no âmbito do IFMT;

IV- A Resolução CONSEPE nº 021/2021, de 20 de abril de 2021 que dispõe sobre a inserção da Extensão nos currículos dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Mato Grosso.

A Resolução CONSEPE nº 021/2021, **Art. 10**: As atividades de extensão deverão ser distribuídas na matriz e no PPC do curso de acordo com as modalidades **I e II, sendo obrigatória** a utilização de ambas as modalidades para os cursos de graduação:

§ 1º Modalidade I – componentes curriculares específicos de extensão vinculados a: a) Programas e Projetos registrados no campus/IFMT;

b) Ações de extensão abertas à participação da comunidade externa, exceto as Atividades Complementares, TCC e Estágio Obrigatório;

§ 2º Modalidade II – atividades de extensão previstas:

a) Em disciplinas que desenvolvem atividades de extensão e proporciona aos estudantes vivências com a comunidade externa; relaciona teoria e prática; possui projeto e carga horária específica expressas na matriz curricular;

b) Em conteúdo de disciplinas da matriz curricular do curso denominados Conteúdos Curriculares de Extensão, previstos na ementa, registrados no Plano de Ensino;

c) No Estágio Obrigatório no qual o estudante propõe e desenvolve intervenção extensionista com ações paralelas a carga horária do estágio que enriqueçam sua formação e atuação acadêmica, a intervenção extensionista deve possuir projeto e carga horária própria;

d) No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o desenvolvimento de ações extensionistas paralelas a carga horária do TCC e planejadas em projeto de extensão;

e) Em programas, projetos, eventos e prestação de serviços previsto no Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

Diante disso, e, em conformidade com a Resolução 021/21 do CONSEPE/IFMT, a curricularização da extensão no Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal se dará da seguinte forma:

20.2 Modalidades de atividades de Extensão

O cômputo da carga horária destinada à curricularização da Extensão no curso de Engenharia Florestal do IFMT, será de 374 horas, e ocorrerá seguinte forma:

- A) 272 horas em componentes curriculares específicos de extensão vinculados à Programas e Projetos registrados no campus/IFMT;
- B) 102 horas Atividades de extensão previstas em disciplinas que já compõe a matriz curricular.

20.2.1 Componente curricular específico de Extensão (Modalidade 1.a);

O curso de Engenharia Florestal do IFMT ofertará componentes curriculares (Tabela 01) com carga horária de 272 horas, com o objetivo de oportunizar ao estudante o desenvolvimento **de atividades de extensão vinculados a programas e projetos.**

Tabela 1: Componentes curriculares específicos e respectiva carga horária.

Semestre	Disciplina	Carga horária total	Carga horária extensão
3º	Práticas de Extensão I	34	34
4º	Práticas de Extensão II	51	51
5º	Práticas de Extensão III	51	51
6º	Práticas de Extensão IV	51	51
7º	Práticas de Extensão V	51	51
8º	Práticas de Extensão VI	34	34
Total			272

A creditação curricular das atividades de extensão em componentes curriculares específicos do curso de Engenharia Florestal ocorrerá por meio de:

Componentes curriculares específicos 272 Horas (modalidade 1a): Práticas de Extensão I, Práticas de Extensão II, Práticas de Extensão III, Práticas de Extensão IV, Práticas de Extensão V e Práticas de Extensão IV.

Serão Componentes que permitam o reconhecimento e contabilização da carga horária de participação do discente em projeto ou programa específico registrado na coordenação de extensão do campus ou PROEX e desenvolvido em conjunto com docente responsável pelo componente curricular no período de oferta.

20.2.2 Atividades de extensão previstas em disciplinas que já compõe a matriz curricular. (Modalidade 2.a);

O curso de Engenharia Florestal do IFMT ofertará atividades de extensão em disciplinas que já compõe a matriz do curso de Engenharia Florestal de acordo com a tabela 2.

Tabela 2: Disciplinas que compõe a matriz curricular e respectiva carga horária.

Semestre	Disciplina	Carga horária total	Carga horária extensão
1º	Introdução às Ciências Florestais	51	51
2º	Extensão Rural	51	51
Total			102

Disciplinas que desenvolvem atividades de extensão 102 Horas (modalidade 2a): Introdução às Ciências Florestais e Extensão Rural. Disciplinas integrantes da matriz curricular cuja carga horária será destinada integralmente a participação dos discentes em atividades de extensão desenvolvidas no período de oferta e registradas no plano de ensino e SUAP/Qacadêmico. São disciplinas formativas de introdução as atividades de extensão centradas em epistemologias e metodologias de extensão.

20.3 As atividades de curricularização da extensão previstas compreendem as seguinte ações:

1º. Programa de Extensão: Conjunto de projetos e outras ações de extensão com objetivos comuns e correlatos, com caráter inter e multidisciplinar, integrando a participação de docentes, discentes, técnicos e membros externos, com execução a médio e longo prazo. O discente poderá computar carga horária de atividades desenvolvidas no âmbito dos programas de extensão, devidamente registrados na PROEX, em que atue como membro da equipe executora. Nessa etapa o discente atuará como protagonista das ações sempre sob a supervisão de um coordenador do programa.

O IFMT através da PROEX publica Editais de Extensão em diversas modalidades, relacionados a Programas da Instituição. Atualmente, o IFMT tem cinco programas de extensão: Ativa Incubadora de Empresas, IFMT Júnior, Teresa de Benguela, Desenvolvimento Rural e Dom Pedro Casaldáliga.

2º. Projeto de Extensão: Ação contínua com caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado, registrado como projeto isolado ou vinculado a um programa. O discente computará carga horária das atividades desenvolvidas no âmbito dos projetos de extensão, devidamente registrados na PROEX ou coordenação de extensão do campus nos editais de fluxo contínuo, sendo bolsista ou colaborador, desde que atue como

membro da equipe executora. Nessa etapa o discente atuará como protagonista das ações sempre sob a supervisão de do docente coordenador do projeto.

Anualmente as Pró-Reitorias de Ensino, Pesquisa, extensão e Inovação publicam editais para incentivo a pesquisa aplicada, inovação tecnológica, extensão tecnológica em conjunto com órgãos de Fomento como a FAPEMAT (Extensão Tecnológica). Os editais de inovação e extensão tecnológica, assistidos pela Agência de Inovação Tecnológica (AIT) do IFMT, em conformidade com a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, são previstas concessões de bolsa produtividade em pesquisa, auxílio financeiros ao pesquisador (taxa de bancada) e bolsa de iniciação tecnológica aos discentes. O Campus Cáceres Professor Olegário Baldo, através da coordenação de extensão também publica editais de extensão anualmente de fluxo contínuo, com taxa de bancada e seleção de bolsistas.

3º Cursos de Extensão: Ação com duração determinada, de caráter educativo social, cultural, científico e tecnológico, permitindo relação teoria-prática e a integração com a sociedade em suas diversas estruturas e formas de organização. O discente computará carga horária das atividades desenvolvidas no âmbito dos cursos de extensão, desde que atue como membro da equipe executora e ou/ como palestrante de curso ou minicurso. Nessa etapa o discente atuará como protagonista das ações sempre sob a supervisão do docente coordenador do projeto, curso ou evento.

Periodicamente o curso de Engenharia Florestal recebe demandas de natureza diversa de setores da sociedade, de modo formal via ofícios e requerimentos remetidos à Direção do Campus. Além disso, em muitos casos existe contato informal entre a sociedade e servidores, estudantes e colaboradores do IFMT sobre orientação em alguma ação ou atividade. Os discentes participam de atividades de extensão ao longo de todo Curso, por exemplo, em eventos culturais realizados no município (Festival Internacional de Pesca, Exposição Agropecuária, Semana do Meio Ambiente entre outros) o campus faz doação de mudas de espécies agroflorestais produzidas pelos discentes sob orientação de profissionais do IFMT. Neste caso, seria uma ação de extensão onde os discentes envolvidos seriam certificados pela participação na produção, manejo e distribuição das mudas, com orientação técnica apresentando os cuidados com o plantio e manutenção delas. Enfim, são diversas ações que o Campus realiza ao longo de sua história que podem ser registradas nos currículos dos discentes e servidores.

4º Eventos de Extensão: Ação que implica a organização e ou/ apresentação pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto, cultural, artístico, esportivo, científico ou tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pelo IFMT. O discente computará carga

horária das atividades desenvolvidas no âmbito dos eventos de extensão, desde que atue como membro da equipe executora. Nessa etapa o discente atuará como protagonista das ações sempre sob a supervisão do docente coordenador do evento.

São exemplos de eventos de caráter extensionista ofertados pelo Curso de Engenharia Florestal e pelo campus Cáceres ao longo de sua história: JENPEX - Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, Dias de Campo, eventos integrados com empresas, formação de extensionistas, cursos online, semana acadêmica entre outros. Além de eventos a nível de IFMT: WORKIF – Workshop de ensino, pesquisa, extensão e inovação; MARTE – Mostra de artes do IFMT, JIFMT – Jogos estudantis do IFMT, Fanfarra do Instituto Federal de Mato Grosso, IFMT campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo etc. E outras instituições como UNEMAT – Cáceres (Mostra de iniciação científica do Pantanal).

5º Prestação de serviços de Extensão: Realização de trabalho oferecido pelo IFMT-CAS, com o protagonismo dos discentes do curso de Engenharia Florestal, sob a orientação de um docente. O discente computará carga horária das atividades desenvolvidas de prestação de serviços de extensão, desde que atue como membro da equipe executora, podendo abranger, entre outras ações: emissão de laudos técnicos, atendimento jurídico e judicial, assessoria e consultoria, atendimento ao público em espaços de cultura, ciência e tecnologia, e, atendimento em saúde.

A carga horária das atividades de extensão (Programas, Projetos, Cursos, eventos e prestação de serviços) será registradas na coordenação de extensão do campus e também deverá ser comprovada por certificados, declarações ou atestados. O estudante deverá entregar uma cópia de todos os documentos comprobatórios à Coordenação de curso ou alguém por ela designada, que validará os documentos, contabilizará a carga horária e organizará os documentos em pastas individuais devidamente identificadas e arquivadas na coordenação.

20.4 Avaliação e registro

Os Componentes Curriculares específicos e as disciplinas formativas de Extensão constantes na matriz do curso deverão ser avaliados regularmente quanto à frequência e ao aproveitamento dos discentes, de acordo com as orientações sobre a avaliação da aprendizagem, previstas no PPC e no Regulamento Didático do IFMT. O registro se dará no SUAP ensino (diário), plano de ensino do docente, plano individual de trabalho -PIT e no relatório individual de trabalho - RIT. O público-alvo, os objetivos e justificativas, a metodologia e as estratégias de avaliação das atividades de extensão deverão ser especificadas no plano de ensino, avaliado/revisado pela coordenação, setor pedagógico e direção de ensino e apresentado ao aluno no início de cada período letivo.

O reconhecimento das atividades de extensão, constituída por ações de extensão em programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços se dará por meio do certificado de participação via SUAP nos programas e projetos de extensão/coordenação de extensão campus. Para eventos, cursos e prestação de serviços serão admitidos certificados, declarações e atestados que deverão ser emitidos por pessoas físicas ou jurídicas idôneas, constando informações que denotam com clareza a veracidade das atividades desenvolvidas, concernentes ao local, período, duração em horas e aproveitamento do estudante extensionista.

As atividades de extensão desenvolvidas no IFMT campus Cáceres deverá ser registrado, cadastradas, acompanhadas e avaliadas pela coordenação de extensão e os certificados deverão ser validados pela coordenação de curso e arquivados em pastas individuais dos alunos.

Em todas as ações envolvidas na curricularização da extensão, o estudante extensionista deverá participar ativamente de todo o processo (planejamento, execução e avaliação), ou seja, ele deverá ser um membro executor. A participação unicamente em eventos de natureza diversa será computada como atividades complementares.

Os componentes curriculares terão suas atividades registrados semanalmente no SUAP ensino para acompanhamento e monitoramento dos indicadores de extensão, bem como para acompanhamento técnico pedagógico.

De forma geral, as Pró-Reitoras de Ensino, Pesquisa e Extensão criarão indicadores, tecnologias e instrumentos de acompanhamento da curricularização da extensão, semelhante ao prosto no PDI, que posteriormente serão publicados relatórios da curricularização da extensão no curso de Engenharia Florestal.

21 ESTÁGIO

De acordo com a Lei nº. 11.788, de 25/09/2008, considera-se o estágio como ato educativo escolar supervisionado que visa à preparação produtiva de discentes que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos para o mundo do trabalho.

Para o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal o estudante é obrigado a cursar o estágio obrigatório e terá também a opção de cursar estágio extracurricular (não obrigatório ou livre).

21.1 Estágio obrigatório

O estágio obrigatório no Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal será concebido como conteúdo curricular obrigatório, visando assegurar ao acadêmico a oportunidade de compreender a lógica e importância entre os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo do curso.

Para caracterização e definição do estágio é necessária a existência de instrumento jurídico, preferencialmente na modalidade de convênio, entre o IFMT e as pessoas jurídicas de direito público e privado, coparticipantes do estágio, no qual estarão acordadas todas as condições de realização deste.

O Estágio Obrigatório será regido com base na Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, consonante com as normas da Coordenação de Integração e Escola Comunidade (CIEC) do IFMT Campus Cáceres Prof. Olegário Baldo, na busca de parcerias locais, regionais e nacionais e formalização do processo até a conclusão do estágio.

O aluno só poderá iniciar o estágio após celebração do Termo de Compromisso entre a instituição de ensino e a empresa/instituição concedente. O Estagiário deverá ser acompanhado regularmente pelo supervisor de estágio (empresa/instituição concedente) que garantirá o cumprimento da Lei do Estágio e do Termo de Compromisso celebrado entre as instituições.

O Termo de Compromisso celebra o acordo entre estagiário, instituição de ensino e empresa concedente assegurando o cumprimento da Lei 11.778. Este deve conter o Plano de Atividades do Estagiário com cronograma equivalente a 160 horas de atividades. Para que seja integralizado o Estágio Obrigatório numa empresa/instituição concedente, o aluno deverá ter cumprido uma carga horária mínima de 160 horas de atividades.

Conforme disposto na Lei 11.778, é vedado ao estagiário ultrapassar seis horas diárias de jornada de estágio e dois anos de estágio na mesma empresa.

O Estágio Obrigatório está previsto no currículo do curso para o período do 10º Semestre. Contudo, o aluno poderá matricular-se no Estágio Obrigatório depois de Cursado e Aprovado 2.000 horas em disciplinas do curso.

As atividades programadas para o estágio devem manter uma correspondência com os conhecimentos teórico-práticos adquiridos pelos discentes no decorrer do Curso. As atividades de estágio serão orientadas e acompanhadas por um Coordenador de Estágios (CIEC) e um Professor Orientador para cada discente, em função da área de atuação no estágio e das condições de disponibilidade de carga horária dos professores.

São mecanismos de acompanhamento e avaliação de estágio:

- a) plano de atividade de estágio elaborado pelo supervisor do estágio, aprovado pelo

professor orientador;

- b) reuniões do aluno com o professor orientador;
- c) visitas às empresas por parte do professor orientador, sempre que necessário;
- d) relatório do estágio obrigatório, entre outros.

Após a realização do estágio, o aluno apresentará o relatório final para ser avaliado conforme prazos e normas estabelecidos no regulamento interno de estágios da instituição, para aprovação final de conclusão do curso superior.

A conclusão do estágio é condição obrigatória para a aprovação final e obtenção do diploma de Bacharel em Engenharia Florestal.

Após a matrícula na disciplina “Estágio Obrigatório”, o estudante que já tiver trabalhado em funções ligadas à área de atuação da Engenharia Florestal poderá solicitar ao coordenador do curso a Solicitação de Aproveitamento de Estágio. A validação de atividade profissional como estágio obrigatório poderá ser requerida no Setor de Estágio do Campus, quando o discente possuir experiência comprovada na sua área de formação.

O estudante deverá apresentar, no caso de trabalho formal, carteira profissional e/ou contrato de trabalho ou, no caso de trabalho informal, declaração de prestação de serviços (projetos, execução e consultoria).

O aceite do pedido de validação dar-se-á sobre o conjunto de competências associadas a uma determinada unidade curricular ou a um módulo, conforme o Projeto Pedagógico do Curso.

A validação de conhecimentos e experiências adquiridas no trabalho ou por outros meios informais, será realizada por análise de memorial descritivo, com descrição detalhada das atividades desenvolvidas, e mediante avaliação condizente com o programa de ensino do componente curricular ou área.

Estará aprovado o aluno que cumprir pelo menos 80% das atividades contidas no cronograma de atividades, celebrado no Termo de Compromisso, e tiver o Relatório Final de Atividades aprovado pelos avaliadores do estágio.

O cronograma de atividades cumpridas deverá ser assinado pelo supervisor de estágio.

O Relatório Final de Estágio deverá ser avaliado pelo Orientador de Estágio mais dois professores designados pelo orientador para avaliação.

21.2 Estágio não obrigatório

De acordo com o disposto da Lei 11.778 de 25 de dezembro de 2008, o estudante do Curso de Engenharia Florestal, do Campus Cáceres Prof. Olegário Baldo do IFMT também poderá cursar o Estágio Não-Obrigatório (Estágio Livre). O Estágio Livre é uma modalidade de estágio

concomitante ao cumprimento da matriz curricular do curso, sendo proibida a sobreposição de horários entre as disciplinas e o estágio.

O objetivo geral do estágio não obrigatório é oportunizar aos discentes a inserção em espaços que possibilitem a experiência pré-profissional para o exercício de uma postura ética, crítica e propositiva frente a demandas relacionadas aos seus objetos de estudo e de intervenção, caracterizando momento de aprendizagem, e fortalecendo a pesquisa técnico-científica relacionada aos problemas peculiares no âmbito da Engenharia Florestal, em consonância com o perfil de egresso do curso e da Instituição.

O Estágio Livre é permitido ao discente regularmente matriculado no curso a partir do 2º semestre, sendo de inteira responsabilidade do aluno as solicitações vinculadas ao mesmo.

O aluno só poderá iniciar o estágio após celebração do Termo de Compromisso entre a instituição de ensino e a empresa/instituição concedente.

O termo de compromisso e a aprovação no estágio não obrigatório deverão ser celebrados seguindo as normas previstas para o Estágio Obrigatório, excetuando-se a necessidade de um professor orientador.

Ainda conforme disposto na Lei 11.778, é vedado ao estagiário ultrapassar seis horas diárias de jornada de estágio e dois anos de estágio na mesma empresa ou órgão.

Para que seja integralizado o Estágio Livre o aluno deverá ter cumprido uma carga horária mínima de 120 horas de atividades. A carga horária poderá ser contabilizada em uma única empresa/instituição concedente e, ou somando-se cargas horárias de atividades de estágio realizado em mais de uma empresa/instituição concedente. Neste caso, 30 horas será a fração mínima para contabilizar o somatório total de 120 horas de estágio não obrigatório.

Após o término das atividades previstas no cronograma, o estagiário apresentará ao Coordenador do Curso um relatório final assinado pelo supervisor do estágio (representante da empresa/instituição concedente) a ser aprovado pela Coordenação do Curso.

O Coordenador do Curso poderá avaliar o Relatório Final de Estágio Livre ou poderá designar um docente para a avaliação, cabendo a estes registrar e integralizar as horas atividades do Estágio Livre ao currículo do aluno.

22 METODOLOGIA

22.1 Aspectos gerais

A metodologia baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos cognitivos que envolvem o processo ensino-aprendizagem, buscando evidenciar e privilegiar a relação entre os docentes, os acadêmicos e as estratégias pedagógicas, a partir de um conjunto de procedimentos empregados

para atingir os objetivos, considerando as características específicas dos acadêmicos, seus interesses, conhecimentos prévios, condições de vida e de trabalho, suas potencialidades e os objetivos do curso; orientando-os na construção dos conhecimentos gerais, socioambientais e técnico científico na especificidade do curso.

O planejamento deverá ter como princípio de que, o aluno seja sujeito ativo e atuante no processo de ensino e aprendizado, utilizando-se de ferramentas que o possibilitem domínio de conteúdos, e relacioná-los com o conhecimento de forma ativa, construtiva e criadora, referendados pelos eixos norteadores: trabalho, ciência, cultura, ensino, pesquisa e extensão.

E, nesse cenário, o docente atuando como facilitador do processo, dividindo seu conhecimento numa relação respeitosa e construtiva, organizando e desenvolvendo atividades didáticas geradoras de aprendizagens significativas, estimulando a integração dos acadêmicos para que se aperfeiçoe o processo de socialização na construção do saber, e ouse nos experimentos e nas produções acadêmico-científico.

Os procedimentos metodológicos a serem utilizados serão os mais diversos: aulas expositivas dialogadas, exposição de vídeos, seminários, aulas práticas de campo, aulas práticas de laboratório, saídas a campo, visitas técnicas, pesquisa, procedimentos experimentais, elaboração de artigos, de cartazes e maquetes, desenvolvimento de projetos, interpretação de textos científicos relacionados aos conteúdos trabalhados, que serão explicitados no plano de ensino.

As diretrizes curriculares, os núcleos de conteúdos poderão ser dispostos em atividades práticas e teóricas, individuais ou em equipe, tais como:

- a) participação em aulas práticas, teóricas, conferências e palestras;
- b) experimentação em condições de campo ou laboratório;
- c) utilização de sistemas computacionais;
- d) consultas à biblioteca;
- e) viagens de estudo;
- f) visitas técnicas;
- g) pesquisas temáticas e bibliográficas;
- h) projetos de pesquisa e extensão;
- i) estágios profissionalizantes em instituições credenciadas pelas IES (já mencionado);
- j) encontros, congressos, exposições, concursos, seminários, simpósios, fóruns de discussões etc.

De acordo com o Regulamento Didático do IFMT, para todos os estudantes com necessidades específicas, sejam elas quais forem, o IFMT proporciona o acesso, a permanência e

a saída com êxito, por meio do acompanhamento adequado e equitativo, inclusive por profissional de apoio se necessário, desde o processo seletivo, provendo adaptações didático-metodológicas em todo o seu percurso acadêmico nesta instituição e garantindo a acessibilidade arquitetônica, pedagógica e atitudinal. No que tange à acessibilidade pedagógica, sobretudo nos semestres iniciais, a Comissão de Política e de Permanência e Êxito do curso desenvolverão atividades diversas para enfrentamento das principais dificuldades encontradas pelos estudantes, como, por exemplo, adaptação ao ensino superior e à instituição, realizar diagnóstico para conhecimento da realidade social, econômica e cultural de cada estudante, diálogo com profissionais egressos, palestras, visitas técnicas, atividades de integração entre servidores e estudantes veteranos, nivelamento de conhecimentos básicos em disciplinas, como matemática, química, física, entre outras.

Estratégias como, atendimento individualizado do professor e aluno, programa de monitoria, incentivos à pesquisa e extensão voluntária e ou não, definição de indicadores de desempenho individual e coletivo (faltas, notas abaixo da média, reprovação, retenção, desistência), projetos culturais e esportivos, a oferta de auxílio-transporte, auxílio alimentação, auxílio material didático (impressão de documentos), auxílio moradia, atendimentos médico (UPA), odontológico, social e psicológico visando à saúde física e mental dos estudantes, são ações que poderão ser adotadas, para facilitar a aprendizagem a qualquer estudante que apresentem qualquer limitação que dificulte o desenvolvimento pleno do processo ensino-aprendizagem, seja ela de ordem definitiva ou temporária. De acordo com o Regulamento Didático do IFMT, a instituição deverá garantir a aplicabilidade das condições estipuladas na Lei 13.146, de 6 de julho de 2015 – Estatuto da Pessoa com Deficiência, em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino.

Estas e outras estratégias citadas anteriormente constituem-se ações que promovem a acessibilidade em seus diversos tipos, sobretudo, a atitudinal e metodológica. A primeira refere-se à percepção do outro sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, a qual se relaciona com as demais. A segunda, relaciona-se com à atuação docente, ou seja, a forma como os professores concebem conhecimento, aprendizagem, avaliação e inclusão educacional, o que pode determinar, ou não, a remoção das barreiras pedagógicas. Neste caso, o uso de metodologias ativas, adaptadas a realidade local, a adoção de diferentes formas de avaliação contínua, aulas e atividades práticas, uso das TIC's, entre outras estratégias poderá ser adotada como forma de garantir e promover acessibilidade pedagógica. O IFMT regularmente oferece aos servidores, em especial aos docentes, programas de formação continuada, que são processos de capacitação e atualização

profissional, ampliando saberes, à luz das novidades e oportunidades de melhorias das práticas pedagógicas.

Neste PPC, em diversos momentos são citadas estratégias de acessibilidade em seus diversos tipos, como, por exemplo, no item 22 (metodologia), 24 (avaliação de aprendizagem), 25 (sistema de avaliação do curso), 26 (plano de melhoria do curso), 27 (atendimento ao discente), 29 (políticas de controle de retenção e evasão), entre outros.

22.2 Tecnologia da informação e comunicação (TIC)

O PPC do curso de bacharelado em Engenharia Florestal terá 22,3% (833 horas) de sua carga horária total de forma remota (EaD), que será apresentado em tópico específico. De forma geral, o uso dessas tecnologias como ferramenta auxiliar nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação devem ser encorajadas. A EAD é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Mais do que isso, esta modalidade permite a flexibilização do ensino-aprendizagem, de maneira a garantir aos discentes a inclusão digital e a autonomia de sua aprendizagem. O uso de ferramentas digitais amplia e potencializa a interação entre discentes e docentes.

No PDI do IFMT, assim como no Regulamento Didático menciona-se a possibilidade de uso modalidades de ensino a distância, a qual busca autoaprendizagem, com mediação docente, tutorial e de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes meios tecnológicos de informação e de comunicação, utilizados isoladamente ou combinados, veiculados pelos diversos meios de comunicação, que podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos.

Como o IFMT possui um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para cada Campus, os docentes poderão utilizar diversos instrumentos pedagógicos para auxiliar as atividades didático-pedagógicas, dentre as quais: encontros síncronos e assíncronos, disponibilização de material de leitura, canal aberto de diálogo, trabalho avaliativo, questionário objetivo online, fórum de debate; chats, que poderão auxiliar nas atividades pedagógicas do curso.

22.3 Atividades práticas

No PPC 2023, as cargas horárias das disciplinas estão distribuídas em carga horária teórica e prática, além da extensão, conforme Figura 2.

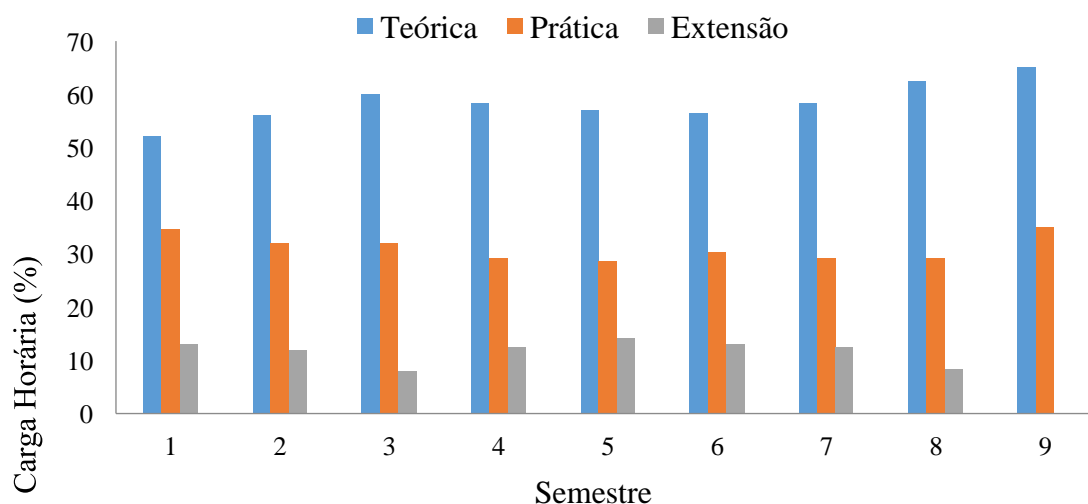


Figura 2 - Distribuição de carga horária teórica e prática por semestre – Matriz 2023.

Em consonância com a missão do IFMT, a prática pedagógica buscará integrar, o ensino, a pesquisa e a extensão estimulando a capacidade transformadora dos estudantes, valorizando seus interesses, o aspecto cognitivo e o afetivo, possibilitando meios para uma aproximação de novos conhecimentos, experiências e vivências. A prática a que se propõem será um elo que permita aos alunos estabelecer correspondência com outros conhecimentos e com sua própria vida.

22.4 Metodologias ativas

No ensino convencional, os professores procuram garantir que todos os estudantes aprendam o mínimo esperado. Para isso, explicam os conceitos básicos e, então, pedem que os alunos estudem e aprofundem esses conceitos por meio de leituras e atividades. Já nas metodologias ativas, buscam-se estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações (BACICH; MORAN, 2018).

Para Gontijo e Silva (2015) não é apenas interessante como necessário que o professor, se aproprie de novas metodologias de ensino para tornar o conhecimento abstrato em algo significativo para os estudantes, ou seja, é importante que o docente tenha primeiramente um bom conhecimento e domínio de conteúdo e saiba qual sua tendência para os processos de ensinoaprendizagem.

Levando em consideração que o aluno passe a ser o protagonista de seu aprendizado, têm-se estudado diversas metodologias ativas para o alcance destes objetivos no ensino, uma delas é a Aprendizagem baseada em problemas do inglês Problem-Based Learning (PBL). Esta é uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem na qual a apresentação de uma situação-problema é

utilizada para motivar o estudo dos alunos. Os discentes trabalham em grupos organizados e o docente assume o papel de tutor ou orientador da aprendizagem. No PBL, a exposição oral do professor e os estudantes como ouvintes da matéria, na forma como ocorre no ensino tradicional, é significativamente reduzida.

Outras metodologias que podem ser adotadas são (BARDINI; SPALDING, 2017):

a) Dinâmica de Grupo (Batata Quente): remete à brincadeira de criança, em que os jogadores formam um círculo, e cada jogador deve passar a bola – ou a “batata”

b) Recurso Tecnológico (Hot Potatoes): é um software livre e que inclui seis aplicativos, possibilitando ao usuário criar testes de múltipla escolha interativos, respostas curtas, frases desordenadas, palavras-cruzadas, correspondência/ordenação e preenchimento

c) Recurso Tecnológico (Kahoot): é um software livre em que pode ser criada uma série de questões de múltipla escolha em forma de jogo para os alunos. Podem ser adicionados vídeos, imagens e diagramas nas questões para aumentar o envolvimento dos estudantes.

d) Peer Instruction (PI): baseia-se no conceito de debate e deliberação de problemas do dia a dia da profissão ao qual o discente busca na graduação. Há debates, questionamentos e promoção de inúmeras perguntas em que o estudante se depara e tem como objetivo solucionar através da troca de conhecimentos entre seus pares. Este método promove uma rápida troca de conhecimento sobre diversas áreas onde os estudantes gerenciam o ensinamento com auxílio do professor como mediador (BISPO et al., 2016).

23 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

A carga horária total da modalidade à distância EaD será de 22,3% com distribuição em diferentes componentes curriculares, a partir do 3º semestre letivo conforme previsto na grade curricular e no ementário. Ressalta-se que nas disciplinas previstas o professor deverá deixar claro em qual momento e conteúdo o ensino a distância será utilizado, já no planejamento do semestre letivo e registrado no plano de ensino a ser aprovado pela Coordenação de Curso e equipe pedagógica.

Ressalta-se que mesmo no momento da EaD, não haverá a figura do tutor, sendo o professor o responsável por elaborar conteúdo, selecionar material, postar, acompanhar aplicação, solução de dúvidas, correção das atividades e outras intervenções que se fizerem necessárias. Cabe a Direção de Ensino e ao Núcleo de Educação a Distância (NEaD) ofertar capacitação, assessoria e ainda oportunizar condições para que isso ocorra de forma fluida e com o máximo aproveitamento possível.

23.1 Centro de Referência em Educação a Distância (CREaD) e Núcleo de Educação a Distância (NEaD)

O IFMT instituiu, a partir da Portaria 2.837/2019, o Centro de Referência em Educação a Distância (CREaD), com as atribuições de:

I. Consolidar as políticas institucionais da Educação a Distância no IFMT, vigentes no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI);

II. Ofertar cursos na modalidade a distância, em diferentes níveis e eixos tecnológicos, em programas de formação institucional ou especial;

III. Promover a pesquisa em tecnologias educacionais para subsidiar as ações educativas do IFMT. O CREaD através de edital seleciona Projetos de Ensino que constituam os Núcleos de Educação a Distância (NEaD) nos campi do IFMT, com o objetivo de fomentar a Educação a Distância, o apoio e suporte nas atividades remotas, promovendo o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão na modalidade a distância com os seguintes objetivos:

a) Criar e habilitar os NEaDs nos campi do IFMT;

b) Compor a equipe do NEaD dos campi com Coordenador, servidores e alunos;

c) Fornecer capacitação e suporte local aos servidores e alunos na utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA Institucional (Moodle);

d) Estabelecer a utilização do AVA Institucional para desenvolvimento de atividades remotas, do ensino híbrido e do ensino a distância no IFMT;

e) Acompanhar, juntamente com a PROEN e CREaD, a situação da conectividade dos alunos;

f) Acompanhar, juntamente com a PROEN e CREaD, as atividades do Regime de Exercício Domiciliar-RED, executadas durante o período de pandemia nos campi;

O Núcleo de Educação a Distância (NEaD) do IFMT, campus Cáceres, atuará em conjunto com a coordenação de curso de maneira a fornecer o suporte necessário para as atividades EaD do referido curso quando se fizerem necessárias.

O CREaD/NEaD buscará em conjunto com Direção de Ensino e Coordenação de Curso, fomentar um programa de Capacitação Docente para o uso das Tecnologias Digitais e Ambientes Virtuais. A capacitação terá como objetivo principal inserir o docente no contexto do EaD, assim como capacitá-lo a utilizar as tecnologias na educação, principalmente as de informação e comunicação (TIC).

23.2 Infraestrutura para o EaD

O IFMT campus Cáceres Prof. Olegário Baldo possui dois laboratórios de informática com 40 computadores cada, um laboratório com 22 computadores, e outro com 12 computadores que

servirão de apoio ao EaD, assim como a biblioteca, com metragem de 310 m², que possui computadores que poderão ser utilizados pelos alunos dentro do horário de funcionamento. O campus conta com rede wi-fi para os discentes, permitindo que a partir do seu dispositivo eletrônico ele possa acessar os materiais e as aulas disponibilizadas.

A manutenção e disponibilização de documentação acadêmica será realizada por meio dos seguintes recursos tecnológicos:

a) Plataforma de Ambiente Virtual de Aprendizagem, através do Moodle – sistema referência

na criação de ambientes virtuais de aprendizagem;

b) Sistema para a gestão dos processos administrativos da instituição via Sistema Unificado de

Administração Pública (SUAP);

c) Central de serviços e suporte ao usuário via GLPI como ferramenta de apoio;

d) Sistema para automação de processos de biblioteca via Gnuteca;

e) Biblioteca Digital, permitindo o acesso da comunidade acadêmica a e-books de diversas áreas do conhecimento, atualizados e disponibilizados 7 dias por semana, durante 24h por dia. O objetivo do serviço é ampliar o acesso à informação aos estudantes.

f) Plataforma de gerenciamento do portal e páginas institucionais.

Quando necessário os discentes poderão solicitar o empréstimo de equipamentos de informática regulamentados por normas específicas.

23.3 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA/Moodle)

O IFMT disponibiliza o AVA através da plataforma Moodle, que é um sistema referência na criação de ambientes virtuais de aprendizagem. Seu uso na instituição engloba desde parte do currículo de cursos presenciais até pós-graduações integralmente à distância e desempenha um papel fundamental na ampliação da atuação do IFMT nas cidades em que não há um campus, bem como prover suporte ao ensino daquelas com campus.

O Moodle utilizado no IFMT garante a interação entre todos os envolvidos, com adoção de recursos como salas de chats e web conferências entre os discentes, docentes e tutores. Como principais recursos inovadores, podemos destacar:

As plataformas foram implementadas com o recurso de responsividade, permitindo sua completa adaptação ao dispositivo utilizado para acesso. O AVA muda sua aparência e disposição com base no tamanho da tela em que é exibido.

A migração da plataforma AVA, de uma estrutura antiga e pouco segura para a estrutura de Data Center do IFMT, garantindo alta disponibilidade e segurança dos dados.

23.4 Infraestrutura de execução e suporte

A infraestrutura de execução e suporte do IFMT atende as necessidades institucionais, considerando a disponibilidade de serviços e meios apropriados para sua oferta. O suporte às soluções de Tecnologia da Informação (TI) oferecido pela instituição são divididas em níveis.

No primeiro nível, os campi possuem um técnico de TI para as demandas locais, onde este servidor identifica a demanda relatado pelo cliente com base no seu conhecimento e recursos disponíveis, e ele soluciona a demanda ou encaminha para outro nível de atendimento.

No segundo nível, os atendimentos são relacionados aos sistemas ofertados globalmente, cuja interferência exige vasto conhecimento para aplicação de correções e ajustes, cujo impacto é imediato. Este é realizado na Reitoria do IFMT pela equipe de suporte de TI da Diretoria de Gestão de Tecnologia e Informação - DGTI. Caso a demanda necessite de maior especialidade/nível de acesso, ela será encaminhada para o último nível.

O terceiro nível está composto por duas áreas, Sistema e Infra, elas provêm os serviços demandados da instituição e suporte especializado. O controle dessas demandas é sistematizado através de ferramenta de “chamados”, cujos registros nos oferecem indicadores essenciais nas tomadas de decisão da gestão. Atualmente é utilizado o sistema SUAP, onde todos os servidores do IFMT têm acesso para a abertura das solicitações (chamados), bem como todos os integrantes dos níveis apresentados acima, que utilizam a ferramenta para o tratamento e solução das demandas.

23.5 Produção de material didático

O IFMT campus Cáceres oportunizará a EaD por meio de atividades extraclasse previamente estruturadas e de um ambiente/sala virtual que permitem a interrelação entre acadêmico e professor, a qualquer tempo, de modo assíncrono ou síncrono. A mediação por computador disponibilizada pelo uso do ambiente virtual via Web/Internet permite também a interação entre alunos e professores nas modalidades de fóruns e correio eletrônico. Destaca-se que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação não fica restrito às atividades de educação a distância, mas se configura em instrumento de apoio e complemento às atividades presenciais. As avaliações ocorrerão por meio de atividades presenciais em sala de aula e por meio de trabalhos realizados via ambiente virtual.

Os componentes curriculares que forem ofertados com carga horária total ou parcial, deverão apresentar a organização do espaço educativo em Ambiente Virtual de Aprendizagem

(AVA), de forma a conter os materiais didáticos, as atividades de estudo e as atividades avaliativas (presenciais e a distância) realizados no período, com apoio do Núcleo de Educação a Distância - NEaD.

A responsabilidade de construção do(s) material(is) didático(s) será do professor da disciplina ofertada de forma total ou parcial na modalidade EaD com apoio do CREaD/NEaD e disponibilizado no AVA. Caberá ao coordenador do curso verificar o cumprimento do conteúdo e atividades propostas no plano de ensino entregue pelo docente e aprovado pela equipe pedagógica.

23.6 Formação de equipe multidisciplinar

A equipe multidisciplinar do curso de graduação em Engenharia Florestal é composta por profissionais vinculados à docência e que desempenham diferentes funções relacionadas à elaboração e desenvolvimento do projeto pedagógico dos cursos. Além do Coordenador de Curso e do NEaD, integram a equipe acadêmica os professores que participam do Núcleo Docente Estruturante (NDE), professores/tutores, pedagogos, técnicos em assuntos educacionais, psicólogo, nutricionista, enfermeiro, assistente social, além, dos profissionais de TI do campus. Essa equipe trabalha em sintonia, tendo em vista a consecução dos objetivos dos cursos e a formação integral do aluno, tanto como pessoa como futuro profissional.

23.7 Plano de expansão e atualização de equipamentos

O IFMT faz o acompanhamento da execução dos planos de expansão e atualização de equipamentos descritos no PDI, através do Plano Diretor de Tecnologia de Informação (PDTI), com acompanhamento baseado em metas objetivas e mensuráveis.

O PDTI é o instrumento gestão da Tecnologia de Informação envolvendo diagnóstico, planejamento, abrangendo habilidades, competências, hardware, software, redes, sistemas de informações, infraestrutura e pessoal para atender às necessidades de informação com ações estratégicas, táticas e operacionais necessárias à Instituição.

O PDTI foi construído de forma a identificar os meios necessários (estruturas, processos, recursos humanos e materiais), e planeja a sua implementação no nível tático, de forma a contemplar o desenvolvimento institucional esperado para os próximos anos.

O Comitê de Tecnologia da Informação (CTI) é um órgão colegiado de natureza consultiva e de caráter permanente na instituição, responsável por alinhar os investimentos de Tecnologia da Informação com os objetivos estratégicos e apoiar a priorização de projetos a serem atendidos.

24 AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM

A avaliação, de acordo com o disposto na Regulamento Didático do IFMT é um processo que se constitui na prática como um momento de verificação do nível de alcance dos objetivos propostos, devendo partir das concepções formativa e dialógica, considerando o contexto de vida dos acadêmicos, bem como sua capacidade de incorporar novos saberes e de transitar de maneira consciente no campo da ciência.

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem deverá ter como parâmetros o disposto no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e nos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) de acordo com o Regulamento Didático, Além da função social, dos objetivos gerais e específicos do IFMT e a construção do perfil profissional previsto para o curso.

De acordo com o Art. 24, inciso V, alínea “a”, da LDB, a verificação do rendimento escolar deverá ser contínua e cumulativa do desempenho do discente, com prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

No processo de avaliação da aprendizagem, deverão ser utilizados instrumentos que possibilitem análise do desempenho do estudante de acordo com o Regulamento Didático, tais como:

- a) observação contínua pelos docentes;
- b) elaboração de portfólio;
- c) trabalhos individuais e/ou coletivos;
- d) resolução de problemas e exercícios;
- e) desenvolvimento e apresentação de projetos;
- f) participação e envolvimento em seminários;
- g) produção de relatórios;
- h) provas escritas e orais e/ou sequenciais;
- i) atividades práticas de laboratório e em campo;
- j) produções multidisciplinares envolvendo ensino, pesquisa e extensão; k) autoavaliação.

Todos os componentes curriculares devem ser avaliados numa dimensão somativa através de uma nota de 0 (zero) a 10 (dez), à exceção dos estágios, trabalhos de conclusão de curso, atividades complementares e componentes curriculares com características especiais, nos termos do Projeto Pedagógico do Curso.

O resultado das atividades complementares, do estágio e do trabalho de conclusão de curso será registrado no fim de cada período letivo em que for ofertado.

No contexto da avaliação fica estabelecido que:

Para efeito de aprovação nos componentes curriculares os discentes deverão obter a média final igual ou maior que 6,0 (seis).

O resultado do desempenho acadêmico deverá ser concretizado por uma dimensão somativa através de uma nota de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), admitindo-se frações de 0,1 (um décimo), segundo Regulamento Didático.

A cada semestre o docente deverá realizar no mínimo duas avaliações de aprendizagem por componente curricular.

Para expressar o resultado do desempenho acadêmico dos cursos de ensino superior, a média final e média de prova final deve obedecer aos seguintes critérios de aproximação:

- I- para fração menor que 0,05, aproxima-se para o valor decimal imediatamente inferior; e
- II- para fração igual ou maior que 0,05, aproxima-se para valor decimal imediatamente superior.

Em curso semestral, a nota do semestre será a média aritmética simples de todas as avaliações do período (Equação 1).

$$M_{Sem} = \frac{\sum An}{N} \quad (1)$$

Onde: M_{Sem} = Média Semestral, $\sum An$ = Somatório das avaliações e N = Número de avaliações.

O docente deverá programar as avaliações conforme calendário acadêmico, observando que os discentes não podem ser submetidos a mais de duas avaliações diárias.

O resultado das avaliações aplicadas no decorrer do semestre deve ser apresentado aos discentes em até 10 (dez) dias úteis após sua realização.

O discente poderá solicitar revisão de avaliação, no prazo de até 02 (dois) dias úteis após a divulgação do resultado, conforme exposto no Regulamento Didático.

Será concedida a segunda chamada para realização de avaliação ao discente que justificar sua ausência, mediante processo devidamente fundamentado, respaldado por motivo previsto em lei, no prazo de até 03 (três) dias úteis após a realização da primeira chamada.

Decorrido o prazo da segunda chamada, será atribuída nota 0,0 (zero) ao discente que não comparecer para realizar avaliação de que trata o artigo anterior.

Para os cursos da Educação Superior no IFMT:

- I- é considerado aprovado o discente que obtenha frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades e média igual ou superior a 6,0 (seis) em cada componente curricular; e

II- fica sujeito à prova final de avaliação o discente que obtenha frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades e média inferior a 6,0 (seis) em cada componente curricular.

Para os cursos da Educação Superior considera-se reprovado:

I- o discente que obtiver frequência menor que 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular, independentemente da nota que tiver alcançado; e

II- o discente que obtiver frequência maior ou igual a 75% (setenta e cinco por cento) e que tenha obtido após Prova Final, média final menor que 5,0 (cinco).

É direito do discente solicitar ao docente a revisão da avaliação aplicada, da seguinte forma:

I- por meio de pedido verbal, em primeira instância; e

II- por meio de requerimento escrito, em segunda instância, dirigido ao Coordenador do Curso, que intermediará o caso.

O pedido ou requerimento de revisão da avaliação deve ser fundamentado e justificado, de modo que as solicitações intempestivas serão desconsideradas.

Ao receber o requerimento de revisão de avaliação escrito, conforme inciso II do caput deste artigo, o Coordenador do Curso terá o prazo de até 02 (dois) dias úteis para solicitar ao docente a revisão pleiteada ou indeferir o requerimento e informar a decisão ao discente.

Em caso de indeferimento do docente, caberá constituição de banca para revisão da avaliação, com no mínimo três docentes de área afim, indicados pelo Coordenador de Curso.

O discente que faltar a avaliação previamente agendada, em 1ª chamada, poderá requerer 2ª chamada, na coordenação de curso, até três dias úteis após o término da data de validade de um dos documentos apresentados.

Atendidas as condições do caput, o Coordenador do Curso deferirá o requerimento e o encaminhará no prazo de 24 (vinte e quatro) horas, ao docente responsável.

Será concedida a segunda chamada para realização de avaliação ao discente que justificar sua ausência, mediante requerimento devidamente fundamentado.

A segunda chamada será aplicada pelo docente responsável pelo componente curricular, ou pelo Coordenador do Curso/Área, no dia e horário definidos pelo docente.

Decorridas todas as avaliações do semestre, haverá Prova Final (PF) destinada aos discentes que obtiverem média final inferior a 6,0 (seis), independentemente do número de componentes curriculares.

Realizada a PF, o resultado será apurado por média aritmética, conforme segue (Equação 2):

$$M_F = \frac{M_S + P_F}{2} \quad (2)$$

Onde: MF = Média Final; MS = Média Semestral e; PF = Nota da Prova Final.

Após a Prova Final, será aprovado o discente que obtiver média igual ou superior a 5,0 (cinco).

O discente que não for promovido em componente curricular definido como pré-requisito não poderá avançar no eixo das interdependências para se matricular em outro componente curricular que exija aquele pré-requisito.

O discente poderá continuar seus estudos em período posterior matriculando-se em componentes curriculares fora do eixo da interdependência, até que as daquele eixo sejam novamente ofertadas.

24.1 Avaliação na Educação à Distância (EaD)

Nos componentes curriculares com oferta de carga horária total ou parcial no formato EaD, a avaliação pode ocorrer de forma presencial ou com o uso de tecnologias de informação e comunicação. No AVA Moodle do IFMT, o docente poderá utilizar diferentes instrumentos de avaliação em educação a distância, por exemplo, fórum de discussão, produção de textos, lista de exercícios e/ou atividades, questionários, elaboração de projetos, chat, elaboração de artigo, mapas conceituais, wiki, relatório, monografia, portfólio, estudo de caso, avaliação e avaliação por pares, dentre outros.

A escolha do instrumento mais adequado deve respeitar as peculiaridades de cada processo educativo e os critérios combinados com os discentes e registrados em cada plano de ensino. Cabe ao núcleo de Educação a Distância, por meio das suas equipes multidisciplinares, auxiliar os professores nos processos de concepção, elaboração e aplicação de avaliações que utilizarem recursos das tecnologias da informação e comunicação, bem como nos aspectos relativos à sua mediação (ver Regulamento Didático do IFMT).

25 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE CURSO

A preocupação fundamental de toda Instituição é com qualidade de ensino. Nessa perspectiva, e visando à melhoria na educação, é que surge a avaliação institucional. Concebida como um processo permanente que busca o autoconhecimento da instituição e possibilita o repensar das ações que estão sendo desenvolvidas. Dessa forma, a avaliação é considerada um instrumento que busca a inovação e deve ter condições para a elevação do padrão de qualidade, traduzindo a realidade e os desafios que se propõe atingir.

A Avaliação Institucional foi efetivada no IFMT, como componente do Projeto Pedagógico e é um dos componentes do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), criado pela lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, e regulamentado pela portaria 2.051, de 09 de julho de 2004. A avaliação está relacionada com à melhoria da qualidade da educação superior; ao aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social; ao aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional.

No que tange a esta avaliação, os indicadores utilizados para este fim estão dispostos no Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância, especificamente para reconhecimento e renovação de reconhecimento (BRASIL, 2017). Este instrumento é a ferramenta dos avaliadores na verificação das três dimensões do instrumento: Organização Didática Pedagógica, Corpo Docente e Tutorial e Infraestrutura constante no Processo Pedagógico do Curso – PPC.

Além disso, no Campus, assim como no âmbito do IFMT, há a Comissão Local Própria de Avaliação (CLPA), instituída pela Portaria 38 de 05/04/2016 do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo é responsável pela elaboração destes questionários. É composta por representante dos seguimentos Docentes, Técnico-administrativos, discentes e Representantes da Sociedade Civil Organizada.

A CLPA é uma subcomissão designada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), instituída pela Portaria/IFMT número 862, de 07/04/2016, e tem por objetivo sistematizar e prestar informações relativas a Avaliação das Instituições de Educação Superior (AVALIES), quando solicitadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), elaborar e implantar a primeira Avaliação Institucional do IFMT.

Neste contexto, para que o CPA consiga alcançar este objetivo em todos os Campus e na sua totalidade com qualidade, é que surge a CLPA, para auxiliar neste processo de implantação da Autoavaliação Institucional, na elaboração de questionários, sua aplicação e avaliação dos resultados. Este processo de implantação da autoavaliação e elaboração de questionários foi realizado através de um Plano de ação, e baseado em sugestões do INEP, e está de acordo com a Lei dos SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior).

Especificamente, a CLPA tem os seguintes objetivos:

a) Conscientizar e sensibilizar a comunidade acadêmica/sociedade da importância do processo de avaliação institucional;

b) Firmar valores que conduzam a permanente e sistemática melhoria de qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão, e de gestão da Faculdade, tendo como base os interesses de toda a categoria do IFMT- Campus Cáceres;

c) Elaborar questionários, coletar, analisar, interpretar e registrar de forma permanente e sistemática, a opinião da comunidade acadêmica sobre o ensino, pesquisa, extensão, infraestrutura, gestão, e a autoavaliação de docentes e discentes sobre o processo didático-pedagógico do IFMT;

d) Divulgar os resultados das avaliações;

e) Redigir os relatórios parciais;

f) Redigir o relatório Final.

O plano de trabalho no processo de avaliação será desenvolvido em três etapas: a)

1ª Etapa- Preparação:

i. Planejamento das ações da CLPA; ii. Elaboração do

projeto de ação da CPA; iii. Elaboração do questionário;

iv. Reestruturação dos instrumentos de Coleta de dados;

v. Sensibilização dos participantes na avaliação.

b) 2ª Etapa- Desenvolvimento:

i. Aplicação dos questionários para cada categoria e nos dois cursos do IFMT;

ii. Análise de todos os questionários; iii. Fazer os relatórios Parciais. c) 3ª

Etapa- Consolidação:

i. Redigir o relatório final; ii.

Divulgação dos resultados.

As variáveis a serem utilizadas no processo de avaliação estão apresentadas no quadro 12.

Quadro 12 - Variáveis e Indicadores de uma Avaliação Institucional

Variáveis	Indicadores
Docentes	Titulação Forma de ingresso (concurso, teste seletivo, situação funcional e Regime de trabalho); Qualificação; Docentes em funções administrativas;
Discentes	Participação em projetos (bolsistas, voluntários etc.); Participação em conselhos, colegiados e reuniões estudantis;
Infraestrutura	Estado de conservação dos equipamentos; Condições ambientais de trabalho; Equipamentos disponíveis para trabalho dos funcionários;

Gestão	Procedimento de distribuição de disciplinas (departamento); Acompanhamento do chefe de departamento no desenvolvimento das disciplinas; Orientação acadêmica para alunos ingressantes; Atendimento dos servidores ao acadêmico; Incentivo a qualificação; Atuação em colegiados e conselhos; Elaboração/execução de projetos e programas; Ações para a solução de problemas acadêmicos; Departamentos possui Plano Político; Pedagógicas bibliotecas/quantidade de acervo suficiente;
Ensino/Currículo	Relação professor/ensino, professor/aluno e funcionário gestor; Planejamento do professor e do departamento; Procedimento e instrumentos didáticos mais utilizados; Instrumentos de avaliação mais utilizados; Avaliação utilizada é coerente com os objetivos; Relação professor/aluno; Relação ensino/aprendizagem; Encadeamento lógico das disciplinas;
Servidores técnicos Administrativos	Titulação forma de ingresso; Qualificação/aperfeiçoamento; Desempenho; Número de servidores

26 PLANO DE MELHORIA DO CURSO

O Projeto Pedagógico do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal deste Campus do IFMT foi elaborado no ano de 2009 e o curso autorizado a iniciar suas atividades em 2010. Nos últimos anos, diversas ações de melhoria e expansão do curso foram consolidadas e outras ainda estão por consolidar.

No plano de reestruturação do curso, ora proposto, estão sendo previstas ações tanto na gestão pedagógica, quanto na administrativa. Para definição dessas ações foram observados relatórios e apontamentos de Comissões e Coordenações, a saber: de Avaliação do Curso, do Núcleo Docente Estruturante, do Colegiado de Curso, da Comissão de Reconhecimento do Curso, da Coordenação de Curso, da representação estudantil e do IFMT.

26.1 Gestão pedagógica

a) Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso – PPC, visando adequá-lo à legislação pertinente, de acordo com Ministério da Educação e IFMT. Algumas normativas foram publicadas pelo IFMT após a elaboração do primeiro Projeto Pedagógico (PPC – 2010), como por exemplo, a Organização Didática do IFMT. A tarefa de reformular coube ao Núcleo

Docente Estruturante do Curso (NDE) em consonância com a Coordenação de Curso, professores, equipe pedagógica do *Campus*, representação estudantil, Pró-Reitoria de Ensino do IFMT e representantes e membros de órgãos e empresas do setor florestal. Após a conclusão dos trabalhos o PPC - 2020 foi submetido à apreciação do Conselho Superior do IFMT (CONSUP), aprovado e implementado em 2020. Logo após sua implementação foi normatizado o Novo Regulamento Didático - Resolução nº 81 de 26 de novembro de 2020, a resolução CONSEPE nº 021 de 20 de abril de 2021 aprovando o Regulamento para Curricularização de Extensão no âmbito do IFMT, bem como a resolução CONSUP nº 70 de 08 de agosto de 2022 que reformula o Regimento Geral do IFMT, trazendo alterações na matriz curricular e levando a outra reformulação do Projeto Pedagógico do curso (PPC - 2023). Coube novamente ao Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDE) reformular em conjunto com a Coordenação de Curso, professores, equipe pedagógica do *Campus*, gestão do *Campus*, representação estudantil, NEaD e CREaD, Pró-Reitoria de Ensino do IFMT. Após a conclusão dos trabalhos o PPC 2023 foi submetido à apreciação do Conselho Superior do IFMT

(CONSUP);

b) Planejar, executar e avaliar as ações pedagógicas visando a implementação da curricularização da extensão;

c) Planejar, executar, avaliar e manter permanente articulação do curso com o NEaD, CREaD,

setor de TI e direção do Campus para efetivação das ações pedagógicas visando a implementação do ensino a distância (EaD);

d) Propor a contratação de professores efetivos e especialistas nas áreas de melhoramento e biotecnologia de plantas (escolha e testes para seleção de genótipos superiores, métodos de seleção, silvicultura clonal, micropropagação, mapeamento genético, conservação de germoplasma etc.), que estão sendo demandados não somente o curso de engenharia florestal, mas também cursos ofertados pela instituição, como Técnico em Agropecuária;

e) Apoiar e ampliar a participação de docentes e servidores administrativos que atuam diretamente na engenharia florestal, a participarem da elaboração e efetivação de projetos, pedagógicos de ensino, de pesquisa e de extensão, sobretudo em editais de órgãos de fomento, como próprio IFMT, FAPEMAT, CNPq, CAPES, inclusive com orientação de iniciação científica;

f) Incentivar e apoiar ações que resultem em publicações científicas resultados de Trabalho de Conclusão de Curso, projetos de pesquisa, de extensão e de ensino visando melhorar a produção científica e intelectual do curso e do IFMT;

g) Fortalecer ações relativas ao estágio obrigatório, como por exemplo, ampliar parcerias com

empresas ou instituições para oferta de estágio no estado, no país e no exterior;

h) Apoiar, incentivar ou criar mecanismos para ampliar a participação dos acadêmicos no curso

em programas de intercâmbio estudantil no estado, no país e no exterior;

i) Apoiar, avaliar e tornar efetivas ações apontadas pelo NDE, NEAD e CPLA.

j) Avaliar a possibilidade de reoferta do curso Técnico em Florestas integrado ao ensino médio,

visando a verticalização do ensino no IFMT na área florestal;

k) Avaliar a possibilidade de oferta de curso de pós-graduação *lato sensu*, conforme orientações apontadas pela Coordenação de Pesquisa do *Campus* e Pró-Reitoria de Pesquisa do IFMT. Além disso, avaliar também a possibilidade de oferta de curso nesta mesma área, na modalidade *FIC*

(Formação Inicial e Continuada);

l) Ampliar oferta de curso de curta duração, ciclos de palestras entre outras ações, aos estudantes em diversas áreas da engenharia florestal, oportunizando a cumprir a carga horária de atividades complementares;

m) Fortalecer, ampliar, incentivar e efetivar as atividades complementares, que são atividades

se constitui componentes curriculares enriquecedoras e implementadoras do próprio perfil do formando, como, participação em projetos de pesquisa, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão, módulos temáticos, seminários, grupos de estudo, eventos de toda natureza (simpósios, congressos, conferências, semana tecnológica, dias de campo etc.);

n) Adequar salas de aula, laboratórios e demais espaços didáticos de ensino às necessidades de

estudantes que tenham mobilidade reduzida;

o) Ampliar ações para diminuir a retenção e evasão escolar;

p) Apresentar, discutir e implementar ações ou demandas observadas durante a avaliação do

curso pela Comissão de Avaliação;

q) Viabilizar junto ao IFMT ações concretas de divulgação do curso como medida de ampliar

o interesse pela profissão;

r) Estimular aulas de campo e visitas técnicas, bem como fazer gestão junto a direção do campus para efetividade destas ações;

s) Viabilizar a atualização do acervo bibliográfico básico e complementar (físico e digital), de modo a atender as demandas e atualidades do mundo do trabalho, da ciência florestal, do ensino, da pesquisa, da extensão e principalmente da inovação tecnológica.

26.2 Gestão administrativa

a) Fortalecer ações e as competências do Núcleo Docente Estruturante, Coordenação de Curso, Colegiado de Curso, Coordenação Local de Avaliação, Centro Acadêmico e gestão do Campus e do IFMT;

b) Propor melhorias ao acesso do acervo bibliográfico básico e complementar, seja físico ou virtual, na biblioteca central do Campus;

c) Criar/ampliar Laboratório de informática para implementação do EaD;

d) Viabilizar junto à direção do Campus instrumentos e recursos para execução das ações de extensão, previstas na curricularização da extensão e no ensino a distância;

e) Propor e apoiar a criação de núcleos de excelência no Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, como forma apoio, a articulação, a integração e a consolidação de atividades envolvendo práticas de ensino, pesquisa, inovação e extensão (algo desafiador nas instituições de têm este fim, como as Universidades e Institutos Federais) de modo a promover visibilidade do IFMT Campus

Cáceres – Prof. Olegário Baldo, no contexto da produção técnica, científica e pedagógica;

f) Apoiar e fortalecer ações envolvendo as representações estudantis, como, como exemplo, centro acadêmico;

g) Ampliar o número de salas de aula de 3 para 5 salas;

h) Adequar o estacionamento de veículos e motos nas adjacências do bloco central de Engenharia Florestal e de mais dependências;

i) Instrumentar e equipar os laboratórios já edificadas;

j) Realocação e/ou reorganização de responsabilidades dos professores que atuam no curso de engenharia florestal, na coordenação ou na responsabilização dos espaços didáticos de ensino, pesquisa e extensão, como laboratórios, unidades educativas de produção, entre outros, de modo a tornar seu uso mais eficiente nas práticas de ensino, pesquisa e extensão;

k) Ampliar ações de uso de Tecnologia da Informação (TI), como suporte às práticas de ensino pesquisa e extensão, a exemplo de viabilizar junto à equipe de TI do Campus a

ampliação da potência ou velocidade da internet, uso do sistema SUAP e AVA moodle para disponibilizar material didático, oferta de cursos e palestras via videoconferência, entre outras.

27 ATENDIMENTO AO DISCENTE

O IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo, possui a seguinte estrutura organizacional de atendimento ao discente: DDE – Direção de Desenvolvimento Educacional; Departamento de Atendimento Estudantil – DAE, Coordenação de residências estudantis; SAN – Setor de Alimentação e Nutrição; Setor psicossocial com Assistente Social e Psicóloga; SEO – Setor de Enfermagem e Odontologia; SAV - Setor de Áudio Visual; Coordenação de Assistência Estudantil, Inclusão e Diversidades.; CGE – Coordenação Geral de Ensino; SAP – Setor de Apoio Pedagógico; SOE – Setor de Orientação Educacional; CCEF – Coordenação do Curso de Engenharia Florestal; NDE - Núcleo Docente Estruturante do Curso Bacharelado em Engenharia Florestal; COEX - Coordenação de Extensão; CIEC – Coordenação de Integração Escola Comunidade; COPE – Coordenação de Pesquisa; SRE- Setor de Registros Escolares; BIBLIO – Biblioteca; CGP - Coordenação Geral de Produção.

As equipes que compõem esses setores atuam também no desenvolvimento e elaboração de políticas de controle de evasão e política de permanência e êxito.

O Campus está estruturado com Residências femininas e masculinas, permitindo que os/as estudantes de outras localidades, ou que estejam em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com acesso por Edital, possam realizar seus estudos residindo na instituição atendidos/as pela política de assistência estudantil. Conta ainda com consultório odontológico e enfermaria à disposição de estudantes e servidores.

A assistência estudantil ocorre por meio de refeições ao estudante de período integral; ajuda de custo para participação em atividades acadêmicas extracurriculares (publicação, congressos, seminários e visitas técnicas), além de bolsas (monitoria, transporte, permanência, entre outras), com editais específicos a cada período letivo. No caso do transporte oferece a prestação do serviço (vagas) via edital com caráter seletivo por critérios de vulnerabilidade socioeconômica.

Os registros de frequência dos estudantes são realizados virtualmente, em sistema eletrônico de registro escolar, sendo acompanhado regularmente pelo Coordenador do Curso, e pela equipe da Orientação Educacional e Apoio Pedagógico.

Quanto ao acesso a estudantes com limitações físicas, mental, intelectual ou sensorial o IFMT/*Campus* Cáceres possui em sua estrutura Coordenação de Assistência Estudantil, Inclusão e Diversidades, compete a Coordenação atuar diariamente no sentido de possibilitar igualdade de acesso e permanência aos estudantes com necessidades específicas, além de desenvolver, junto

com a Departamento de Assistência Estudantil, onde está lotada, políticas de inclusão e respeito à diversidade.

Além disso, o prédio do IFMT/*Campus Cáceres* vem avançando no sentido de tornar-se totalmente acessível aos estudantes com limitações físicas, mental, intelectual ou sensorial, sendo que já possui a maioria de seus espaços de acordo com as normas de acessibilidade (banheiros, corredores e salas de aula). As novas salas de aula, biblioteca e auditório foram construídos visando a acessibilidade total para estudantes, servidores e comunidade em geral.

Além da comissão de assistência estudantil do *campus* o Instituto Federal de Mato Grosso possui a Comissão Central Permanente de Assistência Estudantil (CCPAE) que é uma instância de assessoria da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), de caráter consultivo e propositivo sobre a matéria da Política de Assistência Estudantil. Tem como finalidade auxiliar a PROEN na implementação, revisão dos regulamentos, planejamento, acompanhamento, avaliação e produção de indicadores referentes a matéria da Assistência Estudantil.

Consonante com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI-IFMT 2019-2023), em Cáceres também ocorre o acompanhamento de egressos através da Coordenadoria de Extensão do *Campus Cáceres* – Prof. Olegário Baldo. O acompanhamento constitui um conjunto de ações implementadas que visam acompanhar o desenvolvimento profissional do egresso, na perspectiva de identificar cenários junto ao mundo do trabalho e retroalimentar o processo de ensino, pesquisa e extensão, além da criação de oportunidades de formação continuada, inserção profissional e participação destes na vida da instituição. Para isso é meta da Instituição realizar o Encontro de Egressos, além de viabilizar o acompanhamento de egressos mediante cadastros, eventos e pesquisas acerca da sua inserção no mundo do trabalho, bem como sua satisfação pessoal e profissional.

28 APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

O aproveitamento de estudo se configura como um direito do acadêmico de graduação. Portanto, o acadêmico que cursou, em outro curso superior, disciplinas correlatas aos componentes curriculares do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, poderá solicitar o aproveitamento de estudos, nas datas previstas em calendário.

O aproveitamento, solicitado pelo discente, mediante requerimento a Coordenação do Curso, compreenderá apenas componentes curriculares que tenham sido cursados em época anterior à matrícula como discente regular do curso em andamento no IFMT. O pedido deve estar de acordo com as normas previstas no Regulamento Didático do IFMT e neste Projeto Pedagógico.

O acadêmico que cursou, em outro curso superior, disciplinas correlatas aos componentes curriculares do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, poderá solicitar o aproveitamento de estudos, nas datas previstas em calendário. O aproveitamento de estudos compreenderá apenas componentes curriculares que tenham sido cursados em época anterior à matrícula como discente regular do curso em andamento no IFMT.

No caso de transferências, onde houver diferenças curriculares porventura existentes entre os cursos frequentados em outra instituição ou Campus e quando houver modificações ocorridas na matriz curricular, os discentes poderão solicitar estudos de adaptação seguindo as orientações do Colegiado do Curso. O discente transferido durante o ano letivo poderá cursar quaisquer adaptações no período.

A adaptação, que é o ajuste da situação acadêmica de estudantes cursos de graduação, oriundos de transferência ao contexto regular do curso, para o prosseguimento dos estudos, se dará de acordo com as normas publicadas no Regulamento Didático do IFMT.

29 POLÍTICAS DE CONTROLE DE RETENÇÃO E EVASÃO

Os docentes e servidores, juntamente com a Coordenação de Curso terão papel fundamental neste processo, devendo estes perceber, encaminhar ao setor competente e propor políticas de controle de evasão nas turmas sob sua responsabilidade. Além disso, no Campus também existem comissões que atuam e auxiliam, como aquelas que desenvolvem ações de política de controle de evasão e de permanência e êxito dos estudantes no curso de Bacharelado em Engenharia Florestal (PORTARIA 28/2023 - CAS-GAB/CAS-DG/CCAC/RTR/IFMT) e de recepção e acompanhamento de alunos, visando combater o trote, o bullying e preservar a integridade física, psicológica e moral com medidas pedagógicas (PORTARIA 11/2023 - CASGAB/CAS-DG/CCAC/RTR/IFMT, de 3 de fevereiro de 2023).

No Campus, como política de permanência são desenvolvidas ações voltadas à permanência e êxito dos estudantes corrobora para evitar a evasão, tais como: alimentação gratuita (cardápio preparado por nutricionista), bolsas de monitoria, transporte gratuito para estudantes em vulnerabilidade social, iniciação científica e de extensão, atendimento médico e odontológico, orientação educacional, assistência psíquico-social, disponibilidade de uniformes, vagas em alojamento para estudantes com baixa renda familiar, ajuda de custo para visita técnica e apresentação de trabalhos em eventos, atividades desportivas, entre outras.

As atividades acadêmicas serão desenvolvidas de maneira dinâmica, criativa e criteriosa, no sentido de serem estimuladoras do envolvimento dos discentes com os conteúdos de

aprendizagem, visando estabelecer uma relação democrática e harmoniosa no ambiente de estudo de tal modo que o acadêmico seja ativo no processo, e sujeito de sua própria aprendizagem.

O envolvimento dos estudantes em atividades práticas no campus e fora dele, em eventos no campus e fora dele, as visitas técnicas, palestras técnicas, o diálogo constante com os estudantes, além do envolvimento nas atividades de pesquisa, inovação e na curricularização da extensão, entre outros são consideradas ações estratégicas fundamentais para alcançar o êxito.

30 DO TRANCAMENTO E CANCELAMENTO DE MATRÍCULA

O trancamento de matrícula é o ato pelo qual o discente interrompe temporariamente o curso e cancelamento é o ato de interromper componentes curriculares. Este ato se dará de acordo com as normas do Regulamento Didático do IFMT.

O discente que trancar a matrícula, ao ativá-la, estará sujeito às alterações curriculares e, ainda, a repetir aqueles componentes curriculares ou módulos, cujos conteúdos tenham sido essencialmente alterados, mesmo que conservem a mesma denominação.

Ao retornar do trancamento, caso tenha ocorrido a extinção do curso, o discente poderá pleitear outro curso na mesma área de conhecimento, desde que atendidas as condições previstas nos procedimentos de mudança de cursos.

O prazo para trancamento de matrícula é previsto no calendário acadêmico, ou excepcionalmente por força de obrigatoriedade prevista na lei, conforme o Regulamento Didático.

Os casos omissos serão analisados pela Coordenação de Curso.

31 DESLIGAMENTO DEFINITIVO

O desligamento consiste na perda completa de vínculo formal do discente com o Campus e com o curso em que estava matriculado e se dará de acordo com as normas do Regulamento Didático do IFMT.

32 CERTIFICADOS E DIPLOMAS

Após cumprir todas as exigências legais (concluir e ser aprovado em todas as disciplinas obrigatórias e eletivas, apresentar e ser aprovado no trabalho de conclusão de curso e estágio obrigatório, atividades complementares e não apresentar pendências junto ao IFMT) o discente receberá o diploma de BACHAREL ou BACHARELA EM ENGENHARIA FLORESTAL.

A solenidade de conclusão de curso e de certificação estão previstas no Regulamento Didático do IFMT.

O título profissional será atribuído pelo CONFEA/CREA, mediante análise do currículo escolar e do projeto pedagógico do curso de formação do profissional, em conformidade com a Resolução 1.076 do CREA/CONFEA de 19 de abril de 2016, obtida por diplomação em curso reconhecido pelo sistema oficial de ensino brasileiro, no âmbito das profissões fiscalizadas pelo Sistema CONFEA/CREA.

Conforme ainda prevê a Resolução n° 473 de 26 de novembro de 2002, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA), que instituiu a tabela de títulos profissionais do sistema CONFEA/CREA, o profissional formado receberá o título de ENGENHEIRO FLORESTAL, se masculino e ENGENHEIRA FLORESTAL, se feminina. A abreviação será Eng. Ftal.

33 QUADRO DE DOCENTES

Quadro 13 – Docentes lotados no IFMT Campus Cáceres Prof. Olegário Baldo.

Docente	Formação	Titulação	Regime	Componentes Curriculares de Atuação*
Alexandre dos Santos	Engenharia Florestal	Doutor	DE	Legislação e Ética Profissional, Patologia Florestal, Entomologia Florestal, Extensão Rural, Proteção Florestal, Metodologia Científica, Incêndios Florestais, Filosofia da Ciência, Práticas de Extensão (I a VI)
Anderson Ritela	Geografia	Doutor	DE	Manejo de Bacias Hidrográficas, Práticas de Extensão (I a VI)
Andréa Luiza Ramos Pereira Xisto	Agronomia	Doutora	DE	Bioquímica, Práticas de Extensão (I a VI)
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	Engenharia Florestal	Mestre	DE	Informática Básica, Dendrometria, Algoritmos e Linguagem de Programação, Inventário Florestal, Manejo de Florestas Plantadas, Otimização e Pesquisa Operacional, Silvicultura de Precisão, Segurança no Trabalho Florestal, Práticas de Extensão (I a VI)
Claudia Roberta Gonçalves	Engenharia Química	Doutora	DE	Química Analítica, Química Orgânica, Química Geral, Práticas de Extensão (I a VI)
Edilene Silva Ribeiro Lopes Moreira	Engenharia Florestal	Doutora	DE	Anatomia da Madeira, Tecnologia da Madeira, Industrialização de Produtos Florestais, Produtos Florestais Não Madeireiros, Colheita e Transporte Florestal, Serraria e Secagem da Madeira, Bioenergia, Marcenaria, Biodegradação e Preservação da Madeira, Práticas de Extensão (I a VI)
Felipe Vieira da Cunha Neto	Engenharia Florestal	Mestre	DE	Ecologia Geral, Ecologia Florestal, Sistemas Agroflorestais, Recuperação de Áreas

				Degradadas, Introdução às Ciências Florestais, Manejo e Conservação da Fauna Silvestre, Projetos Florestais, Culturas Florestais,
--	--	--	--	---

				Avaliação de Impactos Ambientais, Práticas de Extensão (I a VI)
Fernanda Miguel Franco	Arquitetura e Urbanismo	Doutora	DE	Desenho Técnico, Meteorologia e Climatologia Florestal, Arborização e Paisagismo, Práticas de Extensão (I a VI)
Giovani Spinola de Carvalho	Graduação em Ciências Biológicas	Mestre	DE	Zoologia Geral, Genética Básica, Manejo e Conservação da Fauna Silvestre, Práticas de Extensão (I a VI)
Gláucia Alves e Silva	Engenharia Florestal	Doutora	DE	Microbiologia Agrícola, Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, Manejo de Unidades de Conservação, Culturas Florestais, Uso dos Solos Tropicais, Silvicultura Tropical, Trabalho de Conclusão de Curso, Nutrição Mineral de Espécies Florestais, Legislação e Ética Profissional, Práticas de Extensão (I a VI)
Íris Gomes Viana	Licenciatura em Ciências Biológicas	Doutora	DE	Morfologia Vegetal, Histologia e Anatomia Vegetal, Taxonomia Vegetal, Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares, Práticas de Extensão (I a VI)
João Edson Costa Ferreira da Silva	Engenharia de Agrimensura e Cartográfica	Mestre	DE	Topografia Aplicada, Sensoriamento Remoto, Sistemas de Informações Geográficas, Geoposicionamento, Cartografia e Geodésia Básica, Georreferenciamento de Imóveis Rurais, Práticas de Extensão (I a VI)

Jose Marcelo Pontes	Graduação em Matemática	Mestre	40H	Cálculo Diferencial e Integral, Práticas de Extensão (I a VI)
José Renato Maurício da Rocha	Engenharia Florestal	Mestre	DE	Estatística Básica, Estatística Experimental, Legislação e Ética Profissional, Economia Florestal, Administração e Planejamento Florestal, Estruturas de Madeira, Perícia Ambiental, Práticas de Extensão (I a VI)
Juberto Babilônia de Sousa	Agronomia	Doutor	DE	Gênese e Morfologia do Solo, Classificação de Solos, Conservação do Solo e da Água, Uso dos Solos Tropicais, Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, Práticas de Extensão (I a VI)
Liliana Karla Jorge de Moura	Graduação em Matemática	Doutora	DE	Matemática Aplicada, Cálculo Diferencial e Integral, Práticas de Extensão (I a VI)
Lucas Nunes Jorge	Licenciatura Plena em Física	Doutor	DE	Física Aplicada, Práticas de Extensão (I a VI)
Luciano Recart Romano	Engenharia Agrícola	Doutor	DE	Física do Solo, Máquinas e Mecanização Florestal, Hidráulica e Irrigação, Topografia aplicada, Práticas de Extensão (I a VI)
Milson Evaldo Serafim	Agronomia	Doutor	DE	Fisiologia Vegetal, Física do Solo, Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, Uso dos Solos Tropicais, Práticas de Extensão (I a VI)
Priscilla Silva Rodrigues	Filosofia	Mestre	DE	Filosofia da Ciência, Práticas de Extensão (I a VI)
Reginaldo Antonio Medeiros	Engenharia Florestal	Doutor	DE	Introdução às Ciências Florestais, Dendrologia, Viveiros Florestais, Sementes Florestais, Melhoramento Florestal, Práticas Silviculturais, Manejo de Florestas Nativas, Silvicultura Clonal, Práticas de Extensão (I a VI)

Silvano Carmo de Souza	Ciências Biológicas	Doutor	DE	Morfologia Vegetal, Ecologia Geral, Política e Legislação Florestal, Meio Ambiente e Sociedade, Direito Ambiental, Práticas de Extensão (I a VI)
Willian dos Santos Rodrigues	Matemática	Mestre	DE	Matemática Aplicada, Cálculo Diferencial e Integral, Práticas de Extensão (I a VI)

*Observação: Disciplinas ou áreas em que o professor poderá atuar e não a titularidade da disciplina, que por sua vez, será em função da especialidade e disponibilidade do professor e demandas da Coordenação do Curso.

34 INSTALAÇÃO FÍSICAS

Quadro 14 - Instalações físicas diretamente relacionadas a área florestal.

Ordem	Discriminação
1	Laboratórios de Informática (3)
2	Laboratório de Química
3	Laboratório de Fitossanidade
4	Laboratório de Solos
5	Laboratório de Biologia
6	Laboratório de Física
7	Laboratório de Microbiologia / Bromatologia
8	Laboratório de Geoprocessamento
9	Laboratório de Desenho e Topografia
10	Laboratório de Histologia e Anatomia Vegetal (Botânica Dendrologia e Xiloteca)
11	Laboratório de Estudos em Reflorestamento e Recuperação de Áreas Degradadas
12	Laboratório de Sementes
13	Laboratório de Tecnologia da Madeira
14	Campo Experimental Florestal
15	URT iLPF (EMBRAPA/IFMT)
16	Plantios florestais (teca, eucalipto, pau d'balsa, entre outros)
17	Laboratório de Mensuração e Design/Serraria
18	Estufa climatizada
19	Marcenaria
20	Biblioteca
21	Auditório
22	Viveiro Florestal
23	Sala de aula (03)
24	Sala de estudos informatizada
25	Sala de professores (16)
26	Banheiros masculino e feminino
27	Sala da Coordenação de Curso
28	Unidades Educativas de Produção (ensino, pesquisa e extensão)
29	Reserva Florestal (60 ha)
30	Horto Florestal
31	Bosque Dendrológico
32	Centro de Capacitação
33	Usina piloto de Produção de Biodiesel e de Etanol
34	Laboratório de Máquinas e Mecanização
35	Laboratório de Química Industrial
36	Laboratório de Bromatologia
37	Laboratório de Educação e Gestão Ambiental
38	NIT – Núcleo de Incubação Tecnológica

A Biblioteca do Campus presta atendimento a comunidade escolar em três turnos ininterruptos. O acervo conta com 4.500 títulos, 6.957 volumes, 208 CDs, 183 DVDs de vídeos e softwares. Além disso, a pesquisa pode-se estender as outras bibliotecas através de link pelo Programa da Biblioteca Nacional.

Em seu ambiente, os usuários contam com 20 mesas com cadeiras para estudo individual, 15 jogos de mesas com 4 cadeiras, 02 carrinhos livreiro, 02 banheiros, um laboratório de informática de uso comum com 20 computadores, 01 armário com 08 portas para capacetes, 08 armários com 128 lugares para bolsas, 01 sala de gerência da biblioteca, computadores para consulta ao acervo e balcão de atendimento.

35 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante - NDE é um instrumento diferenciador para garantir a qualidade dos cursos de graduação, formado por um grupo permanente de docentes, que atuam no processo de criação, implantação, consolidação e constante atualização do Projeto Pedagógico do Curso - PPC.

Sua constituição, atribuições e outras disposições estão dispostas na Resolução nº 047, de 06/12/2011, que aprovou a Instrução Normativa nº 04, de 06/12/2011, e normatizou a estruturação e regulamentação dos Núcleos Docentes Estruturantes dos Cursos Superiores de Tecnologia, Licenciaturas e Bacharelados ofertados nos Campi do IFMT.

O regulamento do NDE encontra-se no ANEXO II deste PPC.

36 COLEGIADO DE CURSO

Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso -*Campus Cáceres*, definidos como unidades didático-pedagógicos-científicos, são órgãos superiores planejadores e executores das atividades que lhe são pertinentes, sendo também as instâncias normativas, deliberativas e executivas sobre políticas acadêmicas para os fins de Ensino, Pesquisa e Extensão, no seu âmbito e dentro do que estabelecer as normas de instâncias superiores.

O regulamento do Colegiado de Curso encontra-se no ANEXO III deste PPC.

37 COORDENAÇÃO DE CURSO

O Coordenador de Curso de Engenharia Florestal do IFMT Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo deverá ser um docente com formação em Engenharia Florestal ou docente que leciono no curso. Em ambos os casos o Coordenador deve possuir titulação mínima de Mestre.

No processo de escolha, quando houver mais de um candidato haverá eleição direta, sendo votantes os professores que lecionem disciplinas no curso de engenharia florestal, técnicos administrativos com atuação direta no curso de Engenharia Florestal, ou seja, desempenham atividades rotineiras no curso e alunos regularmente matriculados no curso de Engenharia Florestal. Havendo candidato único, a nomeação se dará pelo Colegiado de Curso de Engenharia Florestal.

38 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARDINI, V. S. dos S.; SPALDING, M. Application of Active Teaching-Learning Methodologies: Experience in the Engineering Area. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 36, n. 1, p. 49–58, 2017. Disponível em: <<http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/22360158.20170005>>.

BISPO, E. R.; ALVARES, R. V.; CRIBB, S. L. de S. P. Adoção de metodologias ativas em cursos de graduação em engenharia. **Int. J. Activ. Learn.**, v. 1, n. 1, p. 1–8, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 3, de 2 de fevereiro de 2006. Instituem Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Engenharia Florestal.

BRASIL. **Florestas do Brasil em resumo: 2019**. MAPA:SFB, 2019. 207p.

BRASIL. Instrumento de avaliação de cursos de graduação: presencial e a distância – reconhecimento e renovação de reconhecimento. Brasília: MEC/Inep/Daes. 2017. 49 p.

BRASIL. LEI Nº 5.194, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1966. Regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro-Agrônomo, e dá outras providências.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CANAL RURAL. **Demanda das usinas etanol de milho gera oportunidades no setor de madeira**. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/sites-e-especiais/mais-milho/demandadas-usinas-etanol-de-milho-gera-oportunidades-no-setor-de-madeira/>. Acesso em 31 de out. de 2022.

CIFlorestas. **Análise Conjuntural – Novembro/2016**. Disponível em: <http://www.ciflorestas.com.br/arquivos/a_n_2016_715709673.pdf>. Acesso em 15 de mar. de 2017.

CONFEA. Resolução 1073 de 19 de abril de 2016. Regulamenta a atribuição de títulos, atividades, competências e campos de atuação profissionais aos profissionais registrados no Sistema Confea/Crea para efeito de fiscalização do exercício profissional no âmbito da Engenharia e da Agronomia.

CONFEA. Resolução 218 de 29 de junho de 1973. Discrimina atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

CONFEA. **Resolução n. 1.073, de 16 de abril de 2016.** *Regulamenta a atribuição de títulos, atividades, competências e campos de atuação profissionais aos profissionais registrados no Sistema Confea/Crea para efeito de fiscalização do exercício profissional no âmbito da Engenharia e da Agronomia.*

CONFEA. Resolução nº 473 de 26 de novembro de 2002.

DOMINGUES, R. **MT receberá 17 milhões de euros para implantar programa contra o desmatamento.** Mato Grosso, SEMA. Disponível em:

<http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3911:mtreceber-a-17-milhoes-de-euros-para-implantar-programa-contra-odesmatamento&catid=56:sema&Itemid=180>. Acesso em 03 de abr. de 2017.

DOMINGUES, R. MT receberá 17 milhões de euros para implantar programa contra o desmatamento. Mato Grosso, SEMA. Disponível em:

<http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3911:mtreceber-a-17-milhoes-de-euros-para-implantar-programa-contra-odesmatamento&catid=56:sema&Itemid=180>. Acesso em 03 de abr. de 2017.

FAMATO. **Diagnóstico de florestas plantadas do estado de Mato Grosso.** Cuiabá: Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), 2013. 106 p.

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. **Global Forest Resources Assessment – FRA 2015.** Roma: FAO, 2015.

FAO. **Global Forest Resources Assessment 2020 – Key findings.** Rom, 2020.

IBÁ. As Árvores Plantadas e seus Múltiplos Usos. Disponível em: <http://iba.org/images/shared/Biblioteca/Multiplos_Usos_da_Madeira.pdf > Acesso em 04 de mar. de 2016b.

IBÁ. **Indústria Brasileira de Árvores.** São Paulo, 2016. 96 p.

IBÁ. **Indústria Brasileira de Árvores.** São Paulo, 2016a. 96 p.

IBGE. **Cáceres.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/panorama>. Acesso em 31 de out. de 2022.

IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2021 – PEVS.** Rio de Janeiro, v. 36, p. 1-8, 2021.

IFMT. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Bacharelado em Biotecnologia.** 2017. 200 p.

IFMT. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Biocombustíveis.** 2014. 121 p.

IFMT. Resolução Nº 024 de 06 de julho de 2011, Normativa para elaboração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010. População total, população urbana, população rural e taxa de urbanização.** Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativa 2017: municípios.** Rio de Janeiro, IBGE, 2017. Disponível em: <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-detalle-demidia.html?view=mediaibge&catid=2103&id=1321>. Acesso em: 30 de ago. de 2017.

MATO GROSSO. **Mato Grosso possui 5,5 milhões de hectares de áreas em regeneração e avança na política de preservação.** Disponível em: [http://www.mt.gov.br/-/17224715-matogrosso-possui-5-5-milhoes-de-hectares-de-areas-em-regeneracao-e-avanca-na-politica-depreservacao#:~:text=Mato%20Grosso%20possui%20mais%20de,Conservar%20e%20Incluir%20\(PCI\)](http://www.mt.gov.br/-/17224715-matogrosso-possui-5-5-milhoes-de-hectares-de-areas-em-regeneracao-e-avanca-na-politica-depreservacao#:~:text=Mato%20Grosso%20possui%20mais%20de,Conservar%20e%20Incluir%20(PCI)). Acesso em 31 de out. 2022.

MATO GROSSO. **Mato Grosso: produto interno bruto 2014.** Cuiabá: SEPLAN, 2017. 23 p.

MATO GROSSO. **Regiões de planejamento de Mato Grosso 2017.** Cuiabá: SEPLAN, 2017. 242p.

MICHETTI, M.; HARRIS, V.M.G.; MUNIZ, M.R. et al. (organizadores). **Mapeamento da Produção Silvicultural em Mato Grosso.** Cuiabá, MT: Imea, 2022. 118p

PREFEITURA MUNICIPAL CÁCERES. **Aspectos Geográficos de Cáceres.** Disponível em: <<http://www.caceres.mt.gov.br/Caceres-AG/>>. Acesso em 05 de abr. de 2016.

RESOLUÇÃO Nº 120/2016, de 15 de dezembro de 2016. Instituto Federal do Sul de Minas Gerais.

SEBRAE. **Sebrae divulga dados sócio econômicos da região.** Disponível em: <http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=41127¬icia=sebrae_divulga>. Acesso em 03 de abr. 2017.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Florestas do Brasil em resumo - 2013: dados de 2007-2012.** Brasília: SFB, 2013. 188 p.

SILVA, J. K. F.; GONTIJO, F. B. Aplicação do método aprendizagem baseada em problemas (ABP) ao curso de engenharia civil do Unipam. In: VIII Encontro De Pesquisa Em Educação. III Congresso Internacional Trabalho Docente E Processos Educativos. Issn: 2237-8022.

SNA – Sociedade Nacional de Agricultura. **Sem biomassa, usinas de Mato Grosso recorrem a eucalipto para geração de energia.** Disponível em: <http://www.sna.agr.br/sem-biomassa-usinasde-mt-recorrem-a-eucalipto-para-geracao-de-energia/>. Acesso em 31 de out. 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENGENHEIROS FLORESTAIS (SBEF). Vários temas. <http://www.sbef.org.br> . 2005.

UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus Sinop*). **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia Florestal.** Sinop: UFMT, 2009. 238 p.

39 ANEXOS

ANEXO I - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

Apresentação da Regulamentação do Trabalho de Conclusão de Curso, em consonância com a Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de fevereiro de 2006.

De acordo com a Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de fevereiro de 2006, o trabalho de conclusão de curso é componente curricular obrigatório, a ser realizado ao longo do último ano do curso, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento e consolidação das técnicas de pesquisa. Considerando esta resolução, o curso de Engenharia Florestal do IFMT Campus Cáceres Prof. Olegário Baldo estabeleceu o seguinte regimento para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso:

REGIMENTO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO, CAMPUS CÁCERES – PROF. OLEGÁRIO BALDO

CAPÍTULO I

NATUREZA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Engenharia Florestal, será um trabalho individual do aluno formando, e apresentado sob a forma de monografia.

§ 1º O TCC, de que trata o caput, resultará de um estudo sob a orientação de um professor do Curso de Engenharia Florestal nas áreas de silvicultura, tecnologia e utilização de produtos florestais, ecologia e conservação da natureza, manejo florestal e geotecnologias ou áreas afins que incluam conteúdo das disciplinas que integram a grade curricular do curso;

§ 2º O TCC da Engenharia Florestal deverá compreender uma das seguintes categorias:

I. Trabalho de pesquisa científica (pesquisa experimental);

Nas atividades de pesquisa experimental, o aluno deverá desenvolver seu trabalho baseado em metodologia científica apoiada em levantamento bibliográfico, sendo permitidos estudos, ensaios experimentais, desenvolvimento de protótipos, produtos, tecnologias, patentes, e pesquisa básica ou aplicada. O Relatório da Pesquisa Científica deve seguir as normas da ABNT vigente para trabalhos acadêmicos (Monografia) e deve conter:

- a. *Resumo, de acordo com a NBR vigente, com versão em inglês (Abstract);*
- b. *Palavras - chave, com versão em inglês (Keywords);*
- c. *Introdução (a proposição e a justificativa do trabalho devem constar nessa parte);*
- d. *Revisão de Literatura (Referencial Teórico);*
- e. *Materiais e Métodos;*
- f. *Resultados e Discussão (Análise e Interpretação dos Dados Pesquisados);*
- g. *Conclusões, e Recomendações quando cabível;*
- h. *Referências, de acordo com a NBR vigente;*
- i. *Anexos e/ou Apêndices. II. Pesquisa Bibliográfica;*

Considera-se Pesquisa Bibliográfica, o trabalho que objetive o desenvolvimento/estudo aprofundado de um assunto da área do curso, desde que gere contribuições para o desenvolvimento da ciência. O Relatório da Pesquisa Científica deve seguir as normas da ABNT vigente para trabalhos acadêmicos (Monografia) e deve conter:

- a. *Resumo, de acordo com a NBR vigente, com versão em inglês (Abstract);*
- b. *Palavras - chave, com versão em inglês (Keywords);*
- c. *Introdução (a proposição e a justificativa do trabalho devem constar nessa parte);*
- d. *Revisão de Literatura (Referencial Teórico);*
- e. *Discussão (Análise e Interpretação dos Dados Pesquisados);*
- f. *Conclusões ou considerações finais;*
- g. *Referências, de acordo com a NBR vigente;*
- h. *Anexos e/ou Apêndices.*

§ 3º O TCC poderá ser orientado por docente do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo não pertencente ao Curso de Engenharia Florestal, desde que o tema do TCC seja relacionado as áreas da Engenharia Florestal. O orientador de TCC deverá ter titulação mínima de mestre.

§ 4º O TCC poderá ser coorientado por docente ou profissional não docente do IFMT ou de outras instituições, inclusive empresas privadas, desde que o profissional atue em áreas relacionadas a Engenharia Florestal e que tenha no mínimo titulação de Especialista.

CAPÍTULO II

OBJETIVOS

Art. 2º O TCC da Engenharia Florestal atende os seguintes objetivos:

- I. Capacitar o aluno para a elaboração de estudos;
- II. Levar o aluno a correlacionar e aprofundar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos no curso;

- III. Propiciar ao aluno o contato com o processo de investigação;
- IV. Contribuir para o enriquecimento das diferentes linhas de estudo da Engenharia Florestal, estimulando a pesquisa científica articulada às necessidades da comunidade local, nacional e internacional.

CAPÍTULO III MODALIDADES

Art. 3º A monografia pode se enquadrar em uma das seguintes modalidades:

- I. Trabalho de revisão crítica de literatura sobre determinado tema;
- II. Trabalho de análise de determinado tema apontando ou propondo novos conceitos que melhor o elucidem;
- III. Trabalho original de pesquisa.

CAPÍTULO IV NORMAS PARA ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA

Art. 4º A monografia deve ter estrutura e corpo de acordo com as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT em vigência.

Art. 5º O prazo para elaboração e apresentação da monografia é de 1 (um) semestre letivo de acordo com o currículo vigente do curso de Engenharia Florestal, não podendo ultrapassar os prazos previstos no Calendário das Atividades de Graduação, uma vez que se trata de um componente curricular obrigatório do curso.

CAPÍTULO V ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Art. 6º O Coordenador do TCC deve ser um professor do Curso de Engenharia Florestal, com titulação mínima de mestre.

§ 1º O Coordenador do TCC dispõe de 02 (duas) aulas semanais de 50 (cinquenta) minutos para cumprir sua função como professor/coordenador do TCC.

Art. 7º O orientador deverá ser membro da carreira docente do IFMT, Cáceres – Prof. Olegário Baldo, com titulação mínima de mestre.

CAPÍTULO VI ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE

CURSO

Art. 8º Compete ao Coordenador do TCC:

- I. Articular-se com o Colegiado do curso de Engenharia Florestal para compatibilizar diretrizes, organização e desenvolvimento dos trabalhos;
- II. Divulgar as linhas de estudo dos docentes orientadores e o número de vagas oferecido por cada docente;
- III. Orientar os alunos na escolha de professores orientadores;
- IV. Analisar os projetos do TCC quanto ao enquadramento nas normas do presente regulamento;
- V. Solicitar ao orientador, quando for o caso, modificações nos projetos;
- VI. Encaminhar para o Colegiado do Curso os casos omissos, e os projetos com orientação por docente que não atuam diretamente no curso de Engenharia Florestal;
- VII. Convocar, sempre que necessário, os orientadores para discutir questões relativas à organização, planejamento, desenvolvimento e avaliação do TCC;
- VIII. Coordenar, quando for o caso, o processo de substituição de orientadores, ouvido o Colegiado do Curso, se necessário;
- IX. Auxiliar, caso requisitado pelo orientador, no processo de constituição das bancas examinadoras e definir o cronograma de avaliação dos trabalhos a cada semestre letivo;
- X. Comparecer às reuniões do Colegiado do Curso de Engenharia Florestal, quando um ponto de pauta seja referente a algum assunto do TCC.

CAPÍTULO VII ATRIBUIÇÕES

DO ORIENTADOR

Art. 9º Compete ao orientador de monografia:

- I. Orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento do trabalho em todas as suas fases;
- II. Informar o orientando sobre as normas, procedimentos e critérios de avaliação respectivos;
- III. Presidir a banca examinadora do TCC por ele orientado;
- IV. Comparecer às reuniões, convocadas pelo Coordenador do TCC, para discutir questões relativas à organização, planejamento, desenvolvimento e avaliação do TCC de Engenharia Florestal;
- V. Comunicar ao Coordenador do TCC quando ocorrerem problemas, dificuldades e dúvidas relativas ao processo de orientação; para que ele tome as devidas providências;
- VI. Encaminhar a composição da banca examinadora, no prazo estabelecido pelo Coordenador do TCC, de acordo com o calendário acadêmico.

Art. 10 Cada docente poderá orientar até cinco monografias por semestre.

CAPÍTULO VIII ATRIBUIÇÕES DO ORIENTANDO

Art. 11 São direitos do orientando:

- I. Ter um professor orientador e definir com o mesmo a temática da monografia;
- II. Solicitar orientação diretamente ao professor escolhido ou através do Coordenador do TCC;
- III. Ser informado sobre as normas e regulamentação do TCC.

Art. 12. São deveres do orientando:

- I. Definir o orientador e o tema de sua Monografia no prazo estabelecido pelo coordenador do TCC, de acordo com o calendário acadêmico;
- II. Participar do planejamento e estabelecimento do Cronograma do TCC;
- II. Cumprir as normas e regulamentação própria do TCC;
- IV. Cumprir o plano e o cronograma estabelecidos em conjunto com seu orientador;
- V. Entregar versão preliminar para o orientador 60 (sessenta) dias antes do final do período letivo que esteja matriculado no TCC, que a disponibilizará ao Coordenador do TCC, se solicitado; VI. Apresentar a monografia à banca examinadora somente após a autorização do orientador.

CAPÍTULO IX PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Art. 13 O projeto da monografia do TCC deverá constar de tema, objetivos gerais e específicos.

Art. 14 O planejamento das atividades para elaboração da monografia deve estar de acordo com o currículo de Engenharia Florestal e os prazos definidos no calendário acadêmico.

Art. 15 A monografia deve ser apresentada aos membros da banca 30 (trinta) dias antes do final do período letivo, respeitando-se o calendário acadêmico.

§ 1º O aluno deve entregar uma via da monografia para cada um dos membros da banca avaliadora.

§ 2º Após a apresentação oral da monografia, a banca examinadora devolverá as vias da monografia ao aluno para que as alterações sugeridas sejam processadas.

§ 3º Caso aprovado, o aluno deverá apresentar 03 (três) vias da monografia à Coordenação do TCC após correções da banca examinadora. Ao final serão distribuídas 02 (duas) vias para a biblioteca e 01 (uma) ficará na Coordenação do Curso.

§ 4º O prazo para a apresentação das 03 (três) vias será definido pelo Coordenador do TCC, conforme calendário acadêmico referente ao período letivo.

§ 5º O não cumprimento do prazo do parágrafo anterior implica que o aluno estará de exame final.

CAPÍTULO X CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Art. 16 A monografia é avaliada segundo os critérios previstos no plano de ensino da disciplina pelo Coordenador do TCC.

CAPÍTULO XI METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO

Art. 17 O aluno será avaliado em duas modalidades:

I. Avaliação da apresentação oral e; II. Análise da monografia.

Art. 18 A monografia e a apresentação oral do aluno serão avaliadas por uma banca examinadora composta por no mínimo três membros (incluindo o orientador) docentes, com a possibilidade de participação de profissional não docente, desde que este, atue na área do tema da monografia em questão. Os membros avaliadores atribuirão, individualmente, nota de zero (0,0) a dez (10,0) ao trabalho.

§ 1º A nota dada refere-se ao trabalho escrito com peso 7 (sete) e a apresentação oral com peso 3 (três).

§ 2º No trabalho escrito, cada membro deve avaliar a organização sequencial, a argumentação, a profundidade do tema, a correção gramatical e normas da ABNT.

§ 3º Na apresentação oral, cada membro deve avaliar domínio do conteúdo, organização da apresentação, capacidade de comunicar bem as ideias e capacidade de argumentação.

Art. 19 A apresentação oral deverá ocorrer conforme prazo estabelecido pelo Coordenador do TCC.

Parágrafo único. A apresentação oral terá duração máxima de 30 (trinta) minutos e deve preceder a 15 (quinze) minutos de arguição pelos membros da banca examinadora com tolerância máxima de 05 (cinco) minutos.

Art. 20 A nota final da monografia será a média aritmética das notas atribuídas ao trabalho pelos membros da banca examinadora.

§ 1º A avaliação será documentada em ata elaborada pelo presidente da banca, onde devem constar a média das notas que a banca examinadora atribuiu ao aluno.

§ 2º A aprovação do discente está condicionada a entrega das 03 (três) vias da monografia.

§ 3º O aluno com nota final igual ou superior a 6,0 (seis) na monografia é considerado aprovado no TCC.

§ 4º O aluno com média parcial inferior a 6,0 (seis) tem o período que antecede a realização do exame final, conforme calendário acadêmico, para fazer as alterações necessárias na monografia (se assim a banca avaliadora recomendar) e reapresentá-la à banca examinadora, na data e horário determinados pela mesma, observando o período de prova final no calendário acadêmico. **Art. 21.** No exame final, a monografia e a apresentação oral devem ser novamente avaliadas pela banca examinadora, recebendo a nota correspondente.

§ 1º A média final do aluno é a resultante da média aritmética entre a média parcial e a obtida no exame final.

§ 2º É considerado aprovado no TCC, o aluno com média final igual ou superior a 5,0 (cinco) no exame final.

CAPÍTULO XII

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Art. 22 A Banca Examinadora será constituída pelo Orientador e por no mínimo dois docentes, sendo que um deles esteja atuando no Curso de Engenharia Florestal deste campus do IFMT.

Parágrafo único: pode integrar a banca examinadora docentes de outros cursos, outra instituição ou profissional considerado autoridade na temática da monografia a ser avaliada.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 23 Os custos da elaboração da monografia ficam a cargo do aluno.

Art. 24 Os casos omissos do presente regulamento serão resolvidos pelo Coordenador do TCC, em conjunto com o Colegiado de Curso de Engenharia Florestal.

ANEXO II - REGIMENTO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

O corpo docente do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal baseando-se na Instrução Normativa do IFMT nº 04 de 06/12/2011 na Resolução do Conselho Superior/IFMT 047 de 06/12/2011, regimenta:

CAPÍTULO I

DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Art.1º. O presente Regulamento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cáceres (IFMT – Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo).

Art.2º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é um instrumento diferenciador, que será constituído por um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso de Engenharia Florestal do IFMT – Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art.3º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Engenharia Florestal do Campus Cáceres:

- I - acompanhar a consolidação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC);
- II - contribuir para o fortalecimento do perfil profissional do egresso do curso;
- III - zelar pela integração curricular entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- IV - observar o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os respectivos cursos;
- V - indicar formas de articulação entre o ensino de graduação, a extensão, a pesquisa e a pós graduação;
- VI – recomendar formas de incentivo para o desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, de acordo com as necessidades da graduação e as exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso.

CAPÍTULO III
DA COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 4º. O Núcleo Docente Estruturante será composto por no mínimo cinco (5) membros:

1. O Coordenador do Curso, como presidente;
2. No mínimo 50% por Engenheiros florestais;
3. Todos os membros deverão possuir pós-graduação stricto sensu (mestrado ou doutorado);

Art.5º. A indicação dos representantes docentes será realizada pelo Colegiado de Curso para um mandato de três (03) anos, com possibilidade de recondução, com no máximo 50% de renovação por triênio.

CAPÍTULO IV
**DA TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS DOCENTES DO NÚCLEO
DOCENTE ESTRUTURANTE**

Art.6º. Os docentes que compõem o NDE devem possuir titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu.

Art. 7º. Os docentes que compõem o NDE do curso de Engenharia Florestal deverão obedecer os critérios do artigo 4º e 6º.

CAPÍTULO V
**DO REGIME DE TRABALHO DOS DOCENTES DO NÚCLEO DOCENTE
ESTRUTURANTE**

Art.8º. Os docentes que compõem o NDE devem possuir regime de trabalho na instituição de 40h semanal ou dedicação exclusiva.

CAPÍTULO VI
**DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO NÚCLEO DOCENTE
ESTRUTURANTE**

Art.9º. Compete ao Presidente do Núcleo:

1. Convocar e presidir as reuniões, com direito a voto de qualidade;
2. Representar o NDE junto aos órgãos da instituição;
3. Encaminhar para o Colegiado de Curso e demais instâncias do *Campus* e do IFMT as decisões do Núcleo;

4. Designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Núcleo e um representante do corpo docente para secretariar e lavrar as atas.

CAPÍTULO VII DAS REUNIÕES

Art.10. O Núcleo reunir-se-á ordinariamente por convocação do presidente, ou extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente ou quórum mínimo de seus membros.

§1º. As convocações para as reuniões serão feitas por escrito constando a pauta dos assuntos com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas para as reuniões ordinárias e de 24 (vinte e quatro) horas para as reuniões extraordinárias.

§2º. Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reproduzido e a indicação de pauta omitida justificando-se a medida no início da reunião.

§3º. O comparecimento espontâneo do membro, ora convocado sem a observância das formas acima descritas, convalida o ato de convocação e não acarretará nulidade da sessão.

Art. 11. O comparecimento dos membros que compõem o NDE às reuniões plenárias é de caráter obrigatório e tem preferência sobre qualquer outra atividade acadêmica, perdendo o mandato aquele que, sem motivo justificado, faltar a mais de 03 (três) reuniões consecutivas ou 05 (cinco) sessões alternadas, no mandato de 03 (três) anos, e será substituído por um suplente para exercer o prazo restante do mandato.

§1º. Na ausência do Presidente do NDE a reunião será presidida por um membro indicado pela maioria dos membros presentes.

§2º. Não será configurada a ausência quando o membro suplente substituir o ausente.

§3º. O suplente somente terá direito a voz e voto quando tiver assinado a lista de presença em substituição ao membro titular.

Art. 12. As deliberações serão realizadas por meio de voto da maioria dos presentes na sessão.

Parágrafo único. Nenhum membro do NDE pode recusar-se a votar.

Art. 13. Das sessões serão lavradas atas, lidas, aprovadas e assinadas por todos os presentes na mesma sessão ou na seguinte.

Parágrafo único. As atas das sessões do NDE serão lavradas por um secretário *ad hoc*, designado dentre os membros do Núcleo devendo nelas constar as deliberações e pareceres emitidos.

Art. 14. Declarada aberta a reunião do NDE, proceder-se-á a leitura e discussão da Ata da Reunião anterior e não havendo emendas ou impugnação, será a mesma considerada aprovada.

Art. 15. Todos os documentos gerados ou arquivados pelo NDE serão de livre acesso ao público desde que se faça solicitação por escrito ao presidente do NDE e este julgar procedente.

CAPÍTULO VIII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 16. Os casos omissos neste regimento serão resolvidos pelo Colegiado de Curso, de acordo com a competência do mesmo.

ANEXO III - REGIMENTO DO COLEGIADO DE CURSO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL

CAPITULO I DA DEFINIÇÃO

Art. 1º. Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso -*Campus* Cáceres, definidos como unidades didático-pedagógicos-científicos, são órgãos superiores planejadores e executores das atividades que lhe são pertinentes, sendo também as instâncias normativas, deliberativas e executivas sobre políticas acadêmicas para os fins de Ensino, Pesquisa e Extensão, no seu âmbito e dentro do que estabelecer as normas de instâncias superiores.

CAPÍTULO II DA COMPOSIÇÃO, ELEIÇÃO E DO MANDATO

Art. 2º. Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus* Cáceres serão compostos:

1. Pelo Coordenador do Curso, que o presidirá.
2. Por dois representantes eleitos pelo Corpo Docente do Curso.
3. Pelo representante eleito de Corpo Discente do Curso.
4. Pelo representante dos Corpos Técnicos, especialistas em assuntos pedagógicos, indicado pelo Departamento de Desenvolvimento Educacional e Coordenação geral de Ensino.

§ 1º. Os representantes mencionados no “caput”, com exceção do representante do corpo Técnico, terão dois suplentes representantes do corpo docente e um suplente representante do corpo discente, eleitos pelo mesmo processo e na mesma ocasião da escolha dos titulares, aos quais substituem automaticamente nas faltas, impedimentos ou vacância.

§ 2º. O processo eleitoral do representante deverá ser conduzido pelo Colegiado de Curso ou por comissão indicada pelo mesmo, e, caso haja candidato pleiteando a reeleição, este não poderá participar como membro da comissão de processo eleitoral.

§ 3º. O processo eleitoral deverá ser registrado em ata, bem como seu procedimento e resultados.

§ 4º. O edital de processo eleitoral deverá ser publicado com antecedência mínima de 5 (cinco) dias úteis nos murais e no endereço eletrônico oficial dessa Instituição.

Art. 3º. O mandato dos membros do Colegiado de Curso será de 2 (dois) anos para os representantes do corpo Docente e de 1 (um) ano para representante do corpo Discente.

Parágrafo Único. A representação docente e discente poderá ser reconduzida por mais um mandato de igual período.

CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES DO COLEGIADO

Art. 4º. São atribuições do colegiado de curso:

- I. Estabelecer o perfil profissional e a proposta pedagógica do curso.
- II. Elaborar o seu regimento interno.
- III. Elaborar, analisar e avaliar o currículo do curso e suas alterações e submetê-los a apreciação das instâncias superiores.
- IV. Analisar, aprovar e avaliar os planos de ensino das disciplinas do curso, propondo alteração quando necessárias.
- V. Fixar normas quanto à matrícula e integralização do curso, respeitando o estabelecido pelas instâncias superiores.
- VI. Deliberar sobre os pedidos de prorrogação de prazo para conclusão do Curso.
- VII. Emitir parecer sobre processos de revalidação de diplomas de cursos de graduação expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior.
- VIII. Exercer as demais atribuições conferidas por lei neste Regulamento ou Regimento do Curso.

IX. Emitir parecer em processos de Ensino, Pesquisa e Extensão vinculados à coordenação de curso.

X. Participar ativamente da administração acadêmica, assessorando os órgãos colegiados deliberativos, consultivos e executivos no desempenho de suas funções.

XI. Propor ao Departamento de Desenvolvimento Educacional, Coordenação geral de Ensino e demais Coordenadorias do Campus normas de funcionamento e verificação do rendimento escolar para estágio, trabalho de conclusão e de disciplinas com características especiais do curso.

XII. Sugerir medidas que visem ao aperfeiçoamento e desenvolvimento das atividades da Instituição, opinando sobre assuntos pertinentes que lhe sejam submetidos pelo Diretor Geral.

XIII. Constituir comissões específicas para o estudo de assunto de interesse dos colegiados dos cursos.

XIV. Zelar pela fiel execução dos dispositivos regimentais e demais regulamentos.

XV. Reunir-se e tomar decisões conjuntas com os demais colegiados sempre que o assunto e interesse da matéria exigir.

XVI. Decidir sobre complementação pedagógica, exercícios domiciliares, expedição e dispensa da guia de transferência e colação de grau.

XVII. Decidir sobre quaisquer situações omissas a este regimento que referem ao curso, seus alunos e turmas.

CAPITULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO COLEGIADO

Art. 5º. São atribuições do Presidente do Colegiado de Curso:

- I. Convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade.
- II. Representar o colegiado junto aos outros setores da instituição.
- III. Executar as deliberações do colegiado.
- IV. Designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo colegiado.
- V. Decidir *ad referendum*, em caso de urgência, sobre matéria de competência do colegiado juntamente com outro membro por ele designado.

- VI. Elaborar os horários de aula juntamente com outros cursos envolvidos.
- VII. Orientar os alunos quanto à matrícula e a integralização do curso.
- VIII. Verificar o cumprimento do currículo do curso e demais exigências para a concessão de grau acadêmico aos alunos concluintes.
- IX. Decidir sobre pedidos referentes à transferência, matrícula, trancamento de matrícula no curso, cancelamento de matrícula em disciplina.

CAPITULO V DAS REUNIÕES

Art. 6º. O Colegiado do Curso reunir-se-á ordinariamente por convocação do presidente, ou extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente ou por 50% (cinquenta por cento) de seus membros.

§1º. As convocações para as reuniões serão feitas por escrito constando a pauta dos assuntos com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas para as reuniões ordinárias e de 24 (vinte e quatro) horas para as reuniões extraordinárias.

§2º. Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reduzido e a indicação de pauta omitida justificando-se a medida no início da reunião.

§3º. O comparecimento espontâneo do membro, ora convocado sem a observância das formas acima descritas, convalida o ato de convocação e não acarretará nulidade de sessão.

§4º. As sessões somente serão abertas com a presença de mais de 50% (cinquenta por cento) de seus membros após duas chamadas com o intervalo mínimo de 15 (quinze) minutos.

Art. 7º. O comparecimento dos membros do colegiado às reuniões plenárias é de caráter obrigatório e tem preferência sobre qualquer outra atividade acadêmica, perdendo o mandato aquele que, sem motivo justificado, faltar a mais de 03 (três) reuniões consecutivas ou 05 (cinco) sessões alternadas, e será substituído por um suplente para exercer o prazo restante do mandato;

§1º. Na ausência do Presidente do Colegiado de curso a reunião será presidida por um membro indicado pela maioria dos membros presentes.

§2º. Não será configurada a ausência quando o membro suplente substituir o ausente.

§3º. O suplente somente terá direito a voz e voto quando tiver assinado a lista de presença em substituição ao membro titular.

Art. 8º. As Deliberações serão realizadas por meio de voto da maioria dos presentes na sessão.

Parágrafo Único. Nenhum membro do colegiado pode recusar-se a votar.

Art. 9º. Das sessões serão lavradas atas, lidas aprovadas e assinadas por todos os presentes na mesma sessão ou na seguinte.

Parágrafo Único. As atas das sessões do colegiado de curso serão lavradas por um secretário *ad hoc*, designado dentre os membros do colegiado devendo nelas constar as deliberações e pareceres emitidos.

Art. 10º. Declarada aberta a reunião do colegiado de curso, proceder-se-á a leitura e discussão da Ata da Reunião anterior e não havendo emendas ou impugnação, será a mesma considerada aprovada.

Art. 11. Toda a documentação do colegiado será processada e arquivada na respectiva Coordenação de Curso.

Art. 12. Todos os documentos gerados ou arquivados pelo Colegiado da Instituição serão de livre acesso ao público desde que se faça solicitação por escrito ao presidente do Colegiado de curso e este julgar procedente.

CAPITULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 13. O presente Regimento poderá ser modificado mediante proposta do Coordenador do curso ou por 50% (cinquenta por cento) dos membros do colegiado dos cursos apreciada em reunião extraordinária especialmente convocada para esta finalidade.

Art. 14. Esse regimento entra em vigor na data de sua aprovação.

Documento Digitalizado Público

PPC 2023 Eng. Florestal

Assunto: PPC 2023 Eng. Florestal
Assinado por: Natalino Borges
Tipo do Documento: Projeto
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Natalino de Barros Borges**, OPERADOR DE MAQ DE LAVANDERIA , em 25/04/2023 11:06:44.

Este documento foi armazenado no SUAP em 25/04/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifmt.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 477178

Código de Autenticação: 153acc859f



